

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

JÉSSICA FRUTUOSO MELLO

OUTROS CANTOS, COMEÇA AGORA, DEUSA:
as representações de Jasão e a epopeia de Valério Flaco



ARARAQUARA – SP
2019

JÉSSICA FRUTUOSO MELLO

OUTROS CANTOS, COMEÇA AGORA, DEUSA: as representações de Jasão e a epopeia de Valério Flaco

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: História Literária e Crítica

Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

Mello, Jéssica Frutuoso
Outros cantos, começa agora, deusa: as
representações de Jasão e a epopeia de Valério Flaco
/ Jéssica Frutuoso Mello – 2019
222 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) –
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

1. Jasão. 2. Herói. 3. Epopeia. 4. Argonáutica. 5.
Valério Flaco. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JÉSSICA FRUTUOSO MELLO

OUTROS CANTOS, COMEÇA AGORA, DEUSA: as representações de Jasão e a epopeia de Valério Flaco

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: História Literária e Crítica
Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

Data da defesa: 20/05/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Membro Titular: Dr. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior
Tradutor e pesquisador autônomo

Membro Titular: Dr. Márcio Thamos
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Para minha mãe

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Elizabeth, por seu incondicional apoio que torna tudo possível e por estar sempre disposta a me ouvir mesmo quando não tem muita ideia sobre o que estou falando. Eu não teria chegado até aqui se não fosse por toda a sua força;

Ao meu pai, por me desafiar;

Ao professor Wellington Ferreira Lima, por me inspirar a entrar e a continuar nesta área de estudo, por sua disposição em me ouvir e me aconselhar em todas as fases, mudanças e incertezas de meu percurso acadêmico e, atrevo-me a dizer, por sua amizade. Espero que eu tenha devolvido todos os seus livros;

À professora Neiva Ferreira Pinto, por seu apoio, inspiração, conselhos e puxões de orelha;

Ao professor João Batista Toledo Prado, por suas contribuições em minha formação cultural e de latinista. Um dia, eu chego lá;

A Marília Rocha, por continuar por aqui, com sua amizade, apesar dos meus momentos de relapso;

A Ivana Guimarães, por nunca ter duvidado;

Ao Helieucio Oliveira, por constantemente me entreter com sucesso;

Ao Leandro Lourenço, por ajudar a tornar esta caminhada mais leve;

A Luiza Mariano e ao João Raphael Andrade pelas tardes de café e conversa;

Aos amigos que fiz durante essa jornada, principalmente Taciana Oliveira e Tânia de Assis, pelas risadas, apesar de tudo;

Aos professores Fábio Gerônimo Mota Diniz e Fernando Rodrigues Júnior, por suas valiosas contribuições feitas durante minha banca de qualificação;

Ao meu orientador, professor Brunno Vinicius Gonçalves Vieira, por tudo o que fez;

Aos membros da banca de defesa, por sua disposição para avaliar meu trabalho;

Ao CNPq, por tornar esse trabalho possível;

E a todos a que precisei dizer algo como “não posso porque preciso fazer X para o mestrado...”. Talvez você já tenha sido nomeado, mas obrigada por entender e/ou me perdoar. Eu consegui terminar!

“Sê no valor qual és no garbo e talhe;”
(Hom., *Od.*, 1, 239, trad. M. Odorico Mendes)

[...] μάλα γάρ σ' ὀρώω καλόν τε μέγαν τε, / ἄλκιμος ἔσσι', [...]
(Hom., *Od.*, 1, 301-302)

RESUMO

Considerando as múltiplas representações que o herói Jasão recebe desde a Antiguidade, escolheu-se a epopeia de Valério Flaco, autor do século I d.C., como principal objeto de análise para refletir sobre a construção do líder dos argonautas. Oferece-se um panorama dos autores que trabalham com as narrativas relacionadas ao herói em obras literárias anteriores a Flaco, de modo a que se possa ter uma visão geral da tradição que foi construída acerca do herói e das diferenças que existem na abordagem do mito, o que poderia impactar a construção do herói. Nessa exposição, dá-se destaque à obra de Apolônio de Rodes, por ser considerada um marco no que se refere a essa construção, tendo em vista que o poeta trata da viagem dos argonautas em gênero épico, o que permitiria um maior detalhamento acerca de diversos aspectos do mito que poderiam não ser possíveis em um gênero mais curto, não predominantemente narrativo e em que a figura central não fosse o herói. Aborda-se a representação dada a Jasão por Valério Flaco, confrontando o herói, intrinsecamente, a seus companheiros de viagem e, extrinsecamente, a seus antecessores, de modo a refletir sobre essa nova inserção do herói em gênero épico em contexto latino. Assim, pretende-se analisar tanto a construção do herói isoladamente na obra em que está inserido quanto, ao mostrar as diversas possibilidades oferecidas por poetas anteriores, quais versões Valério Flaco poderia ter explorado, seja por um processo de eleição de modelo a ser seguido, filiando-se a uma tradição, seja pela negação de um paradigma, gerando, de qualquer modo, efeitos de sentido. Para isso, embora se dê ênfase para as variantes relacionadas ao mito da viagem dos argonautas, apresentam-se também outras possíveis fontes a que o autor poderia ter recorrido. Para que se possa demonstrar que a apropriação do modelo oferecido por Apolônio de Rodes ocorria de maneira vária em Roma e contrastar as abordagens do mito em Latim, refletindo também sobre questões de tradução e imitação, dedica-se uma seção ao estudo da obra de Varrão Atacino que teria produzido uma tradução completa da epopeia de Apolônio. Assim, oferece-se uma versão portuguesa de seus fragmentos supérstites e uma análise efetuada a partir da comparação do texto latino com o grego. Ao longo do texto, espera-se mostrar que Flaco parece construir, com originalidade e com apropriação dos modelos realizada de modos diversos, um herói mais afim aos modelos heroicos homéricos, plasmando algumas características que Jasão apresenta em Apolônio de Rodes com outras que aparecem no herói em outros autores, como Homero, Hesíodo e Píndaro, e acrescentando ainda aquelas presentes em seus pares que não integram o mito argonáutico, como as propostas por Virgílio.

Palavras-chave: Jasão. Herói. Epopeia. Argonáutica. Valério Flaco.

ABSTRACT

Considering the multiple representations that the hero Jason received since Antiquity, the epic of Valerius Flaccus, a first century AD author, was chosen as the main object of analysis to reflect on the construction of the leader of the Argonauts. It is offered an overview of the authors who work with the narratives related to the hero in literary works previous to Flaccus, so that the reader can have an overview of the tradition that was constructed about the hero and the possible differences in the approach of the myth, which could affect his construction. In this exhibition, the work of Apollonius of Rhodes is emphasized as it's considered a mark in regard to this construction, given that the poet deals with the Argonauts' journey in epic genre, which would allow greater detail about various aspects of the myth that might not be possible in a shorter genre, in which the narrative was not predominant and the central figure was not the hero. The representation given to Jason by Valerius Flaccus is dealt confronting the hero intrinsically to his fellows and extrinsically to his predecessors in order to reflect on his new insertion in the epic genre in Latin context. Thus, it is intended to analyze both the construction of the hero alone in the work in which he is inserted and, by showing the various possibilities offered by previous poets, which versions Valerius Flaccus could have explored, either by a process of election of a model to be followed, affiliating to a tradition, or by the negation of a paradigm, generating, either way, different meaning effects. For this, although emphasis is given to variants related to the Argonauts' voyage, other possible sources that the author could have used are also presented. In order to demonstrate that the appropriation of the model offered by Apollonius of Rhodes occurred in a variety of ways in Rome and to contrast the approaches of the myth in Latin, also reflecting on questions of translation and imitation, a section is dedicated to the study of the work of Varro Atacinus who would have produced a complete translation of the Apollonius' epic. Therefore, a Portuguese version of its surviving fragments is offered and an analysis is made from the comparison of the Latin and Greek texts. Throughout the text, it is expected to show that Flaccus seems to build with originality and a diverse use of literary models one hero more akin to the models of the Homeric heros, shaping some features that Jason has in Apollonius of Rhodes with others that appear in the hero in other authors, such as Homer, Hesiod and Pindar, and adding those present in his peers that do not integrate the argonautic myth, as those proposed by Vergil.

Keywords: Jason. Hero. Epic. Argonautica. Valerius Flaccus.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Jason and Medea</i> , óleo sobre tela	184
Figura 2 – Tirinha <i>Jason and the argonauts</i>	185
Figura 3 – Δωσιάδα βωμός (<i>Dōsiáda Bōmós</i>) de Dosíadas	212
Figura 4 – <i>Altar</i> de Dosíadas (trad. J. D. F. Pondian).	213
Figura 5 – <i>Κύλιξ</i> (<i>Kýlix</i>): Jasão na boca da serpente, enquanto é observado por Atena. O velocino de ouro aparece ao fundo ainda pendurado na árvore	214
Figura 6 – Recorte: Jasão na boca da serpente, enquanto é observado por Atena. O velocino de ouro aparece ao fundo ainda pendurado na árvore	215
Figura 7 – <i>Αλάβαστρον</i> (<i>Alábastron</i>): apenas a parte superior do homem está visível, enquanto a serpente tem o resto em sua boca.....	216
Figura 8 – Espelho de mão: Jasão luta com a serpente que tem a perna do herói em sua boca	217
Figura 9 – Alça de bronze: Jasão segura o velocino, enquanto a serpente deglute sua perna	217
Figura 10 – Amuleto sardônico (escaravelho: A) convexo, B) plano e C) molde): Jasão luta com a serpente que tem metade do corpo do herói em sua boca.....	218
Figura 11 – Espelho de mão etrusco feito em bronze (século IV a.C.).....	220
Figura 12 – Detalhe: espelho de mão etrusco feito em bronze (século IV a.C.).....	221
Figura 13 – Espelho de mão etrusco feito em bronze (século IV a.C.).....	221
Figura 14 – <i>Υδρία</i> (<i>Hydría</i>): Medeia aparece à esquerda, e Jasão à direita do caldeirão, no qual há um carneiro (Ática, século V a.C.)	222

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS¹

A. R.	Apolônio de Rodes		
Apollod.	Apolodoro	<i>Blib.</i>	<i>Biblioteca</i>
Arat.	Arato	<i>Phaen.</i>	<i>Fenômenos</i>
Arist.	Aristóteles	<i>Po.</i>	<i>Poética</i>
		<i>Pol.</i>	<i>Política</i>
Call.	Calímaco	<i>Ap.</i>	<i>Hino a Apolo</i>
Catul.	Catulo		
Cic.	Cícero	<i>Progn.</i>	<i>Prognósticos</i>
D. L.	Diógenes Laércio		
D. S.	Diodoro Sículo		
Dosiad.	Dosíadas	<i>Ara</i>	<i>Altar</i>
E.	Eurípides	<i>Med.</i>	<i>Medeia</i>
Enn.	Ênio	<i>Med.</i>	<i>Medeia</i>
Germ.	Germânico	<i>Arat.</i>	<i>Fenômenos de Arato</i>
Hdt.	Heródoto		
Hes.	Hesíodo	<i>Th.</i>	<i>Teogonia</i>
Hier.	Jerônimo	<i>Chro.</i>	<i>Crônicas</i>
Hom.	Homero	<i>Il.</i>	<i>Ilíada</i>
		<i>Od.</i>	<i>Odisseia</i>
Hor.	Horácio	<i>Ars</i>	<i>Arte Poética</i>
		<i>S.</i>	<i>Sátiras</i>
Hyg.	Higino	<i>Fab.</i>	<i>Fábulas</i>
Just.	Justino		
<i>LIMC</i>			<i>Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae</i>
Long.	Longino	<i>Subl.</i>	<i>Do Sublime</i>
Luc.	Lucano		
Luc. A.	Lúcio Ácio		
Lyc.	Lícofron		

¹ Busca-se utilizar as abreviaturas propostas nos *A Greek-English Lexicon* (1996), *Dictionnaire Illustré Latin Français Félix Gaffiot* (2016) e *Oxford Latin Dictionary* (1968), sempre que possível.

Mart.	Marcial	<i>Epig.</i>	<i>Epigramas</i>
Mimn.	Mimnermo		
Ov.	Ovídio	<i>Am.</i>	<i>Amores</i>
		<i>Ars am.</i>	<i>Arte de amar</i>
		<i>Ep.</i>	<i>Heroides</i>
		<i>Fast.</i>	<i>Fastos</i>
		<i>Met.</i>	<i>Metamorfozes</i>
		<i>Rem.</i>	<i>Remédios do amor</i>
		<i>Tr.</i>	<i>Tristes</i>
Paus.	Pausânias		
Pi.	Píndaro	<i>N.</i>	<i>Nemeia</i>
		<i>O.</i>	<i>Olímpica</i>
		<i>P.</i>	<i>Pítica</i>
Plin.	Plínio, o Velho	<i>N.</i>	<i>História Natural</i>
Porf.	Porfírio		
Prop.	Propércio		
Prosp.	Próspero		
Quint.	Quintiliano	<i>Ins.</i>	<i>Instituição Retórica</i>
Schol. Ap. Rhod.			<i>Escólios em Apolônio de Rodes</i>
Schol. Eur. Med.			<i>Escólios em Eurípides, Medeia</i>
Schol. ad Pin. Ol.			<i>Escólios em Píndaro, Olímpicas</i>
Sen.	Sêneca, o Velho	<i>Con.</i>	<i>Controvérsias</i>
Sen.	Sêneca	<i>Med.</i>	<i>Medeia</i>
Stat.	Estácio	<i>Silv.</i>	<i>Silvas</i>
		<i>Theb.</i>	<i>Tebaida</i>
Str.	Estrabão	<i>Geo.</i>	<i>Geografia</i>
Suet.	Suetônio		
Tac.	Tácito	<i>Ann.</i>	<i>Anais</i>
Theoc.	Teócrito	<i>Id.</i>	<i>Idílios</i>
V. Fl.	Valério Flaco		
Var.	Varrão	<i>R.</i>	<i>Das coisas do campo</i>
Var. At.	Varrão Atacino		
Verg.	Virgílio	<i>A.</i>	<i>Eneida</i>

G. *Geórgicas*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 JASÃO NA TRADIÇÃO LITERÁRIA.....	20
2.1 Os gregos.....	24
2.2 Os latinos	47
2.3 Os tesouros de Valério Flaco.....	58
3 “A GLÓRIA DE ANTIGOS HOMENS LEMBRAR”: A EPOPEIA DE APOLÔNIO DE RODES E SUA TRADUÇÃO	65
3.1 Jasão como herói épico	67
3.2 Os fragmentos de Varrão Atacino.....	85
3.2.1 Sobre a tradução latina.....	90
3.3 A epopeia de Valério Flaco: outra tradução?	99
4 “CANTAR AS VENERANDAS FAÇANHAS DOS HERÓIS”: A VERSÃO DE VALÉRIO FLACO	109
4.1 Jasão, herói épico flaviano	114
4.2 “E fina cera completou ocultas frestas”: o jogo alusivo em Valério Flaco e a construção de Jasão	145
4.2.1 Valério Flaco e outras Argonáuticas	147
4.2.2 Os <i>Cantos Argonáuticos</i> e outras histórias	172
5 CONCLUSÃO.....	184
REFERÊNCIAS	188
APÊNDICES	202
APÊNDICE A – TRADUÇÃO DOS FRAGMENTOS DE OS ARGONAUTAS DE VARRÃO ATACINO.....	203
<i>Argonautae</i> : Os Argonautas	203
<i>LIB. I</i> : Livro I.....	203
<i>LIB. II</i> : Livro II.....	205
<i>LIB. III</i> : Livro III	207

<i>LIB. IV: Livro IV</i>	208
<i>INCERTAE SEDIS: De localização incerta</i>	209
ANEXOS	211
ANEXO A – ΔΩΣΙΑΔΑ ΒΩΜΟΣ (DŌSIADA BŌMOS)	212
ANEXO B – JASÃO REPRESENTADO NA BOCA DA SERPENTE QUE GUARDA O VELOCINO	214
ANEXO C – POSSÍVEIS EXEMPLOS PICTÓRICOS DO COZIMENTO DE JASÃO	220
ANEXO D – EXEMPLO DE REPRESENTAÇÃO EM QUE JASÃO APARECE PRÓXIMO AO CALDEIRÃO	222

1 INTRODUÇÃO

Pouco se sabe a respeito de Valério Flaco. Seu nome completo, segundo o manuscrito mais antigo de sua obra – o *Vaticanus 3277* –, seria Valério Flaco Setino Balbo, e “[...] foi considerado, graças ao *agnomen* de *Setinus*, natural de Sezze, no Lácio.” (PARATORE, 1987, p. 697). Gouvêa Júnior aponta que tanto pelos primeiros versos² de seus *Cantos Argonáuticos*³ quanto pelo parecer de estudiosos, Flaco teria sido “[...] *quindecemviri sacris faciundis*, um dos quinze sacerdotes a serviço de Apolo, responsáveis pela guarda e pela consulta dos sagrados Livros Sibílicos [...]” (GOUVÊA JÚNIOR, 2007, p. 9). Há também indício do ano aproximado em que o poeta teria morrido, uma vez que Quintiliano lamenta sua morte recente no livro X de sua *Instituição Retórica*, composta por volta do ano 95 d.C.: “Há pouco perdemos muito com a morte de Valério Flaco”⁴ (Quint., *Ins.*, 10, 90, trad. A. M. Resende).

A única obra do poeta teria sido seus *Cantos Argonáuticos* (*Argonautica*), poema épico com oito cantos dedicado a narrar a viagem de Jasão e seus companheiros à Cólquida para conquistar o velocino de ouro por ordem do rei Pélias. Contudo, o último canto interrompe-se abruptamente quando, após terem obtido seu prêmio, os heróis são perseguidos pelos colcos e consideram a devolução de Medeia ao irmão, o que gera uma discussão entre a feiticeira e Jasão. Essa incompletude levou estudiosos, como, no século XVII, Nicolau Heinsius (*apud* PARATORE, 1987, p. 697) e, mais recentemente, Citroni *et al.* (2006, p. 853), a considerarem algum tipo de corrupção ou perda na tradição manuscrita do poema, ainda que, segundo Mozley (1963, p. VIII), a crítica já tenha certo consenso de que a obra não fora, de fato, terminada, o que pode ser apontado por inconsistências internas, tendo sido, provavelmente, interrompida pela morte do poeta. De qualquer forma, a partir de evidências internas, como seu próêmio endereçado a Vespasiano⁵ e as alusões ao incidente do Vesúvio

² *Phoebe, mone, si Cymaeae mihi conscia uatis / stat casta cortina domo, si laurea digna / fronte uiret; [...]* (V. Fl., I, 5-7, p. 2). “Febo, me inspira, se a Cumaia casta cuba, / Que tudo sabe, eu tenho em casa e verdes louros / Honram-me a frente. [...]” (V. Fl., I, 5-7, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³ Opta-se, na maior parte das vezes, pelos títulos utilizados pelos tradutores das obras. A exceção ocorre com a *Argonáutica* de Apolônio de Rodes, para que ocorra um diferenciamento com *Os Argonautas* de Varrão Atacino.

⁴ *Multum in Valerio Flacco nuper amisimus.* (Quint., *Ins.*, 10, 90).

⁵ [...] *tuque o, pelagi cui maior aperti / fama, Caledonius postquam tua carbasa uexit / Oceanus Phrygios prius indignatus Iulos, / eripe me populis et habenti nubila terrae, / sancte pater, ueterumque faue ueneranda canenti facta uirum.* [...] (V. Fl., I, 7-12). “[...] E ó tu [Vespasiano] de quem maior é a fama / Dês que oceano caledônio, antes hostil / Aos frígios Júlios, tuas velas transportou, / Do povo eleva-me, ó Pai Santo, e da brumosa / Terra, e auxilia-me a cantar as venerandas / Façanhas dos heróis. [...]” (V. Fl., I, 7-12, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

nos cantos III⁶ e IV⁷, é possível depreender que o poema teria sido pelo menos iniciado por volta do ano 79 d.C. (PARATORE, 1987, p. 697; CITRONI *et al.*, 2006, p. 852). Segundo Paratore (1987, p. 698), “Depois do louvor de Quintiliano, Valério Flaco em breve foi esquecido; os *Argonautas* foram descobertos por Poggio Bracciolini no mosteiro de S. Galo, na Suíça, no princípio do século XV.”.

Com sua redescoberta, mesmo com as opiniões de estudiosos sobre o valor da obra tendo se dividido, os aspectos negativos parecem ter sido os preponderantes: a eleição de um mito sem aspectos atuais em relação ao momento de escrita e que já fora amplamente trabalhado (CITRONE *et al.*, 2006, p. 853), e a presença de Apolônio de Rodes, cuja epopeia obtivera sucesso o suficiente para ser traduzida por Varrão Atacino e ter influenciado a *Eneida*, são senões impingidos pela crítica. Somados a esses, aparecem a sombra de seus antecessores, principalmente Virgílio, com que, constantemente, Valério Flaco é comparado, o que faz com que acabe empalidecendo, mesmo processo que ocorre quando contrastado com seus contemporâneos se se pondera a transmissão e a influência de suas obras (VESSEY, 1989, p. 613), o que pode levar à consideração de sua obra como imitação ou tradução da de Apolônio de Rodes (COSTA E SILVA, 1852). Há ainda seu estilo que, inspirado por Ovídio, se tornaria obscuro (PARATORE, 1987, p. 699). Entretanto, sem desprezar esses aspectos do passado e tendo em consideração os estudos mais recentes sobre a obra propostos por Hershkowitz (1998) e por Gouvêa Júnior (2007), busca-se analisar a epopeia de Valério Flaco tanto intrinsecamente em sua individualidade quanto extrinsecamente no que concerne às relações que o poeta traça com seus antecessores.

Para isso, faz-se um recorte, de modo que este trabalho seja dedicado a analisar a construção do herói Jasão, que é protagonista dos *Cantos Argonáuticos*, a partir de sua caracterização e de suas ações como líder dos argonautas, comparando-o com seus companheiros e, para que se possa dimensionar as inovações propostas pelo poeta e a manutenção de possíveis modelos, com seus antecessores de outras versões da viagem da nau Argo. Retoma-se, para isso, principalmente a obra de Apolônio de Rodes, por ser uma das fontes das quais o poeta dificilmente poderia escapar, sendo o único antecessor, a que se tem

⁶ *ut magis Inarime, magis ut mugitor anhelat / Vesuius, attonitas acer cum suscitatur urbes ... / sic pugnae crebrescit opus; [...]* (V. Fl., 3, 208-210). “Mais do que o Inárime, ou o Vesúvio roncadador, / arqueja atroz quando desperta a vila atônita, / Assim se acerba a luta. [...]” (V. Fl., 3, 208-210, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁷ *sic ubi prorupti tonuit cum forte Veseui / Hesperiae letalis apex — uixdum ignea montem / torsit hiems, iamque eoas cinis induit urbes: / turbine sic rapido populus atque aequora longe / transabeunt, [...]* (V. Fl., 4, 507-511). “Qual quando, por azar, a ruir trouou Vesúvio, / Letal à Hespéria, e mal caiu, a chuva ígnea / Cobriu as vilas do oriente com suas cinzas: / Assim, em giros, [as Fúrias] atravessam mar e povos,” (V. Fl., 4, 507-510, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

acesso, que elege o mesmo mito como tema principal de uma obra no mesmo gênero, de modo que se possa contrastar as duas representações de Jasão em epopeias, refletindo acerca de uma continuidade do modelo em Flaco ou da criação de um novo paradigma.

Em relação a Apolônio, Valério Flaco é um autor tardio, inserido em um cenário conhecido popularmente como a “Era de Prata”⁸ da literatura latina por ser considerado inferior à Era de Ouro⁹, em que se localizam autores como Virgílio e Horácio. Entretanto, ainda que o peso da definição possa se fazer presente quando se consideram os autores desse período, é necessário que se tenha em mente, conforme Paratore (1983, p. 7), que: “Tais subdivisões são escolares e nem sempre correspondem às verdadeiras características da vida espiritual romana no seu desenvolvimento histórico”. De qualquer forma, Flaco escreve enquanto os poetas recebiam o apoio do imperador, ao mesmo tempo em que havia um cerceamento daquilo que era escrito (GOUVÊA JÚNIOR, 2010, p. 16-17). Por conseguinte, esperava-se que os poetas cantassem os grandes feitos de seu apoiador (CITRONI *et al.*, 2006, p. 851-852) – aspecto a que Flaco se escusa – e que ombreassem com a glória da *Eneida* (VESSEY, 1989, p. 613), seja por sua própria volição ou pela expectativa de seus leitores. E é nesse contexto que Valério Flaco elege o mito dos Argonautas como tema principal de sua epopeia.

Esse mito tem como herói principal Jasão, comumente líder do grupo de heróis que, por mando de Pélias, rei de Iolco, empreende uma jornada a bordo da nau Argo em busca do velocino de ouro, localizado na Cólquida. Esse objetivo só será cumprido com a ajuda de Medeia, princesa e feiticeira colca, que se apaixona por Jasão. As versões para o motivo da ordem de Pélias são variáveis nos diversos relatos literários que tratam do assunto, uma vez que nem sempre o rei é apresentado como usurpador do poder do irmão, pai de Jasão, de modo que precisaria se livrar de um concorrente ao trono, nem ocorre a profecia, que aparece em Apolônio de Rodes¹⁰ e Apolodoro, acerca de que seria rei, o homem que chegasse sem uma sandália à cerimônia em honra aos deuses. Porém, em Apolodoro, por exemplo, além da profecia, a ideia de partir em busca do velocino acaba vindo de Jasão, atraído por seu tio que lhe pergunta o que faria se estivesse na mesma situação. No caso de Valério Flaco, Pélias tem o poder desde os primos anos, e o que o leva à ordem são as profecias que apontam

⁸ Segundo Paratore (1983, p. 7), o período se estenderia “[...] de 14 d.C. até à morte de Trajano (117 d.C.).”

⁹ “[...] de 75 a.C. até à morte de Augusto (14 d.C.).” (PARATORE, 1983, p. 7).

¹⁰ Maiores detalhes e a localização de trechos das versões literárias citadas ao longo desta introdução aparecem ao longo da seção *Jasão na tradição literária*. Quando isso não ocorre, devido ao fato de algum texto ser posterior a Valério Flaco principalmente, os trechos estarão em nota de rodapé.

claramente para o filho de seu irmão, cujas virtudes o assustam. Já em Diodoro, o desejo de glória parte de Jasão, embora Pélias desejasse que o herói morresse em meio a sua aventura.

Por outro lado, Jasão também está presente em outras histórias, sendo colocado entre os heróis que caçaram o javali de Cálidon, por Apolodoro e Ovídio. E, embora o desfecho de seu relacionamento amoroso com Medeia tenha sido representado em tragédias, como ocorre em Eurípides e Sêneca, o que, segundo Diodoro, tê-lo-ia levado ao suicídio, e Tácito afirma que Jasão, levando Medeia e seus filhos, foi se apossar do trono da Cólquida quando este estava vago¹¹. Além de ser retratado, de certa forma, como coadjuvante nas tragédias relacionadas, Jasão aparecerá como alguém que não honra a palavra dada sob o olhar de suas amadas Hipsípila e Medeia em suas cartas de amor, escritas por Ovídio.

Vale ressaltar, que o personagem não é apenas trabalhado na Antiguidade por gregos e romanos, tendo sido colocado, por exemplo, no Inferno, em meio aos sedutores, por Dante¹², e sua viagem tem recebido versões diversas em diferentes países, como a inglesa de Robert Graves (2011), e a brasileira de Virgílio Várzea (2012), o que demonstra a produtividade desse mito ainda na contemporaneidade.

Jasão recebe, então, diferentes caracterizações ao longo do tempo, ainda que alguns aspectos permaneçam, em certa medida estáveis. Isso pode advir do que defende Ginzburg (2012, p. 112): “O fato de que, a todo o momento, estórias estão sendo deixadas para trás se vincula com a perspectiva de que experiências novas podem surgir.”. Assim, a escolha de uma determinada possibilidade para o herói exclui outra e todos os seus desdobramentos, o que possibilita a outro autor explorar o rastro deixado por seu precedente, já que cada escolha gera

¹¹ [...] *feruntque se Thessalis ortos, qua tempestate Iaso post auectam Medeam genitosque ex ea liberos inanem mox regiam Aetae uacuosque Colchos repetiuit. multaque de nomine eius et oraclum Phrixi celebrant; nec quisquam ariete sacrificauerit, credito uexisse Phrixum, siue id animal seu nauis insigne fuit.* [...] (Tac., *Ann.*, 6, 34); “Dizem-se eles descendentes dos Tessálios, companheiros de Jason, quando este, depois de ter trazido Medeia e os filhos que dela houvera, foi se apossar da casa de Eeta e do trono vacante de Colchos. Muitas recordações dele ali se encontram, assim como é venerado naquele país o oráculo de Frixo. Lá ninguém sacrifica um carneiro, porque consta que Jason fora conduzido por Frixo, ou fosse este um verdadeiro animal ou simplesmente a insígnia do navio.” (Tac., *Ann.*, 6, 34, trad. L. Pereira).

¹² “*E ’l buon maestro, sanza mia dimanda, / mi disse: ‘Guarda quel grande che vene, / e per dolor non par lagrime spanda: // quanto aspecto reale ancor ritene! / Quelli è Iasón, che per cuore e per senno / li Colchi del monton privati fène. // Ello passò per l’isola de Lenno / poi che l’ardite femmine spietate / tutti li maschi loro a morte dienno. // Ivi con segni e con parole ornate / Isifile ingannò, la giovinetta / che prima avea tutte l’altre ingannate. // Lasciolla quivi, gravida, soleta; / tal colpa a tal martírio lui condanna; / e anche Medea si fa vendeta.*” (ALIGHIERI, 2014, 18, 82-96); “O meu bom mestre, sem ser perguntado, / disse: ‘Olha aquele, o grande, que ali vem, / e não parece em dor ter pranteado. // Quanto é de rei o aspecto que inda tem! / Ele é Jasão: forte e de senso pleno, / Privou Cólquia do velo, o sumo bem. // Ele passou pela Ilha de Leno / quando as mulheres deram despedidas / a todos os seus homens fim terreno. // Com artificios e falas cuidadas / enganou Isifila, a jovenzinha / que às outras todas deixara enganadas. // Deixou-a grávida e ali sozinha. / Tal culpa, a seu martírio é que o condena: / Medeia em tal vingança vai vizinha.” (ALIGHIERI, 2010, 18, 82-96, trad. J. Wanderley).

indicadores concretos de acontecimentos diferentes que precisam ser organizados de forma distinta, de modo a criar um encadeamento que forme um nexu condizente (GINZBURG, 2012, p. 116) com a imaginação lendária.

Partindo disso, busca-se, por meio da análise dos *Cantos Argonáuticos* de Valério Flaco, refletir acerca da representação que o personagem recebe nessa epopeia, analisando a forma como sua caracterização e seu comportamento são apresentados nesse novo contexto histórico e literário. Das diversas versões, opta-se pela de Valério Flaco por ser um texto de maior extensão, em que a atuação do herói se sobressai, ao contrário do que acontece nas tragédias, por exemplo. Ademais, o herói épico recebe uma caracterização específica e amplamente discutida. Por fim, dispõe-se de um antecessor, Apolônio de Rodes, que trabalhou o mesmo tema no mesmo gênero, de maneira que as aproximações e afastamentos podem ser relevantes para a análise a respeito da possível diferenciação do conceito de herói nas duas obras.

Como forma de se contrastar os processos de tratamento do modelo representado pela epopeia de Apolônio de Rodes realizados pelos romanos Valério Flaco e Varrão Atacino e quase como forma de excursão, propõe-se também uma reflexão, a partir da análise dos fragmentos restantes da obra *Os Argonautas* deste último, sobre aspectos de tradução, observando-se a abordagem dada à epopeia de Apolônio pelo poeta.

Assim, o trabalho organiza-se da seguinte maneira: o primeiro capítulo dedica-se ao mapeamento da representação de Jasão em textos anteriores à obra de Valério Flaco, considerando tanto obras gregas quanto latinas e abrangendo escritos de poetas, tragediógrafos, mitógrafos e historiadores. Com isso, busca-se mostrar um panorama das múltiplas construções que o herói recebeu e que formam a tradição acerca do mito e das características de Jasão. Não se propõe uma análise aprofundada dessas representações, mas o apontamento de diferenças que demonstrariam que a caracterização do herói, assim como seu percurso até a Cólquida não permanecem totalmente estáticos ao longo do tempo.

No segundo capítulo, apresenta-se a obra de Apolônio de Rodes junto a uma análise sobre sua representação de Jasão a partir de reflexões acerca do conceito de herói épico. Para isso, compara-se o capitão dos argonautas com um de seus companheiros mais famosos, Hércules, e são consideradas algumas passagens em que a atuação de Jasão pode ser destacada como um possível novo modelo de herói em contraste com seus antecessores homéricos, principalmente, iliádicos. Ponderando sobre a importância da epopeia de Apolônio como modelo também para outros autores latinos anteriores a Valério Flaco, oferece-se uma análise da abordagem dada à obra por Varrão Atacino, propondo-se uma tradução dos fragmentos

supérstites de seus *Os Argonautas*, que seria a da *Argonáutica*, e alguns comentários, a partir da comparação com o texto grego, sobre a prática tradutória de Varrão. Discute-se ainda a possibilidade da obra de Flaco também se configurar como uma tradução de seu antecessor grego conforme aponta Costa e Silva (1852) em diversas de suas notas à tradução do texto de Apolônio. Desse modo, pretende-se que se evidencie a diferença de opção de abordagem de um mesmo modelo entre Valério Flaco e Varrão Atacino.

O terceiro capítulo é dedicado a uma apresentação mais detalhada da obra de Valério Flaco, por meio da análise da figura de Jasão, tentando elucidar se o personagem seria uma recriação do mesmo modelo apresentado em Apolônio de Rodes ou a criação de um novo paradigma para o herói novamente inserido em contexto épico. Analisa-se a construção das características do herói e seu desempenho ao longo da epopeia, e comparações entre o modelo grego e o Jasão latino, assim como com seus companheiros de viagem, são traçadas, considerando suas atuações ao longo de diferentes episódios da narrativa épica. Além disso, propõe-se uma análise intertextual, levando em conta seja a recuperação, seja a negação de Valério Flaco em relação a seus antecessores, abordando tanto textos que tratam, especificamente, da viagem dos argonautas quanto aqueles que não o fazem, como a *Ilíada* e a *Eneida*, de modo a considerar os possíveis efeitos de sentido que a aproximação e o afastamento desses modelos podem gerar no texto. Embora se busque, nesta seção, manter o enfoque na construção de Jasão, outros aspectos, como a construção da narrativa, também são abordados.

Por fim, são apresentadas, em anexo, algumas representações pictóricas do mito de Jasão relacionadas a variantes pouco abordadas ou ignoradas pela literatura do período aqui tratado. Essas se referem ao episódio em que o herói seria deglutido pela serpente que guarda o velocino, o que não aparece nas versões literárias a que se teve acesso, e ao possível incidente de seu cozimento para que fosse rejuvenescido, ponto tratado por Dosíadas e Lícofron em seus textos. Desse modo, essa seção configura-se como uma complementação ao panorama das representações de Jasão oferecido no primeiro capítulo.

2 JASÃO NA TRADIÇÃO LITERÁRIA

Um mito, segundo Ruiz de Elvira (1982, p. 7), consiste, de modo geral, no relato de acontecimentos incertos e que não podem ser comprovados, mas que estão inseridos em uma tradição que os apresenta como sendo fatos¹³, e dos quais, segundo Veyne (1984, p. 34), não se pode precisar a autoria, de maneira que se caracteriza pelo ato de que se reconta algo que foi dito por outrem que não se sabe quem foi. Junto a essas características, é possível que um mito que trata de um mesmo assunto apresente um grande número de variantes que podem afetar detalhes do conteúdo mais geral ou episódios específicos, fazendo com que, ainda que se tenha uma versão mais tradicional, existam outras que também têm importância (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 23).

Esses relatos que eram transmitidos oralmente, em dado momento, passam a ser apropriados por poetas, que se utilizavam dos germes que, segundo Malinowsky (1948, p. 119), já estariam presentes no mito, para dar origem à epopeia, à tragédia e, mais tardiamente, ao romance; em resumo, àquilo denominado literatura. Para o autor, esse processo é possibilitado pelo fato de que o mito se configura como uma narrativa e, por isso, já contém em si características que são literárias; como afirma Veyne (1984, p. 34): “Literatura anterior à literatura [...]”. Com essa apropriação, as obras da literatura chamada comumente de clássica podem ser consideradas mitográficas, no sentido de que registram – tendo tratado de mitos de modo direto ou por meio de alusão – uma multiplicidade de versões de mitos que oferecem informações para que outros relatos sejam entendidos dentro de uma mesma obra ou ainda em outras (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 26).

Segundo Veyne (1984, p. 57), a literatura produzida com a presença desses mitos, em um primeiro momento, partia do pressuposto de que o público que a consumia tinha consciência das linhas gerais dessas histórias, de maneira que pudesse compreender o que estava sendo narrado, mas não necessariamente de seus detalhes:

A essência de um mito não é a de ser conhecido por todos, mas de ser considerado como se o fosse, e digno de sê-lo; tanto mais que geralmente não era conhecido. Há na *Poética* três palavras que vão longe. Não estamos obrigados, diz Aristóteles, a nos limitarmos aos mitos consagrados, quando

¹³ O autor apresenta definições mais específicas para uma subdivisão do mito, como a ideia de que o termo “mito” refere-se a histórias ligadas aos deuses, “lenda”, a heróis, e “conto popular”, a humanos que não têm características individualizantes (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 12), entretanto, opta-se por sua definição mais generalizante, uma vez que Ruiz de Elvira (1982, p. 12-13) considera que os limites dessa divisão são tênues, de modo que se mesclam, ao ponto de que a classificação de um relato dentro de uma única subdivisão seja difícil.

escrevemos uma tragédia: “Este seria um zelo ridículo, quando mesmo os temas conhecidos não são conhecidos senão por um punhado de pessoas; eles não agradam menos a todo mundo”. O público ateniense conhecia totalmente a existência de um mundo mítico, onde se desenrolavam as tragédias, mas ignorava o detalhe das fábulas [...] (VEYNE, 1984, p. 57).

Contudo, Veyne (1984, p. 58) considera que, posteriormente, a apropriação do mito¹⁴ que ocorre a partir dos poetas inseridos no contexto da Biblioteca de Alexandria faz com que essas histórias que falam de deuses e heróis se limitem a autores e a um público leitor mais específico do que era antes, pois aqueles as transformam em uma disciplina, sendo um importante item de cultura e entretenimento, no qual se destacavam as metamorfoses e os catasterismos¹⁵. Se por um lado, poetas e público se compraziam em encontrar variantes raras dos mitos, de outro, gramáticos e retóricos buscavam simplificá-las, estagnando-as em uma versão oficial, ao mesmo tempo em que historiadores, principalmente, tentavam construir científicas históricas por trás dos relatos fabulosos de deuses e heróis (VEYNE, 1984, p. 58-59), e os filósofos, interpretações alegóricas (VEYNE, 1984, p. 75). Por conseguinte, a relação com essa apropriação parece mudar ao longo do tempo, afastando-se do popular e tornando-se mais um jogo fechado de referências entre poeta e um público específico.

Considerando suas características, quando se trata de um mito relacionado aos feitos de um herói, existem três elementos importantes na composição do relato: a genealogia do herói, sua localização e sua cronologia (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 23). O primeiro e o segundo itens tendem a ser mais estáticos nas diversas versões que o mito pode apresentar, enquanto a cronologia – como sua localização na linha do tempo em relação a outros mitos –, mais variável, podendo aparecer de modo implícito, quase inexistente ou confuso, mas sendo algo necessário devido ao caráter de pretensa veracidade do mito (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 23).

Levando isso em consideração, apresenta-se que Jasão é um herói, filho de Éson¹⁶ e nascido em Iolco. Comumente, está atrelado ao mito dos argonautas, ou seja, daqueles cerca

¹⁴ Para Veyne (1984, p. 58), este processo faz com que o mito se transforme em mitologia, pois se torna algo erudito e afastado da crença popular. Entretanto, neste trabalho, opta-se pela utilização do termo “mito” mesmo quando inserido em período posterior ao especificado, já que, comumente, conforme Ruiz de Elvira (1982, p. 7), considera-se que mitologia é o conjunto de mitos. Dessa forma, utiliza-se “mito” para referir-se a narrativas específicas.

¹⁵ Transformações de heróis e objetos em astros e constelações.

¹⁶ Há diferentes formas de grafia dos nomes dos personagens e de lugares, como Éson ou Esão, Hypsipyle ou Hipsípyle, Calidão ou Cálidon. Procura-se, neste trabalho, utilizar, principalmente, a grafia proposta pelos tradutores das obras. Além disso, embora Éson seja sempre pai de Jasão, Pélias nem sempre é seu tio, e o nome de sua mãe varia conforme a versão: Apolodoro coloca-a como Polimede, filha de Autólico; Hesíodo, como

de cinquenta melhores guerreiros da Grécia que embarcaram na nau Argo para auxiliar Jasão a obter, por mando de Pélias, rei de Iolco, o velocino de ouro na Cólquida¹⁷. Lá, o herói encontra a princesa Medeia, filha do rei Eetes, que o ajuda a superar algumas provas para cumprir seu objetivo e que retorna para Iolco junto aos heróis, após a morte de seu irmão, Absirto, no início da viagem.

Essa aventura, chamada de Argonáutica devido ao nome da nau em que embarcam, encontra diferentes relatos ou versões em diversos autores, desde a Antiguidade, que ou se dedicam a contá-la como tema principal de suas obras, ou utilizam partes ou aspectos relacionados aos seus eventos em obras dos mais variados gêneros. Isto ocorre em Catulo, em seu *carmen* 64, em que narra o início da viagem dos argonautas para abordar com mais detalhe o casamento de Tétis e Peleu:

Pinhos (dizem), nascidos no cimo do Pélion, / outrora em ondas claras de Netuno, às águas / nadaram do rio Fásis e confins de Eeta, / quando seletos jovens, flor da raça Argiva, / ansiosos por tirar o velo de ouro aos Colcos, / em lesta nau ousaram ir no sal das vagas, / azul varrendo o mar sob os remos de abeto. / A própria deusa que reside nas acrópoles / lhes fez um carro que voava à leve brisa, / juntando pinhos à convexa quilha atados. / Ela a Anfitrite, rude em rotas, educou: / tão logo ela fendeu com rostro o mar ventoso, / e a onda, torturada a remo, embranqueceu / na espuma, do alvo abismo em fúria o rosto elevam / Nereides feitas de água, admirando o prodígio. / Naquele e só naquele dia mortais olhos / viram ninfas do mar de corpo nu erguer-se / do abismo embranquecido até nutrizes seios. / Então por Tétis, diz-se, ardeu de amor Peleu, / então Tétis não quis se abster de humano enlace, / então a Tétis houve o pai unir Peleu.¹⁸ (Catul., 64, 1-21, trad. J. A. Oliva Neto).

Polimena; Apolônio e Fílaco, como Alcímene (tradição seguida por Valério Flaco); Estesícoro, como Eteoclímene; Heródoto, como Polifeme; e Andron, como Teogneta (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 265-266).

¹⁷ Dependendo da tradução, o objeto também é chamado de velo dourado. Com a sua obtenção, a história de Jasão se relaciona com o mito de Frixo e Hele. Conforme aparece em Higino, por exemplo, Frixo e Hele eram filhos de Atamante e Nébulas (ou Nefele), que, tendo sido ameaçados de morte por um plano de Ino – nova esposa de Atamante –, são salvos por sua mãe: *Phrixus et Helle [...] cum in silua errarent, ascendere iussit et Colchos ad regem Aeetam Solis filium transire, ibique arietem Marti immolare. 2. Ita dicitur esse factum; quo cum ascendissent, et aries eos in pelagus detulisset, Helle de ariete decidit, ex quo Hellespontum pelagus est appellatum, Phrixum autem Colchos detulit; ibi matris praeceptis arietem immolavit, pellemque eius inauratam in templo Martis posuit. Quam seruate dracone Iason Aesonis et Alcimedidis filius dicitur petisse. Nebula mater eo dicitur uenisse et arietem inauratum adduxisse, Neptuni et Theophanes filium, eumque natos suos* (Hyg., *Fab.*, 3, 1-2); “Quando Frixo e Hele [...] erravam por um bosque, dizem que lá chegou sua mãe, Nébulas, trazendo o carneiro dourado, filho de Netuno e de Teófane, e ordenou a seus filhos que o montassem e atravessassem até a Cólquida, para junto do rei Eeta, filho do Sol, e que ali sacrificassem o carneiro para Marte. 2. Dizem que assim foi feito. Tendo ambos montado, quando o carneiro os conduzia pelo alto mar, Hele caiu do carneiro, e, por isso, o mar, na região em que caiu, foi nomeado Helesponto; a Frixo, entretanto, o carneiro conduziu até a Cólquida. Ali, seguindo as ordens da mãe, Frixo sacrificou o carneiro e depositou no templo de Marte o velo dourado. Este, que era protegido por uma serpente, dizem que Jasão, filho de Éson e de Alcímene, tinha vindo buscar.” (Hyg., *Fab.*, 3, 1-2, trad. D. M. Alves).

¹⁸ *Peliaco quondam prognatae ertice pinus / dicuntur liquidas Neptuni nasse per undas / Phasidos ad fluctus et fines Aeeteos, / cum lecti iuuenes, Argiuae robora pubis, / auratam optantes Colchis auertere pellem / ausi sunt*

De modo semelhante, oferece Ovídio nos *Amores*:

Roubado aos cumes do Pélion, / E em nau mudado, o pinheiro / Foi quem ensinou primeiro / Por sobre atônitas ondas / Funesto caminho abrir. / Por entre os parcéis dispersos / No elemento undoso e vário, / Se abalançou temerário, / Té que o aurífero carneiro / Pode à pátria conduzir. // Oxalá desaparecido / Argos tivesse entre os mares! / Ninguém, deixando seus lares, / Jamais com remos ferira / a funda e verde extensão.¹⁹ (Ov., *Am.*, 2, 11, 1-15, trad. A. Feliciano de Castilho).

Em Varrão, em seu *Das coisas do campo*, como exemplo:

Entre os antigos, todo homem de destaque era pastor, como demonstram a língua grega, a latina e os poetas arcaicos, que chamam a uns de “ricos em carneiros”, a outros de “ricos em rebanhos” e a outros de “ricos em bois”; [...] como o carneiro em busca de cuja pele os Argonautas, conta-se, partiram numa expedição para a corte de Eeta, na Cólquida;²⁰ (Var., *R.*, 2, 1.6, trad. M. Trevizam).

Assim como ocorre nos *Fastos*, de Ovídio: “[...] Heróis sem conto / correrem na fortuna iguais tormentas. / Vê Cadmo! expulso vai da pátria Tiro / desterrar-se na Aônia! olha o que passam / um Tideo, um Jasão... [...]”²¹ (Ov., *Fast.*, 1, 489-491, trad. A. Feliciano de Castilho). E, como referente, em Marcial (2008): “Procura o pórtico do vizinho Quirino: / Não possuem uma turba mais ociosa / Nem Pompeu nem a filha de Agenor, / Nem o frívolo capitão da primeira nau.”²² (*Epig.*, 9, 1, 9-12, trad. L. R. Leite).

uada salsa cita decurrere puppi, / caerula uerrentes abiegnis aequora palmis. / Diua quibus retinens in summis urbibus arces / ipsa leui fecit uolitantem flamine currum, / pinea coniungens inflexae texta carinae. / Illa rudem cursu prima imbuit Amphitriten. / Quae simul ac rostro uentosum proscidit aequor, / tortaue remigio spumis incanduit unda, / emersere freti candenti e gurgite uultus / aequoreae monstrum Nereides admirantes. / Illa, atque haud alia uiderunt luce marinas / mortales oculis nudato corpore Nymphas / nutricum tenus exstantes e gurgite cano. / tum Thetidis Peleus incensus fertur amore, / tum Thetis humanos non desepxit hymenaeos, / tum Thetidi pater ipse iugandum Pelea sensit. (Catul., 64, 1-21).

¹⁹ *Prima malas docuit mirantibus aequoris undis / Peliaco pinus uertice caesa uias, / Quae concurrentis inter temeraria cautes / Conspicuum fuluo uellere uexit ouem. / O utinam, nequis remo freta longa moueret, / Argo funestas pressa bibisset aquas! / Ecce, fugit notumque torum sociosque Penates* (Ov., *Am.*, 2, 11, 1-7).

²⁰ *De antiquis illustrissimus quisque pastor erat, ut ostendit et Graeca et Latina lingua et ueteres poetae, qui alios uocant polyarnos, alios polymelos, alios polybutas; qui ipsas pecudes propter caritatem aureas habuisse pelles tradiderunt, ut Argis Atrous quam sibi Thyesten subduxerit; ut in Colchide ad Aetam, ad cuius arietis pellem projecti regio genere dicuntur Argonautae;* (Var., *R.*, 2, 1.6).

²¹ *obruít ingentes ista procella uiros, / passus idem est, Tyriis qui quondam pulsus ab oris / Cadmus in Aonia constitit exul humo: / passus idem Tydeus et idem Pagasaeus Iason,* (Ov., *Fast.*, 1, 489-491).

²² *Vicini pete porticum Quirini: / Turbam non habet otiosiore / Pompeius uel Agenoris puella, / Vel primae dominus leuis carinae.* (Mart., *Epig.*, 9, 1, 9-12).

Além das histórias da viagem em si, existem aquelas relacionadas aos episódios ocorridos após o retorno dos argonautas, que compreendem a partida de Jasão e Medeia de Iolco após o assassinio do rei Pélias, que geralmente é tio de Jasão, os assassinatos em Corinto cometidos pela feiticeira e posteriores desdobramentos. Porém, conforme narram alguns autores, os feitos de Jasão não seriam ligados unicamente à viagem dos argonautas, estando o herói também presente na caçada ao javali de Cálidon junto a Meleagro e outros heróis.

Nesta seção, foram recolhidos os principais textos, anteriores a Valério Flaco, que tratam ou fazem menção, em extensão considerável e com algum detalhamento, especificamente ao herói, tendo sido divididos entre gregos e romanos e organizados, sempre que possível, cronologicamente. Não se objetiva uma tentativa de explicação ou análise para as mudanças de representação do herói ocorridas nesses autores – como se propõe Gouvêa Júnior (2013) ao tratar da figura de Medeia –, mas realizar um breve panorama dessas alterações. Note-se, ainda, a ausência, em 2.1, da versão de Apolônio de Rodes, uma vez que, por tratar em sua obra do mito de maneira ampla, no mesmo gênero e sendo considerado um dos principais antecedentes de Valério Flaco, será dedicada a ele uma seção específica²³. Espera-se que, com esse apanhado mitográfico, possa-se ter uma visão geral das variantes atualizadas pelos poetas, de modo a que se tenha alguma ideia das versões mais tradicionais, assim como daquelas que apresentam apenas um ou dois testemunhos considerando os textos a que se teve acesso. Isso dará ensejo para que, posteriormente, possa-se conjecturar a que variantes, dentro da multiplicidade de possibilidades, Valério Flaco poderia ter recorrido, quais evoca de fato na construção de seu herói e quais demonstra deixar de lado.

2.1 Os gregos

Começando por Homero, tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia* há referências a Jasão (CALDAS, 2010, p. 13-15), enquanto argonauta. Na *Ilíada*, no canto VII, narra-se a chegada de navios com vinho enviados pelo filho de Jasão e Hipsípila, rainha de Lemnos, a Troia: “E de Lemnos vieram muitas naus trazendo vinho, / as quais enviara Euneu, filho de Jasão, / que Hipsípila dera à luz para Jasão, pastor do povo.”²⁴ (Hom., *Il.*, 7, 467-469, trad. F. Lourenço).

²³ Cf. seções 3 e 3.1, páginas 65-85.

²⁴ νῆες δ' ἐκ Λήμνοιο παρέσταν οἶνον ἄγουσαι / πολλάι, τὰς προέηκεν Ἰησονίδης Εὐνηος, / τὸν ῥ' ἔτεχ' Ὑπιπύλη ὑπ' Ἰήσωνι ποιμένι λαῶν. (Hom., *Il.*, 7, 467-469).

Jasão chega a Lemnos junto aos outros heróis em um momento em que não há homens na ilha, já que as mulheres os assassinaram, por motivações diferentes dependendo da versão, normalmente causadas por Afrodite/Vênus, salvando-se apenas o pai de Hipsípile. A entrada dos heróis na ilha garante, assim, descendência a essas mulheres, assegurando a continuação de um povo fadado ao desaparecimento. Perceba-se que, no trecho citado, Jasão é caracterizado como “pastor do povo”²⁵ na tradução de Frederico Lourenço, ou, em uma tradução mais literal, “pastor de homens”, epíteto que também aparece em outros autores e que está ligado a seu caráter de líder. É interessante considerar que esse é o mesmo epíteto utilizado para caracterizar principalmente Agamêmnone ao longo da epopeia – como ocorre em “Mas ele [Aquiles] está nas recurvas naus preparadas para o mar, / furioso contra Agamêmnon, pastor de hostes.”²⁶ (Hom., *Il.*, 7, 229-230, trad. F. Lourenço) ou em “Mas ao Atrida Agamêmnon, pastor do povo, o doce sono / não tomava, pois estava dilacerado por muitas coisas na mente.”²⁷ (Hom., *Il.*, 10, 3-4, trad. F. Lourenço) –, mas também para outros líderes, como Nestor – “E ele [Agamêmnon], por seu lado, partiu em demanda de Nestor, pastor do povo.”²⁸ (Hom., *Il.*, 10, 73, trad. F. Lourenço) –, ou Heitor – “ao aqui vires [Dólón], onde deixaste Heitor, o pastor do povo?”²⁹ (Hom., *Il.*, 10, 406, trad. F. Lourenço). Assim, mesmo que se configure como uma fórmula ligada à improvisação oral que não individualiza de fato os heróis, o epíteto é utilizado apenas em relação àqueles que estão em posição de liderança, possivelmente apontando para a função desempenhada por Jasão.

Na *Odisseia*, no canto X, Jasão aparece quando Circe explica a Odisseu o caminho que precisa tomar para seu retorno a Ítaca, advertindo-o dos perigos a serem evitados, entre eles, as rochas moventes. Neste trecho, Jasão é posto como capaz de realizar algo impossível unicamente por ter a afeição³⁰ de Hera que o auxilia guiando-o. Comumente, a passagem por essas rochas moventes – como aparece, posteriormente, em Apolônio, por exemplo – ocorre na viagem de volta dos heróis da Cólquida, já que tomam uma rota diferente em seu regresso a Iolco para desviar das dificuldades representadas pelas rochas Ciâneas. Homero segue essa versão de que o obstáculo teria sido vencido durante o retorno do reino de Eetes, território aqui não nomeado (WEST, 2005, p. 40).

²⁵ ποιμέني λαῶν (Hom., *Il.*, 7, 469).

²⁶ ἀλλ’ ὁ μὲν ἐν νήεσσι κορωνίσι ποντοπόροισι / κεῖτ’ ἀπομηνίσσας Ἀγαμέμνονι ποιμέني λαῶν: (Hom., *Il.*, 7, 229-230. Grifo nosso).

²⁷ ἀλλ’ οὐκ Ἀτρείδην Ἀγαμέμνονα ποιμένα λαῶν / ὕπνος ἔχε γλυκερὸς πολλὰ φρεσὶν ὀρμαίνοντα. (Hom., *Il.*, 3-4. Grifo nosso).

²⁸ αὐτὰρ ὁ βῆ ῥ’ ἰέναι μετὰ Νέστορα ποιμένα λαῶν: (Hom., *Il.*, 10, 73. Grifo nosso).

²⁹ ποῦ νῦν δεῦρο κίων λίπες Ἔκτορα ποιμένα λαῶν: (Hom., *Il.*, 10, 406. Grifo nosso).

³⁰ φίλος (Hom., *Od.*, 12, 72).

“Rochas que batem” é como lhes chamam os deuses beatos. / Ave nenhuma consegue passar essas pedras, nem mesmo / as pombas tímidas, quando levar vão ambrósia a Zeus grande. / Sempre uma delas aí fica nas pedras de lisa estrutura; / outra, porém, manda o pai porque o número logo se preencha. / Mas não consegue fugir desse ponto nenhuma das naves, / são arrastadas as tábuas dos barcos e os corpos dos homens. / Uma, somente, das naves velozes passar conseguiu, / Argo, que todos celebram nos cantos, de volta Eetes. / Essa, também, contra o imano penedo seria lançada, / se Hera, por ser afeiçoada a Jasão, não servisse de guia.”³¹ (Hom., *Od.*, 12, 61-72, trad. C. Alberto Nunes).

É interessante notar que a nau é apresentada na passagem antes de seu condutor, sendo ela caracterizada como aquela que é “cuidada por muitos”³², enquanto Jasão não recebe adjetivos, aparecendo apenas como objeto de afeto de Hera, sem que um motivo para tal afeição seja exposto. Em Apolônio e Apolodoro, por exemplo, a afeição de Hera é resultado do fato de que Jasão a carregara em suas costas durante a travessia de um rio, quando ela, disfarçada de idosa, testava os mortais.

Segundo West (2005, p. 39-40), essa passagem da *Odisseia* poderia indicar que o poeta conheceria algum relato sobre os argonautas, possivelmente em formato épico, conforme fatores, como a intervenção divina de Hera, apontariam. Entretanto, o autor ressalta que, embora os textos de Hesíodo e de Mimnermo também possam indicar o conhecimento de uma versão anterior, não há evidência de que esse texto tenha chegado a leitores posteriores, talvez por ter sido divulgado apenas de modo oral.

Na *Teogonia*, Hesíodo, ao falar de Medeia, também apresenta alguns dados acerca de Jasão e seus feitos (CALDAS, 2010, p. 15).

Virgem do rei Eetes sustentado por Zeus, / o **Esonida** por desígnios dos Deuses perenes / levou-a de Eetes após cumprir gemidosas provas, / as muitas impostas pelo grande rei soberbo / o insolente Pélias estulto e de obras brutais. / Cumpriu-as, e chegou a Iolcos após muito penar / o **Esonida**, levando em seu navio veloz a / virgem de olhos vivos, e desposou-a florescente. / Ela, submetida a **Jasão pastor de homens**, / pariu Medéio,

³¹ Πλαγκτὰς δὴ τοι τὰς γε θεοὶ μάκαρες καλέουσι. / τῇ μὲν τ' οὐδὲ ποτητὰ παρέρχεται οὐδὲ πέλειαι / τρήρωνες, ταί τ' ἀμβροσίην Διὶ πατρὶ φέρουσιν, / ἀλλὰ τε καὶ τῶν αἰὲν ἀφαιρεῖται λίς πέτρη: / ἀλλ' ἄλλην ἐνίησι πατὴρ ἐναρίθμιον εἶναι. / τῇ δ' οὐ πῶ τις νηῦς φύγεν ἀνδρῶν, ἢ τις ἴκηται, / ἀλλὰ θ' ὁμοῦ πίνακας τε νεῶν καὶ σώματα φωτῶν / κύμαθ' ἄλως φορέουσι πυρός τ' ὀλοοῖο θύελλαι. / οἴη δὴ κείνη γε παρέπλω ποντοπόρος νηῦς, / Ἀργῶ πᾶσι μέλουσα, παρ' Αἰήταο πλέουσα. / καὶ νύ κε τὴν ἐνθ' ὄκα βάλεν μεγάλας ποτὶ πέτρας, / ἀλλ' Ἥρη παρέπεμψεν, ἐπεὶ φίλος ἦεν Ἰήσων. (Hom., *Od.*, 12, 61-72).

³² Ἀργῶ πᾶσι μέλουσα, [...] (Hom., *Od.*, 12, 70).

criou-o nas montanhas Quíron / Filirida, e cumpriu-se o intuito do Grande Zeus.³³ (Hes., *Th.*, 992-1001, trad. Jaa Torrano. Grifos nossos).

A imposição de provas só é referida por parte de Pélias, adjetivado negativamente, e não de Eetes. Medeia e Jasão têm apenas um filho criado por Quíron, sem menção à versão que daria origem às tragédias, e esse filho tem um nome que se aproxima daquele que, em outras versões, pertence ao filho de Medeia e Egeu. Jasão, aqui, é chamado por seu patronímico – Esonida – duas vezes antes que seu nome seja introduzido junto ao mesmo epíteto que fora utilizado na *Ilíada*, ou seja, “pastor de homens”. De qualquer forma, Jasão está inserido em um contexto que se relaciona a Medeia, sendo secundário em relação a ela, na medida em que aparece, pois realiza algo que influencia a trajetória da feiticeira.

Nos fragmentos que restaram da obra de Mimnermo, a figura de Jasão se faz presente no décimo primeiro fragmento:

Nem, um dia, o grande velocino traria o próprio Jasão, / de Ea, perfazendo doloroso caminho, / para o orgulhoso Pélias realizando penosa luta, / nem sobre a do Oceano bela corrente chegariam. / / De Eetes à cidade, onde do veloz Sol / Os raios jazem em dourada câmara, / Do Oceano junto às bordas, onde chegou o divino Jasão.³⁴ (11, trad. T. R. Assunção e J. Lins Brandão).

Segundo Gouvêa Júnior (2007, p. 69), esta seria a primeira vez de que se tem notícia que o principal ato de Jasão – a obtenção do velocino de ouro – aparece de modo claro na literatura; Mimnermo coloca a busca do velocino, localizado no reino de Eetes, para que fosse entregue a Pélias, adjetivado como “orgulhoso”³⁵, o que poderia sugerir uma possível *ὑβρις* (*hýbris*)³⁶ do rei. Além da indicação de que passara por “penosa luta”³⁷, Jasão é adjetivado

³³ κούρην δ' Αἰήταο διοτρεφέος βασιλῆος / Αἰσονίδης βουλήσι θεῶν αἰειγενετᾶων / ἦγε παρ' Αἰήτεω, τελέσας στονόεντας ἀέθλους, / τοὺς πολλοὺς ἐπέτελλε μέγας βασιλεὺς ὑπερήνωρ, / ὑβριστῆς Πελῆος καὶ ἀτάσθαλος, ὄβριμοεργός. / τοὺς τελέσας ἐς Ἴωλκὸν ἀφίκετο πολλὰ μογήσας / ὠκείης ἐπὶ νηὸς ἄγων ἐλικώπιδα κούρην / Αἰσονίδης, καὶ μιν θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν. / καὶ ῥ' ἦ γε δημηεῖς ὑπ' Ἰήσωνι, ποιμένι λαῶν, / Μῆδειον τέκε παῖδα, τὸν οὖρεσιν ἔτρεφε Χείρων / Φιλλυρίδης: μεγάλου δὲ Διὸς νόος ἐξετελείτο. (Hes., *Th.*, 1000. Grifos nossos).

³⁴ οὐδέ κοτ' ἄν μέγα κῶας ἀνήγαγεν αὐτὸς Ἰήσων / ἐξ Αἴης τελέσας ἀλγινόεσσαν ὁδόν, / ὑβριστῆ Πελίη τελέων χαλεπήρης ἄεθλον, / οὐδ' ἄν ἐπ' Ὀκεανοῦ καλὸν ἴκοντο ῥόον. / / Αἰεταο πόλιν, τόθι τ' ὠκέος Ἡελίοιο / ἀκτῖνες χρυσέω κείαται ἐν θαλάμῳ / Ὀκεανοῦ παρὰ χεῖλοσ', ἴν' ᾧχιχτο θεῖος Ἰήσων. (Mimn., 11).

³⁵ ὑβριστῆ Πελίη [...] (Mimn., 11, 3).

³⁶ Os termos em grego isolados ao longo do texto foram transliterados buscando seguir Almeida Prado (2006, p. 298-299).

³⁷ [...] χαλεπήρης ἄεθλον, (Mimn., 11, 3).

como “divino”³⁸. Infelizmente, dado o tamanho do fragmento, não é possível saber mais sobre o herói, porém, é interessante apontar, conforme defende West (2005, p. 41), que o reino de Eetes ainda não é identificado com a Cólquida, sendo chamado de Ea – nome que daria certa etiologia para o nome de Eetes (*Aĩ* e *Aιεταο*; *Aí* e *Aietao*) –, o que poderia indicar uma mudança de localização geográfica, correspondendo ao conhecimento de novas regiões.

Além da posterior versão de Apolônio, há poemas épicos que abordariam de alguma forma o tema da viagem dos argonautas, como as *Coríntica* de Eumelo, provavelmente do século VII a.C., em que se narra as origens da cidade de Corinto (PÉREZ LÓPEZ, 1991, p. 24-25) por um viés genealógico (BARNABÉ PANJARES, 1999, p. 252), e as *Naupácticas*³⁹ de autoria incerta⁴⁰, do século VI a.C., dedicadas às genealogias de mulheres notáveis (MÜLLER; DONALSON, 1858, p. 128). Desse modo, essas obras tratariam da viagem dos argonautas como parte de um assunto maior. Entretanto, infelizmente, esses textos perderam-se quase completamente, restando principalmente os comentários de escoliastas, sobretudo, da obra de Apolônio de Rodes e as citações de outros autores, como Pausânias.

No caso de *Coríntica*, é possível depreender que os heróis recebem alguma ajuda de Medeia no episódio dos guerreiros nascidos da terra:

Este⁴¹ y los siguientes versos están tomados de Eumelo, en una parte en la que Medeia le habla a Idmón:

*Y ya por la tierra toda brotaban como espigas los terrigenas. Se erizó en torno suyo de pesados escudos, lanzas dobles y yelmos resplandecientes el recinto de Ares, devastador de mortales. Llegaba el brillo refulgente desde abajo hasta el Olimpo, a través del aire.*⁴² (Schol. Ap. Rhod.⁴³, 3, 1354, trad. A. Barnabé Panjares).

³⁸ [...] *θειος ἦσων*. (Mimn., 11, 7).

³⁹ Conforme afirma Barnabé Panjares (1999, p. 268), há a possibilidade de que o título da obra seja *Naupactias*.

⁴⁰ Barnabé Panjares (1999, p. 268-269) destaca: “*En cuanto al autor, ninguno de los fragmentos lo cita por su nombre. Solamente disponemos de un dato de Pausanias, quien nos dice: ‘El poema épico llamado las Naupactias lo atribuyen la mayoría de los griegos a un poeta de Mileto; pero Caronte, el hijo de Pites, dice que lo compuso Cárcino de Naupacto, y también nos otros estamos de acuerdo con la opinión del de Lámpsaco, pues ¿qué razón tendría el ponerle el nombre de Naupactias a un poema sobre mujeres compuesto por un milesio?’ Pese a la extrañeza de Pausanias, Huxley piensa que el autor podría ser un milesio que llegó a Naupacto y compuso allí un poema sobre el viaje de los Argonautas, quizá en competición con poetas locales como Cárcino y posiblemente en un festival de Ariadna.*”

⁴¹ Ainda que esteja em língua estrangeira, optou-se por seguir a alternância com o itálico da edição em espanhol para que se demonstrasse a diferenciação pretendida pelo tradutor. Esse processo só ocorre novamente com os fragmentos 7 e 8.

⁴² 21 Schol. Ap. Rhod. 3.1354-1356a, “*οἱ δ' ἤδη κατὰ τιάσαν ἀνασταχέσκον ἀρουραν / γηγενεῖς· φρίξεν δέ περὶ στιβαροῖς σακέεσσι / δούρασι τ' ἀμφιγύοις κορύθεσσι τε λαμπομένησιν / Ἄρηος τέμενος φθεισιμβρότον*”

ούτος καί οἱ ἔξης στίχοι εἰλημμένοι εἰσὶ παρ' Εὐμήλου, παρ' ᾧ φησι Μήδεια πρὸς Ἴδμονα- < >.

⁴³ Quanto ao texto em grego, apenas o texto acima foi retirado de West (2003). Todos os outros fragmentos provêm da edição de Kinkel (1877). A opção se dá uma vez que a segunda edição citada apresenta um número maior de fragmentos, ainda que o presente na nota 42 esteja ausente.

Segundo West (2003, p. 240), o escoliasta não pretendia mostrar que Apolônio citara Eumelo de modo direto, mas que este poderia ter sido modelo para aquele. Infelizmente, perdeu-se a fala de Medeia. De qualquer forma, demonstra-se, no episódio, a intervenção da princesa nos feitos dos heróis. Não é possível, contudo, saber se ela já passara informações para Jasão antes, como ocorre em outras versões, como a de Apolônio, ou se aconselharia a Idmon só neste momento, diante do perigo imediato. Jasão não é nomeado no trecho, nem recebe qualquer característica.

Já em relação às *Naupácticas*, existem alguns fragmentos, que partem dos escólios em Apolônio de Rodas e da obra de Pausânias, considerados relevantes para este panorama. Primeiramente, o fragmento 3 diz respeito principalmente aos filhos de Jasão e Medeia:

Eumelo dice que el Sol le concedió la región Asopia a Aloeo y Efirea a Eetes; que Eetes, al marcharse a Coicos, confió la tierra a Buno; que Buno era hijo de Hermes y Alcidamea y que, cuando Buno murió, Epeopeo, el hijo de Aloeo, hizo que sus dominios abarcaran también a los efireos. Luego, como Corinto, el hijo de Maratón, no dejó ningún hijo, los corintios hicieron venir a Medea de Yolco y le entregaron el reino. Por mediación de ella reinaba en Corinto Jasón.

A Medea le iban naciendo hijos, pero lo que iba naciendo lo escondía, llevándoselo al templo de Hera y los encerraba, creyendo que serían inmortales. Por fin, cuando ella comprendió que había fallado su esperanza y al mismo tiempo fue descubierta por Jasón (pues, aunque le pidió perdón, no se lo concedió, sino que se marchó por mar hacia Yolco), Medea se fue también, por todo ello, tras entregarle el reino a Sísifo. Hasta aquí, en los términos en los que lo he leído.⁴⁴ (Paus., 2, 3, 10, trad. A. Barnabé Panjares).

Segundo Barnabé Panjares (1999, p. 254): “[...] *la marcha de Eetes a Coicos, probable alusión legendaria al interés de Corinto por la colonización de las costas orientales del mar Negro, dato que, hasta ahora, no parece estar de acuerdo con la verdad histórica*”.

⁴⁴ *Εὔμηλος δὲ Ἥλιον ἔφη δοῦναι τὴν χώραν Ἀλωεῖ μὲν τὴν Ἀσωπίαν, Αἰήτη δὲ τὴν Ἐφυραίαν· καὶ Αἰήτην ἀπίοντα ἐς Κόλχους παρακαθέσθαι Βούνῳ τὴν γῆν, Βοῦνον δὲ Ἑρμοῦ καὶ Ἀλκιδαιμείας εἶναι, καὶ ἐπεὶ Βοῦνος ἐτελεύτησεν, οὕτως Ἐπωπέα τὸν Ἀλωέως καὶ τὴν Ἐφυραίων σχεῖν ἀρχὴν Κορίνθου δὲ ὕστερον τοῦ Μαραθῶνος οὐδένα ὑπολιπομένου παῖδα, τοὺς Κορινθίους Μήδειαν μεταπεμφαμένους ἐξ Ἰωλκοῦ παραδοῦναι οἱ τὴν ἀρχὴν βασιλεύειν μὲν δὴ δι’ αὐτὴν Ἰάσονα ἐν Κορίνθῳ, Μηδείας δὲ παῖδας μὲν γίνεσθαι, τὸ δὲ αἰεὶ τικτόμενον κατὰ κρύπτειν αὐτὸ ἐς τὸ ἱερὸν φέρουσιν Ἥρας, κατακρύπτειν δὲ ἀθανάτους ἔσεσθαι νομίζουσιν· τέλος δὲ αὐτὴν τε μαθεῖν ὡς ἡμαρτήκοι τῆς ἐλπίδος, καὶ ἅμα ὑπὸ τοῦ Ἰάσονος φωραθεῖσα, οὐ γὰρ αὐτὸν ἔχειν δεομένην συγγνώμην, ἀποπλέοντα δὲ ἐς Ἰωλκὸν οἴχεσθαι, τούτων δὲ ἔνεκα ἀπελθεῖν καὶ Μήδειαν παραδοῦσαν Σισύφῳ τὴν ἀρχὴν. τάδε μὲν οὕτως ἔχοντα ἐπελεξάμην. (Paus., 2, 3, 10). West (2003, p. 238) complementa este fragmento com um escólio em Eurípidēs, *Medeia*: ὅτι δε βεβασίλευκε τῆς Κορίνθου ἢ Μήδεια, Εὔμηλος ἱστορεῖ καὶ Σιμωνίδης (PMG 545). (Schol. Eur. Med., 9). “That Medea was queen of Corinth, Eumelus and Simonides record.” (Schol. Eur. Med., 9, trad. M. L. West).*

Com isso, o estudioso destaca que Medeia se torna herdeira do trono de Corinto⁴⁵, o que resulta que Jasão ascenda ao trono como seu consorte. Ademais, a versão apresentada no relato para a morte dos filhos do casal seria mais primitiva do que aquela que se torna popular a partir de Eurípides em que Medeia mata as crianças devido às ações de Jasão em relação ao casamento. Nessa, Medeia, como ocorre com Tétis, buscava a imortalização de seus filhos, enterrando-os; entretanto, o ritual falha, pelo que não é perdoada por Jasão, causando o rompimento dos dois, de modo que o herói retorna a Iolco. Embora o fragmento tenha enfoque na figura de Medeia, é interessante que não há um exílio de Jasão em Corinto, como é comum nas outras versões, e o herói torna-se rei por seu casamento com Medeia, enquanto, normalmente, é sua relação com feiticeira que o impede de realizar uma união com a princesa de Corinto, o que alteraria sua condição. A partir disso, o término do relacionamento entre os dois não ocorre da mesma forma, sendo mais por culpa de Medeia, que involuntariamente matara os filhos, do que por alguma ação de Jasão. Não se tem informação se o herói retornaria a Iolco por ter algum direito ao trono, porém, considerando essa versão das ocorrências em Corinto, Jasão tem uma configuração mais positiva do que a que passa a ter em outras versões que lhe garantem o rótulo de inconstante.

Depois, há o fragmento 5, concernente aos touros de fogo: “*Apolonio (de Rodas) dice que estos fueron los elegidos para uncir a los bueyes. Pero el autor de las Naupácticas cuenta como voluntarios a todos los que fueron llevados por la Argo.*”⁴⁶ (Schol. Ap. 3, 521, trad. A. Barnabé Panjares). O comentário permite que se considere a prontidão dos argonautas em

⁴⁵ O fragmento 2A explica o motivo pelo qual Medeia é herdeira do trono: *Διὰ τί Μηδείας ἐμνημόνευσεν; ὅτι ἡ Κόρινθος πατρῶων αὐτῆς κτῆμα γέγονε, τούτῳ τῷ λόγῳ. Ἄλωεὺς γὰρ καὶ Αἰήτης ὁ Μηδείας πατήρ ἐγένοντο παῖδες Ἥλιου καὶ Ἀντιόπης· τούτοις ὁ Ἥλιος διένειμε τὴν χώραν. καὶ ἔλαχεν Ἄλωεὺς τὴν ἐν Ἀρκαδίᾳ, ὁ δὲ Αἰήτης τὴν Κόρινθον. Αἰήτης δὲ μὴ ἀρεσθεὶς τῇ ἀρχῇ Βούνω 1) μὲν τιμὴ Ἑρμοῦ υἱῶ παρέδωκε τὴν πόλιν, εἰπῶν φυλάττειν τοῖς ἐσομένοις ἐξ αὐτοῦ· αὐτὸς δὲ εἰς Κολχίδα τῆς Σκυθίας ἀφικόμενος ᾤκησε βασιλεύων. διδάσκει δὲ τοῦτο Εὐμηλὸς τις ποιητῆς ἱστορικὸς εἰπῶν· „Ἄλλ’ — γαῖαν“.* (Schol. ad Pin. *Ol.*, 13, 74); “¿Por qué mencionó a Medea? Porque Corinto llegó a ser patrimonio de ella de acuerdo con la siguiente historia: Aloe y Eetes, el padre de Medea, eran hijos del Sol y de Antíopa. El Sol distribuyó la región entre ellos y le tocó a Aloe la parte de Arcadia y a Eetes la de Corinto. Eetes, a quien el gobernar no le complacía, le cedió la ciudad a un tal Buno, hijo de Hermes, diciéndole que la conservara para sus descendientes. Y él, llegado a la Cólquide de Escitia, la habitó como rey. Nos narra eso Eumelo, un poeta histórico, diciendo: ‘Pero cuando Eetes y Aloe nacieron del Sol y de Antíopa, entonces partió en dos la región para sus hijos el ilustre hijo de Hiperión. La parte que tuvo Asopo, ésa se la ofreció al divino Aloe, y la que había obtenido Efira, se la dio toda a Eetes. Pero Eetes se la dio de buen grado a Buno para que la guardara hasta que volviera él mismo o alguno de sus descendientes, hijo o nieto. Y él se fue a la tierra de Cólquide.’” (Schol. ad Pin. *Ol.*, 13, 74, trad. A. Barnabé Panjares). No poema de Píndaro, Medeia é colocada como alguém que se opôs a seu pai, tendo independência em relação a seu casamento, e salvou os argonautas: *καὶ τὰν πατρός ἀντία Μήδειαν θεμέναν γάμον αὐτᾶ, / ναῖ σῴτειραν Ἀργοῖ καὶ προπόλοις.* (Pin., *O.*, 13, 53-54); “e Medeia, que contra seu pai fez seu próprio casamento, / a salvadora da nau Argos e sua tripulação; (Pin., *O.*, 13, 53-54, trad. T. B. da Silva).

⁴⁶ *Ὁ μὲν Απολλώνιος τούτους φησι προαιρεῖσθαι ξευξαι τους βόας. ὁ δε τὰ Ναυπακτικά ποιήσας πάντας ἀριθμεῖ τους υπ’ αὐτου φερομένους ἀριστεῖς.* (Schol. Ap. Rhod., 3, 521).

realizar a tarefa imposta por Eetes, embora não uma posição diferenciada por parte de Jasão, ainda que o próximo fragmento possa demonstrar o modo pelo qual o herói foi indicado para a tarefa.

Segue-se o fragmento 6 que também se relaciona a prova dos touros (WEST, 2003, p. 279): “*Creo que la protección de mi madre nos será de provecho. (Escolio) Puede, dice, mi madre convencer a Medea para que nos ayude en la empresa. En las Naupácticas Idmón, levantándose, exhorta a Jason a acometer la empresa.*”⁴⁷ (Schol. Ap. Rhod., 3, 523-524, trad. A. Barnabé Panjares). Este comentário pode apontar para certa passividade de Jasão, que precisaria que alguém, no caso, Idmon, o apontasse para a tarefa. Entretanto, dado o tamanho da passagem, outras possibilidades podem ser consideradas.

Os outros fragmentos, 7 e 8, trazem:

En el autor de las *Naupácticas* Medea no parte por su propia elección, sino que después de ser invitados los Argonautas a un banquete, para una maquinaria y al presentársele a Eetes, conforme a su propósito, la oportunidad de aniquilarlos, pero al consagrarse a su unión con Euríjita, su mujer, y al sugerir Idmón a los Argonautas que huyeran, también Medea se embarcó con ellos.

Apolonio dice que Medea huyó de noche en la nave, mientras Eetes celebraba la reunión de los de Cólquide para la perdición de los héroes. Pero el autor de las *Naupácticas* dice que Eetes se acostó instigado por Afrodita, deseoso de unirse a su mujer, mientras celebraban el banquete en su casa los Argonautas y dormían, porque él deseaba incendiar la nave:

Fue entonces cuando le suscitó a Eetes la divina Afrodita el deseo de unirse en amor con su propia esposa Eurílita, pues le preocupaba en su fuero interno cómo regresaría Jasón tras la empresa a su patria con sus camaradas, combatientes cuerpo a cuerpo.

Pero Idmón se dio cuenta de lo que sucedía y dice:

que huyan del palacio a través de la negra noche fiigaz.

Y que Medea, que se levantó al oír ruido de pisadas, zarpó con ellos. Dice eso también Herodoro.⁴⁸ (Schol. Ap. Rhod., 4, 59 e 86, trad. A. Barnabé Panjares).

⁴⁷ αλλά τιν' οἴω μητρόσ ἐμήσ] δύναται, φησιν, ἡ μήτηρ ἡ ἐμῆ πείσαι τὴν Μῆδειαν συνεργῆσαι τὸν ἄθλον. ἐν δε τοῖς Νανπακτικοῖς Ἰδμων ἀναστὰς Ἰάσονα κελεύει νποστῆναι τὸν ἄθλον. (Schol. Ap. Rhod., 3, 523).

⁴⁸ παρά δε τῷ τὰ Νανπακτικά πεποικῶτι οὐκ ἐστὶ κατὰ τὴν ἰδίαν προαίρεσιν ἐξιόνσα ἡ Μῆδεια, ἀλλ' ἐφέστιος ἀνακαλούμενη, οἷ γὰρ Ἀργοναῦται κατ' ἐπιβουλήν ἐνστάντος τὸν τῆς ἀναιρέσεως αὐτῶν καιρόν..... προτραπομενον δε τὸν Αἰήτον ἐπὶ τὴν Εὐρυλύτης τῆς γυναικὸς συνουβίαν Ἰδμονος ὑποθεμένον τοῖς Ἀργοναύταις ἀποδιδράσκειν, καὶ Μῆδεια συνεκπλεῖ.

Id. ad IV, 86: Ὁ μὲν Απολλώνιος φησὶ νυκτὸς πεφεγγέναι τὴν Μῆδειαν ἐπὶ τὴν ναῦν Αἰήτου συνέδριον ἔχοντος Κόλχων περὶ διαφθορὰς τῶν ηρώων. ο δε τα Ναυπακτικά πεποικῶσ υπό Αφροδίτης φησὶ τὸν Αἰήτην κατακοιμηθῆναι ἐπιθυμήσαντα τὴ αὐτοῦ γυναικί συγγενέαθαι δεδειπνηκότων παρ' αὐτῶ τῶν

Complementando uma ideia iniciada a partir do fragmento anterior, nessa versão, Idmon parece ter papel de algum destaque dentro da narrativa, já que é ele que orienta aos argonautas para que escapem da trama de Eetes. De qualquer forma, pode-se evidenciar a proeminência que Afrodite teria, já que ela intervém para que Eetes se ausente e os argonautas evadam em segurança, enquanto Hera, que normalmente exerce o papel de protetora dos heróis, principalmente de Jasão, desde Homero, não aparece. Além disso, Afrodite também teria influência sobre Medeia, de modo que a princesa abandonaria sua pátria e fugiria na nau. Essas passagens podem indicar um destaque dado à atribuição do amor na obra.

O fragmento 9 trata da fuga de Medeia do palácio de seus pais:

Apolonio escribió que después de que Medea huyó de casa de Eetes, le prometió el vellocino a Jasón. Pero el que escribió las Naupácticas dice que ella llevó consigo en la huida el vellocino, que estaba en la casa del propio Eetes. (Schol. Ap. Rhod., 4, 87, trad. A. Barnabé Panjares).

Segundo este, aparentemente, Jasão não precisaria vencer de qualquer forma, com ou sem a ajuda de Medeia, a serpente para retirar o vellocino de ouro de uma árvore, já que o objeto era guardado na casa de Eetes e lhe fora entregue por Medeia em sua fuga.

Por fim, o fragmento 10 traz o testemunho de Pausânias:

Existe en Grecia un poema llamado Naupactias. En él se disse que Jasón, después de la muerte de Pelias, se trasladó de Yolco a Corcira, y que Mérmero, el mayor de sus hijos, fue muerto por una leona cuando cazaba en la parte del continente que mira a la isla. Sobre Ferete no se hace ninguna mención.⁴⁹ (Paus., 2, 3, 9, trad. A. Barnabé Panjares).

Segundo a passagem, após a morte de Pélias, Jasão não se dirige a Corinto, mas à ilha de Córira. Não se faz menção ao motivo da morte do rei, nem a Medeia, ainda que se cite um dos filhos do herói, sem referência a quem seria sua mãe. A passagem anterior em Pausânias demonstra que os filhos de Medeia com Jasão se chamariam Mérmero e Feres⁵⁰, de modo que

Κόλχων καί κοιμωμένων δια το βουλεσθαι αυτόν την ναύν έμπρήύαι „δη τότ' — ετάροιβιν". ό δε "Ιδμων συνήκε το γεγονός καί φηβι „φενγέμεναι — μέλαιναν", την δε Μήδειαν την ποδοσοφίαν άκούύασαν άναστασαν συνεξορμήσαι. λέγει δε καί Ηρόδωρος ταύτα.

⁴⁹ *"Επη δε εστιν έν "Ελλησι Ναυπάκτια ονομαζόμενα πεποιήται δε εν αυτοις Ιάσωνα εξ Ιωλκού μετά τον Πελίον θάνατον ές Κόρκυραν μετοιχήσαι, καί οι Μέρμερον μεν τον πρεσβυτερον των παιδων ύπο λεαίνης διαφθαρήναι θηρεύοντα εν τη πέραν ηπέιρω' Φέρητι δε ουδέν έστιν ές μνήμην προσκείμενον. (Paus., 2, 3, 9).*

⁵⁰ *ύπερ ταύτην πεποιήται τήν κρήνην καί τò καλούμενον Ύιδειον, παρὰ δε αυτό μνήμά έστι τοίς Μηδείας παισί: ών όνόματα μέν σφισι Μέρμερος καί Φέρης, καταλιθωθήναι δε ύπό Κορινθίων λέγονται τών δώρων ένεκα ών τη Γλαύκη κομίσαι φασίν αυτούς: (Paus., 2, 3, 6); “[...] Más arriba de esta fuente está el*

se pode inferir que o filho que morre em caçada seria da feiticeira. Entretanto, no fragmento 3, diz-se que Medeia matara seus filhos. Assim, conforme afirma Gouvêa Júnior (2007, p. 74): “[...] perdidas as obras, resta apenas a curiosidade literária alimentadora de suposições.”. Não há menção nas outras versões aqui apresentadas da ida do herói a essa ilha após a morte de Pélias. Além disso, Idmon, normalmente, morre antes de chegar à Cólquida, ao contrário do que ocorre nessa variante (BARNABÉ PANJARES, 1999, p. 271) e na de Eumelo. Talvez pelo caráter das *Naupáticas* no que se refere ao assunto abordado, Jasão aparece, majoritariamente, como uma figura um tanto secundária se comparado a Medeia, assim como ocorre em outras versões, como a de Hesíodo e a de Ovídio.

Píndaro em uma de suas odes⁵¹, a *Pítica IV*, escrita para celebrar a vitória de Arcesilas de Cirene na quadriga, aborda o mito dos argonautas devido ao ensejo dado pela ancestralidade da fundação da cidade, profetizada por Medeia quando esta acompanhava “o lanceiro Jasão”⁵² (Pi., P., 4, 12, trad. C. L. B. Antunes). A partir dessa profecia, Píndaro narra a história de Jasão desde o oráculo a respeito de um homem de uma só sandália dado a Pélias. Em sua versão, Jasão é filho de Éson, rei por direito, mas é criado escondido por Quíron, devido ao temor de que Pélias, que se apossara do reino, lhe fizesse algum mal. Após atingir a juventude, o príncipe retorna para tomar o cetro, mas, para evitar conflitos, ainda oferece uma divisão em que Pélias poderia ficar com os campos e o gado, desde que o cetro passasse para o herói. Pélias, entretanto, argumenta que é necessário retomar o velocino de ouro de modo a apaziguar a alma de Frixo e que, se Jasão o fizesse, o rei lhe daria o que desejava. Jasão parte e, na Cólquida, aprenderá de Afrodite preces e encantos capazes de fazer com que Medeia se esqueça do amor filial e o auxilie em suas provas. Em sua viagem de volta, deixam Eufamo em terra Lâmnia, a partir de quem virá a descendência de Cirene, demonstrando o papel colonizador que a viagem também desempenha.

Nesse poema, há uma caracterização não só física de Jasão, como também comportamental. O herói é descrito como aquele que poderia ter habilidades bélicas ou, pelo

llamado Odeón, y junto a él está el sepulcro de los hijos de Medea; sus nombres son Mérmero y Feres, y se dice que ellos fueron apedreados por los corintios a causa de los regalos que le llevaron a Glauce. [...]” (Paus., 2, 3, 6, trad. M. C. Herrero Ingelmo).

⁵¹ Píndaro também faz breve referência a Jasão na terceira *Nemeia*, informando que o herói fora educado por Quíron, mas sem grandes desenvolvimentos: [...] βαθυμήτα Χείρων τράφε λιθίνω / Ἰάσον’ ἔνδον τέγει, καὶ ἔπειτεν Ἀσκληπίον, / τὸν φαρμάκων δίδαξε μαλακόχειρα νόμον: (Pi., N., 4, 53-55); “[...] Quirón, el de alta prudencia, dentro, en su gruta de piedra / crió a Jasón, y a Asclepio después, / a quien enseñó el uso de remedios con mano suave.” (Pi., N., 4, 53-55, trad. A. Ortega).

⁵² Ἰάσονος αἰχματᾶο (Pi., P., 4, 12).

menos, de caça, apontadas pela presença de suas lanças, assim como apresenta resolução em buscar aquilo a que acredita ter direito:

Logo veio: um homem sublime com duas lanças e com dúplices vestes no corpo – / Uma vestimenta magnésia ajustava-se a seus membros portentosos, / A outra o guardava à intempérie, uma pele de leopardo. / Nem os seus cachos esplêndidos haviam se cortado / Ou perdido, mas, sim, lhe ondulavam nas costas. Testando a sua intrépida / Convicção, foi reto e rápido se pôr em meio a eles / Na ágora de todo cheia.⁵³ (Pi., P., 4, 79-85, trad. C. L. B. Antunes).

Há ainda sua beleza – “Alegrando-se no íntimo por contemplar o filho, / O mais belo entre os homens.”⁵⁴ (Pi., P., 4, 122-123, trad. C. L. B. Antunes) –, e suas habilidades também abrangem àquelas ligadas à oratória, já que suas palavras são gentis⁵⁵, sua voz, suave, seu discurso, doce, e sua fala, prudente: “[...] Jasão, com voz suave, / Destilou o seu discurso doce, assentando / Suas fundações para a fala prudente: [...]”⁵⁶ (Pi., P., 4, 136-138, trad. C. L. B. Antunes). O herói, que é chamado de rei, capitão⁵⁷ e homem forte⁵⁸, tem papel mais ativo na conquista de Medeia, uma vez que Afrodite ou Cupido não intercedem junto à feiticeira, mas a deusa ensina ao herói formas de dobrá-la, sendo Jasão o primeiro a aprender tal encanto relacionado com o ato de prender um pássaro específico a uma roda de maneira a se aproximar do objeto de estima:

[...] porém a senhora de agudas / Flechas, Cípris, cinge o peto variegado às quatro traves. / Preso à roda inescapável, / Traz aquele pássaro da delusão / Por primeiro para os mortais, ensinando o filho de Esão os encantos e as preces / Pra privar Medeia da estima a seus pais, pra que um desejo pela Grécia / Ferva sua mente e a conduza no açoite de Peitó.⁵⁹ (Pi., P., 4, 213-219, trad. C. L. B. Antunes).

⁵³ ἴκετ' αἰχμαῖσιν διδύμαισιν ἀνήρ ἔκπαγλος: ἐσθὰς δ' ἀμφοτέρα νιν ἔχεν, / ἅ τε Μαγνήτων ἐπιχώριος ἀρμόζοισα θαητοῖσι γυίοις, / ἀμφὶ δὲ παρδαλέα στέγετο φρίσσοντας ὄμβρους: / οὐδὲ κομᾶν πλόκαμοι κερθέντες ὥχοντ' ἀγλαοί, / ἀλλ' ἅπαν νῶτον καταίθυσσον. τάχα δ' εὐθύς ἰὼν σφετέρως / ἐστάθη γνώμας ἀταρμύκτοιο πειρώμενος / ἐν ἀγορᾷ πλήθοντος ὄχλου. (Pi., P., 4, 79-85).

⁵⁴ ἄν περὶ ψυχὰν ἐπεὶ γάθησεν ἐξάϊρετον / γόνον ἰδὼν κάλλιστον ἀνδρῶν. (Pi., P., 4, 122-123).

⁵⁵ ἀγανοῖσι λόγοις (Pi., P., 4, 101).

⁵⁶ [...] πραῦν δ' ἰάσων / μαλθακᾷ φωνᾷ ποτιστάζων ὄαρων / βάλλετο κρηπίδα σοφῶν ἐπέων: [...] (Pi., P., 4, 136-138).

⁵⁷ [...] τοῦτ' ἔργον βασιλεύς, / ὅστις ἄρχει ναός [...] (Pi., P., 4, 230-231).

⁵⁸ καρτερόν ἄνδρα (Pi., P., 4, 239).

⁵⁹ [...] πότνια δ' ὀξυτάτων βελέων / ποικίλαν ἰϋγγα τετράκναμον Οὐλυμπόθεν / ἐν ἀλύτῳ ζεύξαισα κύκλω / μαινάδ' ὄρνιν Κυπρογένεια φέρειν / πρῶτον ἀνθρώποισι, λιτάς τ' ἐπαιιδὰς ἐκδιδάσκησεν σοφὸν Αἰσυνίδα: / ὄφρα Μηδείας τοκέων ἀφέλοιτ' αἰδῶ, ποθεινὰ δ' Ἐλλάς αὐτὰν / ἐν φρασί καιομένην δονέοι μάστιγι Πειθοῦς. (Pi., P., 4, 213-219).

Por fim, Píndaro aponta que Jasão mata a serpente por intermédio de habilidades, artifícios (τέχναις; *tékhnais*) (SPENCE, 2011, p. 85): “Com sua astúcia deu um fim à serpe de dorso malhado / e olhos brilhantes, [...]”⁶⁰ (Pi., P., 4, 249-250, trad. C. L. B. Antunes). Quanto a esses artifícios, é possível considerar duas possibilidades: a de que tenham sido dados por Medeia, e a de que tenham sido ensinados por Medeia, mas postos em prática por Jasão que já se mostrara capaz de realizar um feitiço, já que Afrodite o instruíra acerca de um de amor e ele o executara com bons resultados. De qualquer modo, a intervenção de Medeia no episódio se faz presente, já que se coloca sua ajuda a partir do verso 220 (REZENDE SILVA, 2013, p. 42) – “Logo lhe ensina a vencer os testes que fará seu pai”⁶¹ (Pi., P., 4, 220, trad. C. L. B. Antunes).

Já Heródoto coloca o herói, em suas *Histórias*, na narrativa de uma predição ligada à colonização da ilha Fia por Lacedemônio. Essa predição tem relação com a viagem dos argonautas, pois teria sido feita a Jasão após a troca de uma trípole de bronze pela informação, oferecida por Tritão, de qual caminho seguir rumo a Delfos. Não se toca no motivo da viagem, apenas que Jasão mandara construir a nau e partira com sua comitiva rumo a Delfos. Jasão aparece em posição de comando, e sua decisão pela troca teria papel em uma possível colonização grega de determinada região.

CLXXIX — Depois de ter Jasão mandado construir, ao pé do monte Pélion, o navio Argos, colocou nele um tripé de bronze e, embarcando com sua comitiva, fez-se ao mar, dobrando o Peloponeso, tendo em mira atingir Delfos. Ao aproximar-se do promontório Maléia, ergueu-se um forte vento do norte, que o impeliu para a Líbia, vendo-se ele perdido no meio do lago Tritónis, sem saber onde aportar. Não sabia como sair dessa perigosa situação, quando, dizem, um tritão lhe apareceu e lhe pediu o tripé, prometendo-lhe, em troca, indicar-lhe uma rota segura e salvá-lo daquele perigo. Jasão concordou, e o tritão, cumprindo com o que prometera, mostrou-lhe o meio de sair dali. Tomando, em seguida, do tripé, colocou-o no seu próprio templo, e, ali sentando-se, predisse a Jasão e aos seus tudo o que deveria acontecer-lhes. Anunciou-lhes também que, quando algum dos descendentes dele, tritão, se apoderasse do tripé, era absolutamente necessário que os Gregos possuíssem cem cidades às margens do lago Tritónis. Dizem que os Líbios das vizinhanças do lago, sabedores disso, esconderam o tripé.⁶² (Hdt., 4, 179, trad. P. H. Larcher).

⁶⁰ κτεῖνε μὲν γλαυκῶπα τέχναις ποικιλόνωτον ὄφιν, (Pi., P., 4, 249).

⁶¹ καὶ τάχα πείρατ' ἀέθλων δείκνυεν πατρῴων: (Pi., P., 4, 220).

⁶² Ἰήσονα, ἐπεῖτε οἱ ἐξεργάσθη ὑπὸ τῷ Πηλίῳ ἢ Ἀργῶ, ἐσθέμενον ἐς αὐτὴν ἄλλην τε ἑκατόμβην καὶ δὴ καὶ τρίποδα χάλκεον περιπλώειν Πελοπόννησον, βουλόμενον ἐς Δελφοὺς ἀπικέσθαι. καὶ μιν, ὡς πλείοντα γενέσθαι κατὰ Μαλέην, ὑπολαβεῖν ἄνεμον βορέην καὶ ἀποφέρειν πρὸς τὴν Λιβύην: πρὶν δὲ κατιδέσθαι γῆν, ἐν τοῖσι βράχεσι γενέσθαι λίμνης τῆς Τριτωνίδος. καὶ οἱ ἀπορέοντι τὴν ἐξαγωγὴν λόγος ἐστὶ φανῆναι Τρίτωνα καὶ κελεύειν τὸν Ἰήσονα ἐωυτῷ δοῦναι τὸν τρίποδα, φάμενον σφὶ καὶ τὸν πόρον δέξειν καὶ ἀπήμονας ἀποστελέειν. πειθομένου δὲ τοῦ Ἰήσονος, οὕτω δὴ τὸν τε δῖέκπλοον τῶν βραχέων δεικνύναι

Em outra passagem, Heródoto indica a viagem dos argonautas como referência geográfica ao ponto em que Hércules fora abandonado. Aqui, o objetivo da viagem é revelado, assim como os companheiros de Jasão são chamados de argonautas. Os motivos da descida àquele local e do abandono de Hércules são variáveis de acordo com as versões do mito e, ainda que Heródoto não explique o segundo, aponta que a descida de Hércules fora para buscar água.

CXCIII — Amainando o vento e acalmando-se as vagas, os bárbaros reconduziram seus navios para o alto mar e costearam o continente. Depois de dobrarem o promontório de Magnésia, dirigiram-se diretamente ao golfo que leva a Págasia. Foi num ponto desse golfo que, segundo se conta, Jasão e os outros argonautas, que iam a Ea, na Cólquida, em busca do velo de ouro, abandonaram Hércules, que havia descido à terra à procura de água.⁶³ (Hdt., 7, 193, trad. P. H. Larcher).

Eurípidés oferece em sua tragédia, *Medeia*, uma versão dos fatos que ocorrem, segundo a nutriz de Medeia, após o retorno da Cólquida e subsequente exílio da feiticeira e de Jasão devido ao assassinio de Pélias por suas filhas inspiradas pela feiticeira. Em Corinto, Jasão abandona Medeia e se casa com a filha do rei Creon, não nomeada, rebaixando a feiticeira: “[...] pois Jasão / deitou-se com a filha de Creon. / Rebaixa a própria esposa e os descendentes.”⁶⁴ (E., *Med.*, 17-19, trad. T. Vieira). Nessa obra, Medeia aparece como personagem principal, e a história se passa a partir de um ponto de vista próximo a ela, ou seja, todos os outros personagens gravitam à sua volta. Com esse contexto, Jasão é representado de maneira extremamente negativa por ter quebrado os votos que primeiro fizera a Medeia, o que a deixa furiosa e acaba gerando seu novo exílio, junto a seus filhos.

Antes de desenvolver seus planos de vingança, Medeia tem oportunidade de falar com Jasão, que se justifica dizendo que, na verdade, a ajuda prestada a ele lhe foi garantida por Afrodite, e que o novo casamento é a decisão certa a ser feita, uma vez que ele só poderia

τὸν Τρίτωνά σφι καὶ τὸν τρίποδα θεῖναι ἐν τῷ ἔωυτοῦ ἱρῶ, ἐπιθεοπίσαντά τε τῷ τρίποδι καὶ τοῖσι σὺν Ἰήσοι σημήναντα τὸν πάντα λόγον, ὡς ἐπεὰν τὸν τρίποδα κομίσηται τῶν ἐγκόνων τις τῶν ἐν τῇ Ἀργοῖ συμπλεόντων, τότε ἑκατὸν πόλιας οἰκῆσαι περὶ τὴν Τριτωνίδα λίμνην Ἑλληνίδας πᾶσαν εἶναι ἀνάγκην. ταῦτα ἀκούσαντας τοὺς ἐπιχωρίους τῶν Λιβύων κρύψαι τὸν τρίποδα. (Hdt., 4, 179).

⁶³ οἱ δὲ βάρβαροι, ὡς ἐπαύσατό τε ὁ ἄνεμος καὶ τὸ κῦμα ἔστρωτο, κατασπάσαντες τὰς νέας ἔπλεον παρὰ τὴν ἠπειρον, κάμψαντες δὲ τὴν ἄκρην τῆς Μαγνησίης ἰθέαν ἔπλεον ἐς τὸν κόλπον τὸν ἐπὶ Παγασέων φέροντα. ἔστι δὲ χῶρος ἐν τῷ κόλπῳ τούτῳ τῆς Μαγνησίης, ἐνθα λέγεται τὸν Ἡρακλέα καταλειφθῆναι ὑπὸ Ἰήσονος τε καὶ τῶν συνεταίρων ἐκ τῆς Ἀργοῦς ἐπ’ ὕδωρ πεμφθέντα, εὗτ’ ἐπὶ τὸ κῶας ἔπλεον ἐς Αἴαν τὴν Κολχίδα: ἐνθεῦτεν γὰρ ἔμελλον ὑδρευσάμενοι ἐς τὸ πέλαγος ἀφήσειν. (Hdt., 7, 193).

⁶⁴ προδοὺς γὰρ αὐτοῦ τέκνα δεσπότην τ’ ἐμὴν / γάμοις Ἰάσων βασιλικοῖς εὐνάζεται, / γήμας Κρέοντος παῖδ’, ὅς αἰσυμνᾷ χθονός. (E., *Med.*, 17-19).

almejar a isso estando no exílio e sem bens. Afirma ainda que fizera um favor a Medeia retirando-a de um contexto bárbaro e a inserindo em um civilizado, o heleno:

[...] Afirmo alto e bom som: se o barco / não naufragou, foi por querer de Cípris. / Chega de autolouvor! Foi Afrodite! / És sútil, mas te irrita o fato de Eros, / por meio de seus dardos indesviáveis, / ter te forçado a me salvar a pele. / Evitarei minúcias de somenos; / não desmereço teu pequeno auxílio, / mas não comparo ao que me deste o que eu, / salvando-me, te propiciei. Me explico: / teu logradouro é grego, não é bárbaro, / prescindes do uso cru da força bruta, / não ignoras justiça e normas. Gregos, / unânimes, aclamam: ‘Sapientíssima!’. [...] As núpcias régias, / alvo de teus reproches, delas trago / à discussão três pontos: que fui sábio, / que fui sóbrio, que me moveu o amor / de mim e dos meus. Não fiques fula! / Quando aportei aqui provindo de Iolco, / trazendo só percalços na bagagem, / que sonho poderia acalentar / senão casar com a princesa, um êxule?”⁶⁵ (E., *Med.*, 526-554, trad. T. Vieira).

Todo seu discurso serve para enfurecer ainda mais Medeia, que, após o cumprimento de seus desígnios – as mortes de Creon, da princesa e dos filhos que tivera com Jasão –, profetiza a morte do herói pela queda do timão da nau Argo em sua cabeça.

A atitude de Jasão que gera o episódio da tragédia e que é por ele justificada⁶⁶ lhe garante o epíteto, comum em sua representação latina, de inconstante ou leviano (*leuis*), presente em Marcial⁶⁷, e de traidor (*perfidus*), em Ovídio⁶⁸. Na própria tragédia, recebe diferentes adjetivos negativos como: “crápula”⁶⁹ (84), “idólatra de cama infrequentada”⁷⁰ (155-156), “horror de homem”⁷¹ (163), “desmarido desertor de leito”⁷² (207), “pai indigno”

⁶⁵ ἐγὼ δ', ἐπειδὴ καὶ λίαν πυργοῖς χάριν, / Κύπριν νομίζω τῆς ἐμῆς ναυκληρίας / σώτειραν εἶναι θεῶν τε κἀνθρώπων μόνην. / σοὶ δ' ἔστι μὲν νοῦς λεπτὸς — ἀλλ' ἐπίφθονος / λόγος διελθεῖν, ὡς Ἔρωσ σ' ἠνάγκασεν / τόξοις ἀφύκτοις τοῦμὸν ἐκσῶσαι δέμας. / ἀλλ' οὐκ ἀκριβῶς αὐτὸ θήσομαι λίαν: / ὅπη γὰρ οὖν ὤνησας οὐ κακῶς ἔχει. / μείζω γε μέντοι τῆς ἐμῆς σωτηρίας / εἴληφας ἢ δέδωκας, ὡς ἐγὼ φράσω. / πρῶτον μὲν Ἑλλάδ' ἀντὶ βαρβάρου χθονὸς / γαῖαν κατοικεῖς καὶ δίκην ἐπίστασαι / νόμοις τε χρῆσθαι μὴ πρὸς ἰσχύος χάριν: / πάντες δέ σ' ἤσθοντ' οὔσαν Ἑλληνες σοφὴν / καὶ δόξαν ἔσχεσ: εἰ δὲ γῆς ἐπ' ἐσχάτοις / ὄροισιν ὤκεις, οὐκ ἂν ἦν λόγος σέθεν / [...] ἄμιλλαν γὰρ σὺ προύθηκας λόγων. / ἂ δ' ἐς γάμους μοι βασιλικούς ὠνεΐδισας, / ἐν τῷδε δεῖξω πρῶτα μὲν σοφὸς γεγώς, / ἔπειτα σώφρων, εἴτα σοὶ μέγας φίλος / καὶ παισὶ τοῖς ἐμοῖσιν — ἀλλ' ἔχ' ἤσυχος. / ἐπεὶ μετέστην δεῦρ' Ἰωλκίας χθονὸς / πολλὰς ἐφέλκων συμφορὰς ἀμηχάνους, / τί τοῦδ' ἂν εὐρημὶ ἠῦρον εὐτυχέστερον / ἢ παῖδα γῆμαι βασιλέως φυγὰς γεγώς; (E., *Med.*, 526-554).

⁶⁶ Note-se também que, segundo diversas versões, o herói já teria abandonado a rainha Hipsípyle, com que se relacionara e a quem, dependendo da variante, promete o retorno durante a viagem de ida à Cólquida.

⁶⁷ Cf. página 23.

⁶⁸ *Quod Paris et Macareus et quod male gratus Iason* [...] *Tristis ad Hypsipylen ab Iasone littera uenit*; (Ov., *Am.*, 2, 18, 23-33. Grifo nosso). “Do Enone Helena e Cânace / Descrevo o coração / De Ariadna queixas, súplicas / **Ao pérfido Jasão**; [...] Triste notícia Hipsípyle / Do seu Jasão já lê;” (Ov., *Am.*, 2, 18, trad. A. Feliciano de Castilho. Grifo nosso).

⁶⁹ κακός (E., *Med.*, 84).

⁷⁰ εἰ δὲ σὸς πόσις / καινὰ λέχη σεβί- / ζει [...] (E., *Med.*, 155-157).

⁷¹ [...] κατάρατον / πόσιν [...] (E., *Med.*, 163-164).

⁷² προδόταν κακόνυμφον: (E., *Med.*, 207).

(343)⁷³ e “crápula dos crápulas”⁷⁴ (690, trad. T. Vieira). Por motivos óbvios, essa caracterização é mais comum nessa passagem da história de Jasão do que naquela relacionada à viagem.

Teócrito faz uma breve menção a Jasão em seu idílio XIII: “Ora, quando atrás do velo de ouro Jasão, / o filho de Éson, então navegou, o seguiram os príncipes, / de cada cidade dentre os de alguma valia”⁷⁵ (Theoc., *Id.*, 13, 16-18, trad. É. Nogueira). Como o poema é dedicado a contar a história de Hílas e Hércules durante a viagem dos argonautas, a ascendência de Jasão, o prêmio de sua busca e a companhia de outros heróis são as únicas informações dadas a respeito do capitão. Mais breve ainda é a menção no idílio XXII, em cuja primeira parte relata o episódio do pugilato de Polideuces contra o rei Âmico, e Jasão aparece apenas para demarcar a nau Argo, descrita como sua: “Onde muitos, por uma única escada, de um e / outro costado homens desciam da nau de Jasão: [...]”⁷⁶ (Theoc., *Id.*, 22, 30-31, trad. É. Nogueira).

Dosíadas, em seu poema *Altar*, faz menção a Jasão de modo enigmático:

o esposo da mulher vestida de homem / o mortal duas vezes jovem me fez. / Não o filho de Empousa, que está deitado sobre as cinzas / e que foi morto pelo boiadeiro troiano, o filho do cão, / mas o tal bem-amado de Crysa, / quando aquela que cozinha-homens / destruiu o guardião brônzeo, o que sofreu, sem pai, bígamo, / arremessado pela mãe.⁷⁷ (Dosiad., *Ara*, 1-9, trad. J. D. F. Pondian).

Conforme explica Pondian (2011, p. 122-124) apoiando-se em Buffière (1970), a voz em primeira pessoa, no poema, pertence ao próprio altar, localizado na ilha de Lemnos, que informa ter sido construído por Jasão, “duas vezes jovem”⁷⁸ e esposo de Medeia (“mulher vestida de homem”⁷⁹). Dessa forma, aponta-se que o herói teria passado por um processo de rejuvenescimento cujos meios não são apontados claramente no poema, ainda que se adjective

⁷³ πατήρ / οὐδέν προτιμᾷ (E., *Med.*, 342-343).

⁷⁴ κάκιστός ἐστί μοι πάντων πόσις. (E., *Med.*, 690).

⁷⁵ ἀλλ’ ὅτε τὸ χρύσειον ἔπλει μετὰ κῶας Ἰάσων / Αἰσονίδας, οἱ δ’ αὐτῶ ἀριστῆες συνέποντο / πασᾶν ἐκ πολίων προλελεγμένοι ὦν ὄφελός τι, (Theoc., *Id.*, 13, 16-18).

⁷⁶ ἔνθα μιᾶς πολλοὶ κατὰ κλίμακος ἀμφοτέρων ἔξ / τοίχων ἄνδρες ἔβαινον Ἰησονίης ἀπὸ νηός. (Theoc., *Id.*, 12, 30-31).

⁷⁷ Εἰμάρσενός με στήτας / πόσις, μέρος δίσαβος, / τεύξ’, ου σποδεύνας ἰνις Εμπούσας, μόρος / Τεύκροιο βούτα και κυνός τεκνώματος, / Χρύσας δ’ αίτας, άμος εψάνδρα / τον γυιόχαλκον ούρον έρραισεν, / ον απάτωρ δίσευνος / μόγησε ματρόριπτος· / εμόν δε τεύγμ’ αθρήσας (Dosiad., *Ara*, 1-9). Este texto, em seu formato original, pode ser conferido no anexo A.

⁷⁸ δίσαβος (Dosiad., *Ara*, 2).

⁷⁹ Εἰμάρσενός στήτας / πόσις (Dosiad., *Ara*, 1-2).

Medeia de “aquela que cozinha-homens”⁸⁰ e, em outras versões, o cozimento seja o modo pelo qual a feiticeira garante juventude a Éson, na maior parte das vezes, ou Jasão.

Esclarece-se que o construtor do altar não é Aquiles, futuro esposo de Medeia, morto por Páris – este descrito como “filho do cão”⁸¹ (Hécuba) no poema –, mas sim daquele que é amado por Creusa⁸². Além disso, percebe-se que um feito de Medeia – o de derrotar o gigante Talos – é indicado, sem que haja referência a uma participação de Jasão no episódio. Assim, ainda que não se descrevam detalhadamente as ações dos personagens, é possível inferir que Jasão passara por Lemnos, onde construía um altar, depois, se casara com Medeia, rejuvenescera de alguma forma e tivera, posteriormente, outro relacionamento com Creusa. É interessante notar que, de certo modo, todas essas ações estão ligadas a mulheres, já que o herói, provavelmente, tem sua juventude renovada por ação de Medeia, por exemplo, em contrapartida ao que ocorre com a feiticeira, que derrota, sozinha, um gigante de bronze, o que poderia apontar certa passividade do herói.

Lícofron, em sua obra que aborda as visões de Alexandra⁸³ relatadas por um guarda a Príamo, apresenta em diferentes pontos alusões a personagens e episódios relacionados aos argonautas e Medeia; esta principalmente como esposa de Aquiles no Hades⁸⁴. Há também a menção de que Diomedes matara o “drago feaciocida”⁸⁵ (Lyc., 632, trad. T. Vieira), mesmo dragão⁸⁶ que, segundo Vieira (LÍCOFRON, 2017, p. 89), vigiava o velocino na Cólquida e, após acordar e ver-se espoliado, seguira Jasão e Medeia à Grécia.

Em relação a Jasão, especificadamente, existem duas referências. A primeira, quando Menelau procura por sua esposa na ilha de Elba, onde Jasão erigira um templo a Hércules. Nesta passagem, é narrado o episódio do oferecimento de uma cratera a Tritão em troca da informação sobre o caminho a ser tomado e o mesmo vaticínio apresentado em Heródoto. Nesse caso, entretanto, quem toma parte na troca é Medeia e não o herói:

⁸⁰ τον γυιόχαλκον ούρον έρραισεν (Dosiad., Ara, 6).

⁸¹ κυνός τεκνώματος (Dosiad., Ara, 4).

⁸² Χρύσας δ' αίτας (Dosiad., Ara, 5).

⁸³ Filha de Príamo, também chamada, em outras obras, de Cassandra.

⁸⁴ Como em *εύνετην Κυταικής, τής ξεινοβάκκης*, “[...] marido no futuro / da dionisialienígena citaica,” (Lyc., 174-175, trad. T. Vieira) e em *κέλωρ δέ πατρός άρταμος κληθήσεται, / Άχιλλέως δάμαρτος αύτανέπιος*. “Será denominado eunuco carniceiro / do pai, primo germano da mulher de Aquiles.” (Lyc., 797-798, trad. T. Vieira).

⁸⁵ δράκοντα [...] φθείραντα (Lyc., 632).

⁸⁶ O monstro que guarda o velocino de ouro é referido tradicionalmente tanto como dragão quanto como serpente. Ao longo deste trabalho, a segunda opção é mais comum.

e o altar do lobo carniceiro fericlâmide, / que o neto de Creteu, ao amarrar o barco, / edificou ao lado de cinquenta nautas. / [...] Ao filho de Nereu, / Tritão, uma mulher colquídea doa o dom / de uma cratera enorme aurilavrada após / a indicação da rota reta entre recifes / por onde Tífis conduziu o esquife íntegro. / E o deus biforme infantilássio informará / que os gregos hão de ter domínio do país / tão logo o agreste povo líbio retroferte / a um heleno o dom, distando-o de seu lar.⁸⁷ (Lyc., 871-894, trad. T. Vieira).

A segunda referência ocorre quando são narradas as constantes e intercaladas animosidades entre Europa e Ásia, e Jasão é posto na segunda vingança contra a Ásia⁸⁸, praticada pela tomada do velocino e de Medeia. Lícofron dá a entender que, após cumprir as provas para obter o velocino – em que teria um papel ativo, já que ele além de arar os campos com os touros de fogo, faz com que a serpente adormeça utilizando filtros –, o herói teria se feito cozer, segundo Vieira (LÍCOFRON, 2017, p. 159), para manter sua juventude. De todas as versões aqui apresentadas, essa é a única em que esse episódio de seu cozimento ocorre de modo claro:

E na segunda vez mandaram lobos de Átrace / roubarem, com o general semicalçado, / o velocino olhado pelo vigildrago. / Recém-chegado à líbica Cíteia, à hidra / quadrinasa o chefe adormeceu com filtros / e soergueu o arado com os bois ignívomos / e fez cozer o corpanzil num caldeirão. / O velo do carneiro não pegou sorrindo, / mas transportou consigo a gralha autoinvitada, / a fraticida filhida. A embarcou / sobre a pega loquaz, que propagava um som / de voz humana do caiônio lenho, guia / extremamente experiente em derroteiros.⁸⁹ (Lyc., 1309-1321, trad. T. Vieira).

Nesse trecho, os adjetivos de Medeia, fraticida e filhida⁹⁰, dão ideia do desenrolar da história, de maneira que, nessa versão, seria a própria feiticeira que assassinará Absirto. Ademais, provavelmente, Jasão a abandonaria no futuro, o que ocasionaria o assassinio dos filhos do casal.

⁸⁷ *καὶ θηροχλαίνου σηκὸν ὠμηστοῦ λύκου, / ὄν Κρηθέως ἄμναμος ὀρμίσας σκάφος / ἔδειμε πεντήκοντα σὺν ναυηγέταις. / [...] τῶ δὲ Νηρέως γόνω / Τρίτωνι Κολχίς ὤπασεν δάνος γυνή / χρυσῶ πλατύν κρατῆρα κεκροτημένον, / δείξαντι πλωτὴν οἶμον, ἧ διὰ στενῶν / μύρμων ἐνήσει Τίφυς ἄθραυστον σκάφος. / Γραικοῦς δὲ χώρας τουτάκις λαβεῖν κράτη / θαλασσόπαις δίμορφος αὐδάζει θεός, / ὅταν παλίμπουν δῶρον ἄγραυλος λεῶς / Ἑλλήν' ὀρέξῃ νοσφίσας πάτρας Λίβυς.* (Lyc., 871-894).

⁸⁸ Segundo Vieira (LÍCOFRON, 2017, p. 157-159), os raptos decorrentes dessa animosidade seriam o de Io pelos fenícios, o de Europa pelos cretenses, o de Medeia por Jasão e o de Helena por Páris.

⁸⁹ *καὶ δευτέρους ἐπεμψαν Ἄτρακας λύκους / ταγῶ μονοκρήπιδι κλέψοντας νάκην, / δρακοντοφρούροις ἐσκεπασμένην σκοπαῖς. / ὅς εἰς Κύταιαν τὴν Λιβυστικὴν μολῶν, / καὶ τὸν τετράπνην ὕδρον εὐνάσας θρόνοις, / καὶ γυρὰ ταύρων βαστάσας πυριπνῶν / ἄροτρα, καὶ λέβητι δαιτρευθεὶς δέμας, / οὐκ ἀσμένως ἔμαρψεν ἐρράου σκύλος, / ἀλλ' αὐτόκλητον ἀρπάσας κεραῖδα, / τὴν γνωτοφόντιν καὶ τέκνων ἀλάστορα, / εἰς τὴν ἀλάθηρον κίσσαν ἡρματίξατο, / φθογγὴν ἐδώλων Χαονιτικῶν ἄπο / βροτησίαν ἰεῖσαν, ἔμπαιον δρόμων.* (Lyc., 1309-1321).

⁹⁰ *τὴν γνωτοφόντιν καὶ τέκνων ἀλάστορα,* (Lyc., 1318).

Nessas duas passagens de *Alexandra*, Jasão é descrito como neto de Creteu⁹¹; o general⁹²; há uma alusão à profecia sobre o homem de uma só sandália – já que é adjetivado como semicalçado⁹³ –; e ele, também, é um dos perpetuadores dos ataques da Europa à Ásia que levam ao rapto de uma mulher. Além disso, o herói não só cumpre as provas impostas, como passa por algum tipo de transformação mágica, que envolveria sua morte e vivificação⁹⁴, processo que, normalmente, em outros autores, está atrelado a seu pai. É interessante notar que, nas versões literárias aqui abordadas, Jasão é rejuvenescido apenas em Dosíadas e Lícofron, e, ainda que se tenha a possibilidade de que haja representações iconográficas do cozimento do herói⁹⁵, este só aparece com clareza no segundo⁹⁶.

Na versão de Diodoro, exposta em sua *Biblioteca Histórica*, Jasão é sobrinho de Pélias, rei por direito de Iolco, mas que, por não ter filhos⁹⁷, teme o irmão, Éson, e seu sobrinho⁹⁸. O herói, que se destaca dos outros de sua idade – “*Al destacar entre los de su edad por su fuerza física y por la brillantez de su espíritu, sintió el deseo de realizar algún hecho*

⁹¹ Κρηθέως ἄμναμος (Lyc., 872).

⁹² ταγῶ (Lyc., 1310).

⁹³ μονοκρήπιδι (Lyc., 1310).

⁹⁴ Há indícios da existência de uma versão de outra possível experiência próxima à morte sofrida por Jasão antes de tomar o velocino de ouro. Nessa, o herói seria engolido e regurgitado pela serpente que guarda o prêmio exigido por Pélias. Entretanto, não há um registro literário dessa variante nas versões disponíveis contemporaneamente, estando representada apenas pictoricamente, a mais detalhada em uma κύλιξ – *LIMC* “Iason” 32 – atribuída a Douris e produzida por volta de 480-470 a.C. (MACKIE, 2001, p. 10). Nessa, é possível conferir, à esquerda do espectador, Jasão quase inteiramente dentro da boca da serpente, sendo observado por Atena, à direita. O velocino aparece ao fundo, mais centralizado, ainda pendurado em sua árvore (ATTIC..., 20--). Para Mackie (2001, p. 11) esse tipo de representação faz sentido já que outros heróis, como Teseu, Hércules e Odisseu, também passam por episódios de confinamento e libertação de lugares escuros e perigosos (respectivamente, o labirinto de Minotauro, o Hades e a caverna de Polifemo), o que tem caráter iniciático em suas transições heroicas. Em contrapartida, Spence (2011, p. 89), contestando Mackie (2010), indica que não há evidência de que Jasão tenha sido, de fato, inteiramente engolido pela serpente. Como demonstra o autor em seu livro *The image of Jason in early greek myth*, existem outras representações iconográficas em que o herói aparece parcialmente na boca da serpente – na ordem em que estão no livro, além da já citada, *LIMC* “Iason” 30, 31, 77, 35, 34 e 33 (no anexo B, podem ser observadas *LIMC* “Iason” 32, 30, 77, 34 e 33). De qualquer forma, é interessante apontar que, em nenhuma dessas representações, Medeia aparece.

⁹⁵ Cf. anexo C. Essas representações, como aponta Spence (2011, p. 121-125), podem ser debatidas já que apresentam um jovem em um caldeirão, que poderia ser tanto Jasão quanto Éson após o processo mágico (cf. figuras 11 e 13 – *LIMC* “Iason” 63 e *LIMC* “Iason” 64, respectivamente). Nas pinturas em que Jasão aparece nomeado, o herói está próximo ao caldeirão e não dentro (por exemplo, cf. figura 14 – *LIMC* “Iason” 62), cf. anexo D.

⁹⁶ Spence (2011, p. 121) indica que Ferécides e Simônides poderiam também ter feito alusão a esse episódio, porém ressalta, citando Gantz, que a escrita entre *Iason* e *Aison* é muito próxima, o que poderia gerar um erro por parte dos escoliastas.

⁹⁷ Embora, nesta passagem, Diodoro trabalhe com a ideia de que Pélias não teria um filho homem, no retorno de Jasão, após o assassinio do rei, o herói dá o reino a Acasto por ser seu direito já que é filho de Pélias.

⁹⁸ αὐτὸν μὲν γὰρ ἐκ φύσεως ἐστερηῆσθαι παιδῶν ἀρρένων, τὸν δ' ἀδελφὸν εὐλαβεῖσθαι μήποτε συνεργὸν ἔχων τὸν υἱὸν ἐπίθηται τῇ βασιλείᾳ. (D. S., 4, 40, 1) “Él mismo, en efecto, se había visto privado por la naturaleza de hijos varones y estaba en guardia para que su hermano, con la colaboración de su hijo, no atentara nunca contra el reino.” (D. S., 4, 40, 3, trad. J. J. Torres Esbarranch).

digno de recuerdo.”⁹⁹ (D. S., 4, 40, 1, trad. J. J. Torres Esbarranch) –, deseja a mesma glória que aqueles antes dele, como Perseu, obtiveram, ao que seu tio anui como uma forma velada de se livrar dele.

Embora a ideia da viagem tenha partido de Jasão e ele tenha selecionado os cinquenta e quatro heróis que o acompanhariam, a posição de capitão é dada a Hércules, por reconhecimento de seu valor: “*Una vez que se hubieron reunido los jefes, eligieron como su general a Heracles, a quien otorgan la preeminencia en consideración a su valor.*”¹⁰⁰ (D. S., 4, 41, 3, trad. J. J. Torres Esbarranch). De todas as versões aqui apontadas, esta é a única em que isso acontece. De qualquer forma, é interessante considerar que enquanto Jasão está iniciando sua busca por glória, Hércules é aquele que já tem renome o suficiente para que os maiores heróis da Grécia o reconheçam.

Ao longo da narrativa da viagem, Jasão não aparece, sendo Hércules que desempenha papel principal nos episódios relacionados a Hesíone e a Fineu¹⁰¹. Além disso, não há um enamoramento de Medeia por Jasão. De certa forma, esse enamoramento não é necessário nessa versão, uma vez que Medeia já tinha o costume de ajudar os estrangeiros que ali chegavam, embora o herói jure levá-la consigo e casar-se com ela. Como Diodoro oferece explicações racionalizadas para os elementos das provas comumente enfrentadas por Jasão na Cólquida, o herói não tem uma atuação destacada nem mesmo nesse ponto, uma vez que todos os heróis contribuem para a obtenção do velocino:

Asimismo rodeó el santuario con una muralla y puso un gran número de centinelas, escogidos entre los hombres de la Táurica, y por causa de todo ello entre los griegos se forjaron mitos monstruosos al respecto. Se propagó, por ejemplo, el rumor de que en torno al santuario había toros (taúroi) de aliento de fuego y de que un dragón (drákōn) insomne vigilaba el Velocino. La homonimia ha permitido la conversión de los tauros en los poderosos bóvidos y, a partir de la crueldad mostrada en el asesinato de los extranjeros, se ha forjado el mito de los toros de aliento de fuego. De modo semejante, al guarda del santuario, llamado Dracón (Drákōn), los poetas lo

⁹⁹ [...] ῥώμη δὲ σώματος καὶ ψυχῆς λαμπρότητι διενέγκαντα τῶν ἡλικιωτῶν ἐπιθυμῆσαι τι πρᾶξαι μνήμης ἄξιον. (D. S., 4, 40, 1).

¹⁰⁰ [...] τοὺς δ’ οὖν ἀριστεῖς συνελθόντας ἐλέσθαι σφῶν αὐτῶν στρατηγὸν Ἡρακλέα, προκρίναντας κατ’ ἀνδρείαν. (D. S., 4, 41, 3).

¹⁰¹ A versão do episódio de Fineu em Diodoro é diferente das demais e as Fúrias não aparecem. Fineu é morto por Hércules – que luta como ninguém (D. S., 4, 44, 3) – devido a suas ações para com os filhos e a esposa do primeiro casamento. Conforme afirma o próprio Diodoro: καθόλου δὲ τοὺς παλαιούς μύθους οὐχ ἀπλῆν οὐδὲ συμπεφωνημένην ἱστορίαν ἔχειν συμβέβηκε: διόπερ οὐ χρὴ θαυμάζειν, ἐάν τινα τῶν ἀρχαιολογουμένων μὴ συμφώνως ἅπασι τοῖς ποιηταῖς καὶ συγγραφεῦσι συγκρίνωμεν.; “*Por regla general, nos encontramos con que los mitos antiguos no nos dan una historia única y unánime. Por esto no hay que asombrarse si, cuando componemos algunos relatos referentes a los tiempos antiguos, no coincidimos con todos los poetas e historiadores.*” (D. S., 4, 44, 5-6, trad. J. J. Torres Esbarranch).

*han transformado en el monstruoso y aterrador animal.*¹⁰² (D. S., 4, 47, 2-3, trad. J. J. Torres Esbarranch).

Dessa forma, Jasão aparece com papel um tanto secundário na narrativa em que comumente é o protagonista. O herói irá ter uma posição mais ativa após a vingança orquestrada por Medeia contra Pélias pelo assassinato da família de Jasão e a tomada da cidade de Iolco pelos argonautas. Ali, mostra-se piedoso em relação às filhas de Pélias que, por um engodo, mataram seu pai, e demonstra para o povo que agiria com magnanimidade, dando o reino a Acasto de quem era direito. Sua partida para Corinto se dá, então, voluntariamente e não por exílio, uma vez que suas ações são justificadas:

*Jasón prometió en general a todos sus parientes que se comportaría con clemencia y magnanimidad, y reunió al pueblo en asamblea. Se defendió respecto a lo que había hecho y explicó que se había vengado de quienes habían cometido injusticia primero, y que el desquite que se había tomado era inferior a su propia desventura; luego confió a Acasto, el hijo de Pelias, el reino de sus antepasados, y considero que era justo que él mismo tomara bajo su cuidado a las hijas del rey. Y cumplió, dicen, finalmente su promesa, puesto que al cabo de un tiempo las casó a todas con hombres muy ilustres.*¹⁰³ (D. S., 4, 53, 1-2, trad. J. J. Torres Esbarranch).

Após dez anos em Corinto, quando a beleza de Medeia se desbotava, Jasão volta suas atenções para Glauce e, ao não conseguir convencer Medeia de abrir mão de sua relação, quebra o juramento que fizera a ela: “*Pero, al enfurecerse la mujer y poner por testigos a los dioses que habían presidido sus juramentos, dicen que Jasón despreció los juramentos y se casó con la hija del rey.*”¹⁰⁴ (D. S., 4, 54, 4-5, trad. J. J. Torres Esbarranch). Isso gera a vingança de Medeia que incendeia o palácio, matando Glauce e Creonte, e assassina dois dos três filhos que tivera com Jasão¹⁰⁵. Esse fato leva o herói ao suicídio: “*Entre tanto, Jasón*

¹⁰² περιβαλεῖν δὲ καὶ τῶν τεμένει τεῖχος καὶ φύλακας πολλοὺς ἐπιστῆσαι τῶν ἐκ τῆς Ταυρικῆς: ἀφ’ ὧν καὶ τερατώδεις παρὰ τοῖς Ἑλλήσι πλασθῆναι μύθους. διαβεβοῆσθαι γὰρ ὅτι πυρίπνοοι ταῦροι περὶ τὸ τέμενος ὑπῆρχον, δράκων δ’ ἄυπνος ἐτήρει τὸ δέρος, ἀπὸ μὲν τῶν Ταύρων μετενεχθείσης τῆς ὁμωνυμίας ἐπὶ τὴν τῶν βοῶν ἰσχύν, ἀπὸ δὲ τῆς κατὰ τὴν ξενοκτονίαν ὠμότητος πυρπνεῖν τοὺς ταύρους μυθολογηθέντος: παραπλησίως δὲ τοῦ τηροῦντος τὸ τέμενος Δράκοντος ὀνομαζομένου, μετενηνοχῆναι τοὺς ποιητὰς ἐπὶ τὸ τερατώδες καὶ καταπληκτικὸν τοῦ ζώου. (D. S., 4, 47, 2-3).

¹⁰³ καθόλου δὲ πᾶσι τοῖς συγγενέσιν ἐπαγγελιάμενον ἐπιεικῶς καὶ μεγαλοψύχως προσενεχθήσεσθαι, συναγαγεῖν εἰς ἐκκλησίαν τὰ πλήθη. ἀπολογησάμενον δὲ περὶ τῶν πεπραγμένων, καὶ διδάξαντα διότι τοὺς προαδικήσαντας ἠμύνατο, τιμωρίαν ἐλάττονα λαβῶν ὧν αὐτὸς πέπονθεν, Ἀκάστῳ μὲν τῶν Πελίου τὴν πατρῶαν βασιλείαν παραδοῦναι, τῶν δὲ τοῦ βασιλέως θυγατέρων ἀξιῶσαι αὐτὸν φροντίδα ποιήσεσθαι. καὶ πέρας συντελέσαι τὴν ὑπόσχεσιν αὐτὸν φασὶ μετὰ τινα χρόνον συνοικίσαντα πάσας τοῖς ἐπιφανεστάτοις. (D. S., 4, 53, 1-2).

¹⁰⁴ ἀγανακτούσης δὲ τῆς γυναικὸς καὶ θεοὺς μαρτυρομένης τοὺς ἐπόπτας γενομένους τῶν ὄρκων, φασὶ τὸν Ἰάσονα καταφρονήσαντα τῶν ὄρκων γῆμαι τὴν τοῦ βασιλέως θυγατέρα. (D. S., 4, 54, 4-5).

¹⁰⁵ τὴν δὲ Μηδῆϊαν ἐπιτυχοῦσαν τοῖς πρώτοις ἐγχειρήμασιν οὐκ ἀποστήναι τῆς Ἰάσονος τιμωρίας. ἐπὶ τοσοῦτο γὰρ προελθεῖν αὐτὴν ὀργῆς ἅμα καὶ ζήλοτυπίας, ἔτι δ’ ὠμότητος, ὥστ’ ἐπεὶ διέφυγε τὸν μετὰ

*había sufrido un justo castigo con la pérdida de sus hijos y de su mujer; por esto, no pudiendo soportar el peso de su desventura, puso fin a su vida.*¹⁰⁶ (D. S., 4, 55, 1, trad. J. J. Torres Esbarranch).

Jasão será citado novamente por Diodoro no Livro V (5, 49, 6), de modo breve, quando o coloca como um dos participantes nos ritos iniciáticos frígios, que davam êxito às aventuras dos grandes heróis iniciados, tornando-os melhores em todos os aspectos.

Apesar de o mito dos argonautas estar fortemente vinculado a Jasão, Diodoro oferece uma versão em que o herói aparece de maneira mais apagada e seu caráter é volúvel, como em outras versões: se é magnânimo para com aqueles em Iolco, se mostra inconstante em relação a Medeia, a quem fizera um juramento após ela ter aceitado ajudar a ele e aos outros argonautas, sendo que não há exatamente uma barganha, já que o herói parece fazer o juramento por própria vontade, sem que haja uma necessidade vital desse para a obtenção do velocino:

*Así, dado que sus intereses parecían comunes, Medea prometió colaborar con ellos hasta que hubieran llevado a término el trabajo que se habían fijado, y Jasón se comprometió bajo juramento a casarse con ella y a tenerla como compañera durante toda su vida.*¹⁰⁷ (D. S., 4, 46, 4-5, trad. J. J. Torres Esbarranch).

Episódios que poderiam oferecer destaque ao herói não são abordados por Diodoro, como a parada em Lemnos, ou têm versões diversas, como as provas na Cólquida. Apesar de sua descrição inicial de um herói movido pela busca por glória, essa é a variante menos ativa do herói. Vale ressaltar, também, que essa é a única versão aqui apresentada em que fica claro

τῆς νύμφης κίνδυνον, τῇ σφαγῇ τῶν κοινῶν τέκνων ἐμβαλεῖν αὐτὸν εἰς τὰς μεγίστας συμφοράς: πλὴν γὰρ ἑνὸς τοῦ διαφυγόντος τοὺς ἄλλους υἱοὺς ἀποσφάζει καὶ τὰ σώματα τούτων ἐν τῷ τῆς Ἥρας τεμένει θάψαι καὶ μετὰ τῶν πιστοτάτων θεραπεινίδων ἔτι νυκτὸς μέσης φυγεῖν ἐκ τῆς Κορίνθου, καὶ διεκπεσεῖν εἰς Θήβας πρὸς Ἡρακλέα: τοῦτον γὰρ μεσίτην γεγονότα τῶν ὁμολογιῶν ἐν Κόλχοις ἐπηγγέλθαι βοηθήσειν αὐτῇ παρασπονδουμένη. (D. S., 4, 54, 7). “A pesar del éxito obtenido en sus primeras acciones [a morte de Glauce e Creonte], Medea no renunció a vengarse de Jasón. Había llegado a tal grado de cólera y a la vez de celos, y también de crueldad, que, dado que él se había librado del peligro que debía correr junto a su esposa, decidió precipitarle en la más terrible de las desgracias degollando a los hijos que habían tenido juntos. Salvo a uno, que consiguió huir, a los otros los degolló, y a continuación, con sus sirvientas más fieles, en medio de la noche todavía, huyó de Corinto y se refugió en Tebas junto a Heracles, puesto que, cuando éste había hecho de mediador en los compromisos contraídos en la Cólquide, había prometido que acudiría en su auxilio si se veía traicionada en la fe jurada.” (D. S., 4, 54, 7, trad. J. J. Torres Esbarranch).

¹⁰⁶ ἐν τοσοῦτῳ δὲ τὸν μὲν Ἰάσονα στερηθέντα τέκνων καὶ γυναικὸς δόξαι πᾶσι δίκαια πεπονθέναι: διὸ καὶ μὴ δυνάμενον ἐνεγκεῖν τὸ μέγεθος τῆς συμφορᾶς ἐκ τοῦ ζῆν ἑαυτὸν μεταστῆσαι. (D. S., 4, 55, 1).

¹⁰⁷ κοινῶν δὲ τοῦ συμφέροντος φανέντος, τὴν μὲν Μηδείαν ἐπαγγείλασθαι συνεργήσειν αὐτοῖς μέχρι ἂν συντελέσωσι τὸν προκείμενον ἄθλον, τὸν δ' Ἰάσονα διὰ τῶν ὄρκων δοῦναι πίστει ὅτι γήμας αὐτὴν ἔξει σύμβιον ἅπαντα τὸν τοῦ ζῆν χρόνον. (D. S., 4, 46, 4-5).

que Hércules não só chega à Cólquida, mas ainda retorna junto aos heróis a Iolco, tendo papel ativo até mesmo no que concerne ao futuro de Medeia após os assassinatos em Corinto¹⁰⁸.

Passando a outro autor, o primeiro episódio em que Apolodoro insere Jasão, em sua *Biblioteca*, ocorre no livro I, em que é colocado em meio à história da morte de Meleagro como um dos caçadores do javali de Cálidon. Poucas informações são oferecidas a respeito do herói – Jasão é o décimo primeiro herói a ser nomeado e, assim como os outros heróis, traz, junto a seu nome, os de seu pai e da cidade a que pertence¹⁰⁹ – e ele não desempenha papel digno de nota no episódio.

Mesmo durante a narrativa sobre a Argonáutica, no mesmo livro, Jasão não aparece como figura destacada em grande parte dos episódios, como ocorre quando param na Bebrícia e o rei Ámico desafia o mais valente dos heróis, quem se candidata é Polideuces, e Jasão nem é citado. Sua atuação se faz presente no início, antes da viagem, quando chega sem a sandália a um banquete, após atravessar um rio no qual o calçado ficara preso. Mais uma vez, Pélias soubera de um oráculo que o advertia contra o homem de apenas uma sandália. Chegando-se a Jasão, pergunta-lhe o que faria em seu lugar se um cidadão o ameaçasse, e o herói responde que o enviaria em busca do velocino de ouro, prova que, ignorante, acaba se autoimpondo já que o rei lhe envia à Cólquida com esse objetivo. Nesta versão, entretanto, Jasão não busca o cetro e não há menção clara a um parentesco entre Pélias e Éson. Além disso, o herói é caracterizado como sendo afeiçoado à agricultura¹¹⁰, traço que só aparece nessa versão das aqui apresentadas.

De Éson, filho de Creteu, e de Polimede, filha de Autólico, nasceu Jasão. Esse morava em Iolco, onde Pélias reinou depois de Creteu. [...] Jasão, que por ser afeiçoado à agricultura vivia então nos campos, apressou-se a ir ao sacrifício, mas ao atravessar o rio Ánauron, saiu dele apenas com uma sandália, tendo perdido a outra na correnteza. Assim que o avistou, Pélias compreendeu o oráculo e, aproximando-se de Jasão, perguntou-lhe o que faria se tivesse o poder e lhe fosse predito por um oráculo que seria assassinado por um dos cidadãos. E Jasão, quer por lhe ter assim ocorrido, quer devido à cólera de Hera – para que Medeia viesse como uma desgraça para Pélias – lhe respondeu: “eu ordenaria que ele me trouxesse o velo de ouro”. Assim que Pélias ouviu sua resposta, ordenou-lhe que partisse imediatamente à procura do velo. Esse estava na Cólquida, pendurado em

¹⁰⁸ Cf. nota 105.

¹⁰⁹ [...] Ἰάσων Αἴσονος ἐξ Ἰωλκοῦ, [...] (Apolod., *Bibl.*, 1, 8.2); “[...] Jasão, filho Éson, de Iolco; [...]” (Apolod., *Bibl.*, 1, 8.2, trad. L. A. M. Cabral).

¹¹⁰ πόθῳ γεωργίας (Apolod., *Bibl.*, 1, 9.16).

um carvalho do bosque de Ares e era guardado por uma serpente que jamais dormia.¹¹¹ (Apollod., *Bibl.*, 1, 9.16, trad. L. A. M. Cabral).

Perceba-se que não há uma posição de afeto de Hera em relação a Jasão, apenas ódio a Pélias. A companhia de Jasão se justifica pela condição do oráculo para o sucesso da viagem ser a reunião dos melhores heróis da Grécia, e Jasão assume o comando da nau. Em Lemnos, gera dois filhos, nomeados, nessa versão, de Euneu e Nebrófono. Já na Cólquida, ao pedir o velocino a Eetes, tem impostas as provas dos touros e da sementeira, e, enquanto pensa em uma solução, Medeia se apaixona por ele e lhe oferece ajuda desde que ele lhe jurasse casamento e que a levaria da Cólquida para Grécia. O herói concorda com as condições e supera as provas.

Mesmo com o cumprimento das provas, Eetes não dá o velocino de ouro a Jasão, porém, Medeia intervém, garantindo o prêmio ao herói ao colocar a serpente que o guarda para dormir. Os heróis partem da Cólquida, e Jasão é casado com Medeia por Arete, rainha dos feaces. Chegando a Iolco e percebendo que Pélias fora a causa da morte de toda sua família, Jasão pede a Medeia uma forma de se vingar, o que lhe é garantido e leva à sua expulsão junto a Medeia por Acasto: “Tendo navegado pelo Istmo com os heróis, Jasão consagrou a nau a Posídon, e em seguida pediu a Medeia que lhe encontrasse um meio para punir Pélias.”¹¹² (Apollod., *Bibl.*, 1, 9.27, trad. L. A. M. Cabral).

Em Corinto, vive feliz com a feiticeira por dez anos, até que se casa com Glauce, filha do rei, abandonando Medeia, decisão que acarreta o assassinio da princesa, do rei e dos filhos de Jasão. Não é oferecido em Apolodoro, que em diferentes momentos aponta versões diversas da história que narra a partir de vários autores¹¹³, um desenlace do que ocorre a Jasão após esses eventos.

¹¹¹ Αἴσιονος δὲ τοῦ Κρηθέως καὶ Πολυμήδης τῆς Αὐτολύκου Ἰάσων. οὗτος ᾤκει ἐν Ἰωλκῶ, τῆς δὲ Ἰωλκοῦ Πελίας ἐβασίλευσε μετὰ Κρηθέα, [...] ὁ δὲ πόθῳ γεωργίας ἐν τοῖς χωρίοις διατελῶν ἔσπευσεν ἐπὶ τὴν θυσίαν: διαβαίνων δὲ ποταμὸν Ἄναυρον ἐξῆλθε μονοσάνδαλος, τὸ ἕτερον ἀπολέσας ἐν τῷ ρεῖθρῳ πέδιλον. θεασάμενος δὲ Πελίας αὐτὸν καὶ τὸν χρησμὸν συμβαλὼν ἠρώτα προσελθῶν, τί ἂν ἐποίησεν ἐξουσίαν ἔχων, εἰ λόγιον ἦν αὐτῷ πρὸς τινος φονευθῆσθαι τῶν πολιτῶν. ὁ δὲ, εἴτε ἐπελθὼν ἄλλως, εἴτε διὰ μῆνιν Ἦρας, ἴν' ἔλθοι κακὸν Μήδεια Πελία (τὴν γὰρ Ἦραν οὐκ ἐτίμα), ‘τὸ χρυσόμαλλον δέρας’ ἔφη ‘προσέταττον ἂν φέρειν αὐτῷ.’ τοῦτο Πελίας ἀκούσας εὐθύς ἐπὶ τὸ δέρας ἐλθεῖν ἐκέλευσεν αὐτόν. τοῦτο δὲ ἐν Κόλχοις ἦν ἐν Ἄρεος ἄλσει κρεμάμενον ἐκ δρυός, ἐφρουρεῖτο δὲ ὑπὸ δράκοντος ἀύπνου. (Apollod., *Bibl.*, 1, 9.16).

¹¹² καὶ τότε μὲν εἰς Ἰσθμὸν μετὰ τῶν ἀριστέων πλεύσας ἀνέθηκε τὴν ναῦν Ποσειδῶνι, αὐτὴς δὲ Μήδειαν παρακαλεῖ ζητεῖν ὅπως Πελίας αὐτῷ δίκας ὑπόσχη. (Apollod., *Bibl.*, 1, 9.27).

¹¹³ Como em: Ἡρόδωρος δὲ αὐτὸν οὐδὲ τὴν ἀρχὴν φησι πλεῦσαι τότε, ἀλλὰ παρ' Ὀμφάλῃ δουλεύειν. Φερεκύδης δὲ αὐτὸν ἐν Ἀφεταιῖς τῆς Θεσσαλίας ἀπολειφθῆναι λέγει, τῆς Ἀργοῦς φθεγξαμένης μὴ δύνασθαι φέρειν τὸ τοῦτου βάρος. Δημάρατος δὲ αὐτὸν εἰς Κόλχους πεπλευκότα παρέδωκε: Διονύσιος μὲν γὰρ αὐτὸν καὶ ἡγεμόνα φησὶ τῶν Ἀργοναυτῶν γενέσθαι. (Apollod., *Bibl.*, 1, 9.19). “Herodoro afirma que Hércules não havia navegado desde o início, mas que servia como escravo na corte de Ônfale. Ferécides, por sua

De qualquer forma, na *Biblioteca*, Jasão não é um personagem ativo no sentido de ser capaz de realizar feitos. Seu envio à Cólquida é uma ocorrência do acaso, talvez inspirado pelo ódio de Hera a Pélias, e não por seu valor, e não há uma caracterização marcante como em Píndaro que narra a história com muito menos detalhe. Perceba-se que mesmo a vingança pela morte de seus pais e irmão é orquestrada inteiramente por Medeia, por pedido do herói.

2.2 Os latinos

As versões latinas a respeito das histórias de Jasão que chegaram aos dias atuais são menos numerosas. Da *Medeia* de Ênio, há três falas do herói, em uma das quais acusa Medeia de tê-lo salvado por amor e não por honra¹¹⁴, enquanto da *Medeia ou Argonautas* de Lúcio Ácio, quatro, em que, possivelmente, discute com a feiticeira¹¹⁵. Varrão Atacino traduziu a *Argonáutica* de Apolônio de Rodes para o latim, contudo, infelizmente, a obra perdeu-se quase completamente. Dos fragmentos presentes nas edições de Baehrens (1886), Blänsdorf (2011), Courtney (2003) e Hollis (2007), nenhum parece se referir diretamente a Jasão¹¹⁶. Ainda que Catulo tenha tratado do tema em seu *carmen* 64, nenhuma alusão é feita ao herói. Já Plínio, o Velho, faz menção ao herói no livro VII de sua *História Natural* (2003), transmitindo apenas que “Filostéfano é autor de que Jasão foi o primeiro a navegar em um barco grande [...]”¹¹⁷ (Plin., *N.*, 7, 207, tradução nossa). Aponta-se assim a ideia difundida de que Jasão teria sido o primeiro a navegar em uma nau, sem muito desenvolvimento acerca do personagem em si.

Dentre as versões mais longas e detalhadas, Higino, assim como outros autores aqui citados, também faz indicações explícitas de seu conhecimento de outras versões¹¹⁸. O autor menciona Jasão em diferentes passagens de suas *Fábulas*. A primeira, na história de Frixo,

vez, diz que ele foi deixado em Afetes, na Tessália, quando a nau Argo anunciou, com voz humana, que não podia suportar o peso dele. Já Demarato recorda que Hércules havia navegado para a Cólquida, ao passo que Dionísio afirma que ele também havia sido o comandante dos Argonautas.” (Apollod., *Bibl.*, 1, 9.19, trad. L. A. M. Cabral).

¹¹⁴ 14. *Fructus uerborum aures aucupant.* (Enn., *Med.*, 14). “14. **Jasão:** Mais por amor que honra, me salvaste.” (Enn., *Med.*, 14, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

¹¹⁵ A inferência ocorre a partir do fragmento 9: *Principio extispicium ex prodigijs congruens ars te arguit.* (Luc. A.). “9. **Jasão:** Desde o princípio, atribuem-te a arte dos prodígios e da inspeção das vísceras.” (Luc. A., trad. M. M. Gouvêa Júnior).

¹¹⁶ É possível que o fragmento numerado neste trabalho como 8 tenha Jasão como sujeito, porém o herói não é nomeado ou adjetivado de qualquer modo, e a localização desse fragmento nesta obra de Varrão Atacino é discutível, cf. nota 616.

¹¹⁷ *longe naue Iasonem primum nauigasse Philostephanus auctor est,* [...] (Plin., *N.*, 7, 207).

¹¹⁸ *Peleus Phthiam, Telamon Salaminam, quam Apollonius Rhodius Atthida uocat* (Hyg., *Fab.*, 14, 8). “Peleu em Ftia, Télamon em Salamina, que Apolônio de Rodas chama Átida.” (Hyg., *Fab.*, 14, 8, trad. D. M. Alves).

quando o coloca, em meio ao caminho à Cólquida, como salvador dos filhos de Frixo e Cálciope que naufragaram, o que lhe garante a intervenção desta junto a Medeia para que a feiticeira o ajudasse. Nesse ponto, o epíteto do herói é “filho de Éson e de Alcimene”¹¹⁹.

Depois, Jasão irá aparecer na história de Pélias, a quem fora ordenado fazer sacrifícios a Netuno e temer a morte caso alguém aparecesse à cerimônia sem uma sandália. Jasão, sobrinho de Pélias, comparece dessa forma, após atravessar um rio e não se preocupar com a falta do calçado para chegar rápido à cerimônia. Pélias o envia então à Cólquida para que solicitasse a Eetes o velocino de ouro. O motivo da perda da sandália de Jasão é explicado melhor na fábula de Juno, em que a deusa está testando os mortais, e Jasão é o único a passar no exame. Ao mesmo tempo, também é apresentado como instrumento de vingança de Juno:

XIII. JUNO

Juno, disfarçada de anciã, permanecia na margem do rio Eveno a fim de testar a atitude dos homens, solicitando a eles que a atravessassem ao outro lado do rio; e, como ninguém queria fazê-lo, Jasão, filho de Éson e de Alcímene, conduziu-a na travessia. Ela, porém, irritada com Pélias por ele ter deixado de realizar um sacrifício em sua homenagem, fez com que Jasão perdesse uma sandália na lama.¹²⁰ (Hyg., *Fab.*, 13, trad. D. M. Alves).

Na fábula XIV, Jasão é o primeiro no catálogo dos argonautas convocados: “Jasão, filho de Éson e de Alcímene, filha de Clímeno, e general dos tessálios.”¹²¹ (Hyg., *Fab.*, 14, 1, trad. D. M. Alves). Acasto, filho de Pélias, também aparece no catálogo com a indicação de que teria se juntado aos argonautas por vontade própria, ponto interessante se for considerado que, em algumas versões como a de Flaco, o herói embarca por convencimento de Jasão.

Nessa fábula, é demonstrado que o nome “Mínias” por que são chamados os argonautas pode ser explicado ou pelo fato de as filhas de Mínias serem mães de muitos deles, ou porque a mãe de Jasão era neta de Mínias. Também, relata-se que Hércules fora indicado para capitão dos heróis, mas abre mão da honra em prol de Jasão, que organizara a viagem, assim como ocorre na versão de Apolônio de Rodes:

Porém, tendo partido em direção à Cólquida, eles desejaram tornar Hércules comandante; este recusou, pois era conveniente que fosse Jasão, cujo

¹¹⁹ *Iason Aesonis et Alcimedidis filius* (Hyg., *Fab.*, 3, 2).

¹²⁰ XIII. IVNO Iuno cum ad flumen Euhenum in anum se conuertisset et staret ad hominum mentes tentandas, ut se flumen Euhenum transferrent, et id nemo uellet, Iason Aesonis et Alcimedides filius eam transtulit: ea autem irata Peliae quod sibi sacrum intermiserat facere, effecit ut Iason unam crepidam in limo relinqueret. (Hyg., *Fab.*, 13).

¹²¹ 1. *Iason Aesonis filius et Alcimedides Clymeni filiae et Thessalorum dux*. (Hyg., *Fab.*, 14, 1).

trabalho possibilitou que todos partissem; e, assim, Jasão governou na qualidade de comandante.¹²² (Hyg., *Fab.*, 14, 31, trad. D. M. Alves).

Hércules será abandonado pelos argonautas como na maior parte das versões.

A fábula XV é dedicada à história das mulheres de Lemnos. Nela, é contado que Jasão tivera dois filhos com Hipsípila, Euneu e Deípilo¹²³ (Hyg., *Fab.*, 15, 3). Após algum tempo, os heróis partem da ilha depois de uma reprimenda de Hércules. Na XVI, Jasão é surpreendido matando o rei Cízico devido a um engano que faz a nau Argo retornar a seu reino sem que os heróis percebessem. Notando seu erro, Jasão dá sepultura ao rei e o reino aos filhos deste.

O herói aparecerá novamente na fábula XXI em que o episódio dos filhos de Frixo é narrado com mais detalhes. Tendo os encontrado como náufragos na ilha de Dia, Jasão os acolhe e os ajuda. Eles, então, lhe mostram o caminho e, chegando à Cólquida, procuram por sua mãe a quem explicam o acontecido. É ela que leva Medeia para conhecer Jasão. A feiticeira o reconhece como aquele por quem se apaixonara nos sonhos inspirados por Juno, lhe prometendo ajuda.

A fábula XXII é sobre Eetes e as provas cumpridas por Jasão para a obtenção do velocino. Aqui, mais uma vez é reforçado o favor de Juno em relação a Jasão já que o herói passara em seu teste. Dessa forma, a deusa convence Vênus a ajudá-lo, visto que sabe que o herói não seria capaz de superar as provas sem o auxílio de Medeia. Em XXIII, narra-se a fuga da Cólquida e a perseguição de Absirto. No reino dos feácios, tendo conhecido que o rei pretendia devolver Medeia ao irmão caso ela ainda fosse uma donzela, Jasão a desvirgina em uma caverna, o que lhe garante a posse da feiticeira. Mesmo assim, Absirto os segue à ilha de Minerva, onde Jasão o mata, quando ele intervém enquanto o herói fazia sacrifícios à deusa. Medeia garante uma sepultura a seu irmão.

Na fábula XXIV, trata-se dos acontecimentos em Iolco após o retorno dos heróis. Jasão planeja uma forma de matar Pélias sem levantar suspeitas, à que Medeia toma frente. Após a morte do rei nas mãos de suas filhas atraídas pela feiticeira, Jasão, que tomara o reino, o entrega a Acasto e parte para Corinto. Também nessa versão, não há um exílio, mas uma mudança por própria vontade.

¹²² 31. *Hi autem cum exirent ad Colchos, Herculem ducem facere uoluerunt; ille abnuuit, sed potius Iasonem fieri oportere, cuius opera exirent omnes; dux ergo Iason regnauit.* (Hyg., *Fab.*, 14, 31).

¹²³ 3. *Hypsipyle ex Iasone procreauit filios Euneum et Deipylum.* (Hyg., *Fab.*, 15, 3).

Por fim, na XXV, narram-se os desdobramentos em Corinto. O motivo do rompimento de Jasão com Medeia, nessa versão, é o fato de ela ser uma estrangeira e feiticeira, algo incompatível com seu estatuto de herói grego:

Depois de Medeia, filha de Eeta e de Idia, ter tido com Jasão dois filhos, Mérmero e Feres, e de viverem em suma harmonia, pesava sobre ele o fato de que um homem tão forte, assim como formoso e nobre, tivesse por esposa uma estrangeira e feiticeira.¹²⁴ (Hyg., *Fab.*, 25, 1, trad. D. M. Alves).

Com o abandono e sua substituição por Creusa, Medeia envia presentes à nova esposa de Jasão por seus filhos, o que gera o incêndio que consome não só a princesa e o rei, mas também, nessa versão, o próprio herói. Depois, Medeia assassina seus dois filhos e foge de Corinto, terminando assim a história de Jasão. Pode-se questionar a motivação do assassinio de seus filhos por Medeia, neste relato, uma vez que, em outros, há a intenção de sofrimento de Jasão, o que não seria possível aqui; entretanto Higino não oferece informações a esse respeito.

Embora, em Higino, Jasão não apareça em diversos episódios, como o do rei Âmico e de Lico, presentes nas fábulas XVII e XVIII, ele é um personagem mais ativo do que em algumas das outras versões aqui apresentadas, assegurando, por exemplo, que reinos sejam governados por aqueles que têm esse direito. Além disso, o que lhe garante o sucesso a partir do auxílio de Juno – ainda que o herói seja instrumento de sua vingança – é o apreço que a deusa tem por ele por ter passado no teste e atravessado o rio com ela às costas.

Além disso, nesse caso, o herói aparece mais como um conquistador do que como um amante, de maneira que se mostra a paixão de Medeia por ele, mas não a recíproca, o que é acentuado pelo fato de que não há juramentos por parte de Jasão, apenas da feiticeira. Isso pode atenuar, em certa medida, sua falta em Corinto, em que há o embate entre a consciência de um heleno se relacionando com uma bárbara e a oportunidade de casamento com uma princesa grega. Normalmente, em outras versões, não é a condição de Medeia que o incomoda, mas a sua própria, o que o leva ao abandono da feiticeira e a novas bodas.

Ovídio coloca Jasão como personagem relevante em duas de suas obras: *Heroides* e *Metamorfoses*. Na primeira, há duas cartas endereçadas ao herói, uma de Hipsípila, deixada grávida em Lemnos, e uma de Medeia, abandonada em Corinto. A carta de Hipsípila cobra

¹²⁴ *Aetae Medea et Idyiae filia cum ex Iasone iam filios Mermerum et Pheretem procreasset summaque concordia uiuerent, obiciebatur ei hominem tam fortem ac formosum ac nobilem uxorem aduenam atque ueneficam habere.* (Hyg., *Fab.*, 25, 1).

notícias de Jasão, uma vez que, segundo ela, ele a deixara, após quase três anos, com a promessa de retorno depois que adquirisse o velocino:

encheste tais palavras com tuas lágrimas: / “Sou arrastado, Hipsípíle, mas (o destino dê apenas o retorno!) / daqui vou-me teu marido, sempre vagueio como teu marido; / viva, porém, o que de nós se oculta em teu ventre / prenhe, e dele sejamos, um e outro, os pais!” / Até então também caindo as lágrimas no rosto fingido, / lembro-me de que não pudeste mais falar.¹²⁵ (Ov., *Ep.*, 6, 60-66, trad. W. P. Cordeiro).

Entretanto, ela só é informada de seu retorno à Tessália por outras pessoas, já que ele não passara em seu reino na volta, como prometera, e nem lhe enviara uma mensagem. Hipsípíle sabe, então, das provas dos touros, dos homens nascidos da terra e da serpente superadas por Jasão, mas também tem conhecimento de que ele retornara trazendo Medeia que toma seu lugar de esposa e também a glória do herói: “Alguém da facção de Pélias atribui tais feitos / aos filtros e tem o povo a crer nele: / ‘Não o Esônida, mas a filha de Eeta, do Fásis / furtou estes áureos velos da ovelha de Frixo.’”¹²⁶ (Ov., *Ep.*, 6, 103-106, trad. W. P. Cordeiro). Assim, apesar de Hipsípíle acreditar que Jasão de fato superou as provas na Cólquida – “[...] o dourado toção foi tomado por tua mão valente?”¹²⁷ (Ov., *Ep.*, 6, 16, trad. W. P. Cordeiro) –, a caracterização do herói, assim como nas tragédias, é negativa, por estar, mais uma vez, abandonando uma mulher e sendo descrito pelos olhos dela.

A rainha de Lemnos irá referir-se a ele das seguintes formas: “Volúvel Esônida, mais inconstante que a brisa da primavera, / por que tuas palavras de promessa não têm valor?”¹²⁸ (6, 111-112); “Ó louco, ó arrebatado pelos venenos da Cólquida,”¹²⁹ (6, 133); e “Com que rosto, ó criminoso, olharias teus filhos, com que rosto a mim? / De que morte eras digno como paga da perfídia?”¹³⁰ (6, 147-148, trad. W. P. Cordeiro). Esses apelativos expõem o caráter inconstante de Jasão, e, como prediz a praga de Hipsípíle a Medeia no final de sua carta¹³¹, essa característica será recorrente.

¹²⁵ *implesti lacrimis talia uerba tuis: / ‘abstrahor, Hypsipyle, sed (dent modo fata recursus!) / uir tuus hinc abeo, uir tibi semper erro; / quod tamen e nobis grauida celatur in aluo, / uiuat, et eiusdem simus uterque parens!’ / Hactenus et lacrimis in falsa cadentibus ora / cetera te memini non potuisse loqui.* (Ov., *Ep.*, 6, 60-66).

¹²⁶ *Atque aliquis Peliae de partibus acta uenenis / imputat et populum, qui sibi credat, habet: / ‘non haec Aesonides, sed [filia] Phasias Aetinae / aurea Phrixiae terga reuellit ouis.’* (Ov., *Ep.*, 6, 103-106).

¹²⁷ *rapta tamen forti uellera fulua manu?* (Ov., *Ep.*, 6, 16).

¹²⁸ *Mobilis Aesonide uernaque incertior aura, / cur tua polliciti pondere uerba carent?* (Ov., *Ep.*, 6, 111-112).

¹²⁹ *Hanc, hanc, o demens Colchisque ablata uenenis,* (Ov., *Ep.*, 6, 133).

¹³⁰ *Quo uultu natos, quo me, scelerate, uideres? / Perfidiae pretio qua nece dignus eras?* (Ov., *Ep.*, 6, 147-148).

¹³¹ *iustus adest uotis Iuppiter ille meis, / quod gemit Hypsipyle, lecti quoque subnuba nostri / maereat et leges sentiat ipsa suas, / utque ego destituor coniunx materque duorum, / a totidem natis orba sit aque uiro;*; “ele, o justo Júpiter, favorece meus votos, / que a usurpadora do nosso leito também sofra / do que geme Hipsípíle e ela

Na carta de Medeia, a feiticeira fora abandonada e substituída pela princesa de Corinto, de maneira que seria como se a carta fosse escrita entre o abandono e os acontecimentos narrados comumente nas tragédias. Como dissera Hipsípile, Medeia toma para si os feitos realizados na Cólquida, de modo que há nela a confiança de que Jasão só poderia ter cumprido as provas com sua ajuda: “Pois pude subjugar serpentes e touros furiosos, / mas não pude um só homem; / e eu, que repeli com doutos filtros ferozes fogos, / não consigo escapar de minhas próprias chamas.”¹³² (Ov., *Ep.*, 12, 163-166, trad. W. P. Cordeiro). Entretanto, apesar desses favores, o herói a abandona.

Com isso, a caracterização garantida por Medeia a Jasão é muito similar à de Hipsípile e também à das tragédias: “Por que os louros cabelos, a elegância e o falso encanto / de tuas palavras me agradaram mais do que o devido?”¹³³ (12, 11-12); “[...] o ingrato Esônida, [...]”¹³⁴ (12, 15); “Quanta perfídia teria morrido contigo, criminoso!”¹³⁵ (12, 19); “Há certo prazer em censurar um delito a um ingrato;”¹³⁶ (12, 21); “Tu entendeste, pérfido. [...]”¹³⁷ (12, 21); “assim tomaste a iniciativa de falar com pérfida boca;”¹³⁸ (12, 72); “Vai agora, malvado, a isso compara as riquezas do descendente de Sisíffio. / Se vives, se tens esposa e sogro poderosos, / mesmo isto, se podes ser ingrato, deves a mim.”¹³⁹ (12, 204-206); e “também me arrependo de ter olhado por um infiel esposo.”¹⁴⁰ (12, 210, trad. W. P. Cordeiro). Se, de modo geral, a atuação de Jasão na viagem dos argonautas é mutável de acordo com a variante, seu comportamento quanto às mulheres com que se relaciona é mais estático de versão para versão e mesmo em gêneros literários diferentes.

Nas *Metamorfoses*, Jasão aparece em dois momentos distintos. Primeiro, na história ligada aos argonautas, no livro VII, e depois na do javali de Cálidon, no livro VIII. Ovídio apresenta os argonautas tendo como líder Jasão, afirmando que chegam à Cólquida depois de diversas adversidades: “E após muitas atribulações sob o comando do ilustre Jasão, / atingem,

própria experimente suas leis; / e como eu fui abandonada, esposa e mãe de dois, / seja ela privada de tantos filhos e igualmente do marido;” (Ov., *Ep.*, 6, 154-158, trad. W. P. Cordeiro).

¹³² *Serpentis igitur potui taurosque furentes, / unum non potui perdomuisse, uirum; / quaeque feros pepuli doctis medicatibus ignes, / non ualeo flammis effugere ipsa meas.* (Ov., *Ep.*, 12, 163-166).

¹³³ *Cur mihi plus aequo flauis placuere capilli / et decor et linguae gratia ficta tuae?* (Ov., *Ep.*, 12, 11-12).

¹³⁴ *inmemor Aesonides* (Ov., *Ep.*, 12, 16).

¹³⁵ *Quantum perfidiae tecum, scelerate, perisset!* (Ov., *Ep.*, 12, 19).

¹³⁶ *Est aliqua ingrato meritum exprobrare uoluptas;* (Ov., *Ep.*, 12, 21).

¹³⁷ *Perfide, sensisti.* [...] (Ov., *Ep.*, 12, 37).

¹³⁸ *orsus es infido sic prior ore loqui:* (Ov., *Ep.*, 12, 72).

¹³⁹ *I nunc, Sisyphias, improbe, confer opes. / Quod uiuis, quod habes nuptam socerumque potentis, / hoc ipsum, ingratus quod potes esse, meum est.* (Ov., *Ep.*, 12, 204-206).

¹⁴⁰ *et piget infido consuluisse uiro.* (Ov., *Ep.*, 12, 210).

por fim, as águas torrenciosas do lamacento Fásis.”¹⁴¹ (Ov., *Met.*, 7, 5-6, trad. P. Farmhouse Alberto). Ali, narra o desabrochar do amor de Medeia pelo herói, a qual o descreve com qualidades tanto físicas quanto morais: “A quem não tocará a juventude de Jasão, a nobreza, a valentia, / a não ser uma criatura cruel? A quem não encantará o seu rosto, / se tudo isto lhe faltasse? [...]”¹⁴² (Ov., *Met.*, 7, 26-28, trad. P. Farmhouse Alberto). Essas características levam-na a acreditar que ele não a atraíçoa: “[...] Ele tem uma tal expressão / no rosto, uma tal nobreza de alma, uma figura tão graciosa, / que não receio traição ou o esquecimento dos meus serviços.”¹⁴³ (Ov., *Met.*, 7, 43-44, trad. P. Farmhouse Alberto), o que se revela, ao leitor que conhece os desdobres da história, como uma ironia. Ovídio, também, faz saber que não são os olhos de uma apaixonada que idealizam a aparência de Jasão: “E por acaso, naquele dia, o filho de Éson estava mais belo / que de costume: até lhe perdoarias por estar apaixonada.”¹⁴⁴ (Ov., *Met.*, 7, 84-85, trad. P. Farmhouse Alberto).

Por meio de juramentos, Jasão consegue a ajuda da feiticeira e, com ela, vencer as provas impostas e obter o velocino, do que se orgulha. Já na Tessália, diz reconhecer os dons que Medeia lhe garantiu, mas ainda pede que a feiticeira rejuvenesça seu pai, Éson, ao que a feiticeira cumpre, sem lhe tirar os anos de vida propostos:

[...] “Esposa, a quem reconheço / eu dever a salvação, apesar de tudo me teres outorgado / e de a soma dos teus serviços ser tal que nem dá para crer, / se, porém, for possível (o que não é possível para a magia?), / retira anos à minha vida e transfere-os para a de meu pai.”¹⁴⁵ (Ov., *Met.*, 7, 164-168, trad. P. Farmhouse Alberto).

A partir deste ponto, Ovídio narra o rejuvenescimento de Éson, o engodo de Medeia que gera o assassinio de Pélias por suas filhas e, rapidamente, fala das segundas bodas de Jasão, apontando o incêndio da princesa e do palácio por venenos, o assassinato dos filhos de Medeia e Jasão e a partida da feiticeira. Desde seu pedido, Jasão não aparece mais de maneira significativa.

¹⁴¹ *multaque perpessi claro sub Iasone tandem / contigerant rapidas limosi Phasidos undas.* (Ov., *Met.*, 7, 5-6).

¹⁴² *Quem, nisi crudelem, non tangat Iasonis aetas / et genus et uirtus? Quem non, ut cetera desint, / ore mouere potest?* [...] (Ov., *Met.*, 7, 26-28).

¹⁴³ [...] *Sed non is uultus in illo, / non ea nobilitas animo est, ea gratia formae, / ut timeam fraudem meritique obliuia nostri.* (Ov., *Met.*, 7, 43-45).

¹⁴⁴ *Et casu solito formosior Aesone natus / illa luce fuit: posses ignoscere amanti.* (Ov., *Met.*, 7, 84-85).

¹⁴⁵ [...] *‘O cui debere salutem / confiteor, coniunx, quamquam mihi cuncta dedisti / excessitque fidem meritorum summa tuorum, / si tamen hoc possunt (quid enim non carmina possunt?), / deme meis annis et demptos adde parenti.’* (Ov., *Met.*, 7, 164-168).

De modo geral, a narrativa dos argonautas oferecida por Ovídio tem foco mais na atuação de Medeia do que na de Jasão, de maneira que a história gravita mais ao seu redor, inclusive, iniciando-se, de fato, em seu conflito entre o amor filial e o amor ao estrangeiro. A rápida passagem pelo episódio de Corinto nessa obra pode se justificar pelo fato de que Ovídio também tivera sua versão trágica de Medeia, infelizmente, hoje quase totalmente perdida, e, dos fragmentos restantes, nenhum se refere a Jasão.

Quanto ao javali de Cálidon, ao contrário do que ocorre em Apolodoro, nessa versão Jasão está presente não só no catálogo de heróis envolvidos na caçada, em que recebe como epíteto “o fazedor da primeira nau”¹⁴⁶ (Ov., *Met.*, 8, 302, trad. P. Farmhouse Alberto), mas também na própria caçada. Entretanto, nenhuma de suas ações rende bons frutos. O herói aparece manejando lanças, armas necessárias para o abate do javali, mas erra suas duas tentativas, a primeira por força demasiada, a segunda pelo acaso: “A [lança] seguinte deu a ideia que se cravaria no almejado dorso, / não tivesse ele empregado força excessiva no lançamento: / foi demasiado longe. O autor do disparo foi Jasão de Págasas.”¹⁴⁷ (Ov., *Met.*, 8, 347-349, trad. P. Farmhouse Alberto) e “Também o filho de Éson arroja um dardo. Mas o acaso fê-lo / Desviar-se do javali para o destino fatal de um cão inocente: / atingindo-o no ventre, pelo ventre espetou-o ao chão.”¹⁴⁸ (Ov., *Met.*, 8, 411-413, trad. P. Farmhouse Alberto). Contudo, vale ressaltar que não necessariamente se pode dizer que Jasão é um mau caçador a partir desses trechos, pois outros heróis envolvidos também erram seus arremessos devido à dificuldade dessa caça específica.

Por sua vez, a tragédia de Sêneca trata do mesmo episódio que a de Eurípides, embora ocorra em certa concomitância com os festejos do casamento de Jasão e da princesa, na obra, nomeada de Creusa. Além disso, traz um ponto fundamental de diferença quanto ao comportamento de Jasão em relação ao que aparece em Eurípides: em dois momentos diferentes, por dois personagens – Creonte e o próprio Jasão –, é afirmado que o herói só se casa novamente por medo do que a animosidade de Acasto pode acarretar a si e a seus filhos. Conforme Creonte:

parece-me que o provei com bastante clareza, / ao escolher para genro um exilado, abatido e assustado / com o fardo do medo, pois Acasto, senhor do

¹⁴⁶ [...] *prymaeque ratis molitor Iason*, [...] (Ov., *Met.*, 8, 302).

¹⁴⁷ *Proxima, si nimis mittentis uiribus usa / non foret, in tergo uisa est haesura petito: / longius it. Auctor teli Pagasaeus Iason*. (Ov., *Met.*, 8, 347-349).

¹⁴⁸ *Misit et Aesonides iaculum: quod casus ab illo / uertit in inmeriti fatum latrantis et inter / ilia coniectum tellure per ilia fixum est*. (Ov., *Met.*, 8, 411-413).

reino / da Tessália, reclama-o para o castigar e matar. [...] Jasão pode defender a sua causa, se separares / a tua da dele. Não há sangue derramado a contaminar / a sua inocência, a sua mão não tocou na espada / e manteve-se longe, afastado da tua companhia.¹⁴⁹ (Sen., *Med.*, 255-265, trad. A. A. A. de Sousa).

E Jasão:

[...] Para não morrer, tinha de esquecer / a fidelidade, oh desditoso! Não foi o medo que venceu a minha fidelidade / mas o amor de pai alarmado: a seguir à morte dos pais, viria / certamente a da minha descendência. Ó Justiça sagrada, se habitas / o céu, invoco e chamo como testemunha o teu poder divino: / os filhos queridos venceram o pai. Até a própria mãe, / embora de coração selvagem e avessa ao jugo, / penso que haveria de preferir olhar pelos filhos / em vez do casamento. [...] ¹⁵⁰ (Sen., *Med.*, 436-444, trad. A. A. A. de Sousa).

Em ambos os trechos, existem outros dois pontos interessantes na tragédia: a inocência ou culpa de Jasão quanto aos atos cometidos por Medeia, e o amor que tem aos filhos, que claramente separa Jasão de Medeia não só em seu relacionamento, mas quanto às suas ações. Medeia afirma que Jasão é tão culpado quanto ela, uma vez que, embora não tenha tomado frente diretamente e agido durante tais atos criminosos, como o assassinio de Pélias desmembrado por suas filhas, essas faltas foram cometidas porque a feiticeira seria capaz de tudo por seu amado. No entanto, tanto Creonte quanto Jasão julgam a situação de outra maneira.

Jasão

Mas de que crime podes realmente censurar-me?

Medeia

De todos os que cometi.

Jasão

Só faltava mais esta: / eu ser culpado dos teus delitos.

Medeia

Eles são teus, sim, eles são teus: quem tira partido de um delito / pratica-o. Mesmo que todos acusem a tua mulher de infâmia, / sozinho tens de a defender, sozinho tens de a declarar / inocente. Tu deves considerar como

¹⁴⁹ *testatus equidem uideor haud clare parum / generum exulem legendo et adflictum et graui / terrore pauidum, quippe quem poenae expetit / letoque Acastus regna Thessalica optinens. / senio trementem debili atque aeuo grauem / patrem peremptum queritur et caesi senis / discissa membra, cum dolo captae tuo / piaae sorores impium auderent nefas. / potest Iason, si tuam causam amoues, / suam tueri: nullus innocuum cruor / contaminauit, afuit ferro manus / proculque uestro purus a coetu stetit.* (Sen., *Med.*, 254-265).

¹⁵⁰ [...] *si mori nollem, fide / misero carendum, non timor uicit fidem, / sed trepida pietas: quippe sequeretur necem / proles parentum, sancta si caelum incolis / Iustitia, numen inuoco ac testor tuum: / nati patrem uicere. quin ipsam quoque, / etsi ferox est corde nec patiens iugi, / consulere natis malle quam thalamis reor. / constituit animus precibus iratam aggredi.* (Sen., *Med.*, 436-444).

inocente todo aquele que por ti se tornou nocivo.¹⁵¹ (Sen., *Med.*, 497-503, trad. A. A. A. de Sousa).

Ademais, o que inspira a vingança de Medeia praticada em seus filhos é o amor que Jasão demonstra por eles, grande o suficiente para que deseje tomar seu lugar na morte, ao mesmo tempo em que, de certa forma, considera a possibilidade de uma falta sua:

Por todas as divindades, pelas vezes em que tivemos de fugir juntos, / pelo leito que a minha fidelidade não violou, poupa / agora este nosso filho. Se algum crime existe, ele é meu: / entrego-me à morte; sacrifica a minha cabeça, que é culpada.¹⁵² (Sen., *Med.*, 1002-1005, trad. A. A. A. de Sousa).

Porém, se quando entra em cena, Jasão diz que mesmo o coração selvagem¹⁵³ de Medeia colocaria os filhos acima do casamento, ao final da tragédia, descobre que esta não é a verdade.

Medeia

[...] Só quero poder ter a companhia / dos meus filhos no exílio, para no seu regaço / derramar lágrimas; a ti esperam-te novos filhos.

Jasão

Confesso que desejaria satisfazer o teu pedido; / mas o amor paternal impede-mo: isso é coisa que não poderia suportar, / nem mesmo que ele, rei e sogro, me obrigasse. / Esta é a minha razão de viver, este é o consolo de um / coração consumido de aflições. Mais rapidamente poderia / ficar sem ar, sem membros, sem luz.

Medeia

aparte

Ama assim tanto os filhos?! / Está bem, já o apanhei, descobri-lhe o ponto fraco.¹⁵⁴ (Sen., *Med.*, 541-550, trad. A. A. A. de Sousa).

Além do amor aos filhos, Jasão também demonstra consideração a Medeia, uma vez que afirma que Creonte pretendia matá-la, mas aceitou a pena mais leve do exílio após a intervenção do herói, ainda que seja por suas lágrimas, o que demonstraria uma súplica um tanto desesperada: “Creonte, embora te quisesse mandar matar, na sua hostilidade, / vencido

¹⁵¹ *Ias.* Obicere tandem quod potes crimen mihi? / *Med.* Quodcumque feci. / *Ias.* Restat hoc unum insuper, / tuis ut etiam sceleribus fiam nocens. / *Med.* Tua illa, tua sunt illa: cui prodest scelus / is fecit — omnes coniugem infamem arguant, / solus tuere, solus insontem uoca: / tibi innocens sit quisquis est pro te nocens. (Sen., *Med.*, 497-503).

¹⁵² Per numen omne perque communes fugas / torosque, quos non nostra uiolauit fides, / iam parce nato. si quod est crimen, meum est: / me dedo morti; noxium macta caput. (Sen., *Med.*, 1002-1005).

¹⁵³ [...] ferox [...] corde [...] (Sen., *Med.*, 442).

¹⁵⁴ *Med.* [...] liberos tantum fugae / habere comites liceat in quorum' sinu / lacrimas profundam. te noui nati manent. / *Ias.* Parere precibus cupere me fateor tuis; / pietas uetat: namque istud ut possim pati, / non ipse memet cogat et rex et socer. / haec causa uitae est, hoc perusti pectoris / curis leuamen. spiritu citius queam / carere, membris, luce. / *Med.* Sic natos amat? / bene est, tenetur, uulneri patuit locus.— (Sen., *Med.*, 541-550).

pelas minhas lágrimas, acabou por decretar o teu exílio.”¹⁵⁵ (Sen., *Med.*, 490-491, trad. A. A. A. de Sousa).

Quanto à caracterização de Jasão, embora essa tragédia também seja centrada em Medeia, há no texto o ponto de vista de personagens mais próximos ao herói, como o cortejo do casamento. Assim, ainda que sua caracterização seja por um lado negativa, também apresenta, de outro, pontos positivos. Uma de suas qualidades é a beleza superior à de deuses segundo o cortejo que a louva:

Se quiser ser admirado pela sua beleza, / o príncipe filho de Éson obterá a palma / quer sobre o descendente do raio implacável, / que submete os tigres ao jugo, / quer sobre aquele que faz tremer as trípedes, / o irmão da virgem austera; / ceder-lhe-á a palma também Pólux, perito / no pugilato, bem como o seu irmão Castor.¹⁵⁶ (Sen., *Med.*, 82-89, trad. A. A. A. de Sousa).

Do mesmo modo é chamado de “afortunado”¹⁵⁷ por receber a princesa de Corinto, e a própria Medeia o nomeia de “chefe dos chefes”¹⁵⁸. Em contrapartida, é adjetivado, por exemplo, como marido de fidelidade nula¹⁵⁹, “íngrato”¹⁶⁰ e covarde – “Mas, mesmo que, coagido, ele se tivesse entregado e rendido, / pelo menos podia ter vindo aqui falar à sua mulher / numa última conversa. Também isto ele receou, esse valente!”¹⁶¹ (Sen., *Med.*, 417-419, trad. A. A. A. de Sousa).

De qualquer forma, é interessante apontar que Medeia, apesar de recriminar Jasão – “Foi isto que Jasão ousou fazer, depois de me ter privado / do meu pai, da minha pátria e do meu reino: deixar-me sozinha numa terra estrangeira, / homem cruel?! [...]”¹⁶² (Sen., *Med.*, 118-120, trad. A. A. A. de Sousa) –, não culpa unicamente a ingratidão de seu marido, mas também acusa Creonte: “A culpa é toda de Creonte, que, incontrolável na sua autoridade, / dissolveu um casamento, afastou uma mãe dos filhos queridos / e desfez uma fidelidade selada com estreitos laços.”¹⁶³ (Sen., *Med.*, 143-145, trad. A. A. A. de Sousa).

¹⁵⁵ *Ias. Perimere cum te uellet infestus Creo, / lacrimis meis euictus exilium dedit.* (Sen., *Med.*, 490-491).

¹⁵⁶ *Si forma uelit aspici, / cedent Aesonio duci / proles fulminis improbi / aptat qui iuga tigribus. / nec non, qui tripodas mouet, / frater uirginis asperae, / cedet Castore cum suo / Pollux caestibus aptior.* (Sen., *Med.*, 82-89).

¹⁵⁷ *felix* (Sen., *Med.*, 105).

¹⁵⁸ *ducem [...] ducum* (Sen., *Med.*, 133).

¹⁵⁹ *coniugis nulla est fides* (Sen., *Med.*, 164).

¹⁶⁰ *ingrate Iason* (Sen., *Med.*, 1021).

¹⁶¹ *sed cesserit coactus et dederit manus: / adire certe et coniugem extremo alioqui / sermone potuit — hoc quoque extimuit ferox;* (Sen., *Med.*, 417-419).

¹⁶² *hoc facere Iason potuit, erepto patre / patria atque regno sedibus solam exteris / deserere durus?* [...] (Sen., *Med.*, 118-120).

¹⁶³ *culpa est Creontis tota, qui sceptro impotens / coniugia soluit quique genetricem abstrahit / gnatis et arto pignore astrictam fidem / dirimit:* [...] (Sen., *Med.*, 143-146).

Uma vez que Sêneca constrói uma justificativa para as ações de Jasão baseada em seu amor paterno, o herói parece acabar se tornando um personagem mais digno de pena do que aquele de Eurípides. Neste, o exílio também abarcava os filhos gerados por Medeia, e o suposto motivo de eles levarem os presentes para a filha do rei Creonte era exatamente para que se tornasse mais fácil dobrá-la para que pedisse ao pai que deixasse que as crianças ficassem em Corinto. Em oposição, em Sêneca, Jasão deixa claro que mesmo se o rei ordenasse, ele não deixaria os filhos partirem, demonstrando a importância de sua descendência. Isso parece tornar a vingança de Medeia mais pungente, inclusive porque é realizada, em parte, diante dos olhos do herói. Dessa forma, como demonstra sua adjetivação ao longo da obra, Jasão se torna um personagem duplo, que ao mesmo tempo em que é negativo por cometer uma falta, também é um tanto positivo pelo motivo dessa falta.

2.3 Os tesouros de Valério Flaco

Jasão recebe, então, diferentes caracterizações ao longo do tempo, ainda que alguns aspectos permaneçam, em certa medida estáveis. Tendo escrito ao final do século I d.C., Valério Flaco poderia contar com todos esses autores como seus antecessores e seu tesouro de citações. Obviamente, é possível que o autor tivesse acesso a textos que se perderam ao longo do tempo e encontram-se, hoje, inacessíveis. Como aborda apenas a ida e o início da volta da viagem dos argonautas, não há referência à caçada do javali de Cálidon em sua obra. Entretanto, em algumas ocasiões, o autor faz alusões aos desdobramentos futuros da história em Corinto e até do retorno de Medeia à Cólquida. Em termos de construção da narrativa, Valério Flaco utiliza diferentes métodos, como o ponto de vista dos deuses, para que o vislumbramento do futuro seja verossímil dentro de uma narrativa que, muito provavelmente, se encerraria antes da concretização desses acontecimentos. Continuamente, a demonstração desse futuro – e, por conseguinte, da erudição do autor – parece ser voltada ao leitor, já que tem pouco impacto direto nos personagens, ao contrário das predições de Fineu, por exemplo, que apresentam um futuro mais próximo, tendo papel imediato e fundamental para os heróis.

Conforme afirma Hershkowitz (1998, p. 14), é característica do gênero épico que ocorram profecias e outras formas de presságio dos acontecimentos, tanto devido ao tamanho do texto, de modo que dá ao leitor pontos em que se ancorar, quanto para que a narrativa se localize no contexto maior do mito, de modo que essas antecipações – assim como retomadas – ocorrem a respeito do que é de fato narrado nos limites do texto e também daquilo que faz parte da tradição que vai além desses limites. Com isso, segundo a estudiosa, o leitor, que já

conheceria as histórias ligadas a Jasão, Medeia e os argonautas, consideraria, mais do que as possibilidades de acontecimentos, a forma como esses episódios ocorreriam (HERSHKOWITZ, 1998, p. 14). Entretanto, dado o vasto número de antecedentes poéticos com que Valério Flaco conta, é possível que ele trabalhe com a expectativa criada, em seu público, com os presságios que deixa ao longo da narrativa para criar efeitos de sentido, seja cumprindo com a expectativa, seja rompendo com ela. Assim, quando comparado a Apolônio de Rodes, torna-se possível que Valério Flaco insira um número muito maior de vislumbres do futuro do que seu antecessor (HERSHKOWITZ, 1998, p. 30) para elaborar esses efeitos, explorando sua posição tardia em relação aos outros poetas que se dedicaram ao tema da viagem dos argonautas e posteriores desdobramentos.

Um desses momentos ocorre antes de Éson cometer suicídio junto à sua esposa. Como o pai de Jasão sabe que Pélias enviara soldados para matá-los – fato que se dá em represália por Jasão ter convidado Acasto para a viagem¹⁶⁴ –, ao realizar o sacrifício de um touro, Éson faz uma prece relacionada à futura morte do rei, que ocorreria com o engodo de Medeia, conforme diferentes versões narram:

Ao crime e à forma de morrer desconhecida / Sobreviveis, dai ao falaz o
vergonhoso / Fim da velhice e a morte indigna. Marte ou armas / Ou de meu
filho a espada nunca o matem, peço, / Posto o mereça: que as confiáveis
mãos das filhas / O velho cortem, dilacerem e, a seus membros / Não
sepultem. [...] ¹⁶⁵ (V. Fl., 1, 808-814, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

O suicídio dos pais de Jasão é um ponto interessante da narrativa, uma vez que só ocorre dessa forma e por esse motivo na versão de Flaco e dá ensejo para uma prece que revela, em certa medida, o desdobrar do futuro de Pélias.

Outro momento aparece quando os heróis chegam à Cólquida e dirigem-se ao templo de Apolo para dialogar com o rei Eetes. Ali, nas portas do templo esculpidas por Vulcano, Jasão tem oportunidade de vislumbrar a história dos colcos desde seu início com a guerra de

¹⁶⁴ *At subitus cura que ducem metus acrior omni / mensque mali praesaga quatit, quod regis adortus / progeniem raptoque I dolis crudelis Acasto / cetera nuda neci medioque in crimine patrem / liquerit ac nullis inopem uallauerit armis, / ipse procul nunc tuta tenens; ruat omnis in illum / quippe furor. nec uana pauet trepidatque futuris. / Saeuit atrox Pelias [...]* (V. Fl., 1, 693-700). “Mas, súbito, a apreensão, o medo a tudo aspérrimo / E agouros maus Jasão abalam: atacando / A régia prole, pelo embuste cruel do rapto / De Acasto, os seus deixara à morte: em meio a um crime, / O fraco pai abandonara desarmado; / Enquanto, ao longe, ele ia seguro, o furor todo / Cairia neles – e ao futuro em vão não teme! / Pélias irou-se. [...]” (V. Fl., 1, 693-700, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

¹⁶⁵ [...] *tum, uobis siquod inausum / arcanumque nefas et adhuc incondita leti / sors superest, date fallaci pudibunda senectae / exitia indecoresque obitus. non Marte nec armis / aut nati, precor, ille mei dignatus ut unquam / ense cadat; quae fida manus, quae cara suorum / diripiat laceretque senem nec membra sepulchro / contegat. [...]* (V. Fl., 1, 807-814).

Sesóstris aos getas, assim como foi permitido a Eneias, na *Eneida*, admirar, em Cartago, no templo de Juno, episódios da guerra de Troia¹⁶⁶. Conforme vão sendo narradas as imagens representadas nas portas do templo, chega-se à nau Argo partindo da Tessália, à princesa que deixa o pai que a chama e, por fim, a seu abandono e a suas consequências em Corinto:

E a princesa que, ao longe, ao pai, que a chama, deixa. / Havia a vila circundada por dois mares / E, à noite, festa, canto, tochas conjugais / E, em leito régio, um genro alegre; ele abandona / A prima esposa: as vingadoras Fúrias veem-no. / No leito esmaia aquela, irada pela amásia, / E os dons fatais – coroa ornada e manto – apronta / Após queixar-se pelos todos sofrimentos. / No pátrio altar a triste amásia, co'os presentes, / Orna-se e, presa de venenos rutilantes, / Arde o palácio. Estes prodígios esculpira / Vulcano aos Colcos, que inda ignoram qual empresa / Aquela seja, ou quem co'as serpes corta os ares / Lançando a morte: eles odeiam e os não olham. / O mesmo engano ante o lavor prendera os Míniás / Quando no pátrio templo entrou o do Sol nascido; / Com ele, Absirto, o jovem filho que, inocente, / Digno do avô, sorte melhor ter deveria;¹⁶⁷ (V. Fl., 5, 441-458, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Mais uma vez como Eneias, em que o escudo cinzelado por Vulcano permite avistar um futuro longínquo que os personagens não são capazes de compreender¹⁶⁸, é possível ao herói, por intermédio de um artifício divino, entrever seu futuro, neste caso, mais imediato, que se relaciona com a tradição trágica, mas que nem os colcos, nem ele são capazes de entender. Flaco não faz menção aos filhos do casal, mas as Fúrias estão presentes, já que em

¹⁶⁶ *Namque sub ingenti lustrat dum singula templo, / reginam opperiens, dum, quae fortuna sit urbi, / artificumque manus inter se operumque laborem / miratur, uidet Iliacas ex ordine pugnas, / bellaque iam fama totum uolgata per orbem, / Atridas, Priamumque, et saevum ambobus Achillem. / Constitit, et lacrimans, “Quis iam locus” inquit “Achate, / quae regio in terris nostri non plena laboris?”* (Verg., A., 1, 453-460); “Pois dentro do espaçoso templo, enquanto / Cada cousa per si passa em resenha, / aguardando a rainha, enquanto admira / Qual a fortuna seja da cidade, / Dos artistas as mãos rivalizando / Entre si, e das obras o trabalho, / Por ordem vê pintadas as pelejas / De toda a guerra Ilíaca, por fama / Já pelo mundo inteiro divulgadas. / Príamo, e o filho vê d’Atreu, e Aquiles / Para com ambos eles implacável. / Pára absorto e, co’as lágrimas nos olhos, / Acates, disse, que lugar no globo, / Que região existe, já cheia / Dos nossos infortúnios não esteja?” (Verg., A., 1, 453-460, trad. J. V. Barreto Feio).

¹⁶⁷ *clamantemque procul linquens regina parentem. / urbs erat hinc contra gemino circumflua ponto, / ludus ubi et cantus taedaeque in nocte iugales / regalique toro laetus gener: ille priorem / deserit; ultrices spectant a culmine Dirae. / deficit in thalamis turbataque paelice coniunx / pallam et gemmiferae donum exitiale coronae / apparat ante omnes secum dequesta labores. / munere quo patrias paelex ornatur ad aras / infelix, et iam rutilis correpta uenenis / implicat igne domus. haec tum miracula Colchis / struxerat Ignipotens nondum noscentibus, ille / quis labor, aligeris aut quae secet anguibus auras / caede madens; odere tamen uisusque reflectunt. / Quin idem Minyas operum defixerat error, / cum se Sole satus patriis penetratibus infert. / filius hunc iuxta primis Absyrtus in annis, / dignus auo quemque insontem meliora manerent.* (V. Fl., 5, 441-458).

¹⁶⁸ *Talia per clipeum Volcani, dona parentis, / miratur rerumque ignarus imagine gaudet, / attollens umero famamque et fata nepotum.* (Verg., A., 8, 729-731). “Tais no Vulcano escudo dons maternos / Admira e co’ a imagem do qu’ignora / Se alegre e folga o herói, levando aos ombros / Os destinos e a fama de seus netos.” (Verg., A., 8, 729-731, trad. Barreto Feio).

sua versão há um juramento feito a Medeia por parte de Jasão, unicamente caracterizado, nesse trecho, como “genro alegre”¹⁶⁹ na ocasião de seu novo casamento¹⁷⁰.

Além disso, pode-se entrever o destino de Absirto pelos epítetos que recebe e pelo julgamento de sua sorte¹⁷¹, ponto não narrado nas portas do templo aos personagens, mas direcionado ao leitor. Como a morte de Absirto, possivelmente, seria um tema a ser tratado em outro ponto da narrativa se esta não houvesse sido interrompida, nesse momento, ela não é detalhada e não se pode saber quem mataria o príncipe nessa versão.

Já outra referência ocorre no episódio do casamento de Jasão e Medeia, quando Vênus presenteia a feiticeira com os adereços que serão a perdição da futura noiva do herói: “A Citereia, com tecidos de açafrão, / A veste e dá-lhe sua coroa geminada / Co’as pedras que arderão cingindo uma outra virgem”¹⁷² (V. Fl., 8, 234-236, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Mais uma vez, a alusão é voltada para o leitor que conheceria o episódio e faria a ligação entre os objetos e os fins a eles dados, mesmo que o acontecimento não fosse narrado na epopeia.

No canto VI, um dos líderes que contendam, Anáusis, é descrito como irado por Medeia ter sido prometida a Albano em seu detrimento. Nessa passagem, a feiticeira recebe, talvez, sua qualificação mais negativa ao longo da narrativa – *quanti monstri*, ou seja, “tamanho monstro” –, em que se menciona, ao leitor, o terror que levaria à Hélade:

Enviara o Anáusis os Alanos e os Hemíóques / Ferozes, já irado há muito, pois Medeia / Em pacto núbil fora dada ao rei Albano – / Íncio do monstro a que ansiava guiar ao leito / E do terror que às vilas gregas se guardava; / Mais grato aos deuses e feliz era no paço.¹⁷³ (V. Fl., 6, 42-47, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

O futuro da feiticeira também aparece no canto V, em um sonho um tanto premonitório que a assusta, motivo pelo qual acaba se encontrando, pela primeira vez, com Jasão fora da cidade. O sonho demonstra a separação de seu pai, a perseguição de seu irmão e

¹⁶⁹ *laetus gener* (V. Fl., 5, 444).

¹⁷⁰ O episódio é interessante já que, como se objetiva demonstrar, Jasão recebe uma caracterização positiva ao longo de praticamente toda a narrativa, porém, Valério Flaco não deixa de apontar a quebra do juramento, ou seja, da *fides*, feito a Medeia pelo herói, conforme a tradição ligada aos personagens.

¹⁷¹ *filius hunc iuxta primis Absyrtus in annis, / dignus auo quemque insontem meliora manerent.* (V. Fl., 5, 457-458).

¹⁷² *ipsa suas illi croceo subtegmine uestes / induit, ipsa suam duplicem Cytherea coronam / donat et arsuras alia cum uirgine gemmas.* (V. Fl., 8, 234-236).

¹⁷³ *Miserat ardentis, mox ipse secutus, Alanos / Heniochosque truces iam pridem infensus Anausis, / pacta quod Albano coniunx Medea tyranno, / nescius heu, quanti thalamos ascendere monstri / arserit atque urbes maneat qui terror Achaeas. / gratior ipse deis orbaque beatior aula.* (V. Fl., 6, 42-47).

o assassinato de seus filhos, outros episódios do mito que não estariam dentro dos limites da epopeia de Flaco:

Casualmente, porém, foi Medeia assustada / Por prodígios da noite; ao findarem-se as trevas, / Saltou da cama à prima luz do doce Febo / E foi ao rio p'ra expurgar os pesadelos. / De fato, enquanto o sono aos membros lhe tomava / E não havia inquietação no paço mudo, / Sonhou com Hécate a sair do casto bosque; / Buscando o pai, o mar penoso interpusera-se / E, estupefata, pela imensa água em torno, / Foi pelo irmão seguida, enfim; meninos pávidos / Vira defronte à morte; e a si mesma fremente / A derramar sangue co'as mãos, rompendo em pranto.¹⁷⁴ (V. Fl., 5, 329-340, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Outro ponto que alude ao abandono de Medeia ocorre quando a feiticeira é levada aos muros da cidade por Juno disfarçada, enquanto os exércitos de Eetes e Perses contendem. Hécate lamenta a perda de sua sacerdotisa, considerando que as deusas a dobram e fazem com que ela parta, qualificando Jasão de mentiroso, e apontando para o desprezo do herói a Medeia e subsequente fuga com consequências a ele. Flaco expõe, a seu leitor, o futuro da tradição mítica utilizando a voz de uma deusa que se ofende pelo rapto praticado pelo herói, julgado infame, provavelmente porque Jasão não obtém Medeia como prêmio de guerra.

Chorava-a Hécate, a perseia que habitava / Os altos bosques, e esta voz do imo trazia: / “Ah, pobre! Deixas nosso bosque e as companheiras / P'ra vagueares sem vontade em gregas urbes. / Querida, não te odeio e não te deixarei: / Farás da fuga um monumento. Repudiada / Por mentiroso não serás. Ele verá / Que sou a dona e que magoou-me o rapto infame”. / Disse, [...] ¹⁷⁵ (V. Fl., 6, 495-503, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

E, já no início da epopeia, Mopso, tomado por Apolo, previra os desdobramentos desse abandono: “Plena de morte, quem co'as serpes corta os ares? / Co'a espada os fere?

¹⁷⁴ *Forte deum uariis per noctem territa monstris / senserat ut pulsas tandem Medea tenebras, / rapta toris primi iubar ad placabile Phoebi / ibat et horrendas lustrantia flumina noctes. / namque soporatos tacitis in sedibus artus / dum premit alta quies nullaeque in uirgine curae, / uisa pavens castis Hecates excedere lucis; / dumque pii petit ora patris, stetit arduus inter / pontus, et ingenti circum stupefacta profundo, / fratre tamen conante sequi. mox stare pauentes / uiderat intenta pueros nece sequere trementum / spargere caede manus et lumina rumpere fletu.* (V. Fl., 5, 329-340).

¹⁷⁵ *hanc residens altis Hecate Perseia lucis / flebat et has imo referebat pectore uoces: / ‘deseris heu nostrum nemus aequalesque cateruas, / a misera, ut Graias haut sponte uageris ad urbes, / non iniussa tamen; neque te, mea cura, relinquam. / magna fugae monumenta dabis, spernere nec usquam / mendaci captiua uiro, meque ille magistrum / sentiet et raptu famulae doluisse pudendo.’ / dixerat.* (V. Fl., 6, 495-503).

Pobre Esônide, aos pequenos / Salva! Diviso arder o leito conjugal!”¹⁷⁶ (V. Fl., 1, 224-226, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

O retorno de Medeia à Cólquida será apontado por Júpiter em meio a uma discussão com Juno, Minerva e Marte acerca dos desdobramentos futuros:

Quando à Tessália conduzirem-nos os ventos, / Vitorioso [Perses, irmão de Eetes] virá e terá trono e cetro, / Até que, após um longo exílio de pobreza, / O velho Eetes – que destino!, embora ímpia – / A filha ajude e um neto grego imponha ao reino.¹⁷⁷ (V. Fl., 5, 683-687, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

O neto grego a que Júpiter se refere, provavelmente, é Medo, filho de Medeia e Egeu, rei de Atenas, que a acolhe após os acontecimentos em Corinto. Existem diferentes versões do motivo do novo exílio de Medeia e de seu retorno à Cólquida, como pode ser conferido em Diodoro, Apolodoro e Higino, por exemplo. Em uma das versões posteriores a Valério Flaco, Justino¹⁷⁸ narra que Jasão teria acolhido Medeia novamente, por compaixão de seu segundo exílio, retornado com ela, Medo e um grande exército à Cólquida, e, lá, restituído o reino a Eetes. De qualquer forma, Valério Flaco descortina o futuro, nesse caso, por intermédio de Júpiter que sabe de todas as coisas e considera vão o esforço dos deuses de interferir nos acontecimentos, “[...] pois as Fúrias têm sua sina.”¹⁷⁹ (V. Fl., 5, 676, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

No mais, o autor se atém principalmente aos episódios da viagem dos argonautas, de sua estadia na Cólquida e do início de seu retorno, até que a narrativa seja abruptamente interrompida. Embora exista em Flaco uma profecia que aterroriza Pélias, ela não está ligada aos calçados de Jasão, e o rei, que tem direito ao cetro, teme tanto a profecia quanto as realizações de seu sobrinho. Jasão será líder incontestável dos argonautas, e Hércules, que precisará admoestar os heróis para que partam de Lemnos, será deixado para trás em uma ilha

¹⁷⁶ [...] *quaenam aligeris secat anguibus auras / caede madens? quos ense ferit? miser eripe paruos, / Aesonide. cerno et thalamos ardere iugales.*” (V. Fl., 1, 224-226).

¹⁷⁷ *mox ubi Thessalicis referent hos flamina terris, / tunc aderit uictorque domos et scepra tenebit, / done et Aeeten inopis post longa senectae / exilia heu magnis quantumlibet impia fatis / nata iuuet Graiusque nepos in regna reponat.* (V. Fl., 5, 683-687).

¹⁷⁸ *Quem cum magnis rebus gestis incolumem reduxisset, rursum a Peliae filii Thessalia magna ui pulsus cum ingenti multitudine, quae ad famam uirtutis eius ex omnibus gentibus cotidie confluebat, comite Medea uxore, quam repudiatam miseratione exilii rursum receperat, et Medo, priuigno ab Aegeo, rege Atheniensium, genito, Colchos repetiuit socerumque Aetam regno pulsum restituit.* (Just., 42, 2, 12); “Como [Jasão], com muitos feitos ilustres, tivesse trazido incólume [o exército de varões fortíssimos], foi de novo expulso com grande animosidade da Tessália pelos filhos de Pélias, junto a essa grande multidão – a qual confluía diariamente de todos os povos para junto da fama de sua virtude – [e] acompanhado da esposa Medeia, a qual ele novamente acolhera rejeitada por causa da miséria de [seu] exílio, e com Medo, [seu] enteado, filho de Egeu, rei dos atenienses, retornou aos colcos e restituiu, ao reino, [seu] sogro Eetes expulso.” (Tradução nossa).

¹⁷⁹ [...] *habent quoniam sua fata furores.* (V. Fl., 5, 676).

antes da chegada ao reino de Eetes. A realização das provas na Cólquida ocorre por meio dos filtros garantidos a Jasão pelo amor de Medeia, porém o velocino já fora, de certa forma, obtido pelo herói de maneira justa em troca do auxílio bélico emprestado a Eetes contra seu irmão – episódio que só aparece em Flaco.

Valério Flaco realiza processos de aproximação, afastamento e inovação em relação aos seus modelos anteriores, como se apontou nesta seção, sendo algo que merecerá, depois, tratamento mais desenvolvido. É relevante que se analise como esses processos ocorrem para uma nova inserção de Jasão, que já fora celebrado em versos épicos, em contexto latino, e como eles podem influenciar a construção desse personagem.

3 “A GLÓRIA DE ANTIGOS HOMENS LEMBRAR”¹⁸⁰: A EPOPEIA DE APOLÔNIO DE RODES E SUA TRADUÇÃO

Apolônio de Rodas teria realizado a primeira recitação pública de sua epopeia, *Argonáutica*, entre os anos 250 e 240 a.C.. O autor, segundo Pérez López (1991, p. 11), apoiando-se em Vian, teria sido um dos bibliotecários da Biblioteca de Alexandria, estando inserido em um contexto em que os escritores tendiam a se dedicar a referendar a tradição literária anterior, reconhecendo a perfeição das obras precedentes e, a partir desse ato, buscavam imitá-las e superá-las. Ali, Apolônio redige sua epopeia apropriando-se de um mito em que o herói, servindo-se de um auxílio que parte de uma ligação amorosa, cumpre seus objetivos impostos por outrem. Assim, o canto III de sua obra, considerado o ponto culminante da narrativa e iniciado com uma invocação a Erato¹⁸¹, será aquele no qual os efeitos do amor serão apresentados, e os valores humanos e psicológicos serão colocados acima de características reputadas como mais adequadas ao contexto épico (PÉREZ LÓPEZ, 1991, p. 30-31). Além disso, a epopeia de Apolônio pode ser considerada curta em relação a suas antecessoras homéricas, tendo apenas quatro cantos, em contraste com a *Íliada* e a *Odisseia* que contêm vinte e quatro rapsódias ou cantos cada.

De maneira geral, a obra, que abrange a viagem de ida, a superação dos desafios na Cólquida e o retorno a Iolco, é estruturada da seguinte forma: no primeiro canto, narram-se a profecia de Pélias cumprida por Jasão sem uma sandália; o agrupamento dos heróis e a partida da nau; a estadia em Lemnos; rapidamente, a iniciação dos heróis nos mistérios da Samotrácia; a parada no reino dos doliões, a luta contra os gigantes e a partida e o retorno ao reino que gera a morte do rei Cízico; por fim, a parada em terra ciânia, onde são deixados Hilas, esposado por uma ninfa, Polifemo, destinado a fundar uma cidade, e Hércules¹⁸² que deveria cumprir o resto de seus doze trabalhos. É interessante apontar que Apolônio não narra a construção da nau, apontando apenas que ela fora construída por Argo com conselho de Atena, conforme “[...] antigos vates / Contam [...]”¹⁸³ (A. R., 1, 18-19, trad. J. M. da Costa e

¹⁸⁰ [...] παλαιγενέων κλέα φωτῶν / μνήσομαι [...] (A. R., 1, 1-2).

¹⁸¹ εἰ δ' ἄγε νῦν, Ἐρατώ, παρά θ' ἴστασο, καί μοι ἔνισπε, / ἔνθεν ὅπως ἐς Ἴωλκὸν ἀνήγαγε κῶας Ἰήσων / Μηδείης ὑπ' ἔρωτι. [...] (A. R., 3, 1-3). “Sus! agora me assiste, Erato, e conta / Como a Iolchos Jason o vélo de ouro / Co’ favor de Medea conduzíra;” (A. R., 3, 1-3, trad. J. M. da Costa e Silva).

¹⁸² Embora José Maria da Costa e Silva utilize, em sua tradução, nomes latinos para deuses e personagens, opta-se pelos gregos para diferenciá-los dos de Valério Flaco.

¹⁸³ οἱ πρόσθεν ἐπικλείουσιν ἄοιδοὶ (A. R., 1, 18).

Silva), demonstrando o conhecimento de que outros antes dele já haviam se dedicado a narrar os episódios da viagem dos argonautas.

No segundo canto, narram-se a chegada da nau ao reino de Âmico, a luta dele e Pólux e a conseqüente batalha dos heróis contra os bebrícios; o episódio de Fineu e as harpias; a passagem da nau pelas rochas Ciâneas com o auxílio de Atena; o encontro com Apolo em uma ilha; a estadia no reino de Lico, onde morrem Idmon e Tífis; a parada no sepulcro de Esténelo; a ancoragem na Assíria, onde Autólico, Flógio e Deileão embarcam na nau; a passagem por diferentes reinos e a descrição de alguns de seus costumes, como o das Amazonas; o modo como os heróis espantam as aves de Ares e a parada em sua ilha, onde recebem os quatro filhos de Frixo – Argos, Citissoro, Melas e Frontes –, que haviam naufragado perto da ilha; próximo às montanhas do Cáucaso, a vista da águia que come o fígado de Prometeu e os gritos do castigado são ouvidos; finalmente, a chegada à Cólquida.

No terceiro canto, narram-se a visita de Hera e Atena a Afrodite em busca de auxílio para que Jasão fosse capaz de obter o velocino; Afrodite enviando seu filho para ferir de amor Medeia; Jasão dizendo aos heróis que seria melhor primeiro sondar se o rei lhes daria o velocino de boa vontade ou se seria necessário o uso de força; sua ida junto aos filhos de Frixo até o palácio; o desabrochar do amor de Medeia por Jasão após ser acertada por Cupido; a solicitação do velocino ao rei; a imposição das provas; a luta do amor filial e do amor ao estrangeiro em Medeia, e o pedido de Calciope para que a feiticeira auxiliasse os estrangeiros; o encontro de Jasão e Medeia; e, finalmente, as provas superadas pelo herói.

Por fim, no quarto canto, narram-se a decisão de partir de Medeia; o roubo do velocino de ouro; a partida da Cólquida junto à princesa; a perseguição dos colcos; a parada em uma das ilhas Brigeias, onde os Míncias planejam deixar Medeia em um templo até que um rei, imparcial, decidisse se a princesa deveria seguir com eles ou ser devolvida; altercação entre Medeia e Jasão; o dolo maquinado contra Absirto; o assassinio do príncipe por Jasão no templo de Artêmis; a ordem de Zeus, por intermédio do mastro da nau, de que os heróis se dirijam à ilha de Circe para expiar o assassinato; o caminho percorrido até o reino de Circe; o encontro com a feiticeira; a cerimônia de purificação performada por Circe; a expulsão de Medeia do reino de sua tia; os favores de Hera; a passagem junto às sereias, e Cila e Caríbdis; a chegada ao reino dos feácios, onde são perseguidos pelos colcos; a súplica de Medeia à rainha Arete e aos demais heróis; as bodas de Jasão e Medeia celebradas para que a princesa não fosse devolvida aos colcos pelo rei; a decisão do rei; a estadia dos colcos no reino dos feácios; a partida dos heróis; sua chegada à Líbia; os conselhos das Heroínas a Jasão; o carregamento da nau pelos heróis por doze dias e doze noites através dos desertos da Líbia; o

encontro com as Hesperídes; a narração dos feitos de Hércules ali; as mortes de Canto e Mopso; a troca, com Tritão, da trípole pela informação de qual caminho seguir; o encontro com Talo, derrotado por Medeia; o favor de Apolo nos rochedos Melântios e os sacrifícios oferecidos ao deus na ilha de Anafe; a visão dada a Eufemo a respeito do dom que lhe foi concedido por Tritão; e, finalmente, a chegada dos heróis ao porto de que partiram.

Conforme é possível depreender dos autores que abordaram em suas obras versões do mito de Jasão e dos argonautas, Apolônio é o único autor anterior a Valério Flaco, cujo texto sobreviveu sem grandes perdas, a ter esse mito como tema central de uma epopeia¹⁸⁴. Logo, Jasão está inserido como personagem central de um poema em um gênero longo, dedicado a narrar os feitos de seres superiores, o que permite o desenvolvimento mais detalhado de sua caracterização, de suas aventuras e de suas relações com os outros personagens que fazem parte do mito, sejam seus companheiros, sejam seus antagonistas. Embora não se pretenda uma análise exaustiva da construção de Jasão em Apolônio de Rodas, o que iria além dos limites deste trabalho, são considerados alguns apontamentos acerca do personagem que podem ser interessantes para um contraste com o herói de Valério Flaco.

3.1 Jasão como herói épico

Com essa inserção de Jasão no gênero épico, é interessante considerar que, em seu germe, a palavra epopeia, abriga em sua etimologia dois termos: *το έπος* (*to épos*) – que teria

¹⁸⁴ Haveria, do século VI a.C., a versão épica de Epimenedes – anterior a Apolônio e que o poeta teria consultado –, a qual teria 6500 versos e narraria a construção da nau Argo e a viagem de Jasão, segundo Diógenes Laércio (STRATARIDAKI, 1991, p. 214-216): *Έποίησε δέ Κουρήτων και Κορυβάντων γένεσιν και Θεογονίαν, έπη πεντακισχίλια, Άργους ναυπηγίαν τε και Ίάσονος εις Κόλχους απόπλουν έπη έξακισχίλια πεντακόσια.* (D. L., 1, 10, 111-112. Grifo nosso); “*He [Epimenedes] wrote a poem On the Birth of the Curetes and Corybantes and a Theogony, 5000 lines in all; another on the building of the Argo and Jason's voyage to Colchis in 6500 lines.*” (D. L., 1, 10, 111, trad. R. D. Ricks. Grifo nosso). Os escólios em Apolônio de Rodas também fariam menção à obra (ZISSOS, 2008, p. XIX): *Άργος] εις των Φρίξου παιδων ούτος. τούτους Άκουσίλαος και Ήσιόδος έν ταϊς μεγάλαις Ήοίαις φασιν έξ Ίοφώσσης τής Αιήτου. και ούτος μέν φησιν αυτούς τέσσαρας, Άργον, Φρόντιν, Μέλανα, Κυτίσωρον. Έπιμενίδης δέ πέμπτον προστίθησι Πρέσβωνα.* (Schol. Ap. Rhod., 2, 1122), “*Έστος (los hijos de Frixo), Herodoro dice que eran de Calcíopa, la hija de Eetes, Acusilao y Hesíodo en las Grandes Eeas, que de Yofosa, la hija de Eetes, éste dice que eran cuatro: Argo, Frontis, Melante, Citisoro. Epiménides añade un quinto, Presbón.*” (Schol. Ap. Rhod., 2, 1122, trad. A. Bernarbé Pajares); *Έπιμενίδης δέ φησι Κορίνθιον τῶ γένει τόν Αιήτην, μητέρα δέ αυτού Έφύραν φησί.* (Schol. Ap. Rhod., 3, 242), “*Epiménides dice que Eetes era corintio de raza y dice que su madre era Éfira.*” (Schol. Ap. Rhod., 3, 242, trad. A. Bernarbé Pajares); *Έπιμενίδης δέ αυτόν (sc. τόν Ένδυμίωνα) παρά θεοϊς διατρίβοντα έρασθήναί φησι τής Ήρας, διόπερ Διός χαλεπήναντος αιτήσασθαι διαπαντός καθεύδειν.* (Schol. Ap. Rhod., 4, 57), “*Epiménides dice que éste (Endimión) cuando vivía junto a los dioses se enamoró de Hera, por lo cual, enfurecido Zeus, fue condenado a dormir para siempre.*” (Schol. Ap. Rhod., 4, 57, trad. A. Bernarbé Pajares). Infelizmente, a epopeia perdeu-se. Como os fragmentos não se referem a Jasão, não foram inseridos no recorte presente em 2.1. Após essa epopeia de Epimenedes, a primeira versão poética mais detalhada do mito de que se tem notícia é a de Píndaro na quarta *Pítica* (ZISSOS, 2008, p. XIX).

o sentido de “palavra” e daí “discurso”, “narrativa”, “verso”, em seu plural τὰ ἔπεα (*tà épea*) – e ποιέο (*poiéō*) – com sentido de “fazer”, “criar” (PESSANHA, 1992, p. 31). Mas a epopeia, segundo Brandão (1992, p. 50), “não se reduz ao registro oral ou escrito dos fatos, mas vem a ser a realização do factual no plano verbal, sua perenização e substancialização”, uma vez que retoma os feitos do passado e os projeta para o futuro, tornando esses feitos presentes e lhes dando substância. Destarte, esse texto composto em versos seria responsável pela divulgação dos feitos de grandes homens capazes de se elevar acima dos homens comuns e que, com isso, obtinham o estatuto de heróis (PESSANHA, 1992, p. 31). Esses homens são, então, os primeiros e os melhores, por estarem idealizados em um passado longínquo, sendo representados e, dessa forma, imortalizados pelo discurso literário, algo que, para Bakhtin (2014, p. 410), “[...] só é possível e viável para aquilo que é digno de ser comemorado e mantido na memória dos descendentes [...]”.

É interessante ressaltar que as histórias a respeito desses heróis não são estáticas, de modo que não haveria apenas uma única versão de seus feitos. Diante da multiplicidade de caminhos possíveis, cabe ao poeta escolhê-los e ordená-los em um conjunto verossímil dentro de sua obra, conforme sua necessidade (BRANDÃO, 2015, p. 39-40/46-47). Com isso, diversas versões de um mesmo episódio são possíveis, já que o poeta pode alterar, expandir ou limitar ocorrências, e o público – a quem o poeta pode fazer referência em sua obra, demonstrando sua importância no processo de escrita (BRANDÃO, 2015, p. 35)¹⁸⁵ – pode julgar sua habilidade nesse processo (BRANDÃO, 2015, p. 174-176).

A presença de heróis na epopeia será, para Aristóteles em sua *Poética*, um fator caracterizante do gênero, aproximando-o da tragédia que também tratava de homens superiores, ainda que de modo diferente, e afastando-o da comédia, ocupada por seres inferiores aos homens de sua atualidade¹⁸⁶. Esses personagens centrais da epopeia são dignos o bastante para caminhar pelo mundo com a segurança de suas constituições, estando,

¹⁸⁵ Ao analisar o próêmio da *Ilíada*, Brandão (2015, p. 35) considera que o poeta demonstra se dirigir tanto a Musa, que canta a ele, quanto ao público, para o qual canta. Além disso, no catálogo das naus, o poeta deixa claro a seu leitor que opta por não nomear a multidão – o que as Musas são capazes de fazer –, mas apenas os chefes e as naus (BRANDÃO, 2015, p. 45). Desse modo, Homero demonstra consciência da relação que ocorre entre as Musas que cantam, o poeta que organiza o canto e o público que o lê.

¹⁸⁶ [...] καθαρίσει ἔστι γενέσθαι ταύτας τὰς ἀνομοιότητας, καὶ [τὸ] περὶ τοὺς λόγους δὲ καὶ τὴν φιλομετρίαν, οἷον Ὀμηρος μὲν βελτίους, Κλεοφῶν δὲ ὁμοίους, Ἠγήμων δὲ ὁ Θάσιος <ὁ> τὰς παρωδίας ποιήσας πρῶτος καὶ Νικοχάρης ὁ τὴν Δειλιάδα χεῖρους: ὁμοίως δὲ καὶ περὶ τοὺς διθυράμβους καὶ περὶ τοὺς νόμους, ὥσπερ †γᾶς† Κύκλωπας Τιμόθεος καὶ Φιλόξενος μιμήσαιτο ἄν τις. (Arist., *Po.*, 1448a, 10-15). “[...] Homero imitou homens superiores; Cleofão, semelhantes; Hegêmon de Taso, o primeiro que escreveu paródias, e Nicócares, o autor da *Delíada*, imitaram homens inferiores. E a mesma diversidade se encontra nos ditirambos e nomos, como o mostram [Ar]ga, Timóteo e Filóxeno, nos *Ciclopes*.” (Arist., *Po.*, 1448a, 8, trad. Eudoro de Souza).

geralmente, ou rodeados pelos deuses, ou sendo por eles auxiliados à distância, uma vez que ou fazem parte de sua descendência direta, como Aquiles, filho de Tétis, na *Ilíada*, ou têm o mérito de seu favorecimento, como Odisseu obtém o de Atena na *Odisseia*, principalmente.

Essa segurança ligada a suas constituições advém de sua *ἀρετή* (*aretē*), uma “qualidade no mais alto grau de excelência” (PESSANHA, 1992, p. 37), que lhes serve, inclusive, de epíteto – como ocorre com Ulisses, adjetivado como *πολύτροπον* (*polýtropon*), astucioso¹⁸⁷, e com Eneias, como *pius*, piedoso¹⁸⁸. Ao mesmo tempo, essa excelência também os destaca dos demais, como ocorre em “Semelhante a ele [Menesteu] não havia outro homem na terra, / capaz de alinhar carros e homens portadores de escudo. / Só Nestor com ele rivalizava, pois era ele o mais velho”¹⁸⁹ (Hom., *Il.*, 2, 553-555, trad. F. Lourenço) e em “Nireu, que era o homem mais belo entre os outros Dânaos / que vieram para debaixo de Ílion, à exceção do irrepreensível Pelida.”¹⁹⁰ (Hom., *Il.*, 2, 672-673, trad. F. Lourenço). Perceba-se que as exceções feitas referem-se unicamente a heróis ainda mais excelentes, estando acima dos que estão sendo descritos. Com essa caracterização, o herói se debate em uma existência que se localiza entre o divino, que lhe permite realizar os grandes feitos pelos quais será lembrado, e o humano, que não só o leva a perpetrar atos vis, como também o condena à morte (SCHÜLER, 1992, p. 11).

Portador desses traços principais, o herói épico acaba recebendo uma caracterização estática, mesmo se se observa um personagem como Jasão que é ainda imberbe – a maior parte dos heróis que o acompanham igualmente¹⁹¹ – quando empreende suas aventuras. Ao longo da narrativa de Flaco, por exemplo, o personagem parece aprimorar as características que já tem e que o destacam o suficiente para que seu tio cada vez mais o tema¹⁹², mas não parece desenvolver novas excelências. Essa imutabilidade parece ter relação com o fato de

¹⁸⁷ ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ / Πλάγχθη [...] (Hom., *Od.*, 1, 1). “Musa, reconta-me os feitos do herói astucioso que muito / peregrinou, [...]” (Hom., *Od.*, 1, 1, trad. C. Alberto Nunes).

¹⁸⁸ Praecipue pius Aeneas nunc acris Oronti, / nunc Amyci casum gemit [...] (Verg., *A.*, 1, 220-221). “Com mor mágoa em silêncio o pio Enéias / Ora do bravo Oronte, ora de Ámico / Lamenta o triste fim, [...]” (Verg., *A.*, 1, 220, trad. J. V. Barreto Feio).

¹⁸⁹ τῶ δ' οὐ πῶ τις ὁμοῖος ἐπιχθόνιος γένετ' ἀνὴρ / κοσμήσαι ἵππους τε καὶ ἀνέρας ἀσπιδιώτας: / Νέστωρ οἷος ἔριζεν: ὃ γὰρ προγενέστερος ἦεν: (Hom., *Il.*, 2, 553-555).

¹⁹⁰ Νιρεύς, ὃς κάλλιστος ἀνὴρ ὑπὸ Ἴλιον ἦλθε / τῶν ἄλλων Δαναῶν μετ' ἀμύμονα Πηλείωνα: (Hom., *Il.*, 2, 673-674).

¹⁹¹ [...] ἐν δ' ἄρα Τίφυς / βήσασθ', ἴν' ὀτρύνει νεούς κατὰ καιρὸν ἐρύσσαι: (A. R., 1, 381-382). “[...] em tanto Typhis / Sobe porque aos mancebos dê a tempo / De empurrar o sinal, [...]” (A. R., 1, 381-382, trad. J. M. da Costa e Silva). Segundo Pereira (1984, p. 384), νεούς (*néoys*) tem sentido de “novo; jovem; próprio ou conforme à juventude; novo, não ordinário, inesperado [...]”.

¹⁹² [...] uatesque canunt pecudumque per aras / terrifici monitus iterant: super ipsius ingens / instat fama uiri uirtusque haut laeta tyranno. (V. Fl., 1, 28-30). “[...] Maus presságios / No altar repetem-se; e do herói a fama aumenta – / Ao rei, porém, essas virtudes não agradam.” (V. Fl., 1, 28-30, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

que a epopeia, conforme Bakhtin (2014, p. 409), representa um mundo acabado em que não haveria espaço para o incompleto, o que não está resolvido.

Porém, o que se pode observar é que muitas dessas definições de herói épico são propostas a partir das epopeias homéricas, principalmente a *Ilíada*, que assumem um considerável papel modelar quanto ao gênero e seus personagens em estudos importantes sobre esses temas. Essa abordagem faz sentido, uma vez que o texto homérico tem caráter basilar para a literatura ocidental, e, logo, não se pode negar sua importância como referência literária para autores que trabalharam dentro e fora desse gênero. Entretanto, com o desenrolar do tempo, o diálogo de um novo poeta com uma obra, que é referência em determinado gênero, pode se dar por meio de um processo de aproximação ou de afastamento desse modelo elegido. Horácio demonstra em sua *Arte Poética* as possibilidades de relação com a tradição:

Matéria pública virá a ser de direito privado se não te retardares em redor de um círculo batido e aberto a todos, nem te empenhares, como tradutor fiel, em verter palavra por palavra; nem caíres, como imitador, em um buraco estreito, de onde a vergonha e as leis da obra te impedem de tirar os pés.¹⁹³
(Hor., *Ars*, 131-135, trad. D. Tringali).

Assim, se o poeta deverá se apropriar do seu modelo (*publica materies*), estando livre para reformatá-lo ou recriá-lo, não só essa relação entre novos poetas e Homero, mas também as influências internas – como uma vertente literária – e externas à literatura – como a ação política sobre a produção dos poetas – podem gerar mudanças na maneira como a epopeia se caracteriza, se não em relação à sua forma, que permanece estática, quanto ao seu conteúdo e, então, quanto ao desenho de seus personagens. Além disso, é interessante ressaltar que mesmo entre a *Ilíada* e a *Odisseia* já existe alguma mudança de configuração, veja-se, por exemplo, a alteração na caracterização divina e em sua intervenção nos dois textos (PEREIRA, 1976, p. 97-98).

Quando se observa a construção de Jasão como herói principal da *Argonáutica* de Apolônio de Rodes, pode-se questionar sua configuração como um herói épico que se destaca acima dos demais por meio de seus feitos, habitualmente, bélicos e realizados devido a uma busca, muitas vezes consciente, pela glória, tanto que chega a receber as alcunhas, sob certo

¹⁹³ *Publica materies priuati iuris erit, si / non circa uilem patulumque moraberis orbem, / nec uerbo uerbum curabis reddere fidus / interpretes nec desilies imitator in artum, / unde pedem professre pudor uetet, aut operis lex.* (Hor., *Ars*, 131-135).

aspecto, diminutivas, de *love hero* (BEYE, 1982) e de um herói desconfiado e vulnerável que poderia ser um anti-herói (MACKIE, 2001, p. 3).

O Jasão de Apolônio parece ser um herói que passa a maior parte de sua narrativa em dúvida e, conforme afirma Gouvêa Júnior (2007, p. 28), o favor garantido por Hera ao herói não está ligado à sua ascendência ou a uma destreza física ou intelectual, mas a um ato de gentileza realizado ao atravessar um rio com Hera disfarçada de idosa em suas costas, conforme a própria deusa relata a Afrodite. Embora Hera afirme que esse favor seria a principal causa para auxiliar Jasão, a deusa também aponta, como em outras versões, seu ódio a Pélias que a desonrara lhe negando sacrifícios, sendo essa a outra motivação para o retorno do herói. Perceba-se também que a deusa afirma que ofereceria ajuda ao herói mesmo que ele almejasse libertar Ixion, personagem que teria atentado contra sua honra¹⁹⁴, o que acentua a importância do herói à deusa, seja por afeto, seja por ser instrumento de sua futura vingança:

Ja deu fundo ao Baixel Jason no Phasis, / “E os que buscam com elle o vélllo de ouro. / Por todos em tal lance receamos, / Porém mais por Jason, pois si elle ao Orco, / Para soltar Ixion dos ferreos laços, / Ousasse navegar; para salva-lo / Quanta força em mim cabe empenharia, / Porque, seus ruins fados evitando, / Pelias não risse, esse orgulhoso que ousa / Da honra dos sacrificios defraudar-me. / Mas por outras razões Jason me é caro, / Caro de ha muito tempo; pretendendo / Ter da humana equidade experiencia, / Junto da foz do caudaloso Anauro / Topei com elle que da caça vinha. / Alvejavam co’a neve os montes todos, / E os alcantis altissimos, e delles. / Reboando as torrentes se arrojavam, / De mim que senil fôrma revestúra / Compaixão elle teve, ergueu-me aos hombros, / E além me poz do impetuoso Rio, / Por isso muito, e sempre eu hei de honra-lo, / Nem Pelias soffrera justo castigo / Si tu, sua tornada não permittes.¹⁹⁵ (A. R., 3, 55-75, trad. J. M. da Costa e Silva).

¹⁹⁴ Conforme apresenta, por exemplo, Higino: *Ixion Leontei filius conatus est Iunonem comprimere: Iuno Iouis iussu nubem supposuit, quam Ixion Iunonis simulacrum esse credidit; ex ea nati sunt centauroi. at Mercurius Iouis iussu Ixionem ad inferos in rota constrinxit, quae ibi adhuc dicitur uerti.* (Hyg., *Fab.*, 62); “Íxion, filho de Leonteu, tentou violentar Juno: por ordem de Júpiter, Juno colocou em seu lugar uma nuvem, que Íxion acreditou ser a imagem de Juno. Dela, nasceram os centauros. Mas Mercúrio, por ordem de Júpiter, prendeu Íxion a uma roda nas regiões inferiores, a qual, diz-se, continua ali, rodando.” (Hyg., *Fab.*, 62, trad. D. M. Alves).

¹⁹⁵ [...] “Ἡρῆ τοίοισιν ἀμειβομένη προσέειπεν: / ‘Κερτομέεις: νῶϊν δὲ κέαρ συνορίνεται ἄτη. / ἤδη γὰρ ποταμῶ ἐνὶ Φάσιδι νῆα κατίσχει / Αἰσονίδης, ἠδ’ ἄλλοι ὅσοι μετὰ κῶας ἔπονται. / τῶν ἦτοι πάντων μὲν, ἐπεὶ πέλας ἔργον ὄρωρεν, / δείδιμεν ἐκπάγλως, περὶ δ’ Αἰσονίδαο μάλιστα. / τὸν μὲν ἐγών, εἰ καὶ περ ἐς Ἄϊδα ναυτίλληται / λυσόμενος χαλκῶν ἰξίονα νειότη δεσμῶν, / ῥύσομαι, ὅσον ἐμοῖσιν ἐνὶ σθένοσ ἐπλετο γυίοις, / ὄφρα μὴ ἐγγελάση Πελίης κακὸν οἶτον ἀλύξας, / ὅς μ’ ὑπερηνορή θυέων ἀγέραστον ἔθηκεν. / καὶ δ’ ἄλλως ἔτι καὶ πρὶν ἐμοὶ μέγα φίλατ’ Ἰήσων / ἐξότ’ ἐπὶ προχοῆσιν ἄλις πλήθοντος Ἀναύρου / ἀνδρῶν εὐνομῆσ πειρωμένη ἀντεβόλησεν / θήρης ἐξανιών: νιφετῶ δ’ ἐπαλύνετο πάντα / οὔρεα καὶ σκοπιαὶ περιμήκεες, οἱ δὲ κατ’ αὐτῶν / χεῖμαρροι καναχηδὰ κυλινδόμενοι φορέοντο. / γρηὶ δέ μ’ εἰσαμένην ὀλοφύρατο, καὶ μ’ ἀναείρας / αὐτὸς ἐοῖς ὤμοισι διέκ προαλῆσ φέρεν ὕδαρ. / τῶ νύ μοι ἄλληκτον περιτίεται: οὐδέ κε λῶβην / τίσειεν Πελίης, εἰ μὴ σύ γε νόστον ὀπάσσεισ.’ (A. R., 3, 55-75).

Como Hera indica que estivera junto ao Anauro quando deste episódio, pode-se ligar esse fato com a informação dada no início da epopeia, de maneira que, como ocorre em grande parte das versões, Jasão perde sua sandália durante essa travessia com Hera e, por isso, cumpre o oráculo dado a Pélias sobre o homem semicalçado:

Tinha Pelias de Oraculos sabido / Impendente ruina; porque a morte / Tinham de os artificios machinar-lhe / De varão, que entre as turbas deparasse / Com só calçado um pé! em breves tempos / Jason, passando a vao o hyberno Anauro, / Atascado no lôdo um chapim deixa, / Trazendo outro na planta; e deste modo / Foi na presença apparecer de Pelias / Onde sacro banquete dedicava / A Neptuno, seu Pae, e aos outros Deoses, / Sem recordar-se da Pelasga Juno. / Pelias, que o conheceu, pensa, e lhe incumbe / Navegação funesta, em que pereça / Sepultado nas ondas, ou, voltando, / Entre estranhas nações! [...] ¹⁹⁶ (A. R., 1, 5-17, trad. J. M. da Costa e Silva).

Desse modo, não só o favor de Hera não é motivado por alguma destreza excepcional, ou apenas por apreço ao herói, assim como a própria viagem não ocorre por esse motivo ou por alguma busca por glória por parte de Jasão. Esse fato não ocorre com seus companheiros que não têm interesses tão diretos na viagem como seu capitão. Assim ocorre, por exemplo, com Mopso – “Veio tambem o Titaresio Mopso, / A quem fez sem igual Latonio Phebo / Em agourar das aves pelo vôo.” ¹⁹⁷ (A. R., 1, 65-67, trad. J. M. da Costa e Silva) –, com Oileo – “A estes se ajuntou Oileo, distinto / Na ligeiresa, e mais que todos mestre / Em acessar contrarios derrotados.” ¹⁹⁸ (A. R., 1, 74-76, trad. J. M. da Costa e Silva) –, ou com Idmon – “Idmon, que, de seu fado bem sciente / Agouros desouvio para que o vulgo / Detrahir não podesse a gloria sua.” ¹⁹⁹ (A. R., 1, 139-141, trad. J. M. da Costa e Silva). Entretanto, é interessante observar que mesmo heróis que recebem descrições como as de Oileo, dignas dos guerreiros da *Ilíada*, não têm destaque dentro da narrativa, estando ali pela necessidade do número. Em contrapartida, um herói como Orfeu, detentor de uma perícia capaz de dissolver

¹⁹⁶ τοῖην γὰρ Πελῆης φάτιν ἔκλυεν, ὥς μιν ὀπίσσω / μοῖρα μένει στυγερή, τοῦδ' ἀνέρος, ὄντιν' ἴδοιτο / δημόθεν οἰοπέδιλον, ὑπ' ἐννεσίησι δαμῆναι. / δηρὸν δ' οὐ μετέπειτα τειήν κατὰ βᾶξιν Ἰήσων / χειμερίοιο ῥέεθρα κίων διὰ ποσσὶν Ἀναύρου / ἄλλο μὲν ἐξεσάωσεν ὑπ' ἰλύος, ἄλλο δ' ἐνερθεν / κάλλιπεν αὐθιπέδιλον ἐνισχόμενον προχοῆσιν. / ἴκετο δ' ἐς Πελῆην αὐτοσχεδὸν ἀντιβολήσων / εἰλαπίνης, ἣν πατρὶ Προσειδάωνι καὶ ἄλλοις / ῥέζει θεοῖς, Ἥρης δὲ Πελασγίδος οὐκ ἀλέγιζεν. / αἴψα δὲ τόνγ' εἰσιδὼν ἐφράσσατο, καὶ οἱ ἄεθλον / ἔντυε ναυτιλῆς πολυκηδέος, ὄφρ' ἐνὶ πόντῳ / ἦε καὶ ἀλλοδαποῖσι μετ' ἀνδράσι νόστον ὀλέσσει. (A. R., 1, 5-17).

¹⁹⁷ ἦλυθε δ' αὖ Μόψος Τιταρήσιος, ὃν περὶ πάντων / Λητοΐδης ἐδίδαξε θεοπροπίας οἰωνῶν: (A. R., 1, 65-66).

¹⁹⁸ [...] σὺν καὶ τρίτος ἦεν Ὀιλεὺς, / ἔξοχος ἠγορέην καὶ ἐπαΐξαι μετόπισθεν / εὖ δεδαῶς δήοισιν, ὅτε κλίνωσι φάλαγγας. (A. R., 1, 74-76).

¹⁹⁹ Ἴδμων δ' ὑστάτιος μετεκίαθεν, ὅσσοι ἔναιον / Ἄργος, ἐπεὶ δεδαῶς τὸν ἐὸν μόρον οἰωνοῖσιν / ἦιε, μὴ οἱ δῆμος ἐυκλείης ἀγάσαιτο. (A. R., 1, 139-141).

contendas²⁰⁰ e adjetivado como auxiliador²⁰¹, parece mais adequado a esse contexto já que suas habilidades beneficiam o grupo (RODRIGUES JÚNIOR, 2010, p. 148-149), o que faz sentido dentro do plano da narrativa, principalmente porque a epopeia de Apolônio parece pressupor uma ideia de coletivo expressa já no início do poema. O poeta, que inicia o canto por Febo, não pretende narrar unicamente os feitos de Jasão, mas os do conjunto de heróis que buscam o velocino: “Com teus auspícios, cantarei, oh Phebo, / **Os antigos Heroes**, que aventureiros / Por Pelias demandando o velo d’ouro, / Do Ponto pela foz, e Cyaneas rochas / Argo, nao bem travada, pilotaram.”²⁰² (A. R., 1, 1-5, trad. J. M. da Costa e Silva. Grifo nosso).

Considerando a atuação de Jasão, percebe-se que mesmo sua posição como capitão durante a empreitada não seria sua se dependesse de seus companheiros, que buscam eleger a Hércules, que nega a honra:

[...] Cumpre pois que de nós o mais prestante / Se escolha sem paixão, que seja o Chefe, / Que tudo tenha a cargo, ou com estranhos / De pugnar se haja, ou de fazer lianças.” / Callou aqui, e os olhos dos Mancebos / Já designavam o robusto Alcides, / Que ali sentado está; e a uma todos / Já com clamor unanime o proclamam. / Mas o Heroe, d’onde jaz, alçando a dextra / “Tal honra (diz) ninguém queira outhorgar-me, / Pois não a aceito, nem consinto em outro. / O que nos convocou, esse nos rêja.” / O magnânimo Alcides assim falla: / Todos o voto seu aprovam; [...]”²⁰³ (A. R., 1, 338-347, trad. J. M. da Costa e Silva).

Conforme propõe Rodrigues Júnior (2010, p. 132-134), a preferência dos companheiros de Jasão por Hércules pode advir da tradição iliádica de que o melhor é o mais forte, capaz de proezas bélicas, e, por consequência, o líder, honra garantida a Aquiles e, em sua ausência, a Ajax Telamônio e Diomedes na *Iliada*. Contudo, Jasão tem consciência de que

²⁰⁰ Observe-se o conflito entre Idas e Idmon no canto I: *Χώετ’ ἐνιπτάζων: προτέρω δέ κε νεῖκος ἐτύχθη, / εἰ μὴ δηριόωντας ὁμοκλήσαντες ἑταῖροι / αὐτός τ’ Αἰσονίδης κατερήτυεν: ἄν δὲ καὶ Ὀρφεύς / λαιῆ ἀνασχόμενος κίθαριν πείραζεν ἀοιδῆς.* (A. R., 1, 492-495) “[...] Com as altercações se aumenta a fúria / E inda iria mais longe esta contenda, / Si entre os dois os demais não se entrepunham, / E Jasão não lhe obstasse, e mais que tudo / Si Orpheo na esquerda a Cythara tomando, / Não levantasse o Canto! [...]” (A. R., 1, 492-495, trad. J. M. da Costa e Silva).

²⁰¹ *ἐπαρωγόν* (A. R., 1, 32).

²⁰² *ἀρχόμενος σέο, Φοῖβε, παλαιγενέων κλέα φωτῶν / μνήσομαι, οἱ Πόντοιο κατὰ στόμα καὶ διὰ πέτρας / Κυανέας βασιλῆος ἐφημοσύνη Πελῖαιο / χρύσειον μετὰ κῶας εὐζυγον ἤλασαν Ἀργῶ.* (A. R., 1, 1-4. Grifo nosso).

²⁰³ *τουνεκα νῦν τὸν ἄριστον ἀφειδήσαντες ἔλεσθε / ὄρχαμον ἡμείων, ᾧ κεν τὰ ἕκαστα μέλοιτο, / νεῖκα συνθεσίας τε μετὰ ξείνοισι βαλέσθαι.’ ὧς φάτο: πάπτηναν δὲ νέοι θρασὺν Ἡρακλῆα / ἡμενον ἐν μέσσοισι: μὴ δὲ ἐ πάντες αὐτῆ / σημαίνειν ἐπέτελλον: ὁ δ’ αὐτόθεν, ἔνθα περ ἦστο, / δεξιτερῆν ἀνά χεῖρα τανύσσατο φώνησέν τε: / ‘μήτις ἐμοὶ τόδε κῦδος ὀπαζέτω. οὐ γὰρ ἔγωγε / πείσομαι: ὥστε καὶ ἄλλον ἀναστήσεσθαι ἐρύξω. / αὐτός, ὅτις ξυνάγειρε, καὶ ἀρχεῦοι ὀμάδοιο.’ ἢ ῥα μέγα φρονέων, ἐπὶ δ’ ἦνεον, ὧς ἐκέλευεν / Ἡρακλέης: [...] (A. R., 1, 338-347).*

a viagem exigiria não só combates, mas também habilidades diplomáticas para que pudessem firmar acordos com os povos estrangeiros, como ocorre nos reinos de Cízico e de Hipsípyle, e Jasão tenta uma embaixada até mesmo com Eetes²⁰⁴. De qualquer forma, é interessante apontar que, das versões a que se tem acesso, a de Apolônio é a primeira que insere a possibilidade de que Hércules pudesse ser o capitão dos argonautas, o que em Diodoro torna-se realidade, apontando para um apagamento da atuação de Jasão²⁰⁵.

Ponderando uma possível comparação entre Jasão e Hércules, outro elemento que pode ser indicado é a relação desses heróis com o coletivo. O Alcides é capaz de realizar grandes feitos sozinho, tanto que a viagem se configura como um apêndice de seus doze trabalhos e, mesmo após ser separado de Hilas, continua a executar esses trabalhos impostos e, posteriormente, é divinizado. Dentro da narrativa de Apolônio de Rodes, é aquele que provoca – ainda que indiretamente já que é objeto de ódio de Hera – uma das provas que os heróis precisam superar ao longo da viagem, porém demonstra que não precisa de muita ajuda para resolver o problema:

Mas do monte com ímpeto correndo / Do outro lado os Gigantes trabalhavam / Por obstruir do Chyto com penedos / A marítima bocca, qual se dentro / Fera estivesse, que apanhar tentassem: / Mas lá ficára com alguns mais moços, / Hercules, que contra elles logo armando / O arco recurvo põe por terra a muitos. / Os bárbaros disparam sobre Alcides / Fragmentos de rochedos; **que taes Monstros, / Juno Esposa de Jupiter nutríra / Medonhos, porque Alcides combatessem.** / Mas os outros Heroes, que já voltavam / Vem-lhe ao encontro, antes que o monte subam, / E exterminalos belicosos tentam.²⁰⁶ (A. R., 1, 989-1002, trad. J. M. da Costa e Silva. Grifo nosso).

²⁰⁴ *αὐτὰρ ἐγὼν ἐς δῶματ' ἐλεύσομαι Αἰήταο, / υἱὰς ἐλῶν Φρίξιοιο δῦω δ' ἐπὶ τοῖσιν ἐταίρους. / πειρήσω δ' ἐπέεσσι παροίτερον ἀντιβολήσας, / εἴ κ' ἐθέλοι φιλότῃτι δέρος χρύσειον ὀπάσσαι, / ἦε καὶ οὐ, πίσυρος δὲ βίη μετιόντας ἀτίσσει.* (A. R., 3, 177-181) “Eu c’os Filhos de Phryxo, e mais dois Socios / Vou de Eeta ao Palacio dirigir-me. / Rogos primeiro empregarei sondando / Si quer, ou não, o velocinio de ouro / Espontaneo ceder-nos, ou si ufano / Das forças suas, com desprezo trata / Os aqui aportados. [...]” (A. R., 3, 1432-1443, trad. J. M. da Costa e Silva). *δοῦς χάριν ἀντομένοισι: σέθεν δ' ἐγὼ Ἑλλάδι πάση / θεσπεσιην οἴσω κληηδόνα: [...]* (A. R., 3, 391-392). “[...] supplicas nossas / Accolhe, e espalharei por Grecia toda / Teu louvor imortal!” (A. R., 3, 391-392, trad. J. M. da Costa e Silva).

²⁰⁵ Cf. páginas 41 a 45.

²⁰⁶ *Γηγενέες δ' ἐτέρωθεν ἀπ' οὐρεος αἶξαντες / φράξαν ἀπειρεσίοιο Χυτοῦ στόμα νειόθι πέτρης / πόντιον, οἷά τε θῆρα λοχῶμενοι ἔνδον ἔοντα. / ἀλλὰ γὰρ αὐθι λέλειπτο σὺν ἀνδράσιν ὀπλοτέροισιν / Ἡρακλῆς, ὅς δὴ σφι παλίντονον αἶψα ταυύσσας / τόξον ἐπασσυτέρους πέλασε χθονί: τοὶ δὲ καὶ αὐτοὶ / πέτρας ἀμφιρῶγας ἀερτάζοντες ἔβαλλον. / δὴ γὰρ που κάκεῖνα θεὰ τρέφεν αἰνὰ πέλωρα / Ἥρη, Ζηνὸς ἄκοιτις, ἀέθλιον Ἡρακλῆι. / σὺν δὲ καὶ ὄλλοι δῆθεν ὑπότροποι ἀντιόωντες, / πρὶν περ ἀνελθέμεναι σκοπιήν, ἦπτοντο φόνοιο / γηγενέων ἥρωες ἀρήιοι, ἡμὲν οἰστοῖς / ἠδὲ καὶ ἐγχείησι δεδεγμένοι, εἰσόκε πάντας / ἀντιβίην ἀσπερχῆς ὀρινομένους ἐδάϊξαν.* (A. R., 1, 989-1002. Grifo nosso).

Ademais, quando Hércules toma a liderança no episódio de Lemnos, em que os heróis se demoram, a proposta é de dissolução do conjunto, de maneira que cada um retorne à sua pátria. Nesse momento, Jasão será apenas objeto do discurso, não desempenhando função de interlocutor, e a admoestação de Hércules não surtirá qualquer reação direta no capitão:

De dia em dia os Nautas delongavam / Sua navegação, e largos tempos / Nesta amorosa inercia consumiram, / Si longe das Comborças ajuntando-os, / Hercules deste modo os não increpa. / “Sangue civil da Patria vos desterra, / Guapos Heroes, ou procuraveis bodas, / Aqui por desamor das pátrias Damas? / Praz-vos morar aqui, e os pingues campos / Agricutlar de Lemnos? certo gloria / Não será para nós aqui vivermos / Com estranhas Mulheres encerrados. / Nem dos Numes algum por próprio impulso / Irá roubar o Velocino de ouro / Para entrega-lo a nós! aos pátrios Lares / Volte cada um de vós, e elle cá fique / Tanto tempo de Hypsipyle no thóro, / Que de prole viril Lemnos povoe, / Do que deve provir-lhe eterna fama.” / Ninguém replicar ousa a tal discurso, / Nem os olhos erguer, antes sahindo / Do conselho, a partir se apressam todos.²⁰⁷ (A. R., 1, 861-878, trad. J. M. da Costa e Silva).

Perceba-se, ainda, que Hércules não participa da reunião com as mulheres de Lemnos e se afasta dos outros heróis no reino dos doliões, preferindo permanecer junto à nau com alguns dos sócios da empreitada, de maneira que não toma parte diretamente nos acordos realizados com outros povos que são promovidos por Jasão conforme ele previra antes do início da jornada.

Em comparação, Jasão é aquele que necessita da ajuda de seus companheiros e de Medeia para cumprir seus objetivos, ao ponto de que, em alguns momentos, seus companheiros demonstrem que não só não precisam de seu auxílio, mas se inquietam por ele: “Chega Jason, emfim, que dar socorro / Corrêra aos, que tão pouco o careciam, / E que estão já sollicitos por elle.”²⁰⁸ (A. R., 4, 490-492, trad. J. M. da Costa e Silva). Mesmo assim, é constante a preocupação do capitão com o conjunto da tripulação:

²⁰⁷ ἀμβολίη δ' εἰς ἡμαρ αἰεὶ ἐξ ἡματος ἦεν / ναυτιλίας: δηρὸν δ' ἂν ἐλίνυον αὐθι μένοντες, / εἰ μὴ ἀολίσσας ἐτάρους ἀπάνευθε γυναικῶν / Ἡρακλῆς τοίοισιν ἐνιπτάζων μετέειπεν: / ‘δαιμόνιοι, πάτρης ἐμφύλιον αἴμ' ἀπόεργει / ἡμέας; ἦε γάμων ἐπιδευέες ἐνθάδ' ἔβημεν / κείθεν, ὄνοσσάμενοι πολιήτιδας; αὐθι δ' ἔαδεν / ναίοντας λιπαρὴν ἄροσιν Λήμνοιο ταμέσθαι; / οὐ μὰν εὐκλειεῖς γε σὺν ὀθνεῖησι γυναιξίν / ἔσσομεθ' ὧδ' ἐπὶ δηρὸν ἐελμένοι: οὐδέ τι κῶας / αὐτόματον δώσει τις ἐλῶν θεὸς εὐξαμένοισιν. / ἴομεν αὐτὶς ἕκαστοι ἐπὶ σφέα: τὸν δ' ἐνὶ λέκτροις / Ὑψιπύλης εἰᾶτε πανήμερον, εἰσόκε Λῆμνον / παισὶν ἐσανδρώσει, μεγάλη τέ ἐβάξις ἴκηται.’ / ὧς νεῖκεσεν ὄμιλον: ἐναντία δ' οὐ νύ τις ἔτλη / ὄμματ' ἀνασχεθέειν, οὐδέ προτιμυθήσασθαι: / ἀλλ' αὐτῶς ἀγορηθὲν ἐπαρτίζοντο νέεσθαι / σπερχόμενοι. ταὶ δέ σφιν ἐπέδραμον, εὔτ' ἐδάησαν. (A. R., 1, 861-878).

²⁰⁸ [...] ὁψέ δ' Ἰήσων / ἦντησεν, μεμαῶς ἐπαμυνόμενον οὐ μάλ' ἀρωγῆς / δευομένοις: ἦδη δὲ καὶ ἀμφ' αὐτοῦ μέλοντο. (A. R., 4, 489-491).

“O que entendo exporei, (diz elle) amigos, / Conduzi-lo a seu fim a vós compete. / O negocio é commum, communs ser devem / As opiniões aqui! O que em silencio / Guarda o seu pensamento, e seu conselho, / Saiba que a todos repatriar nos veda; / Em armas no Baixel ficae traquillos.”²⁰⁹ (A. R., 3, 171-177, trad. J. M. da Costa e Silva).

E utiliza, inclusive, essa preocupação para inspirá-los quando necessário, como ocorre em:

“Errei, Typhis, errei, e soffro agora / Calamidade horrenda, irreparável. / Devia obstar de Pelias ao preceito, / Recusar esta empresa, inda que houvesse / De morrer dura morte, em postas feito. / Insoffríveis cuidados, crebros sustos / Sobre o espirito meu estam pesando. / Ora mar os hórridos caminhos / Com a Náo affrontar receio, e ora / Terra tomar, que em toda a parte ha homens / De injusta condição; termina o dia / E entre gemidos se escôa a noute, / Pois desde o tempo, em que a tão grande empresa / Pela minha amisade concorrestes, / Tudo na idéa revolver me cumpre. / Facil te é discursar; não tens a cargo / Mais do que a vida tua: eu nada curo / Também de mim; mas por aquelle, e este, / por ti, por todos temo, que não possa / Restituir-vos inda à Pátria Grecia.’ / Assim disse elle, os Socios seus sondando, / Que todo vibram denodadas vozes.”²¹⁰ (A. R., 2, 622-638, trad. J. M. da Costa e Silva).

Mesmo apresentando características que poderiam ser consideradas um tanto diferentes das de Hércules, é interessante ressaltar que Jasão é capaz de cumprir um feito, dentro da narrativa, análogo àquele de Hércules, ou seja, derrotar um dragão e obter aquilo que ele guarda. Durante a viagem de retorno, em um momento de desespero em que são salvos da sede indiretamente por Hércules que fora abandonado em terra ciânea, os heróis encontram as Hespérides, que lamentam a morte do dragão que guardava as maçãs de ouro, descrevendo o Alcides como alguém insolente:

“Grande soccorro nos trabalhos vossos / Foi certo esse impudente, que deu morte / Ao Dragão guardador, e os áureos p̄mos / Roubou das Deosas, e si foi com elles, / Deixando-nos no peito acerba mágoa. / Sim; hontem veiu

²⁰⁹ ‘ὦ φίλοι, ἦτοι ἐγὼ μὲν ὃ μοι ἐπιανδάνει αὐτῶν / ἐξερέω: τοῦ δ’ ὕμμι τέλος κρηῖναι ἔοικεν. / ξυνή γὰρ χρειῶ, ξυνοὶ δέ τε μῦθοι ἕασιν / πᾶσιν ὁμῶς: ὁ δὲ σῖγα νόον βουλήν τ’ ἀπερύκων / ἴστω καὶ νόστου τόνδε στόλον οἶος ἀπούρας. / ὦλλοι μὲν κατὰ νῆα σὺν ἔντεσι μίμνεθ’ ἔκηλοι: (A. R., 4, 171-176).

²¹⁰ ‘Τῖφυ, τί μοι ταῦτα παρηγορέεις ἀχέοντι; / ἤμβροτον ἀσάμην τε κακὴν καὶ ἀμήχανον ἄτην. / χρῆν γὰρ ἐφιεμένοιο καταντικρὺ Πελίαο / αὐτίκ’ ἀνήνασθαι τόνδε στόλον, εἰ καὶ ἔμελλον / νηλειῶς μελεῖστί κεδαιόμενος θανέεσθαι: / νῦν δὲ περισσὸν δεῖμα καὶ ἀτλήτους μελεδῶνας / ἄγκειμαι, στυγέων μὲν ἀλὸς κρυόεντα κέλευθα / νηὶ διαπλώειν, στυγέων δ’, ὅτ’ ἐπ’ ἠπείροιο / βαίνωμεν. πάντη γὰρ ἀνάροις ἄνδρες ἕασιν. / αἰεὶ δὲ στονόεσσαν ἐπ’ ἡματι νύκτα φυλάσσω, / ἐξότε τὸ πρῶτιστον ἐμὴν χάριν ἠγερέθεσθε, / φραζόμενος τὰ ἕκαστα σὺ δ’ εὐμαρέως ἀγορεύεις / οἶον ἐῆς ψυχῆς ἀλέγων ὑπερ: αὐτὰρ ἔγωγε / εἶο μὲν οὐδ’ ἠβαιὸν ἀτύζομαι: ἀμφὶ δὲ τοῖο / καὶ τοῦ ὁμῶς, καὶ ἄλλων δεῖδι’ ἐταίρων / εἰ μὴ ἐς Ἑλλάδα γαῖαν ἀπήμονας ὕμμε κομίσσω.’ / ὥς φάτ’ ἀριστήων πειρώμενος: οἱ δ’ ὁμάδησαν / θαρσαλέοις ἐπέεσσιν. [...] (A. R., 2, 622-639).

aqui Homem medonho / Por audacia, e por corpo; scintilavam / Os olhos seus na frente acobertados / Dos ríspidos sobr'olhos, por vestido / Traz de um Leão descommunal a pelle, / Crua; e sem que o Artista inda a curtisse, / Traz clava ingente de Oliveira, e settas / Com que esse monstro atravessou de longe; / Ardendo vinha em sêde, como aquelle / Que a pé faz seu caminho, revistava / Todo esse vasto campo em busca d'água, / Que vêr nunca tinha! [...] ²¹¹ (A. R., 4, 1432-1443, trad. J. M. da Costa e Silva).

Assim, Hércules é aquele que usa da violência direta para conseguir o que deseja, deixando aquelas que presenciam o fato desoladas, enquanto Jasão, em situação semelhante, foi capaz de obter o velocino de ouro e, ao mesmo tempo, uma esposa, sem matar o dragão. Não parece haver espaço na trajetória de Jasão para a mesma violência representada nas ações de Hércules, o que pode incomodar um herói que a prefere como Idas, mas sua ausência convém ao coletivo ²¹². Porém, a atuação de Hércules não parece se dar de maneira negativa, uma vez que se faz necessária para o bom êxito da jornada, considerando que, mesmo afastado, o herói os ajuda. Dentro do plano da narrativa de Apolônio, a figura de Hércules é importante, visto que o autor não era obrigado a inseri-lo para respeitar o mito, já que existem variantes em que Hércules não viaja junto aos argonautas ²¹³. Isso também pode demonstrar, sob certo aspecto, que as características de Jasão são diferentes, mas não exatamente inferiores às de Hércules, já que servem ao objetivo imposto por Pélias. Como evidência disso, vale apontar que a conquista de Medeia é importante tanto para a obtenção do velocino

²¹¹ ἤ ἄρα δὴ μέγα πάμπαν ἐφ' ὑμετέροισιν ὄνειρα / δεῦρ' ἔμολεν καμάτοισιν ὁ κύντατος, ὅστις ἀπούρας / φρουρὸν ὄφιν ζωῆς παγχρύσεια μῆλα θεάων / οἴχετ' ἀειράμενος; στυγερόν δ' ἄχος ἄμμι λείπειται. / ἦλυθε γὰρ χθιζὸς τις ἀνὴρ ὀλοώτατος ὕβριν / καὶ δέμας; ὅσοι δὲ οἱ βλοσυρῶ ὑπέλαμπε μετώπῳ: / νηλῆς: ἀμφὶ δὲ δέρμα πελωρίου ἔστο λέοντος / ὠμόν, ἀδέψητον: στιβαρόν δ' ἔχεν ὄζον ἐλαίης / τόξα τε, τοῖσι πέλωρ τόδ' ἀπέφθισεν ἰοβολήσας. / ἦλυθε δ' οὖν κάκεϊνος, ἃ τε χθόνα πεζὸς ὀδεύων, / δίψη καρχαλέος: παίφασσε δὲ τόνδ' ἀνὰ χῶρον, / ὕδωρ ἐξερέων, τὸ μὲν οὐ ποθὶ μέλλεν ιδέσθαι. (A. R., 4, 1432-1443).

²¹² [...] μοῦνος δ' Ἀφαρήιος ἄνθορον Ἴδας, / δεῖν' ἐπαλαστήσας μεγάλη ὀπί, φώνησέν τε: / ὦ πόποι, ἦ ῥα γυναιξὶν ὀμόστολοι ἐνθάδ' ἔβημεν, / οἱ Κύπριν καλέουσιν ἐπίρροθον ἄμμι πέλεσθαι, / οὐκέτ' Ἐνυαλίῳ μέγα σθένος; ἐς δὲ πελείας / καὶ κίρκους λεύσσοντες ἐρητύεσθε ἀέθλων; / ἔρρετε, μηδ' ὑμῖν πολεμῖα ἔργα μέλοιτο, / παρθενικὰς δὲ λιτῆσιν ἀνάγκιδας ἠπεροπεύειν.' / ὣς ἠῦδα μεμαῶς: πολέες δ' ὀμάδησαν ἑταῖροι / ἦκα μάλ', οὐδ' ἄρα τίς οἱ ἐναντίον ἔκφατο μῦθον. (A. R., 3, 556-565); “Idas, o Filho de Aphareo somente / Grave se agasta, a grandes vozes clama: / ‘Que! vim aqui acompanhar Mulheres, / Que a Venus pedem que nos preste auxílio! / Ja a força de Marte não se invoca? / As Pombas, e os Açôres observando. / Vos negaes a pugnar! ide em má hora / Não mais trateis de bellicas empresas, / E imbelles Virgens enganae com rogos.’ / Desta sorte rixoso vozeava, / Muitos dos Socios de o ouvir bramiram, / Mas comsigo, e nenhum lhe deu resposta;” (A. R., 3, 556-565, trad. J. M. da Costa e Silva).

²¹³ Ferécides e Heródoto, segundo Apolodoro, teriam narrado a viagem dos argonautas com a ausência de Hércules, cf. nota 113. Aristóteles, em *Política*, também faz referência a este fato: *μυθολογεῖται δὲ καὶ τοὺς Ἀργοναύτας τὸν Ἡρακλέα καταλιπεῖν διὰ τοιαύτην αἰτίαν: οὐ γὰρ ἐθέλειν αὐτὸν ἄγειν τὴν Ἀργὼ μετὰ τῶν πλωτήρων τῶν ἄλλων, ὡς ὑπερβάλλοντα πολὺ.* (Arist., *Pol.*, 3, 1284a, 20-25); “Um exemplo tirado da mitologia: os argonautas deixaram Hércules para trás porque o próprio Argo não tinha a bordo ninguém tão imensamente maior que o resto da população.” (Arist., *Pol.*, 3, 1284a, 20-25, trad. T. M. Deutsch e B. Abrão).

de ouro, quanto para o retorno dos heróis ao ponto de partida na Grécia²¹⁴, como ocorre no episódio de Talo:

[...] e de Creta / Cheios de afan, e de sede, iriam longe, / Se desta arte Medea lhe não falla. / “Escutae-me! só eu, só eu presumo / Aquelle Homem domar, quem quer que seja. / Bem que tudo de bronze tenha o corpo / Existencia immortal não lhe foi dada. / O Baixel conservae, longe do alcance, / Das disparadas pedras, the que seja / Por meu poder vencido.” [...] ²¹⁵ (A. R., 4, 1654-1658, trad. J. M. da Costa e Silva).

A partir da análise da atuação dos dois heróis na epopeia, como apresenta Gouvêa Júnior (2007, p. 29), é possível considerar que Hércules – e mesmo outros heróis dentro da narrativa²¹⁶ – estaria mais afim dos modelos homéricos, enquanto seu capitão pode representar um novo paradigma de herói, fruto das tendências literárias do momento em que foi produzido, principalmente no que se refere à posição de liderança, já que Hércules tende à individualidade de ação, enquanto Jasão se propõe não só a uma diplomacia em relação aos

²¹⁴ É interessante apontar que Medeia tem consciência desse fato. Observe-se sua fala aos múnias quando estão no reino dos feácios, e ela argumenta para que não fosse devolvida ao irmão: *‘ύμέων, ὦ περί δὴ μέγα φέρτατοι, ἀμφὶ τ’ ἀέθλοισι / ὦν κάμον ὑμετέροισιν, ἀτύζομαι: ἥς ἰότητι / ταύρους τ’ ἐζεύξασθε, καὶ ἐκ θέρος οὐλοὸν ἀνδρῶν / κείρατε γηγενέων: ἥς εἶνεκεν Αἰμονίηνδε / χρύσειον αὐτίκα κῶας ἀνάξετε νοστήσαντες. / ἦδ’ ἐγὼ, ἦ πάτρην τε καὶ οὐς ὤλεσσα τοκῆας, / ἦ δόμον, ἦ σύμπασαν ἐνφροσύνην βιότοιο: / ὕμμι δὲ καὶ πάτρην καὶ δώματα ναίεμεν αὐτίς / ἦνυσα: καὶ γλυκεροῖσιν ἔτ’ εἰσόψεσθε τοκῆας / ὄμμασιν: [...]’* (A. R., 4, 1031-1040); “Por vós, oh Bravos, pela empreza vossa / Ora em pressa me vejo! eu, cujo aviso / Vos fez curvar ao jugo os bravos Touros, / E ceifar dos Terrigenas a messe / Tão horrída e feroz! eu por quem salvos / Com o vélllo de ouro regressaes a Hermonia, / Aquella eu sou, que Patria, Paes, e casa / Perdi, e da existencia os mimos todos, / Porque podesseis habitar ainda / Na vossa Patria, e nos solares vossos, / Porque outra vez com ledos olhos visseis / Os vossos Paes! [...]” (A. R., 4, 1031-1040, trad. J. M. da Costa e Silva).

²¹⁵ *καὶ νύ κ’ ἐπισμυγερῶς Κρήτης ἐκάς ἤερθησαν, / ἀμφοτέρων δίψη τε καὶ ἄλγεσι μοχθίζοντες, / εἰ μὴ σφιν Μήδεια λιαζομένοις ἀγόρευσεν: / κέκλυτέ μεν. μούνη γὰρ οἴομαι ὕμμι δαμάσσειν / ἀνδρα τόν, ὅστις ὄδ’ ἐστί, καὶ εἰ παγγάλλκεον ἴσχει / ὄν δέμας, ὀππότε μὴ οἱ ἐπ’ ἀκάματος πέλοι αἰών. / ἀλλ’ ἔχειτ’ αὐτοῦ νῆα θελήμονες ἐκτός ἐρωῆς / πετράων, εἶως κεν ἐμοὶ εἴξειε δαμῆναι.’* (A. R., 4, 1651-1658).

²¹⁶ Um episódio que pode demonstrar isso ocorre quando Jasão descreve aos heróis as provas impostas por Pélias, no canto III. De modo geral, os heróis consideram a empreita impossível, mas, mesmo assim, alguns, confiados em seu valor, se voluntariam a ela, enquanto Jasão diz a ter aceitado por falta de escolha: “[...] ὁ δὴ νύ οἱ--οὔτι γὰρ ἄλλο / βέλτερον ἦν φράσσασθαι--ἀπληγεγῶς ὑποέστην.’ / [...] ὀψὲ δὲ Πηλεὺς / θαρσαλέως μετὰ πᾶσιν ἀριστήεσσιν εἶπεν: / ὥρη μητιάσθαι ὅ κ’ ἔρσομεν. οὐ μὲν ἔολπα / βουλῆς εἶναι ὄνειαρ, ὅσον τ’ ἐπὶ κάρτεϊ χειρῶν. / εἰ μὲν νυν τύνη ζευξῆσαι βόας Αἰήταο, / ἦρωσ Αἰσονίδη, φρονέεις, μέμονάς τε πόνοιο, / ἦ τ’ ἂν ὑποσχεσίην πεφυλαγμένος ἐντύναιο: / εἰ δ’ οὐ τοι μάλα θυμὸς ἐῆ ἐπὶ πάγχυ πέποιθεν / ἠνορέη, μῆτ’ αὐτὸς ἐπέγειο, μῆτε τιν’ ἄλλον / τῶνδ’ ἀνδρῶν πάπτταινε παρήμενος. οὐ γὰρ ἔγωγε / σχήσομ’, ἐπεὶ θάνατός γε τὸ κύντατον ἔσσεται ἄλγος.’ / ὥς ἔφατ’ Αἰακίδης: Τελαμῶνι δὲ θυμὸς ὀρίνηθι: / σπερχόμενος δ’ ἀνόρουσε θεῶς: ἐπὶ δὲ τρίτος Ἴδας / ὦρτο μέγα φρονέων, ἐπὶ δ’ υἱέε Τυνδαρέοιο: / σὺν δὲ καὶ Οἰνείδης ἐναρίθμιος αἰζηοῖσιν / ἀνδράσιν, οὐδέ περ ὅσσον ἐπανθιόνοντας ἰούλους / ἀντέλλων: τοίω οἱ ἀείρετο κάρτεϊ θυμός:”; “Prometti-lhe ousado; / Que partido melhor tomar podéra?” [...] Peleo, por fim, audacioso entre eles / Levantou sua voz: – ‘Chegou-se o tempo / De decidir o que fazer nos cumpre. / Eu no conselho a salvação não julgo, / Mas na força dos braços. Si te atreves, / Esonide, a jungir de Eeta os Touros, / Si a afrontar a fadiga te resolves, / Guardando a dada fé, põe mãos a empreza. / Mas si o animo teu não se confia / Tanto no teu valor, nem violentado, / Tu seras, nem c’os olhos procurando / Dos que estam hi, vas outro, que o não soffro, / Que a dôr maior não sera mais que a morte.’ / O Eacide fallou; sentiu no peito / Telamon seu irmão violento abalo, / Irado, ergue-se, e rapido; terceiro / Surgiu Idas magnanimo, a quem seguem / Os dous filhos de Tyndaro, e com elles / O Eneides, que entre os fortes se contava, / Posto que ainda não lhe aponte o buço, / Tanto era o ardor, que no animo sentia.” (A. R., 3, 500-520, trad. J. M. da Costa e Silva).

outros povos que encontram, mas elementos de uma democracia no que se refere ao conjunto dos argonautas. Perceba-se que, em um poema como a *Iliada*, a decisão de um torna-se compulsória ao coletivo, de modo que, se Aquiles decide se afastar do combate, o conjunto dos Mirmidões também o fará obrigatoriamente, ao passo que, na *Argonáutica*, os outros heróis têm voz durante as tomadas de decisão, expressando suas vontades e opiniões, às vezes por passividade de Jasão²¹⁷, às vezes porque o capitão os instiga a tal²¹⁸.

Jasão é o fio condutor da narrativa, ao mesmo tempo em que é aquele que mantém os argonautas juntos. Se não apresenta características tão bélicas ou uma clara busca por honra por intermédio de seus feitos como poderia ser esperado em uma epopeia, exhibe aquelas necessárias para conquistar – assim como fizera com Hipsípila – Medeia, peça fundamental para que o objetivo da empreitada seja cumprido, para o retorno seguro dos heróis e para a futura concretização do ódio de Hera a Pélias, como aponta Apolônio, mesmo sem narrar, posteriormente, o ocorrido: “[...] e pouco / Tem de negar-se a ir habitar na Grecia, / Que em ruína de Pelias, dispõem Juno / Que a Patria deixe a Eetida Medeia, / E que a pomposa Iolchos se transporte.”²¹⁹ (A. R., 3, 1333-1336, trad. J. M. da Costa e Silva).

Fineu já vaticinara que, para a obtenção do velocino de ouro, seria necessária a ajuda de Afrodite²²⁰, o que é lembrado por Mopso na Cólquida²²¹. Mopso também será aquele que aconselha a Jasão que use de palavras para convencer Medeia a auxiliá-los²²², e, de fato, será o recurso utilizado pelo herói. Jasão, em um primeiro momento, não prometerá a Medeia um casamento, mas a fama de seu nome na Élade²²³. É interessante como o argumento de

²¹⁷ Como no episódio de Lemnos, cf. página 75.

²¹⁸ Cf. páginas 75 e 76, Jasão considera que, da mesma forma que estão juntos na empresa, também deveriam estar nas tomadas de decisão.

²¹⁹ [...] οὐ μὲν δηρὸν ἀπαρνήσεσθαι ἔμελλεν / Ἑλλάδα ναιετάειν. ὥς γὰρ τόδε μῆδετο Ἥρη, / ὄφρα κακὸν Πελοπίδα ἱερὴν ἐς Ἰωλκὸν ἴκοιτο / Αἰαίη Μήδεια, λιποῦσ' ἀπο πατρίδα γαίαν. (A. R., 3, 1333-1336).

²²⁰ ἀλλά, φίλοι, φράζεσθε θεᾶς δολόεσσαν ἄρωγῆν / Κύπριδος. ἐκ γὰρ τῆς κλυτὰ πείρατα κείται ἀέθλων. (A. R., 2, 423-424); “[...] Porém, vêde, amigos, / Não vos esqueça do soccôro arteiro / De Venus implorar, que della pende / Da vossa empresa o êxito ditoso.” (A. R., 2, 423-425, trad. J. M. da Costa e Silva).

²²¹ παρθενικὴν δ' ἐπέεσσι μετελθέμεν ἀμφιέποντας / μήτι παντοίη. δοκέω δέ μιν οὐκ ἀθερίζειν, / εἰ ἐτεὸν Φινεύς γε θεᾶ ἐνὶ Κύπριδι νόστον / πέφραδεν ἔσσεσθαι. [...] (A. R., 3, 547-550) “[...] Cumpre agora / A Donzella exorar com vivas preces, / Move-la com multi-modo artifício. / Nem hade recusar, si com verdade / Vaticinou Phineo, que a Chyprea Deosa / Nossa tornada confiar cumpria.” (A. R., 3, 547-550, trad. J. M. da Costa e Silva).

²²² τὴν μὲν νηόνδε θεᾶς ἴθι, τῶ ἐνὶ κούρην / δήεις, Αἰσονίδη: μάλα δ' ἠπή ἀντιβολήσεις / Κύπριδος ἐννεσίης, ἣ τοι συνέριθος ἀέθλων / ἔσσεται, ὥς δὴ καὶ πρὶν Ἀγηνορίδης φάτο Φινεύς. / νῶϊ δ', ἐγὼν Ἄργος τε, δεδευμένοι, εὐτ' ἂν ἴκηαι, / τῶ δ' αὐτῶ ἐνὶ χώρῳ ἀπεσσομέθ': οἴοθι δ' αὐτὸς / λίσσεό μιν πυκνιοῖσι παρατροπέων ἐπέεσσιν. (A. R., 3, 940-950) “Vae ao Templo da Deosa, onde uma Virgem / Encontraras, Jason, (diz elle) e branda / Muito a acharas pelo favor de Venus, / E que ser deve amparo em nossos riscos / Qual predisse Phineo de Agenor prole, / Eu com Argos aqui te esperaremos. / Té que a este logar volvas de novo. / Tu a persuade com razões astutas, / E só por só a implora.” (A. R., 3, 938-946, trad. J. M. da Costa e Silva).

²²³ σοὶ δ' ἂν ἐγὼ τίσαιμι χάριν μετόπισθεν ἄρωγῆς, / ἣ θέμις, ὥς ἐπέοικε διάνδιχα ναιετάοντας, / οὔνομα καὶ καλὸν τεύχων κλέος: ὥς δὲ καὶ ὄλλοι / ἥρωες κλήσουσιν ἐς Ἑλλάδα νοστήσαντες / ἥρώων τ' ἄλοχοι

convencimento de Jasão se baseia, em parte, em comparações com Ariadne, que, segundo a tradição, assim como Medeia seria no futuro, fora abandonada por Teseu. Porém, o herói não faz menção a esse fato, aludindo apenas à fama de Ariadne junto aos deuses e, quando Medeia pergunta pela história da princesa, aponta que gostaria que Eetes lhe garantisse a mão de Medeia assim como Minos fizera com a de Ariadne a Teseu²²⁴, o que não teria acontecido de fato, já que Ariadne tem um sequestro inglório, assim como terá Medeia.

Jasão também não promete levar Medeia, mas que se casaria com ela se a feiticeira chegasse à Grécia. Nesse ponto, a promessa é de um amor que duraria até a morte²²⁵, porém não se pode esquecer o conselho de Mopso de que Medeia deveria ser dobrada por palavras. Por fim, o capitão dos argonautas folga²²⁶ quando a feiticeira se apresenta perante aos heróis pedindo auxílio por medo do castigo de seu pai que já saberia que ela fora a responsável por ajudar Jasão a cumprir as provas para obter o velocino, porém não há, necessariamente, evidência de que o amor, que Afrodite inspirara em Medeia, seria recíproco com a mesma intensidade da parte de Jasão, cujo amor, adjetivado como cruel, fora, anteriormente,

καὶ μητέρες, αἶ νύ που ἤδη / ἡμέας ἠιόνεσσιν ἐφεζόμεναι γοάουσιν: / τάων ἀργαλέας κεν ἀποσκεδάσειας ἀνίας. / δὴ ποτε καὶ Θησῆα κακῶν ὑπελύσατ' ἀέθλων / παρθενικῆ Μινωῖς εὐφρονέουσα Ἀριάδην, / ἦν ῥά τε Πασιφάη κούρη τέκεν Ἡελίοιο. / ἀλλ' ἡ μὲν καὶ νηός, ἐπεὶ χόλον εὔνασε Μίνως, / σὺν τῷ ἐφεζομένη πάτρην λίπε: τὴν δὲ καὶ αὐτοὶ / ἀθάνατοι φίλαντο, μέσῳ δὲ οἱ αἰθέρι τέκμαρ / ἀστερόεις στέφανος, τόν τε κλείουσ' Ἀριάδνης, / πάννυχος οὐρανόισιν ἐλίσσεται εἰδώλοισιν. / ὥς καὶ σοὶ θεόθεν χάρις ἔσσειται, εἴ κε σαώσης / τόσσον ἀριστῆων ἀνδρῶν στόλον. ἧ γὰρ ἔοικας / ἐκ μορφῆς ἀγανῆσιν ἐπητήησι κεκάσθαι.' / ὥς φάτο κυδαίνων: [...] (A. R., 3, 990-1008); “Eu depois te darei do auxílio o premio, / Justo, e que pôde dar quem longo habita. / O teu nome farei, e a gloria tua / Soar famosos; quando a Grecia voltem, / Celebrar-te os Heroes ham de, e com elles / As Esposas, e as Mães, que talvez ora / Por nós na praia pranteando estejam. / Só tu podes pôr termo as magoas suas. / Benigna, outr'ora de arriscadas pugnas / Salvou Theseo Ariadna, que Pasiphe, / Prole do sol, de Minos procreara. / E ella propria, embarcando-se com elle, / Quando de Minos se desarma a furia, / A patria abandonou. Dos proprios Numes / Ariadna amada foi; Astro, que o nome / Tem de Ariadna, esteligera corôa, / Entre as constellações do Céu brilhando / Vae na derrota sua a noite inteira. / Egual favor alcançaras dos Numes, / Si esta de Heroes expedição salvares, / Os principaes de Achaia. Tu que egualas / Cortezia, e saber co'a formosura” (A. R., 3, 990-1008, trad. J. M. da Costa e Silva).

²²⁴ [...] εἰπέ δὲ κούρην, / ἦντινα τήνδ' ὀνόμηνας ἀριγνώτην γεγαυῖαν / Πασιφάης, ἡ πατρός ὁμόγνιός ἐστιν ἐμεῖο.' / [...] / ἡμετέρους τε δόμους τηλεκλείτην τ' Ἀριάδην, / κούρην Μίνως, τόπερ ἀγλαόν οὔνομα κείνην / παρθενικὴν καλέεσκον ἐπήρατον, ἦν μ' ἑρεεῖνεις; / αἶθε γάρ, ὡς Θησῆι τότε ξυναρέσσατο Μίνως / ἀμφ' αὐτῆς, ὡς ἄμμι πατὴρ τεὸς ἄρθμιος εἶη.' (A. R., 3, 1074-1101) “[...] narra-me a historia / Da nobre Virgem de Pasiphe prole, / Em que fallaste, de meu Pae parenta.' / [...] e dessa / Por quem perguntas, mui formosa Ariadna, / Filha de Minos, que chamaram todos / Com alcunha brilhante, a amavel Virgem? / Oxala, que teu Pae, como já Minos / Outhorgara a Theseo a mão da Filha, / Tambem a tua me outhorgasse amigo.' / Disse, illaqueando-a com palavras brandas.” (A. R., 3, 1074-1101, trad. J. M. da Costa e Silva).

²²⁵ εἰ δὲ κεν ἦθεα κείνα καὶ Ἑλλάδα γαῖαν ἴκηαι, / τιμήσσαι γυναῖζι καὶ ἀνδράσιν αἰδοίη τε / ἔσσαι: οἱ δὲ σε πάγχυ θεὸν ὡς πορσανέουσιν, / οὔνεκα τῶν μὲν παῖδες ὑπὸ τροπῶν οἴκαδ' ἴκοντο / σῆ βουλή, τῶν δ' αὔτε κασίγνητοὶ τε ἔται τε / καὶ θαλεροὶ κακότητος ἄδην ἐσάωθεν ἀκοῖται. / ἡμέτερον δὲ λέχος θαλάμοις ἐνι κουριδίοισιν / πορσυνέεις: οὐδ' ἄμμι διακρινέει φιλότητος / ἄλλο, πάρος θάνατόν γε μεμορμένον ἀμφικαλύψαι.' (A. R., 3, 1122-1130) “Mas si acaso na Grecia o pé pozesses, / Homens, Mulheres acatar-te víras, / Dar-te cultos qual Deosa, por deverem / Só aos conselhos teus, e aos teus auxílios / Ver illosos tornar as casas suas / Filhos, Parentes, floridos Maridos. / O leito nupcial comigo entráras, / E só co'a morte o nosso amor findára.” (A. R., 3, 1122-1130, trad. J. M. da Costa e Silva).

²²⁶ [...] μέγα δὲ φρένες Αἰσωνίδαο / γήθειον: [...] (A. R., 4, 92-93). “O peito de Jason transborda em gosto,” (A. R., 4, 92, trad. J. M. da Costa e Silva).

inspirado pelas lágrimas da feiticeira²²⁷. Ademais, Jasão pode estar mais alegre com a circunstância de que Medeia prometera entregar o velocino aos heróis²²⁸, do que com sua presença de fato.

Os interesses de Jasão parecem estar ligados à sua vontade de permanecer em sua pátria, sendo a busca pelo velocino unicamente a condição para que isso aconteça, conforme o próprio capitão já dissera a Hipsípyle. Ao encontrar Medeia, o herói, aparentemente, já se esquecera de Hipsípyle, com quem também nutrira relações, mas a quem não prometera o retorno, se preocupando apenas com sua prole²²⁹, ponto em que demonstra sua falta de aspiração a grandes coisas – já que a rainha lhe prometera a honra de seu reino²³⁰ com o qual o herói não se importa de fato –, e, talvez, seu caráter de inconstante, que só se interessaria pela outra parte enquanto lhe convém.

A construção das características que permitem a Jasão conquistar Medeia, como fizera com a rainha de Lemnos, pode ser observada quando sua beleza é louvada, como ocorre

²²⁷ τὸν δὲ καὶ αὐτὸν ὑπήϊε δάκρυσι κούρης / οὖλος Ἔρωσ, [...] (A. R., 3, 1076-1077) “[...] e no Joven lágrimas da Virgem / Accenderam amor, [...]” (A. R., 3, 1076-1077, trad. J. M. da Costa e Silva).

²²⁸ ἔκ με, φίλοι, ῥύσασθε δυσάμμορον, ὧς δὲ καὶ αὐτοὺς / ὑμέας Αἰήταο, πρὸ γάρ τ’ ἀναφανδὰ τέτυκται / πάντα μάλ’, οὐδέ τι μῆχος ἰκάνεται. ἀλλ’ ἐπὶ νηὶ / φεύγωμεν, πρὶν τόνδε θοῶν ἐπιβήμεναι ἵππων. / δώσω δὲ χρύσειον ἐγὼ δέρος, εὐνήσασα / φρουρὸν ὄφιν: τύνη δὲ θεοὺς ἐνὶ σοῖσιν ἑταίροις, / ξεῖνε, τεῶν μύθων ἐπίστορας, οὓς μοι ὑπέστης, / ποίησαι: μὴδ’ ἔνθεν ἑκαστέρω ὀρμηθεῖσαν / χήτει κηδεμόνων ὀνοτήν καὶ ἀεικέα θείης.’ (A. R., 4, 83-91); “Salvae-me, Amigos (exclamou), salvae-vos / Dos furores de Eeta! ja patente / Tudo está, ja não resta outro conselho. / Nesse Baixel fujamos, antes que ele / Seus ligeiros Corseis cavalgar possa. / O velocinio vos darei eu propria, / O Dragão, que o defende, adormentando. / E tu, Hospede, chama em testemunho, / Teus amigos não só, os proprios Numes, / Do que me has promettido, porque um dia / Longe de amigos, e da Patria longe, / De vergonha, e de infamia me não cubras.” [...]” (A. R., 4, 83-91, trad. J. M. da Costa e Silva).

²²⁹ τὴν δ’ αὐτ’ Αἴσονος υἱὸς ἀγαιόμενος προσέειπεν: / “Ὑψιπύλη, τὰ μὲν οὕτω ἐναίσιμα πάντα γένοιτο / ἐκ μακάρων: τύνη δ’ ἐμέθεν πέρι θυμὸν ἀρείω / ἴσχαν’, ἐπεὶ πάτρην μοι ἄλις Πελῖας ἔκητι / ναιετάειν: μούρνόν με θεοὶ λύσειαν ἀέθλων. / εἰ δ’ οὐ μοι πέπρωται ἐς Ἑλλάδα γαῖαν ἰκέσθαι / τηλοῦ ἀναπλώνοντι, σὺ δ’ ἄρσενά παιδα τέκηαι, / πέμπε μιν ἠβήσαντα Πελασγίδος ἔνδον Ἰωλκοῦ / πατρί τ’ ἐμῶ καὶ μητρὶ δύης ἄκος, ἦν ἄρα τούσγε / τέτμη ἔτι ζώνοντας, ἴν’ ἀνδιχα τοῖο ἀνακτος / σφοῖσιν πορσύνωνται ἐφέστιοι ἐν μεγάροισιν.” (A. R., 1, 899-909) “De Eson a Prole attonito responde: / ‘Hypsipyle, oxala que o fado, os Numes / Me dem propicio tudo. Outro conceito / Forma de mim, pois que habitar na Patria / Minha me basta, consentindo-o Pelias, / E si os céos de perigos me libertam: / Mas do longinquo navegar si os Fados / Vedam que eu volte a Grecia; quando o fructo / Do nosso terno amôr um filho seja, / Adulto o manda a Iolchos, a orphandade, / Si vivos forem, de meus Paes console, / E, do Rei longe, em lares seus, o criem” (A. R., 1, 899-909, trad. J. M. da Costa e Silva).

²³⁰ [...] ἦδε δὲ νῆσος / σκῆπτρά τε πατρὸς ἐμεῖο παρέσεται, ἦν καὶ ὀπίσω / δὴ ποτε νοστήσας ἐθέλης ἄφορρον ἰκέσθαι. / ῥηιδίως δ’ ἂν εἰοὶ καὶ ἀπείρονα λαὸν ἀγείραις / ἄλλων ἐκ πολίων: ἀλλ’ οὐ σύγε τήνδε μενοιήην / σχήσεις, οὐτ’ αὐτὴ προτιόσσομαι ὧδε τελεῖσθαι. / μνώεο μὴν ἀπεῶν περ ὁμῶς καὶ νόστιμος ἦδη / Ὑψιπύλης: λίπε δ’ ἦμιν ἔπος, τό κεν ἐξανύσαιμι / πρόφρων, ἦν ἄρα δὴ με θεοὶ δώσωσι τεκέσθαι.’ (A. R., 1, 890-898) “‘A Ilha em que reino, e de meu Pae o sceptro, / Serão teus si na volta aqui tornares. / Aqui podes sem custo um Povo immenso / D’outras Cidades congregar; – mas isto / Não queres tu, nem que assim seja agouro. / Mas voltar queiras, ou ausente estejas, / De Hypsipyle te lembra. As ordens tuas / Me da; fiel as cumprirei, si os Numes / Concedem que de ti me nasça um Filho.” (A. R., 1, 890-898, trad. J. M. da Costa e Silva).

quando chega a Lemnos e é comparado a uma estrela²³¹, ou devido a sua graça e sua beleza²³² que são aumentadas por Hera. Neste último caso, a descrição da beleza de Jasão demonstra que o favor da deusa o colocara acima até mesmo dos descendentes diretos dos deuses, assim como ocorre nas descrições de ἀρετή (*aretē*) dos heróis da *Iliada*:

Dos antigos Heroes nenhum, ou fosse / Dos que do Eterno Jove origem tinham, / Ou fosse dos que o sangue procreara / Dos outros immortaes, té li se víra / Que fosse tal qual a Jason fizera / Naquelle dia do Tonante a Esposa, / Ser a quem o contempla, ou quem lhe falle. / Os proprios Socios seus de o ver pasmavam / Fulgurando em bellesa: [...] ²³³ (A. R., 3, 919-926, trad. J. M. da Costa e Silva).

Junto à sua beleza, há sua habilidade no uso das palavras, as quais são adjetivadas como doces²³⁴, utilizadas, por exemplo, quando Eetes os ofende²³⁵, para dobrar Medeia²³⁶ ou para relatar seu plano para enganar Absirto, irmão da feiticeira, que os persegue após a fuga da Cólquida (MELLO; FERREIRA LIMA, 2016, p. 197-198). Assim, o Jasão de Apolônio é belo, mas também tem habilidades ligadas ao discurso para complementar essa característica e permitir que o objetivo – individual e coletivo – da viagem seja cumprido e os heróis retornem a salvo até o ponto de partida, ainda que, muitas vezes, seu discurso seja enganador (DINIZ, 2010, p. 84-86).

²³¹ βῆ δ' ἴμεναι προτὶ ἄστυ, φαεινῶ ἀστέρι Ἴσος, / ὄν ῥά τε νηγατέησιν ἐεργόμεναι καλύβησιν / νύμφαι θηήσαντο δόμων ὑπερ ἀντέλλοντα, / καὶ σφισι κυανέοιο δι' ἠέρος ὄμματα θέλγει / καλὸν ἐρευθόμενος, γάνυται δέ τε ἠθέοιο / παρθένος ἰμείρουσα μετ' ἄλλοδαποῖσιν ἐόντος / ἀνδράσιν, ᾧ καὶ μιν μνηστήν κομέουσι τοκῆες: / τῶ ἴκελος πρὸ πόληος ἀνὰ στίβον ἦεν ἥρωσ. (A. R., 1, 774-781); “Assim marcha a Cidade, e representa / Multi-fulgida Estrella, que as Donzellas / Em recém-promptos Thalamos fechadas / Sobre o tecto surgir das casas suas / Viram, e no ar azul lhes prende a vista / Com pulchrirubra luz; tambem se alegre / A virgem que arde com saudade viva / Do Mancebo, que corre estranhas terras, / E a quem seus Paes Esposa a prometteram. / Egual aquella Estrella Jason marcha / Pelo caminho, que a Cidade guia;” (A. R., 1, 775-782, trad. J. M. da Costa e Silva).

²³² [...] οἱ δ' ἦσαν ἐκ μεγάροιο. / θεσπέσιον δ' ἐν πᾶσι μετέπρεπεν Αἴσωνος υἱὸς / κάλλει καὶ χαρίτεσσιν: (A. R., 3, 442-444); “[...] Do Palacio / Sahiam, e entre os mais de Eson o Filho / Muito em garbo e belleza se distingue.” (A. R., 3, 442-444, trad. J. M. da Costa e Silva).

²³³ ἔνθ' οὐπω τις τοῖος ἐπὶ προτέρων γένετ' ἀνδρῶν, / οὐθ' ὅσοι ἐξ αὐτοῖο Διὸς γένος, οὐθ' ὅσοι ἄλλων / ἀθανάτων ἥρωες ἀφ' αἵματος ἐβλάστησαν, / οἷον ἴησονα θῆκε Διὸς δάμαρ ἦματι κείνῳ / ἡμὲν ἐσάντα ἰδεῖν, ἡδὲ προτιμυθήσασθαι. / τὸν καὶ παπταίνοντες ἐθάμβεον αὐτοὶ ἑταῖροι / λαμπόμενον χαρίτεσσιν: [...] (A. R., 3, 919-926).

²³⁴ Comumente, μελιχίος (*meilikhios*), gentil, agradável, calmante, pacificador (PEREIRA, 1969, p. 360).

²³⁵ [...] ἀλλ' ἀπέρυκεν / Αἰσονίδης: πρὸ γὰρ αὐτὸς ἀμείψατο μελιχίοισιν: (A. R., 3, 384-385) “Mas obstou-lhe Jason, que deste modo / Com brandas vozes respondeu primeiro;” (A. R., 3, 384-385, trad. J. M. da Costa e Silva).

²³⁶ Como em: ἡ δ' οὐπω κομιδῆς μιμνήσκετο, τέρπετο γὰρ οἱ / θυμὸς ὁμῶς μορφῇ τε καὶ αἰμυλίοισι λόγοισιν, (A. R., 3, 1140-1141) “Mas tanto delle a formosura a encanta, / Tanto co'as meigas expressões a prende;” (A. R., 3, 1140-1141, trad. J. M. da Costa e Silva), assim como em: [...] ἡ δ' ἔμπαλιν αἰσσοῦσα / γαίη χειρας ἔτεινεν ἀμήχανος. αὐτὰρ ἴησων / θάρουνέν τ' ἐπέεσσι, καὶ ἴσχανεν ἀσχαλώσσαν. (A. R., 4, 106-108); “Para traz volta-se amentada a Virgem, / E em direção da terra as mãos estende. / Mas Jason a conforta em brandas phrases / Dissipando solerte os seus terrores.” (A. R., 4, 106-108, trad. J. M. da Costa e Silva).

Não que Jasão apresente características totalmente novas para um herói épico, já que, por exemplo, Odisseu também tem seus episódios com Circe e Calipso. Porém, no caso de Odisseu, sua ἀρετή (*areté*) estaria em sua astúcia que permite que cumpra seus objetivos. De modo parecido com Jasão que é refém das vontades de Pélias, Odisseu se vê cativo das circunstâncias de seu destino, mas, mesmo assim, consegue realizar feitos com mais certeza e independência que o Esônide, como pode ser observado no contraste do episódio de Polifemo na *Odisseia* com o de Talo na *Argonáutica*. Odisseu resolve seu problema por meio de sua astúcia, enquanto Jasão precisa que Medeia realize algo, o que a própria feiticeira ironizaria²³⁷. Além disso, muitas vezes, Odisseu é um herói individual, inclusive porque sua tripulação sofre ou é perdida em parte por desobedecê-lo, como ocorre no episódio do saco de ventos no canto X ou no dos bois de Hélio no canto XII, em oposição a um Jasão diplomata e democrático. Assim, no capitão dos argonautas, incidem características que já estavam presentes em Odisseu, porém parecem mais pronunciadas e mais fundamentais para que o necessário se concretize, já que Jasão quer tomar o velocino unicamente devido à imposição de Pélias que o deixa sem escolha, mas se vê incapaz de realizá-lo sozinho, utilizando suas escolhas de modo a que os que podem fazer realizem algo que o permita cumprir seu objetivo. Essa incapacidade condiz com o apontado por Rodrigues Júnior (2010, p. 22) que, ao contrastar o herói com Odisseu, considera Jasão como ἀμήχανος (*amēkhanos*), constantemente apresentando um estado de ἀμηχανία²³⁸ (*amēkhanía*). A esse respeito, o estudioso afirma:

Para fundamentar a discussão devemos notar que o termo não é unívoco, mas abrange grande possibilidade de sentidos, tais como embaraço ou impotência diante de uma circunstância de difícil resolução [...] ou alude a eventos rigorosos ou difíceis de suportar [...] Ainda tratando da primeira acepção, o sentido de “embaraço” abarca tanto o estado inerte de confusão diante de uma situação sem saída como “surpresa” e “atordoamento”, quanto simplesmente o fraco sentido de “preocupação” e “confusão” (Vian 1978: 1031). (RODRIGUES JÚNIOR, 2010, p. 22-23).

²³⁷ Cf. páginas 77 e 78.

²³⁸ Rodrigues Júnior (2010, p. 22) apresenta alguns exemplos de momentos em que esse estado ocorre, como diante do abandono de Hércules – [...] ὁ δ' ἀμηχανίησιν ἀτυχθεὶς / οὔτε τι τοῖον ἔπος μετεφώνεεν, οὔτε τι τοῖον / Αἰσονίδης [...] (A. R., 1, 1286-1288. Grifo nosso); “No grave caso meditando á parte, / Sentado está o Esonide, devora / O coração co'atroz calamidade / Sem palavra soltar. [...]” (A. R., 1, 1286-1288, trad. J. M. da Costa e Silva) – e das provas impostas por Eetes – ὡς φάτ' ἀμηχανίη βεβολημένος: [...] (A. R., 3, 432. Grifo nosso); “Co' difícil da empresa contristado” (A. R., 3, 432, trad. J. M. da Costa e Silva).

Essa impotência frente às dificuldades que acaba resultando na necessidade de auxílio acentuaria um caráter mais humano no líder dos argonautas, em contraste com seus companheiros de viagem e seus antecessores homéricos (RODRIGUES JÚNIOR, 2010, p. 23-24), de modo que o lado humano de Jasão não apenas o condena a atos vis e à morte²³⁹, mas desempenha um papel mais constante que se refletiria em sua falta de motivação e ação. Com isso, muitas vezes o herói é apagado ao longo da narrativa, como ocorre no episódio da passagem pelas Ciâneas, em que Jasão se mistura à massa sem nome dos remadores da nau, não apresentando uma atuação destacada como seria esperado de um líder, sendo Tífis – responsável por dirigir a Argo – e Eufemo – encarregado de libertar a pomba que os guiaria por entre as rochas, conforme a predição de Fineu – as figuras de destaque na passagem, açulando, em momentos distintos, os heróis a remar para superar o desafio²⁴⁰ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 45).

Apolônio de Rodes não só dá um tratamento ao mito diferenciado quanto a seus antecessores, considerando que redige uma epopeia, mas também insere inovações no gênero no que se refere à extensão e ao desenho dos personagens, tornando-se, então, um marco na tradição literária que trata da viagem dos argonautas. É possível afirmar que seria difícil para um autor posterior tratar do mesmo mito, talvez mesmo em gênero diferente, ignorando aquilo que foi proposto por Apolônio, seja por meio de um posicionamento de aproximação ou de afastamento de seu modelo.

Claramente, sua obra era considerada importante o suficiente pelos romanos para receber não só menções e citações – como a influência que exerce sobre o episódio de Dido e Eneias na *Eneida* de Virgílio –, mas também por suscitar ao menos uma tradução poética integral: a de Varrão Atacino.

Dada a importância do modelo, oferece-se uma análise da prática tradutória de Varrão, de modo a explicitar uma das possibilidades de trabalho com a tradição anterior, considerando o tratamento dado à obra de Apolônio de Rodes por Varrão Atacino. Convém lembrar que essa tradução existia completa ao menos até o período de escrita dos *Cantos Argonáuticos* de Valério Flaco. Embora seja possível atestar a diferente escolha de abordagem, em relação ao mesmo modelo, tomada por Flaco, o próprio Costa e Silva (1852), em diversas de suas notas à

²³⁹ Cf. discutiu-se na página 69.

²⁴⁰ ἐρέται δὲ μέγ' ἰαχόν: ἔβραχε δ' αὐτὸς / Τίφυς ἐρεσσόμεναι κρατερῶς. οἴγοντο γὰρ αὐτίς / ἄνδιχα [...] Εὐφημος δ' ἀνὰ πάντας ἰών βοάσκειν ἑταίρους, / ἐμβαλέειν κώπησιν ὅσον σθένος: οἱ δ' ἀλαλητῶ / κόπτον ὕδωρ. [...] (A. R., 2, 573-590); “[...] brada Typhis / Que remem com vigor, porque de novo / As Cyaneas se abriam; [...] pela tolda corre / Eufhemo aos Socios supplicando a vozes / Que invidem no remigio as forças todas, / E elles clamando as ondas dividiam;” (A. R., 2, 573-590, trad. J. M. da Costa e Silva).

tradução da *Argonáutica* de Apolônio, impõe-lhe o rótulo de tradutor, o que também se discutirá adiante.

3.2 Os fragmentos de Varrão Atacino²⁴¹

Públio Terêncio Varrão, mais conhecido como Varrão Atacino, ou ainda Varrão de Átax ou Atace, foi um poeta do século I a.C.. Jerônimo, em suas *Crônicas*, afirma a seu respeito que “P. Terêncio Varrão nasce na aldeia de Atace, na província Narbonense. Ele, depois de vividos trinta e cinco anos, aprendeu as letras gregas com extremo cuidado”,²⁴² (*Chro.*, 143 Olympias, 7, g, tradução nossa). Entretanto, essas informações legadas por Jerônimo são questionadas por estudiosos como Courtney (2003, p. 235-236) que afirma que não haveria uma aldeia chamada Atace, mas este seria apenas o nome de um rio. Para Hollis (2007, p. 177), que aponta a discussão proposta por Courtney, o nome derivaria do rio Gálio, hoje Aude, conforme afirma Porfírio em um comentário²⁴³ à passagem das *Sátiras* de Horácio (*S.*, 1, 10, 46-48)²⁴⁴ que se refere a Varrão.

Gayraud (1971, p. 659-660) problematiza ainda o uso de “*uico*”, palavra de amplo campo semântico:

D'ordinaire un vicus est une agglomération non fortifiée dont la grandeur n'est pas autrement indiquée. Il existe des vici importants : une ville, comme Genève, qui n'a pas le statut de colonie ou de municipe, peut être appelée vicus. Mais un hameau est aussi un vicus. Le mot s'oppose donc simplement à aedificium qui désigne une construction isolée. Plusieurs hypothèses ont été avancées pour localiser le vicus Atax.

²⁴¹ Uma versão inicial e reduzida desta seção junto à subsequente foi apresentada em comunicação oral e publicada em *Trabalhos completos do XIX Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/IV Seminário Internacional de Estudos Literários/IV Workshop do Grupo de Pesquisa em Dramaturgia e Cinema (GPDC)*, em 2018, conforme a obrigatoriedade estipulada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Unesp – FCLAr. Na versão citada, entretanto, a tradução é feita a partir da edição de Blänsdorf (2011). A referência completa do texto (MELLO; VIEIRA, 2018) consta em seção específica.

²⁴² *P. Terentius Varro uico Atace in prouincia Narbonensi nascitur, qui postea XXXV [XXV cod. unus] annum agens Graeca litteras cum summo studio didicit* (Hier., *Chro.*, 143 Olympias, 7, g *apud* COURTNEY, 2003, p. 235). Conforme afirma Gayraud (1971, p. 648), esta mesma informação aparece em Suetônio, *Deperditorum librorum reliquia* (Suet., p. 295), e São Próspero, *Epitoma Chronicon* (Prosp., p. 403).

²⁴³ *quoniam alii <alia> carminum genera consummate scriberent ..., sermonum autem frustra temptasse<t> Terentius Varro Narbonensis, qui Atacinus ab Atace fluuio disctus est...* (Porf. ad loc., p. 283-4, ed. Holder, 1894 *apud* HOLLIS, 2007, p. 166). “porque uns escreveram <outros> gêneros de poemas perfeitamente..., no entanto, o Narbonense Terêncio Varrão, que é dito Atacino a partir do rio Atace, em vão tentara o das sátiras...” (Tradução nossa).

²⁴⁴ *hoc erat, experto frustra Varrone Atacino / atque quibusdam aliis, melius quod scribere possem, / inuentore minor; [...]* (Hor., *S.*, 1, 10, 46-49). “Só podia na sátira, de balde / Por Varrão já tentada, e vários outros, / Abaixo do inventor assinalar-me.” (Hor., *S.*, 1, 10, 46-48, trad. A. L. Seabra).

Crowter (1987, p. 264-265) propõe, por outro lado, que o trecho de Jerônimo, ao colocar que Varrão teria aprendido grego aos trinta e cinco anos, indica para duas possibilidades; a primeira, de que o poeta não fora membro de uma família rica, que poderia ter lhe oferecido uma educação grega desde sua infância; a segunda, de que houve uma simplificação do autor para indicar um acentuado interesse de Varrão pelas letras gregas durante esse período de sua vida, considerando que ele possivelmente tivera contato com a língua grega desde muito jovem devido à região em que nascera. Hollis (2007, p. 178) questiona ainda se o poeta se aventuraria a escrever uma epopeia bélica sem antes ter lido Homero no original.

De qualquer forma, Varrão foi o autor de um poema épico (*Bellum Sequanicum*), sobre a campanha de César em 58 a.C.. Também teria se dedicado à sátira (*Saturae*), à elegia (*Elegia*), assim como à tradução de autores gregos, tendo realizado a tradução completa da obra de Apolônio de Rodes, *Argonautae* (POLT, 2013, p. 607-608), e as parciais de Erastótenes em seu poema *Chorographia* – no qual, segundo Hollis (2007, p. 181-182), haveria a possibilidade de que Varrão também tivesse utilizado como modelo a obra de Alexandre de Éfeso –, e de *Phaenomena* de Arato em seu *Epimenis* (LEE, 1996, p. 36). Infelizmente, de suas obras, restaram apenas poucos fragmentos, e os comentários de outros autores. Horácio considera suas sátiras apenas como uma tentativa, sem fazer menção a outras obras do autor: “Só podia na sátira, de balde / Por Varrão já tentada, e vários outros, / Abaixo do inventor assinalar-me.”²⁴⁵ (Hor., S., 1, 10, 46-48, trad. A. Luís Seabra).

Ovídio fala de Varrão em três de suas obras – *Amores*, *Arte de amar* e *Tristes* –, e, em todas, faz alusão à abordagem do mito da viagem dos argonautas pelo autor, sem mencionar se a obra seria uma tradução. Em *Amores*: “Que idade ignorará, por muito alheia, / Varrão, a nau primeira, e o Velocino, / Presa do amante da feroz Medeia?” (Ov., *Am.*, 1, 15, 21-22, trad. A. Feliciano de Castilho)²⁴⁶; em *Arte de amar*: “O Varrão, quando vos canta auriluzente pele / do animal, vinda de Frixo, horrenda morte de Hele;”²⁴⁷ (Ov., *Ars am.*, 3, 335-336, trad. A. Feliciano de Castilho); e em *Tristes*: “Mesmo aquele que nas ondas do Faso conduziu Argos / Não pôde calar seus amores furtivos.”²⁴⁸ (Ov., *Tr.*, 2, 439-440, trad. P. Prata). Esta é a única vez em que considera não só *Os Argonautas*, mas também a obra elegíaca do autor. Dada a

²⁴⁵ Cf. nota anterior.

²⁴⁶ *Varronem primamque ratem quae nesciet aetas, / Aureaque Aesonio terga petita duci?* (Ov., *Am.*, 1, 15, 21-22).

²⁴⁷ *Dictaque Varroni fulvis insignia uilis / Vellera, germanae, Phrixe, querenda tuae:* (Ov., *Ars am.*, 3, 335-336).

²⁴⁸ *is quoque, Phasiacas Argon qui duxit in undas, / non potuit Veneris furta tacere suae.* (Ov., *Tr.*, 2, 439-440).

forma com que Ovídio se refere a Varrão, principalmente nos *Amores*, é possível considerar que o poeta julgava a epopeia um texto importante.

A abordagem de Propércio em relação a Varrão em um de seus poemas se aproxima daquela de Ovídio em *Tristes*, já que primeiro fala do término da epopeia e, depois, da escrita de elegias amorosas para uma Leucádia: “Com tais coisas Varrão, findo o Jasão, brincava, / Varrão em puro fogo por Leucádia;”²⁴⁹ (Prop., 2, 34, 85-86, trad. G. G. Flores).

Sêneca, o Velho, em suas *Controvérsias*, se refere a Varrão ao apontar que, segundo Júlio Montano, Céstio desejava imitar alguns versos de Virgílio que este, por sua vez, imitara de Varrão:

Júlio Montano, poeta notável, que foi amigo de <Tibério>, afirmava que ele [Céstio] queria imitar uma descrição de Virgílio: “era noite e, por toda terra, um sono profundo guardava os cansados animais, as espécies de aves e de rebanhos”. Mas, a imitação teria saído bem a Virgílio, porque moldou esses ótimos versos de Varrão em algo melhor: “os cães cessaram de latir e as cidades silenciavam: tudo estava sossegado no repouso tranquilo da noite”. Sobre esses versos, Ovídio costumava dizer que podiam tornar-se de longe melhores se a última parte do segundo verso fosse cortada e acabasse assim: “tudo o que é da noite havia”. Varrão, que desejou [alcançar] um sentido, explicou de modo ótimo; Ovídio no verso dele [Varrão] encontrou o seu próprio sentido; de fato, aquilo que o verso cortado era digno de significar, era aquilo que inteiro estava significando.²⁵⁰ (Sen., *Con.*, 7, 1, 10-25, tradução nossa).

Os versos de Virgílio citados são os 26 e 27 do livro VIII da *Eneida*, que José Victorino Barreto Feio traduz: “Era noite; e por toda a redondeza, / Os lassos animais, aves e brutos, / Vencidos d’alto sono descansavam:” (Verg., *A.*, 8, 26-27), os quais equivaleriam ao fragmento 7 de Varrão. Embora Sêneca fale de imitação por parte de Virgílio e de Céstio, não o faz de modo explícito quanto a Varrão, não aludindo à obra de Apolônio.

Além dessa citação de *Os Argonautas* feita por Virgílio em sua *Eneida*, o autor também teria reproduzido o fragmento 6 em suas *Geórgicas* (VALVERDE SÁNCHEZ; VÁZQUEZ PRENERÓN, 1989, p. 139) – *frigidus et siluis aquilo decussit honorem.* –, que João Félix Pereira traduz: “E lhe tira o aquilão a formosura” (Verg., *G.*, 2, 404), assim como

²⁴⁹ *haec quoque perfecto ludebat Iasone Varro, / Varro Leucadiae maxima flamma suae;* (Prop., 2, 34, 85-86).

²⁵⁰ *Montanus Iulius, qui comes fuit <Tiberii>, egregius poeta, aiebat illum imitari uoluisse Vergili descriptionem: nox erat et terras animalia fessa per omnis, alituum pecudumque genus, sopor altus habebat. At Vergilio imitationem bene cessisse, qui illos optimos uersus Varronis expressisset in melius: desierant latrare canes urbesque silebant; omnia noctis erant placida composita quiete. Solebat Ouidius de his uersibus dicere potuisse fieri longe meliores si secundi uersus ultima pars abscideretur et sic desineret: omnia noctis erant. Varro quem uoluit sensum optime explicuit, Ouidius in illius uersu suum sensum inuenit; aliud enim intercisus uersus significaturus est, aliud totus significat.* (Sen., *Con.*, 7, 1, 10-25).

utiliza, na mesma obra, um trecho de *Ephemeris* que faz parte do fragmento 22²⁵¹ – *aut arguta lacus circum uolitaui hirundo* –, traduzido por Pereira (1875, p. 19) como: “[...] a andorinha / Voa em torno dos lagos; [...]” (Verg., *G.*, 1, 377). Mesmo que o autor não trate da obra de Varrão como outros autores fizeram, ou seja, metatextualmente, o ato de citação realizado por um autor tão importante como Virgílio não deveria ser ignorado, já que poderia demonstrar a consideração que o poeta teria pela obra de Varrão.

As referências de Virgílio a Varrão contribuem, por exemplo, para a discussão acerca da inserção, como parte da obra de Varrão²⁵², de um fragmento citado por Isidoro de Sevilha. Essa discussão, apontada inicialmente por Hollis (2007, p. 406-408) e desenvolvida por Polt (2017), parte das relações que podem ser traçadas entre três trechos da *Eneida* de Virgílio²⁵³, com o fragmento citado por Isidoro, o *carmen* 64 de Catulo e a *Argonáutica* de Apolônio. Para os autores, tanto as alusões de Virgílio a Varrão quanto as possíveis de Varrão a Catulo – que podem ser demonstradas em outro fragmento²⁵⁴ – e o modo como essas alusões são feitas, apontam para que o trecho também faça parte de *Os Argonautas*.

Ademais, para Hollis (2007, p. 182), a *Chorografia*, pelo menos a partir do fragmento 14²⁵⁵, que trata da divisão do orbe em cinco zonas, teria influenciado não só Virgílio em suas

²⁵¹ O fragmento completo, que seria uma tradução de um trecho de *Fenômenos* de Arato, é: **22** *tum liceat pelagi uolucres tardaueque paludis / cernere inexploto studio certare lauandi / et uelut insolitum pennis infundere rorem; / aut arguta lacus circum uolitaui hirundo / et bos suspiciens caelum – mirabile uisu – / naribus aerium patulis decerpsit odorem; / nec tenuis formica cauis non euehit oua.* (Grifo nosso). “Então, em que seja permitido ver os pássaros do mar e do brejo modorrento competirem com insaciável desejo de [se] lavar e como que verterem o insólito líquido das penas; **ou a arguta andorinha revoou ao redor do lago**, e o boi, que contempla o céu – admirável vista –, apanhou com as amplas ventas o odor dos ares; e nem a delicada formiga não desloca os ovos nos buracos.” (Tradução nossa. Grifo nosso).

²⁵² O fragmento e sua possível equivalência com o texto de Apolônio de Rodes (HOLLIS, 2007, p. 407-408) seriam:

pontum pinus arat, sulcum premit alta carina [...] ὑπεκπρὸ δὲ πόντον ἔταμνεν / νηῦς ἤδη κρατεροῖσιν ἐπειγομένη ἐρέτησιν / καὶ μεγάλου ποταμοῖο καταβλώσκοντι ῥεέθρω. (A. R., 4, 225-227).

o pinho ara o mar, a comprida quilha abre um sulco (Tradução nossa).

“Já no profundo pelago amarada / A Náo ao longe vae, cedendo á força / Dos rijos remos, e impeto do Rio / Na vasante precipite. [...]” (trad. J. M. da Costa e Silva).

²⁵³ Conforme Hollis (2007, p. 407), esses trechos da *Eneida* são: *longa sulcant uada salsa carina* (Verg., *A.*, 5, 158) “Sulcando o salso mar co’as longas quilhas.” (trad. José Victorino Barreto Feio), *longa sulcat maria alta carina* (Verg., *A.*, 10, 197) “[...] os altos mares [...] sulca co’a comprida quilha” (trad. J. M. da Costa e Silva), e *sulcumque sibi premit ipsa carina* (Verg., *A.*, 10, 296) “Fundo sulco abram n’ela as nossas quilhas!” (trad. J. M. da Costa e Silva).

²⁵⁴ Cf. página 96.

²⁵⁵ **14** *at quinque aethereis zonis accingitur orbis, / ac uastant imas hiemes mediamque calores: / sic terrae extremas inter mediamque coluntur, / quas solis rabido numquam uis adterat igne.* (Var. At.) “Mas o orbe é coberto por cinco zonas celestes, de modo que os invernos assolam os extremos, e os calores, o meio: assim as

Geórgicas, como, possivelmente, o *Pagenyricus Messala*, Ovídio em suas *Metamorfoses* e Lucano.

Quintiliano, no livro X de sua *Instituição Retórica*, quando elenca os autores dignos de serem lidos durante a formação de um bom orador, afirma a respeito de Varrão:

Varrão de Atax alcançou renome justamente na condição de intérprete de obra alheia. Ele não deve ser desprezado, mas, na verdade, para se desenvolver a capacidade oratória ele oferece poucos recursos.²⁵⁶ (Quint., *Ins.*, 10, 87, trad. A. M. Resende).

O comentário de Quintiliano é aquele que aponta com mais clareza a questão de que Varrão seria um tradutor, ainda que não tenha citado uma obra específica nominalmente ou por alusão.

Apona-se ainda que Hollis (2007, p. 171-172) considera que o comentário de Estácio em suas *Silvas*: “e aquele que, pelos mares, conduziu os Argonautas”²⁵⁷ (*Stat., Silv.*, 2, 7, 77, tradução nossa) se referiria a Varrão. Tanto Van Dan (1984, p. 489) quanto Newlands (2011, p. 242) concordam com essa afirmação, uma vez que indicam que a lista de autores épicos – Ênio, Lucrécio, o autor dos Argonautas, e Ovídio²⁵⁸ – oferecida pelo poeta segue ordem cronológica. Entretanto, Torrent Rodríguez (ESTACIO, 2002, p. 98), tradutor da obra para o espanhol, aponta, em nota de rodapé, a referência como sendo a Valério Flaco.

Já Probo faria menção a Varrão em dois pontos. Um, aqui traduzido como fragmento 4, em que faz um comentário às *Geórgicas* (1, 14)²⁵⁹ de Virgílio, que termina com: “Essa história de Aristeu é transmitida no corpo dos *Argonautas* por Varrão Atacino.”²⁶⁰ (Tradução nossa), e o outro, que aparece aqui no fragmento 11, em mais um comentário às *Geórgicas* (2,

terras são habitadas no espaço entre suas extremidades e o meio, em que, a força do sol, com violento fogo, nunca diminui.” (Var. At., tradução nossa).

²⁵⁶ *atacinus Varro in iis, per quae nomen est adsecutus, interpret operis alieni, non spernendus quidem, uerum ad augendam facultatem dicendi parum locuples.* (Quint., *Ins.*, 10, 87).

²⁵⁷ *et qui per freta duxit Argonautas,* (*Stat., Silv.*, 2, 7, 77).

²⁵⁸ *cedet Musa rudis ferocis Enni / et docti furor arduus Lucreti, / et qui per freta duxit Argonautas, / et qui corpora prima transfiguratur.* (*Stat., Silv.*, 2, 7, 75-78). “A rude Musa cede ao feroz Ênio e à inspiração elevada do douto Lucrécio, e àquele que, pelos mares, conduziu os Argonautas, e àquele que transfigura o primo corpo.” (Tradução nossa).

²⁵⁹ [...] *Et cultor nemorum cui pingua Cae / Ter centum niuei tondent dumta iuueni;* (Verg., *G.*, 1, 14-15); “E tu, cultor das selvas, que possues / Trezentos níveos touros, que pascendo / Andão de Cea os abundosos matos:” (trad. J. F. Pereira).

²⁶⁰ Cf. nota 284 e páginas 205 e 206. *traditur haec historia de Aristaeto in corpore Argonautarum a Varrone Atacino.*

126)²⁶¹: “[...] como considera Varrão, que publicou quatro livros sobre os Argonautas.”²⁶². Nas duas passagens, a alusão a Varrão não o classifica como tradutor diretamente.

Todos esses comentários permitem depreender que Varrão primeiro teria traduzido a *Argonáutica* de Apolônio e depois se dedicado à elegia, e, embora sua tradução do poema épico fosse digna de destaque, já que os demais poetas o caracterizam por ela, esse mesmo processo não teria ocorrido com suas sátiras já que Horácio afirma apenas que o poeta experimentara²⁶³ o gênero. Aparentemente, pela recorrência, *Os Argonautas* seria sua obra mais famosa. De qualquer forma, como também ocorre no comentário de Probo às *Geórgicas* de Virgílio, aqui traduzido como parte dos fragmentos de Varrão²⁶⁴, este é considerado como autor de *Os Argonautas*, e não se menciona diretamente que a obra seria uma tradução da epopeia de Apolônio.

Segundo Valverde Sánchez e Vázquez Prenerón (1989, p. 1396), a opção de Varrão pela *Argonáutica* lhe garante sucesso uma vez que, no momento em que produziu sua tradução, havia certo interesse pelo que era grego, assim como uma exploração da imitação das obras de poetas alexandrinos. Ademais, sua versão do poema teria sido escrita por volta do ano 47 a.C., mesma época em que César derrotou Farnaces II (BRAUND, 1993, p. 15), consolidando parte do domínio romano no mediterrâneo, o que teria gerado certa curiosidade a respeito de outras regiões e seus habitantes, aspectos que a obra aborda, de certo modo. De qualquer modo, ressalta-se que, como afirma Possanza (2004, p. 64), é possível que certa camada da aristocracia, não atraída por minúcias linguísticas, se interessaria mais por ler uma tradução latina do que seu original em grego.

3.2.1 Sobre a tradução latina

Para a análise da tradução latina, oferece-se uma para o português, tendo em mente que a edição e, logo, o número de fragmentos traduzidos por Gouvêa Júnior (VARRÃO DE ÁTAX, 2014) difere dos aqui apresentados. Indicando um paralelo entre o texto grego e sua tradução latina, são propostas traduções de trabalho dos fragmentos de *Os Argonautas* de Varrão, dando ênfase ao sentido do texto, tendo como base para o texto latino principalmente as lições da edição de Baehrens (1886), embora as edições de Blänsdorf (2011), Courtney

²⁶¹ *Media fert tristes succos tardumque saporem / Felicis mali.* [...] (Verg., *G.*, 1, 126-127); “Amargo suco de sabor durável / Média produz d’um pomo afortunado.” (trad. J. F. Pereira).

²⁶² Cf. páginas 209 e 210. [...] *ut existimat Varro, qui quattuor libros de Argonautis edidit.*

²⁶³ [...] *experto frustra Varrone Atacino* (Hor., *S.*, 1, 10, 46).

²⁶⁴ Cf. nota 260.

(2003) e Hollis (2007) também tenham sido verificadas. Aponta-se ainda que foram consultadas a tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior²⁶⁵ (VARRÃO DE ÁTAX, 2014), para o português, dos fragmentos aqui numerados²⁶⁶ 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9 e o primeiro do livro III, sem numeração, e a de Carande Herrero²⁶⁷ (VARRÓN DEL ÁTAX, 2003), para o espanhol, desses mesmos fragmentos somados ao número 4. Opta-se pelas lições de Baehrens (1886) por serem as mais antigas a que se teve acesso, possibilitando a comparação com as outras edições de maneira a mostrar as mudanças por que o texto passou quanto ao seu estabelecimento.

A análise dessas quatro edições indica que haveria cerca de vinte e seis fragmentos supérstites das obras de Varrão, se dividindo entre *Argonautae*, *Chorographia*, *Ephemeris*, *Bellum Sequanicum* e um indicado como *dubia*²⁶⁸. Entretanto, o número e a localização desses fragmentos em uma obra específica ou sua ordem dentro dela são imprecisos, variando de edição para edição. Com oscilações que abrangem edições e comentadores, é possível indicar que por volta de treze desses fragmentos fariam parte de *Os Argonautas* e são aqui traduzidos. Essa tradução completa consta em apêndice. Os trechos comentados são apresentados também em nota de rodapé para facilitar sua leitura, ainda que se recomende a observação do apêndice que contém informações complementares.

A abordagem tradutória de Varrão garante-lhe o rótulo de *interpres*, tanto de Quintiliano²⁶⁹, quanto de estudiosos contemporâneos como Valverde Sánchez e Vázquez Prenerón (1989, p. 1396), devido à sua prática mais voltada ao *uerbum pro uerbo*. Polt (2007, p. 75-76) considera que o fazer tradutório do poeta representaria uma inovação para sua época, uma vez que romperia com os modelos anteriores – como o de Lutácio Catulo –, que trabalhavam com a ideia de uma extensiva recriação ou com o uso do verbatim, como ocorria nos *Res Gestae*. Varrão proporia, em contrapartida, uma tradução mais próxima ao original, ao ponto de conseguir manter o complicado jogo de palavras de Apolônio. Porém, essa fidelidade não parece ser uma total falta de autonomia.

²⁶⁵ Segundo informações presentes nas referências, Gouvêa Júnior (VARRÃO DE ÁTAX, 2014, p. 309) teria utilizado a edição de Morel de 1927, de maneira que a numeração e a ordem dos fragmentos de sua tradução diferem da apresentada neste trabalho. Essa edição teria sido revisada por Büchner em 1982 e por Blänsdorf em 1995 (HOLLIS, 2007, p. V). Uma edição desta última revisão é aqui consultada. Em relação à de Blänsdorf (2011), há diferenças no que diz respeito à ordem dos fragmentos e ao fragmento 3, que aparece: *Quos magno Anchiale partus adducta dolore / et geminis cupiens tellurem Oeaxida palmis / scindere Dicta eo nympha sub antro* (VARRÃO DE ÁTAX, 2014, p. 52). As demais distinções podem ser conferidas na nota 605.

²⁶⁶ Segue-se a numeração de Baehrens (1886).

²⁶⁷ Carande Herrero (VARRÓN DEL ÁTAX, 2003, p. 28) utiliza a edição de Blänsdorf (1995).

²⁶⁸ Baehrens (1886, p. 336) localiza um dos fragmentos em *Elegiae*, cf. nota 613, porém é o único dos editores consultados que o faz.

²⁶⁹ Cf. nota 257.

Para a análise das possíveis alterações realizadas por Varrão em relação ao texto de Apolônio de Rodes, utilizam-se como base as proposições de Antoine Berman em seu *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo* (2007), quando analisa esse tipo de alteração realizada por tradutores em textos de chegada, o que ele considera “deformações” (2007, p. 44). Embora o autor afirme que sua sistemática concerne apenas à prosa (2007, p. 45), Berman realiza estudos sobre tradução de poesia na parte final de seu livro, de maneira que, assim como em Borges (2001), será utilizada a terminologia bermaniana também nesta leitura da tradução de Varrão. Desse modo, quando se aponta, por exemplo, que Varrão buscaria manter o jogo de palavras do original, de certa forma, seria possível considerar que não haveria, no fragmento 1²⁷⁰, a racionalização (BERMAN, 2007, p. 48) do texto de Apolônio, mas alguma adequação ao que Berman chama de “a letra” do texto de partida.

Em sua tradução, Varrão opta pela supressão de referências eruditas, como ocorre no fragmento 5²⁷¹ em que a ascendência das ninfas, traduzida em Costa e Silva como “Plistica progenie”²⁷², não aparece em sua tradução (VALVERDE SÁNCHEZ; VÁZQUEZ PRENERÓN, 1989, p. 1398). Além disso, nesse mesmo fragmento, insere os termos *tendentem spicula* inexistentes no texto grego. Para Polt (2007, p. 100-101), a inserção ocorre como uma clarificação ao leitor cuja primeira língua não seria o grego, e que não conseguiria ligar facilmente a origem do canto de Febo com o fato de que o deus matara a serpente

270

1 *ecce uenit Danai multis celebrata propago; / namque satus Clytio, Lerni quem Naubolus ex se, / Lernum Naupliades Proteus, sed Nauplion edit / filia Amymone Europae Danaique superbi.*

τῶ δ' ἐπὶ δὴ θείοιο κίεν Δαναοῖο γενέθλη, / Ναύπλιος. ἧ γὰρ ἔην Κλυτωνήου Ναυβολίδαο: / Ναύβολος αὖ Λέρνου: Λέρνον γε μὲν ἴδμεν ἔοντα / Προίτου Ναυπλιάδαο: Ποσειδάωνι δὲ κούρη. / πρὶν ποτ' Ἀμμυώνη Δαναῖς τέκεν εὐνηθεῖσα Ναύπλιον, [...] (A. R., 1, 133-140).

eis que veio a *raça celebrada* por muitos de Dânao; e, de fato, gerada de Clítio, ele de Náubolo, filho de Lerno, Lerno de Proteu Naplíada, mas *Amimone*, filha de *Europa* e Dânao *soberbo*, dá à luz a Náuplio.

“Com estes vinha Nauplio, em cujas veias / Corre o sangue de Dânao, pois contava / A Clitoneo por Pae: Clitoneo filho / De Naubulo, de Lerno filho, e Lerno / De Preto, que outro Naubulo gerára. / E depois que Neptuno em braços teve / Filha de Dânao, Amimome paríra / Nauplio, [...]”

271

5 *te nunc Coryciae tendentem spicula nymphae / hortantes “o Phoebe” et “ieie” conclamarunt.*

πολλὰ δὲ Κωρύκiai νύμφαι, Πλείστοιο θύγατρεις, / θαρσύνεσκον ἔπεσσιν, Ἴηιε κεκληγυῖαι: / ἔνθεν δὴ τόδε καλὸν ἐφύμνιον ἔπλετο Φοίβω. (A. R., 2, 711-714).

agora, as ninfas corícias, que instigam a ti, o que estende flechas, gritaram “ó, Febo” e “ie-ie”.

“Corycias Nymphas, Plistica progenie, / Hyés! Hyés! clamorando te animavam! / Foi d’aquí que este cantico formoso / De Apollo em honra origem teve!’ [...]”

272 Πλείστοιο θύγατρεις (A. R., 2, 711).

utilizando o arco. Em Apolônio, essa etiologia²⁷³, que liga o grito das ninfas (ἴη ἴε; *híē híe*) com o ato de atirar (ἴημι; *híēmi*) de Apolo, apareceria de modo sutil na menção ao arco em ὥς ποτε πετραίη ὑπὸ δειράδι Παρνησοῖο / Δελφύνην τόξοισι [τόχοισι] πελώριον ἐξενάριζεν²⁷⁴ (A. R., 2, 705-706, grifo nosso; POLT, 2007, p. 90).

Já no fragmento 1²⁷⁵, o poeta acrescentaria a informação sobre a mãe de Amimone (HOLLIS, 2007, p. 199), ao mesmo tempo em que omite a paternidade de Náuplio a partir de Poseidon. Também é interessante notar neste fragmento que, conforme Polt (2007, p. 77-79) indica, Varrão opta por manter as terminações gregas adaptando ao latim em *Naupliades* (*Ναυπλιάδαο*; *Naypliádao*) e decalcando em *Nauplion* (*Ναύπλιον*; *Náyplion*), o que demonstraria a escolha do tradutor pela manutenção do estrangeirismo, ao contrário do que ocorreria com as traduções de Lívio Andrônico, por exemplo, em que haveria a preocupação de uma latinização dos vocábulos gregos. Assim, enquanto este traduz, *Μοῦσα* (*Moûsa*) por *Camena* em sua tradução da *Odisseia*, de modo que poderia ser considerado, em termos bermanianos, etnocêntrico no que se refere à língua de chegada, Varrão utiliza *Phaeton* para *Φαέθων* (*Phaéthōn*) (POLT, 2007, p. 77-78) no fragmento 9²⁷⁶. Além disso, ainda segundo o autor (p. 80), Varrão segue a chamada *uariatio* neotérica em sua tradução, de maneira que busca outras formas, que não com outros genitivos em latim, para verter os genitivos patronímicos de Apolônio, como em *Κλυτονήου* (*Klytonéoy*) traduzido por *satus Clytio*²⁷⁷.

Gayraud (1971, p. 658) também aponta que Varrão não seria um tradutor servil. Para o autor, ele se utilizaria das versões gregas dos nomes das personagens unicamente para manter

²⁷³ Segundo Polt (2007, p. 99), Calímaco explicaria essa etiologia com mais detalhes em seu *Hino a Apolo*: ἰὴ ἰὴ παιῶν ἀκούομεν, οὐνεκα τοῦτο / Δελφός τοι πρῶτιστον ἐφύμνιον εὔρετο λαός, / ἦμος ἐκηβολίην χρυσεῶν ἐπεδείκνυσο τόξων. / Πυθῶ τοι κατιόντι συνήντητο δαιμόνιος θήρ, / αἰνὸς ὄφις. τὸν μὲν σὺ κατήναρες ἄλλον ἐπ' ἄλλῳ / βάλλων ὠκύν οἰστόν, ἐπηύτησε δὲ λαός, / 'ἰὴ ἰὴ παιῶν, ἴει βέλος.' (Call., *Ap.*, 97-103, *apud* POLT, 2007, p. 99). “‘Hie hie paieon’ escutamos, porque esse refrão / o povo de Delfos inventou para ti primeiramente, / quando tu exibiste a destreza dos áureos arcos. / A ti, que descia até Pito, uma fera divina encontrou, / uma terrível serpente. Tu a mataste, lançando velozes / flechas, uma após outra, e o povo gritou: / ‘hie hie paieon, envia o dardo, [...]’” (Call., *Ap.*, trad. E. Werner). Para o estudioso, que cita Hunter (1986), Apolônio não insere muitos detalhes sobre o canto pois seu público leitor já saberia sua motivação, seja a partir do hino de Calímaco que poderia já ter sido terminado, seja por outra fonte.

²⁷⁴ “Como lá junto onde o Parnaso altêa / Os saxeos cumes, o Delphim co-as settas / Matou imane [...]” (A. R., 2, 705-706, trad. J. M. da Costa e Silva).

²⁷⁵ Cf. nota 270.

²⁷⁶

9 *tum te flagranti deiectum fulmine, ἠμιδαῆς Φαέθων πέσεν ἄρματος Ἡελίοιο / λίμνης ἐς Phaethon. προχοᾶς πολυβενθέος:* (A. R., 4, 598-599).

então, tu, Faetonte, derrubado por raio “Onde, o peito passado por igneo raio, / Da carroça do sol ardente. precipitado / Semi-husto Phaeton caiu ao fundo”

²⁷⁷ Cf. nota 601, aventa-se também a possibilidade de que Varrão tenha lido o termo de maneira incorreta ou tenha feito a alteração por necessidade métrica.

o exotismo ligado ao fato da obra tratar de estrangeiros. Por outro lado, o tradutor teria sido capaz de superar Apolônio no fragmento 7²⁷⁸ por meio do uso de aliterações – possivelmente, Gayraud se refere à repetição do som de [k], presente no segundo verso do fragmento, em *noctis, placida, composta e quiete* –, além de criar uma nova imagem no fragmento 2²⁷⁹, e demonstrar a majestade da natureza no fragmento 6²⁸⁰ de um modo que não ocorreria em seu modelo. Nesses fragmentos, Varrão realizaria o enobrecimento de seu texto base, já que os trechos podem ser considerados mais trabalhados poeticamente do que os de Apolônio.

Polt (2013, p. 609-610) considera que Varrão teria se utilizado de pesquisa de fontes literárias anteriores e *contaminatio*, o que poderia ser observado no fragmento 3²⁸¹, uma vez que em Apolônio existiria uma ambiguidade, presente principalmente no verbo *ἐβλάστησεν* (*eblastēsen*), trazer à vida, a respeito do nascimento dos gêmeos – ou seja, se eles nasceram de Anquíale ou do ato de ela pegar a terra –, enquanto em Varrão parece haver uma certeza de que a ação de agarrar a terra está ligada diretamente ao parto, logo, os irmãos nasceram, de fato, de Anquíale. Polt (2013, p. 609-610), apoiando-se em outros estudiosos, explica que o ato de segurar em objetos para suportar a dor do parto aparece em outros autores, como

278

7 desierant latrare canes urbesque silebant: / omnia noctis erant placida composta quiete.

οὐδὲ κυνῶν ὑλακὴ ἔτ' ἀνά πτόλιν, οὐ θρόσος ἦεν / ἠχήεις: σιγὴ δὲ μελαινομένην ἔχεν ὄρφνην. (A. R., 3, 749-750).

os cães cessaram de latir e as cidades silenciavam: tudo estava sossegado no repouso tranquilo da noite.

“Já em toda a Cidade não se escuta / Ladrar de Cães, sonoro borburinho, / Tudo em pleno silencio abrangem trevas:”

279

2 Tiphyn at aurigam celeris fecere carinae.

[...] ἐπὶ δ' ἔτρεπον αἰνήσαντες / Τίφυν ἐυστείρης οἰήια νηὸς ἔρυσθαι. (A. R., 1, 400-401).

mas fizeram Tífis auriga do navio célere.

“Depois por votos incumbiram Typhis / Do governo do leme. [...]”

280

6 frigidus et siluis aquilo decussit honorem.

[...] ἐν οὖρεσι φύλλ' ἐτίνασσε / τυτθὸν ἐπ' ἀκροτάτοισιν ἀήσυρος ἀκρεμόνεσσιν: (A. R., 2, 1099-1100).

e o frio Aquilão deitou abaixo os adornos nas florestas.

“[...] Nas montanhas / Elle apenas moveu brandispirante / Um pouco as folhas nos mais altos ramos,”

281

3 quos magno Anchiale partus adducta dolore / et geminis capiens tellurem Oaxida palmisedidit in Dicta.

Δάκτυλοι Ἰδαῖοι Κρηταιέες, οὓς ποτε νύμφη / Ἀγχιάλῃ Δικταῖον ἀνά σπέος ἀμφοτέρησιν / δραξαμένη γαίης Οἰαξίδος ἐβλάστησεν. (A. R., 1, 1129-1131).

aos quais, Anquíale, levada pela grande dor do parto, agarrando com ambas as mãos a terra eácida, deu à luz no Dicta.

“[...] e que em Dictea gruta / Outr'ora a Nympha Anchiale, as mãos ambas / Ferrando á terra Oaxide, paríra.”

Erastótenes e Calímaco, o que pode ter levado a essa opção de Varrão, já que seria uma prática comum entre os tradutores latinos incorporar outras fontes gregas às suas traduções.

Para o autor (2007, p. 88), a clarificação realizada por Varrão, entretanto, ocorre por meio da adição de detalhes, não pela mudança indiscriminada do texto, como faziam seus antecessores. Além disso, o autor também considera que a tradução de *ἀμφοτέρησιν* (*amphotérēisin*) por *geminis* [...] *palmis* gera não só o alongamento do texto, já que uma palavra é traduzida por duas, como cria um interessante jogo de palavras, uma vez que os termos “mãos” e “gêmeas” envolvem a descrição da terra, assim como faziam as mãos de Anquíale com a terra de fato (POLT, 2007, p. 87), talvez mais um exemplo de enobrecimento do original.

Para Hollis (2007, p. 197/201-202), que considera quase certo que Apolônio pretendesse que os gêmeos nascessem a partir da terra, o desvio no trecho em Varrão pode ter sido ocasionado pela consulta de comentadores da obra de Apolônio de Rodes. Além disso, o estudioso considera o fragmento 6²⁸² um exemplo de originalidade de Varrão e os fragmentos 1²⁸³ e 4²⁸⁴ evidências de conhecimento acerca de mitologia não expressa em Apolônio.

²⁸² Cf. nota 280.

²⁸³ Cf. nota 270.

²⁸⁴

4 *Probus ad Verg. G. I 14: ibi (in insula Cea) existimatur pestilentia fuisse pecorum et armentorum grauis propter interitum Actaeomis. Aristaeus monstrante Apolline patre profectus est in insulam Ceam et ibi sacrificio flatibus et aestu, qui necabant pecora et armenta, liberavit ea. ipse autem post excessum uitae imperante oraculo Apollinis ab immorantibus in ea insula relatus in numerum deorum appellatus est Nomius et Aegoros, quod et agresti studio et cura pecorum armentorumque non mediocriter profuerat hominibus. traditur haec historia de Aristaeo in corpore Argonautarum a Varrone Atacino.* [cf. Apoll. Rhod. II 500 sqq.].

[...] *αὐτὰρ Ἀπόλλων / τήνγ' ἀνερεψάμενος ποταμῶ ἔπι / ποιμαίνουσιν τηλόθεν Αἰμονίης, χθονίης παρακάθθετο / νύμφαις, / αἶ Λιβύην ἐνέμοντο παραί Μυρτώσιον αἶπος. / ἔνθα δ' Ἀρισταῖον Φοῖβω τέκεν, ὄν καλέουσιν / Ἀγρέα / καὶ Νόμιον πολυλήιοι Αἰμονιῆς. / τὴν μὲν γὰρ φιλότῃ / θεὸς ποιήσατο νύμφην / αὐτοῦ μακράϊωνα καὶ ἀγρότιν: / υἷα δ' ἔνεικεν / νηπίαχον Χείρωνος ὑπ' ἄντροισιν / κομέεσθαι. / τῶ καὶ ἀεξηθέντι θεαὶ γάμον ἐμνήστεισαν / Μοῦσαι, ἄκεστορίην τε θεοπροπίας τ' ἐδίδαξαν: / καὶ μιν / ἔων μῆλων θέσαν ἤρανον, ὅσσ' ἐνέμοντο / ἄμ πεδίον / Φθίης Ἀθαμάντιον ἀμφί τ' ἔρυμνῆν / Ὀθρυν καὶ ποταμοῦ / ἱερὸν ῥόον Ἀπιδανοῖο. / ἦμος δ' οὐρανόθεν Μινωίδας / ἔφλεγε νήσους / Σείριος, οὐδ' ἐπὶ δηρὸν ἔην ἄκος / ἐνναέτησιν, / τῆμος τόνγ' ἐκάλεσαν ἐφημοσύναις / Ἐκάτοιο / λοιμοῦ ἀλεξητήρα. λίπεν δ' ὄγε πατρὸς / ἐφετμῇ / Φθίην, ἐν δὲ Κέω κατενάσσατο, λαὸν ἀγείρας / Παρράσιον, τοίπερ τε Λυκάονός εἰσι γενέθλης, / καὶ / βωμόν ποιήσε μέγαν Διὸς Ἴκμαίοιο, / ἱερά τ' εὐ ἔρρεξεν ἐν / οὔρεσιν ἀστέρι κείνῳ / Σειρίῳ αὐτῶ τε Κρονίδῃ Δίῃ. τοῖο / δ' ἔκητι / γαῖαν ἐπιψύχουσιν ἐτήσῃαι ἐκ Διὸς αὔραι / ἤματα τεσσαράκοντα: Κέω δ' ἔτι νῦν ἱερῆς / ἀντολέων / προπάροιθε Κυνὸς ῥέζουσι θυηλάς. (A. R., 2, 505-527).*

Ressalta-se, porém, que não se pode ter certeza se o fragmento 4 seria uma citação direta, de maneira que é possível que Probo, que transmitiu a passagem em sua obra, tenha, de certa forma, contaminado a versão dos fatos presentes em Varrão com outras versões com que possivelmente tivera contato.

Polt (2013, p. 611-612) indica também diferentes aspectos que poderiam ser alusões ao *carmen* 64 de Catulo, como a utilização metafórica do termo *aurigam*, “auriga”, no fragmento 2²⁸⁵ – a primeira vez que se tem registro dessa palavra utilizada neste tipo de contexto marítimo na literatura latina –, o que seria uma possível alusão ao vocábulo *currus*, “carro”, que teria sido cunhado metaforicamente no sentido de “barco” por Catulo naquele poema. Em outro texto, Polt (2017, p. 547-548) considera que a utilização, por Catulo, de um vocábulo que não é ligado diretamente a aspectos náuticos, reforça a ideia de que a Argo seria a primeira nau a desbravar os mares, de maneira que não haveria vocabulário próprio para tratar desses aspectos. A partir de Catulo, a primazia de Argo se tornaria lugar comum na literatura latina. Varrão, ao usar o mesmo processo, também acentuaria esse ponto, mesmo que, na versão de Apolônio, o cargo de Tífis seja tratado, na passagem, por vocabulário náutico mais comum, talvez por Argo não ter esse caráter inaugural na obra.

Vale ressaltar, contudo, que essa aproximação a Catulo é rechaçada por outros autores, como Crowther (1987, p. 265). Courtney (2003, p. 237) aponta que a obra de Varrão em geral não apresentaria aspectos que permitiriam associá-lo aos poetas neotéricos, como seu *Bellum Sequanicum* que se aproximaria mais dos *Annales* de Fúrio. Em contraponto, Hollis (2007, p. 2) considera que, ao mesmo tempo em que parte de sua obra indica uma preferência por poetas tradicionais latinos – como suas sátiras que seguiriam o modelo de Lucílio (2007, p.

Probo em Virgílio, *Geórgicas*, I, 14: Ali (*na ilha Cea*) considera-se ter havido uma grave peste aos gados e rebanhos devido à morte de Acteão. Aristeu, com seu pai, Apolo, indicando, dirigiu-se à ilha Cea, e ali, feito um sacrifício, construiu um altar para Jove Icmæu, que a libertou, tendo aplacado as aragens e o calor que matavam gados e rebanhos. Ele, no entanto, após a morte, por ordem do oráculo de Apolo, tendo sido levado pelos imortais àquela ilha, estando entre eles, foi chamado Nômio e Egoro, porque não mediocrementemente tinha sido benéfico aos homens seja pelo zelo com o campo, seja pelo cuidado dos gados e rebanhos. Essa história de Aristeu é transmitida no corpo dos *Argonautas* por Varrão Atacino.

“[...] alli de Apollo / Pariu ella Aristeo, a quem nomeia / Agreste, e Pastoral a Hermonia Gente / Opulenta em Searas. [...] / Quando as Ilhas Minoidas retisnava / Syrio ardendo nos Céos, e os Moradores / Sem remedio encontrar ha muito estavam, / Por conselho de Apollo o convocaram / Para os livrar do mal; obedecendo / Aos preceitos do Pae, deixada Phthia, / Veio habitar em Céu; comsigo trouxe / Prole de Lycaon, Arcadias gentes, / Que juntára, e fundou mui grande Templo / Ao chuvi-fero Jove; e sacrificios / A estrella Syrio celebrou nos Montes, / E ao proprio Jove de Saturno filho. / Por tal causa esse Deos manda que a Terra / As Virações Etesias refrigerem / Dias quarenta, e em Céu os Sacerdotes, / Ao nascer da Canicula, offerecem. / Em holocausto annual victimas sacras.”

²⁸⁵ Cf. nota 279.

177) –, muitos dos poemas de Varrão têm características daquilo que era produzido em Alexandria.

Outro aspecto que poderia ser um indicativo de uma abordagem tradutória neotérica por parte de Varrão é a utilização apostrofica de *te*, presente nos fragmentos 5²⁸⁶ e 9²⁸⁷, já que esse uso era característico de poetas neotéricos (COURTNEY, 2003, p. 241 e 243; POLT, 2007, p. 85-86). No fragmento 5, o vocativo poderia ser um deslocamento do verso 208 do canto II²⁸⁸, enquanto em 9, não há possibilidade de equivalência próxima (POLT, 2007, p. 85).

Quanto ao título da obra, note-se que o poeta, aparentemente, opta por não o traduzir de *Αργοναυτικά* (*Argonaytiká*) por *Argonautica*, mas por *Argonautae*, mudando assim Argonáuticas para Argonautas. Entretanto, conforme afirma Hollis (2007, p. 197), a obra de Apolônio também fora chamada de *Ἀργοναύτας* (*Argonáytas*) por Estrabão²⁸⁹ e Longino²⁹⁰. Embora não se possa afirmar que Varrão tenha seguido essa tradição ou se inspirado em alguma outra obra para a mudança no título de seu texto, é interessante apontar que o título *Argonautas* teria sido utilizado, anteriormente por outros autores em suas obras, como Dionísio Esquitobraquio – também conhecido como Dionísio de Mitilene –, autor, provavelmente, do século III a.C.. Sua abordagem da viagem dos argonautas seria racionalizada – neste caso, no sentido de buscar explicações lógicas para os acontecimentos narrados, retirando, por exemplo, a intervenção divina – e fora consultada por Diodoro (ZISSOS, 2008, p. XXIV), como pode ser conferido em sua *Biblioteca Histórica* (em 3, 52, 4²⁹¹ e em 3, 66, 5-6²⁹²). Infelizmente, a obra de Dionísio, *Ἀργοναύτας* (*Argonáytas*), foi

²⁸⁶ Cf. nota 271.

²⁸⁷ Cf. nota 276.

²⁸⁸ αἰεὶ τοι, ἄναξ, ἄτμητοι ἔθειραι, / αἰὲν ἀδήλητοι (A. R., 2, 708-709). “E tu sê-nos propicio, oh Rei! propicio / Sê, [...]” (A. R., 2, 708-709, trad. J. M. da Costa e Silva).

²⁸⁹ Διονύσιος δὲ ὁ Θραῆξ καὶ Ἀπολλώνιος ὁ τοῦς Ἀργοναύτας ποιήσας Ἀλεξανδρεῖς μὲν, ἐκαλοῦντο δὲ Ῥόδιοι. (Str., 1877, *Geo.*, 14, 12, 3. Grifo nosso); “También a Dionisio Tracio y a Apolonio, el autor de las **Argonáuticas**, aunque eran alejandrinos, los llamaban rodios.” (Str., *Geo.*, 14, 12, 3, trad. M. a P. de Hoz García-Bellido. Grifo nosso).

²⁹⁰ ἐπείτοιγε καὶ ἄπτωτος ὁ Ἀπολλώνιος ἐν τοῖς Ἀργοναύταις ποιητῆς [...] (Long., *Subl.*, 33, 4, 14-15. Grifo nosso); “Sem dúvida, o poeta Apolônio não tropeçou no seu *Argonautas*; [...]” (Long., *Subl.*, 33, 4, trad. F. Hirata).

²⁹¹ οὐ μὴν ἀλλ’ ἡμεῖς εὐρίσκοντες πολλοὺς μὲν τῶν ἀρχαίων ποιητῶν τε καὶ συγγραφέων, οὐκ ὀλίγους δὲ καὶ τῶν μεταγενεστέρων μνήμην πεπονημένους αὐτῶν, ἀναγράφειν τὰς πράξεις πειρασόμεθα ἐν κεφαλαίοις ἀκολούθως Διονυσίῳ τῷ συντεταγμένῳ τὰ περὶ τοῦς Ἀργοναύτας καὶ τὸν Διόνυσον καὶ ἕτερα πολλὰ τῶν ἐν τοῖς παλαιοτάτοις χρόνοις πραχθέντων. (D. S., 3, 52, 3. Grifo nosso). “Pero, sin embargo, nosotros, después de encontrar a muchos viejos poetas y escritores y también a no pocos de los más recientes que han hecho mención de ellas, intentaremos describir sus hechos en lo principal **siguiendo a Dionisio, el que compuso lo de los Argonautas**, de Dioniso y otras muchas cosas hechas en los tiempos antiguos.” (D. S., 3, 52, 3, trad. J. J. Torres Esbarranch. Grifo nosso).

perdida. De qualquer forma, vale ressaltar que o tradutor José Maria da Costa e Silva (1852) também realiza a mesma alteração no título da obra de Apolônio em sua tradução para o português, de maneira que Varrão pode ter fornecido à tradição latina e neolatina uma alternativa ao estranhamento do título grego.

De uma forma ou de outra, pode-se afirmar que a primeira abordagem em versos épicos da viagem dos argonautas em latim de que se tem notícia resguarda, apesar de algumas liberdades, certo grau de fidelidade ao texto de partida, configurando-se como uma tradução. Para Possanza (2007, p. 44), a fidelidade à letra do autor do texto de partida também é característica da abordagem dada por Varrão ao *Phaenomena* de Arato²⁹³, talvez fazendo parte do plano tradutório do poeta de modo geral. Para o estudioso (2004, p. 45), Varrão tentaria se aproximar de uma poética helenística, na qual Arato estava inserido e ajudara a moldar, de modo que haveria, no poeta latino, uma preocupação maior com o refinamento verbal do que com uma descrição precisa de determinado astro e respectiva mudança de clima. Dessa forma, mais do que seguir Apolônio passo a passo, Varrão buscaria também, em sua tradução da *Argonáutica*, esse mesmo refinamento verbal, ao ponto de alterar, em determinados pontos, aquilo que estava presente no texto grego.

Valério Flaco opta por esse mesmo mito trabalhado por Apolônio, mesmo que, conforme o testemunho de autores como Quintiliano, a obra de Varrão ainda fosse lida, tendo assim, para sua epopeia, um concorrente, já estabelecido e de relevância, disponível para o público leitor. Se é possível conjecturar que, segundo Citrone *et al.* (2006, p. 853), esse mito não contivesse aspectos atuais, o tema ainda seria “[...] digno de ser imitado por um literato ambicioso” (CITRONE *et al.*, 2006, p. 853), e Valério Flaco parece assumir essa ambição e audácia em sua versão da viagem dos argonautas.

²⁹² Διόπερ, ἵνα μηδὲν παραλίπωμεν τῶν ἱστορημένων περὶ Διονύσου, διέξιμεν ἐν κεφαλαίοις τὰ παρὰ τοῖς Λίβυσι λεγόμενα καὶ τῶν Ἑλληνικῶν συγγραφέων ὅσοι τούτοις σύμφωνα γεγράφασι καὶ Διονυσίῳ τῶ συνταξαμένῳ τὰς παλαιὰς μυθοποιίας. οὗτος γὰρ τὰ τε περὶ τὸν Διόνυσον καὶ τὰς Ἀμαζόνας, ἔτι δὲ τοὺς Ἀργοναύτας καὶ τὰ κατὰ τὸν Ἰλιακὸν πόλεμον πραχθέντα καὶ πόλλ' ἕτερα συντέτακται, παρατιθεῖς τὰ ποιήματα τῶν ἀρχαίων, τῶν τε μυθολόγων καὶ τῶν ποιητῶν. (D. S., 3, 5-6. Grifo nosso). “Por tanto, para que no omitamos nada de lo relatado en la historia acerca de Dioniso, trataremos en lo principal lo dicho entre los libios y cuantos escritores griegos hayan escrito cosas concordantes con éstos y **con Dionisio**, el que compuso las antiguas mitologías. Ha compuesto éste lo relativo a Dioniso y las Amazonas, y también **a los argonautas**, los hechos de la guerra Iliaca y muchas otras cosas, comparando los obras de los antiguos, de los mitólogos y de los poetas.” (D. S., 3, 66, 5-6, trad. J. J. Torres Esbarranch. Grifo nosso).

²⁹³ Possanza (2004, p. 44) comenta o quinto e sexto versos do fragmento presente na nota 251, comparando a tradução oferecida por Varrão àquela de Cícero: *mollipedesque boues, spectantes lumina caeli, / naribus umiferum duxere ex aere sucum.* (Progn. fr. 4, 10-11 *apud* Courtney, 2003, p. 245); “e os bois de pés delicados, ao olharem para a luz do céu, sorvem com as ventas a umidade do ar” (Tradução nossa).

3.3 A epopeia de Valério Flaco: outra tradução?

Um dos mais célebres e o mais antigo tradutor de Apolônio de Rodes para o português, José Maria da Costa e Silva, dedica parte das trezentas e noventa e oito notas de sua tradução (1852) às relações entre os textos de Apolônio e de Flaco. O total dessas quase quatro centenas de notas está assim dividido: oitenta e quatro notas para o canto I; o mesmo número para o canto II; noventa e duas, para o III; e cento e trinta e oito, para o IV. Elas abordam temas de natureza crítica, interpretativa e explicativa – tanto no que concerne ao texto quanto a escolhas tradutórias –, assim como apontamentos sobre a influência de Apolônio em outros poetas (FERREIRA, 1974, p. 195-196). Cerca de cinquenta e sete dessas notas fazem menção de alguma forma à obra de Valério Flaco. Nessas, de maneira geral, Costa e Silva considera que Flaco segue de perto a obra de Apolônio de Rodes e julga o texto latino inferior ao grego, conforme é possível observar em alguns exemplos retirados de cantos diferentes:

⁷² Valerio Flacco, que segue passo a passo o nosso poeta, também não omitiu esta circunstancia, bem que de tão pouco momento:

Intortis adsurgens arduus undis
*Percussit subito deceptum fragmine peclus.*²⁹⁴
 Arg. Liv. 3, vers. 477 (1852, p. 58)²⁹⁵.

³⁷ Valerio Flacco fez no seu poema uma versão quasi exacta destes versos.

Id fati certo nam lege manebat
*Siqua per hos undis umquam ratis isset apertis*²⁹⁶
 Arg. Liv. IV, vers. 709. [...] (1852, p. 111)²⁹⁷.

⁸⁷ [...] Confrontarei com esta descrição, a de Ovidio, e Valerio Flacco, que traduzindo-o sempre, quasi sempre lhe fica muito inferior; estas aproximações do mesmo assumpto tratado por diferentes mestres, sam o meio mais efficaz de formar o gosto da mocidade. [...] (1852, p. 187).

²⁹⁴ “[...] a alçar-se sobre as ondas encrespadas, / Golpeou o peito com o remo que partira-se.” (V. Fl., 3, 476-477, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

²⁹⁵ A nota se refere a esses versos de Apolônio: *δὴ τότ’ ἀνοχλίζων τετρηχότος οἴδατος ὀλοκοῦς / μεσόθεν ἄξεν ἐρετμόν.* [...] (A. R., 1, 1167-1168). “Sulcos do aspero mar remove Alcides, / Que remo pelo meio estala; parte / Cahindo de travez nas mãos levava;” (A. R., 1, 1167-1169, trad. J. M. da Costa e Silva).

²⁹⁶ “Pois o ordenava a lei do Fado inarredável / Se barco algum no ponto aberto se adentrasse.” (V. Fl., 4, 709-710, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

²⁹⁷ Os versos de Apolônio: *πέτραι δ’ εἰς ἕνα χῶρον ἐπισχεδὸν ἀλλήλησιν / νωλεμές ἐρρίζωθεν, ὃ δὴ καὶ μόρσιμον ἦεν / ἐκ μακάρων, εὔτ’ ἄν τις ἰδὼν διὰ νηὶ περιήσῃ.* (A. R., 2, 604-606). “No mesmo sitio, que o querer dos Numes / Tal era quando houvesse alguém que ousasse / Veloz, e em não atravessar por elles.” (A. R., 2, 604-606, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁴ O poeta romano Valerio Flacco, muito inferior a Apollonio em talento, e quasi sempre seu imitador servil, começa o oitavo livro da sua *Argonautica* com Medea nordesteada de temores, e de receios:

*At trepidam in thalamis et jam sua facta paventum
Colchida circa omnes pariter furiaequae, minaeque
Patris habent.*²⁹⁸ (1852, p. 256)²⁹⁹.

Torna-se interessante considerar como Varrão não é apontado como tradutor pela maior parte dos autores romanos que falam dele, entretanto, a partir da visão de um tradutor inserido no século XIX, Valério Flaco seja colocado neste prisma, talvez por influência da prática da vertente das *Belles Infidèles*, que tiveram seu apogeu na França do século XVI, mas cujo método se perpetuava até os tradutores contemporâneos de Costa e Silva. Segundo essa vertente tradutória, esperava-se que a tradução fosse realizada dando-se ênfase ao sentido do texto e descartando aquilo que não poderia ser transferido ao texto de chegada (BERMAN, 2007, p. 29/32-33). Assim,

[...] deve-se traduzir a obra estrangeira de maneira que não se “sinta” a tradução, deve-se traduzi-la de maneira a dar a impressão de que é isso que o autor teria escrito se ele tivesse escrito na língua para a qual se traduz. [...] a obra deve causar a mesma “impressão” no leitor de chegada que no leitor de origem. (BERMAN, 2007, p. 33).

Desse modo, há a possibilidade de que Costa e Silva considerasse ser aquilo que ele próprio julga como alterações um recurso a que Valério Flaco teria recorrido para que a obra pudesse ter uma boa recepção no contexto em que estava inserido.

Como é possível ver abaixo, o tradutor também aponta alguns momentos em que Flaco se afastaria de Apolônio, ainda que só os indique, sem comentários mais aprofundados, por exemplo, sobre a qualidade da alteração:

⁴⁷ Valerio Flacco faz desta Polyxo uma Prophetisa.
*Vates Phebo dilecta Polyxo.*³⁰⁰

²⁹⁸ “Mas já no leito apavorada por seus atos, / Cercam Medeia a ira do pai e as ameaças.” (V. Fl., 8, 1-2, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

²⁹⁹ O desespero de Medeia em Apolônio, que gera essa nota, é assim descrito: *αὐτίκα γὰρ νημερτὲς οἴσασατο, μὴ μιν ἀρωγὴν / ληθόμεν, αἴψα δὲ πᾶσαν ἀναπλήσειν κακότητα. / τάρβει δ' ἀμφιπόλους ἐπίιστορας: ἐν δὲ οἱ ὄσσε / πλῆτο πυρός, δεινὸν δὲ περιβρομέεσκον ἀκουαί. / πυκνὰ δὲ λευκανίης ἐπεμάσσατο, πυκνὰ δὲ κουρίξ / ἐλκομένη πλοκάμους γοερῆ βρυχήσατ' ἀνίη.* (A. R., 4, 14-19). “Já pensa que os auxílios, que préstara, / Ignorados não sam, e a taça inteira / Até às fezes do castigo em breve / Tem que esgotar, cõnscias receia as servas; / Labaredas aos olhos lhe fuzilam, / E horridamente zumbem-lhe os ouvidos, / O collo aberta vezes mil, arranca / Vezes mil os cabelos, e bramia / Na angustia de pezar, [...]” (A. R., 4, 14-19, trad. J. M. da Costa e Silva).

³⁰⁰ “Então, Polixo, por Apolo a amada vate,” (V. Fl., 2, 316, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Arg. Lib. II. ver. 306. (p. 55)³⁰¹.

⁶⁰ Na *Argonautica* de Valerio Flacco, o sucessor de Typhis não é Anceo, mas Ergino, e isto por escolha do navio fatidico.³⁰²

*Mæti omnes dubiique ratem fidissima cujus
Dextra regat, simul Anceus solersque pelebat
Nauplius, Erginum fato vocat ipsa momenti
Quercus, et ad temos victi rediere Magistri.*³⁰³ (p. 116).

²³ Valerio Flacco aparta-se aqui de Apollonio, fazendo que seja o proprio Jason quem exponha a sua genealogia.

*ipse egomet proprio de sanguine Phryxi,
Namque idem Cretheus ambobus, et Eolus Auctor.*³⁰⁴
Argon. Lib. V. (p. 176)³⁰⁵.

⁶ [...] Valerio Flacco afasta-se aqui de Apollonio, dizendo que Medea beijou o leito, e as faxas virginaes.

*Ultima virgineis tunc flens dedit oscula vittis
Quosque fugit complexa toros.*³⁰⁶ [...] (p. 256)³⁰⁷.

Contrariamente a essa ideia de tradução, ou seja, com ênfase naquilo que destoa da narrativa grega, Paratore considera que, dado o tamanho de sua epopeia, Valério Flaco teria introduzido novos episódios em relação à narrativa de Apolônio de Rodes, “[...] com variações decalcadas, a maior parte das vezes, nos esquemas, agora tornados tópicos, da *Eneida*.” (1987, p. 698).

Quanto a uma possível influência de Varrão, Hollis (2007, p. 196), ao afirmar que este último seguira com muito mais proximidade a *Argonáutica* de Apolônio do que Valério

³⁰¹ Em Apolônio: *αὐτὰρ ἔπειτα φίλη τροφὸς ὄρτο Πολυξῶ*, (A. R., 1, 668). “Ergueu-se então Polixo, que já fora / De Hypsipyle Nutriz, [...]” (A. R., 1, 668-669, trad. J. M. da Costa e Silva).

³⁰² Em Valério Flaco, no início do poema, indica-se que Tífis passaria seu cargo a Érgino, de modo que o poeta já indica que não seguirá a versão de Apolônio quanto a esse fato: [...] *securus in aequor / haut minus Erginus, proles Neptunia, fertur, / qui maris insidias, clarae qui sidera noctis / norit et e clausis quem destinet Aeolus antris, / non metuat cui regna ratis, cui tradere caelum / adsidua Tiphys uultum lassatus ab Arcto.* (V. Fl., 1, 414-419); “[...] Seguro n’água é Érgino – / Também netúnia prole é dito – que as insídias / Do mar conheceria, as estrelas da noite / E o vento que Éolo libertasse dos covis – / Não tema Tífis lhe passar da nau o mando / E a vigia dos céus, de olhar p’ra Arcto exausto.” (V. Fl., 1, 414-419, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁰³ “Tristes hesitam quanto à mão que mais segura / Reja o navio. Anceu e Náuplio logo o pedem / Mas o carvalho, instruindo o Fado, chama Érgino.” (V. Fl., 5, 63-65, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁰⁴ “[...] Eu mesmo sou de Frixo o próprio sangue: / Antepassados são dos dois Creteu e Éolo,” (V. Fl., 5, 476-477, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁰⁵ Em Apolônio: *τόνδε μὲν, οἷό περ οὔνεκ’ ἀφ’ Ἑλλάδος ὄλλοι ἄγερθεν, / κλείουσ’ Αἴσονος υἱὸν Ἰήσονα Κρηεΐδαο.* (A. R., 3, 356-357). “Eu [Argos, filho mais velho de Calciope] t’os declaro: — Este, que os mais seguiram, / Chamam Jason, Filho d’Eson Cretheida,” (A. R., 3, 356-357, trad. J. M. da Costa e Silva).

³⁰⁶ “Último beijo deu nas fitas virginais; / Ergueu do leito, a que abraçava, a coma e a face;” (V. Fl., 8, 6-7, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁰⁷ *κύσσε δ’ ἐόν τε λέχος καὶ δικλίδας ἀμφοτέρωθεν / σταθμούς, καὶ τοίχων ἐπαφήσατο, χερσί τε μακρὸν / ῥήξαμένη πλόκαμον, θαλάμῳ [...]* (A. R., 4, 26-28). “[...] beija o leito, / Bifidas portas, e paredes palpa, / Longa madeixa de cabelo arranca, / E no thallamo a põe; [...]” (A. R., 4, 26-28, trad. J. M. da Costa e Silva).

Flaco, aponta que é possível encontrar pouca ou talvez nenhuma presença do texto do tradutor latino na obra de Flaco, mesmo que Varrão, como demonstram Quintiliano e Estácio, ainda fosse lido durante o período flaviano. Hershkowitz (1998, p. 64) considera a esse respeito que:

Ultimately it is impossible to determine the nature of the intertextual relationship between the two Roman Argonauticas³⁰⁸, but at very least the Romanizing trend of Valerius' epic [...] may be linked to Varro's apparent recontextualization of the story of Jason's quest into a more Roman-friendly framework.

Assim, poderia existir a possibilidade de que Flaco, quando se utilizou do modelo de Apolônio, o buscaria direto no texto grego. Porém, conforme se demonstra em seção anterior, o texto de Varrão encontra-se tão fragmentário, que seria temeroso afirmar que o poeta ignora ou se afasta da tradução latina totalmente. De qualquer forma, é interessante considerar que o poeta opta por um tema que já fora cantado em latim em versos épicos e que ainda era lido nessa versão anterior.

Ainda que Valério Flaco possa utilizar a obra de Apolônio de Rodes como um de seus modelos, sua servidão em relação a esse paradigma é questionável. Retomando as apreciações de Costa e Silva, a utilização de expressões como “que segue passo a passo”, “que traduzindo-o sempre” e “quasi sempre seu imitador servil” podem dar a ideia de que a abordagem de Valério Flaco em relação ao texto de Apolônio seria a de um tradutor, servindo de *contaminatio*, talvez de modo um pouco mais livre do que aquele de Varrão.

De fato, segundo Liberman (2003, p. XLVII-XLVIII), no início do poema de Flaco há uma invocação a Apolo paralela a de Apolônio com o uso, inclusive, de termos relativamente equivalentes para a abertura dos poemas: *ἀρχόμενος* (*arkhómenos*) e *prima*. De modo semelhante, há a correspondência entre as invocações em III, 1-5³⁰⁹ do texto de Apolônio e V, 217-219³¹⁰ de Flaco, o que demonstraria a possibilidade de que o segundo fizera uma versão

³⁰⁸ A de Varrão e a de Valério Flaco.

³⁰⁹ *εἰ δ' ἄγε νῦν, Ἐρατώ, παρά θ' ἴστασο, καί μοι ἔνισπε, / ἔνθεν ὅπως ἐς Ἴωλκὸν ἀνήγαγε κῶας Ἰήσων / Μηδείης ὑπ' ἔρωτι. σὺ γὰρ καὶ Κύπριδος αἴσαν / ἔμμορες, ἀδμήτας δὲ τεοῖς μελεδήμασι θέλγεις / παρθενικάς: τῶ καὶ τοι ἐπήρατον οὖνομ' ἀνήπται.* (A. R., 3, 1-5). “Sus! agora me assiste, Erato, e conta / Como a Iolchos Jason o véilo de ouro / Co'favor de Medea conduzira; / A ti de Venus o mister foi dado, / E com disvelos tens inuptas Virgens / Amansas, e d'ahi vem teu nome amavel.” (A. R., 3, 1-5, trad. J. M. da Costa e Silva).

³¹⁰ *Incipe nunc cantus alios, dea, uisique uobis / Thessalici da bella ducis. non mens mihi, non haec / ora satis. uentum ad furias infandaque natae / foedera et horrenda trepidam sub uirgine puppem:* (V. Fl., 5, 217-219, p. 114). “Começa, deusa, ora outros cantos, narra a guerra / Vista por vós do herói tessálio – não me bastam / O engenho e a fala. [...]” (V. Fl., 5, 217-219, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

em correspondência dois por um, de maneira que um canto em Apolônio equivaleria a dois em Flaco.

Contudo, o autor aponta (LIBERMAN, 2003, p. XLIX) que a organização da narrativa do poeta latino ocorre de modo diverso da de Apolônio, inclusive pela inserção de episódios não correspondentes, como a guerra na Cólquida de Flaco. Vale ressaltar ainda que embora os dois poemas se abram com palavras de significado semântico próximo, *ἀρχόμενος* (*arkhómenos*) é um verbo, ligado, de certa forma, a Febo, “*ἀρχόμενος σέο, Φοῖβε,*” (A. R., 1, 1), “iniciando por ti, Febo” (Tradução nossa), enquanto em Valério Flaco há *prima*, um adjetivo, ligado ao caminho desbravado pelo argonautas, “*Prima deum magnis canimus freta peruia natis*” (V. Fl., 1, 1), “Os primeiros mares abertos por grandes filhos de deuses, cantamos” (Tradução nossa), o que faz com que, na versão latina, a viagem dos argonautas tenha um caráter inaugural que é ausente na grega. Hershkowitz (1998, p. 37) considera que a diferenciação dos dois proêmios se relaciona ao fato de que, em Apolônio, aquilo que será cantado são os feitos de homens antigos a partir da demanda de Pélias³¹¹, o que abrange apenas os três primeiros cantos da epopeia, enquanto, em Flaco, serão os caminhos abertos e a nau Argo, o que abarcaria a narrativa como o todo, já que pressupõe o catasterismo da nau³¹². Para a estudiosa, ao começar de maneira diversa, Valério Flaco já deixaria explícito a seu leitor que a intenção da epopeia não era apenas de reproduzir a versão de Apolônio (HERSHKOWITZ, 1998, p. 37).

Além disso, mesmo que ocorram em pontos que poderiam ser paralelos em uma equivalência dois por um, os assuntos pelos quais a ajuda das musas é invocada nos trechos apontados são diversos, já que em Apolônio a invocação diz respeito à obtenção do velocino como um todo e ao desdobrar do amor de Medeia por Jasão, enquanto em Flaco há a narrativa bélica, ausente no texto grego, o que, segundo Hershkowitz (1998, p. 10), aproximaria a epopeia de Flaco do modelo virgiliano, uma vez que introduz batalhas que são inesperadas. Também, a suposta equivalência dois por um entre os textos apontaria para o término da epopeia de Flaco com oito cantos para corresponder aos quatro cantos de Apolônio. Se assim fosse, ou o poeta não narraria o retorno a Iolco, já que o canto VIII tem aproximadamente quatrocentos e sessenta e sete versos em comparação com os cerca de oitocentos e cinquenta

³¹¹ Cf. página 73.

³¹² *Prima deum magnis canimus freta peruia natis / fatidicamque ratem, Scythici quae Phasidis oras / ausa sequi mediosque inter iuga concita cursus / rumpere flammifero tandem consedit Olympo.* (V. Fl., 1, 1-4); “Primo mar canto aberto por divinos filhos / E a nau profética que ousou buscar na Cítia / O Fase e, em meio às pedras móveis, romper curso, / E que assentou-se, enfim, no Olimpo constelado.” (V. Fl., 1, 1-4, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

versos do primeiro canto, o maior, o que poderia indiciar a destinação de cerca de quatrocentos versos para a narrativa de retorno, ou, a partir do canto VIII, se desprenderia de seu modelo. De um modo ou de outro, Valério Flaco se afastaria do esquema de Apolônio.

Outro ponto que pode ser indicado pela semelhança entre os autores, por exemplo, ocorre no episódio da procura de Hércules/Hércules por Hilas. O símile utilizado para o desespero do herói nos dois textos é o de um touro sendo picado. Em Apolônio:

[...] de igual modo o Touro / Pungido do Tavão corre impetuoso, / Prados, sítios palustres abandona, / Guardas não cura, não lhe importa armento, / Vae seu caminho, e irrequieto agora, / Parado logo; a cerviz larga entona, / E ao picar do Tavão muge raivoso, / Assim furioso o Heroe, [...] ³¹³ (A. R., 1, 1265-1270, trad. J. M. da Costa e Silva).

Enquanto em Flaco há, em menor extensão: “De pronto, como um touro atingido no peito / Por mosca alada salta e tomba tudo aquilo / Que encontra no cercado, assim ele se arroja / Para os montes em fuga. [...]” (V. Fl., 3, 581-584, trad. M. M. Gouvêa Júnior) ³¹⁴. O poeta latino mostra, assim, aparentemente, deferência para com seu antecessor e modelo e joga com seu leitor que pode ter lido a outra versão e, logo, encontraria aqui um possível eco, contudo Flaco reduz os oito versos de Apolônio à metade em sua versão.

Mesmo que o autor realize alusões ao poeta anterior, Apolônio não seria seu único modelo, e Flaco propõe inovações não só no que concerne ao itinerário da viagem dos argonautas, como o próprio Costa e Silva (1852) aponta em algumas de suas notas, como à duração dos episódios inseridos nessa viagem. Conforme indica Liberman (2003, p. L-LII), que apresenta uma comparação do número de dias em que determinados pontos da viagem ocorrem nos dois autores, é possível observar, por exemplo, que os heróis passam pela orla do Bósforo, em Apolônio, no trigésimo segundo dia de sua viagem, que corresponde ao nono dia de navegação. Já em Valério Flaco, a passagem pelo mesmo ponto ocorre no décimo terceiro dia de viagem, que também corresponde ao nono dia de navegação. Por conseguinte, se reduz, no poeta latino, o tempo relativo às paradas dos heróis (2003, p. L), de maneira que enquanto na versão grega a viagem de ida dos argonautas dura cento e dois dias, compreendendo nove

³¹³ ὡς δ' ὅτε τίς τε μύωπι τετυμμένος ἔσσυτο ταῦρος / πίσεά τε προλιπῶν καὶ ἐλεσπίδας, οὐδὲ νομήων / οὐδ' ἀγέλης ὄθεται, πρήσσει δ' ὁδόν, ἄλλοτ' ἄπαιστος, / ἄλλοτε δ' ἰστάμενος, καὶ ἀνὰ πλατὺν αὐχέν' ἀείρων / ἴησιν μύκημα, κακῶ βεβολημένος οἴστρω: / ὡς ὄγε μαιμῶων ὅτε μὲν θοὰ γούνατ' ἔπαλλεν / συνεχέως, ὅτε δ' αὖτε μεταλλήγων καμάτοιο / τῆλε διαπρύσιον μεγάλη βοάσκειν αὐτῆ. (A. R., 1, 1265-1272).

³¹⁴ “[...] uolucris ceu pectora tactus asilo / emicuit Calabris taurus per confraga saeptis / obuia quaeque ruens, tali se concitat ardens / in iuga senta fuga. [...]” (V. Fl., 3, 581-584).

dias de navegação, em Flaco, são dezesseis dias, compreendendo treze de navegação (LIBERMAN, 2003, p. LI). Vale ressaltar, todavia, que Liberman não considera nas duas contagens os dias relativos à parada em Lemnos.

Em relação à viagem proposta por Apolônio, Valério Flaco insere alguns episódios que não estão presentes no texto grego. Se Apolônio prefere não cantar a construção da nau porque outros já o fizeram³¹⁵, Flaco opta por descrever essa construção realizada por Argo com auxílio de Minerva, incluindo detalhes a respeito das imagens que decoram a embarcação, o que ocupa cerca de vinte e oito versos³¹⁶ do canto I. Outros exemplos podem ser apontados, como o suicídio dos pais de Jasão³¹⁷ – que é narrado de maneira um tanto

³¹⁵ Cf. páginas 65 e 66.

³¹⁶ *feruere cuncta uirum coetu, simul undique cernit / delatum nemus et docta resonare bipenni / litora; iam pinus gracili dissoluere lamna / Thespiaden iungique latus lentoque sequaces / molliri uidet igne trabes, remisque paratis / Pallada uelifero quaerentem brachia malo. / constitit ut longo moles non peruia ponto / puppis, et ut tenues subiere latentia cerae / lumina, picturae uarios superaddit honores. / hic sperata ... Tyrreni tergoe piscis / Peleos in thalamos uehitur Thetis; aequora delphin / corripit, illa sedet deiecta in lumina palla / nec loue maiorem nasci suspirat Achillen. / hanc Panope Dotoque soror laetataque fluctu / prosequitur nitidis pariter Galatea lacertis / alta petens: Siculo reuocat de litore Cyclops. / contra ignis uiridique torus de fronde dapesque / uinaque et aequoreos inter cum coniuge diuos / Aeacides, pulsatque chelyn post pocula Chiron. / parte alia Pholoe multoque insanus Iaccho / Rhoetus et Atracia subitae de uirgine pugnae. / crateres mensaeque uolant araeque deorum / poculaque, insignis ueterum labor. optimus hasta / hic Peleus, hic ense furens agnoscitur Aeson; / fert grauis inuito uictorem Nestora tergo / Monychus, ardenti peragit Clanis Actora quercu; / nigro Nessus equo fugit, adclinisque tapetis / in mediis uacuo condit caput Hippasus auro.* (V. Fl., 1, 121-149); “Bulir-se tudo pelos homens logo viu, / Tombada a mata e soar a praia co’a bipene; / Já vê o Tespiade cortar co’a serra os pinhos, / Bordos se unirem, se amoldarem dúcteis travas / Em fogo lento; e Palas vergas procurando, / Co’os remos prontos, para o mastro porta-velas. / Quando tornou-se estanque ao mar a grande nave / E fina cera completou ocultas frestas, / Dispôs a deusa, na pintura, honores vários: / Aqui, esperando um deus, num peixe, Tétis vai / Ao leito de Peleu; o delfim corta as águas / E ela o monta; co’o véu caído sobre os olhos / Lamenta Aquiles não nascer maior que Jove. / A seguem Doto, a irmã Panope, e alegre n’água, / Co’os braços nus, buscando os antros, Galateia – / Da praia sícula o ciclope a chama em vão. / Defronte, é o fogo, o verde leito, o pasto e os vinhos / E o Eácida, co’a esposa, entre os deuses do mar; / Quíron, depois, a lira tange; noutra parte, / No Fóloe, Reco, pelo muito vinho insano, / E, pela virgem Hipodâmia, a luta enceta. / Voam altares e crateras, mesa e taças, / Labor insigne dos antigos. Bom co’a lança, / Peleu lá está, e Éson, feroz, co’a espada é visto; / Mônico traz Nestor no dorso, a contragosto; / Com brasas Clânis a Átor segue; Nesso foge / Num corcel negro. Reclinado entre tapetes, / No ouro vazio, Hipasso esconde sua cabeça.” (V. Fl., 1, 121-148, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³¹⁷ [...] *maestosque tuens natumque nurumque / talia libato pandebat sanguine Cretheus: / [...] / sed tibi triste nefas fraternaue turbidus arma / rex parat et saeuos irarum concipit ignes. / quin rapis hinc animam et famulos citus effugis artus? / i, meus es, iam te in lucos pia turba silentum / secretisque ciet uolitans pater Aeolus aruis. / Horruits interea famulum clamore supremo / maesta domus, regemque fragor per moenia differt / mille ciere manus et iam dare iussa uocatis. / flagrantes aras uestemque nemusque sacerdos / praecipitat, subitisque pauens circumspicit Aeson, / quid moueat. quam multa leo cunctatus in arta / mole uirum rictuque genas et lumina pressit, / sic curae subiere ducem, ferrumne capessat / imbelli atque aeui senior gestamina primi / an patres regnique acuat mutabile uulgu. / contra effusa manus haerensque in pectore coniunx / ‘me quoque’ ait ‘casus comitem quicumque propinquat / accipies, nec fata traham natumque uidebo / te sine, sat caeli patiens, cum prima per altum / uela dedit, potui quae tantum ferre dolorem.’ / talia per lacrimas. et iam circumspicit Aeson, / praeueniat quo fine minas, quae fata capessat / digna satis: magnos obitus natumque domumque / et genus Aeolium pugnataque poscere bella. / est etiam ante oculos aeui rudis altera proles, / ingentes animos et fortia discere facta / quem uelit atque olim leti meminisse paterni. / ergo sacra nouat. [...] / adstitit et nigro fumantia pocula tabo / contigit ipsa graui Furiarum maxima dextra; / illi auide exceptum pateris hausere cruorem. / Fit fragor; inrumpunt foribus qui saeua ferebant / imperia et strictos iussis regalibus enses. / in media iam morte senes suffectaque leto / lumina et undanti reuomentes ueste cruorem / conspiciunt; primoque rudem sub limine*

diversa das que aparecem em Diodoro³¹⁸ e Apolodoro³¹⁹, já que é motivado por vingança³²⁰ em Flaco. Neste caso, Hershkowitz (1998, p. 132) considera que Éson, por suas ações imediatamente anteriores ao suicídio, representa um exemplo de estoicismo frente à decisão tirânica do rei, configurando-se assim como uma ponte com o momento histórico em que Valério Flaco está inserido, e houve quem o relacionasse ao suicídio de Públio Clódio Trásea Peto e sua esposa, Árria³²¹. Além disso, pode-se apontar a inclusão do episódio do resgate de

rerum / te, puer, et uisa pallentem morte parentum / diripiunt adduntque tuis. procul horruit Aeson / excedens memoremque tulit sub nubibus umbram. (V. Fl., 1, 738-826). “[...] Creteu, olhando o filho e a nora / Tristes, libando o sangue, coisas tais mostrou: ‘[...] Mas, contra ti, fraterna luta e triste crime / Furioso o rei prepara e o fogo da ira acende. / Por que não roubas a alma e foges lesto ao corpo? / Vai, que és meu. Já no bosque esperam-te os silentes / E Éolo, meu pai, que nos secretos campos voa. / Tremeu, no ínterim, a infeliz casa, ao supremo / Gritar dos servos. Pelos muros rumor corre / Que o rei prepara tropas mil e já as comanda. / O ardente altar, a veste e o bosque, presto Alcímene / Logo abandona e Éson, temendo, em volta espregueita / O que se turba. Qual leão que hesita em meio / À multidão e, em ricto, franze olhos e fauces, / Éson assim se inquieta: ou toma a imbele arma, / Velho demais, e os apetrechos juvenis, / Ou o inconstante vulgo move e os pais do reino? / Mas, estendendo as mãos, a esposa o estreita ao peito / E diz: ‘Ter-me-ás por companheira no infortúnio, / Qualquer que o seja; não verei destino ou o filho / Sem ti; já muito padecendo, quando a vela / Ao mar lançou-se, quanta dor já suportei!’ / Falou, em lágrimas. Em torno Éson procura / Que fim previna as ameaças, qual destino / Digno receba; o filho, a terra, a raça eólia / E as lutas ganhas exigiram grandes mortes. / Tem diante os olhos outro filho, em tenra idade, / Que o forte ânimo ingente e os feitos ele queira / Saber um dia e celebrar do pai a morte. / Ao sacrifício torna. [...] Levantou-se a maior das Fúrias e tomou / Co’ a mão a taça fumegante de atro sangue / Que, derramado, eles na pátera sorveram. / Frigor: irrompem com estrondo os que levavam, / Por mando régio, a espada em punho e a ordem feroz. / Já em meio à morte veem os velhos co’ olhos fixos, / Sangue abundante sobre as vestes vomitando; / E a ti, menino, no primeiro umbral da vida, / Co’ a face pálida ante a morte dos parentes, / Matam e mandam-te co’ os teus. Éson tremeu; / Levou, partindo, a rancorosa sombra às nuvens.” (V. Fl., 1, 739-826, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³¹⁸ τῆς δὲ τῶν ἀριστέων ἀνακομιδῆς ἀγνοουμένης ἔτι κατὰ τὴν Θετταλίαν, φασὶ προσπεσεῖν φήμην ὅτι πάντες οἱ μετὰ Ἰάσονος στρατεύσαντες ἐν τοῖς κατὰ τὸν Πόντον τόποις ἀπολώλασι. διόπερ τὸν Πελίαν καιρὸν ἔχειν ὑπολαμβάνοντα τοὺς ἐφένδρους τῆς βασιλείας πάντας ἄρδην ἀνελεῖν, τὸν μὲν πατέρα τὸν Ἰάσονος ἀναγκάσαι πιεῖν αἶμα ταύρου, τὸν δ’ ἀδελφὸν Πρόμαχον, παῖδα τὴν ἡλικίαν ὄντα, φονεῦσαι. Ἀμφινόμην δὲ τὴν μητέρα μέλλουσαν ἀναιρεῖσθαί φασιν ἔπανδρον καὶ μνήμησιν ἄξιαν ἐπιτελέσασθαι πράξιν: καταφυγοῦσαν γὰρ ἐπὶ τὴν ἐστίαν τοῦ βασιλέως καὶ καταρασαμένην παθεῖν αὐτὸν ἄξια τῶν ἀσεβημάτων, ξίφει πατάξασαν ἑαυτῆς τὸ στήθος ἠρωικῶς καταστρέψαι τὸν βίον. (D. S., 4, 50, 1-2). “Quando el regreso de los héroes era todavía desconocido en Tesalia, dicen que se esparció el rumor de que todos los que habían participado en la expedición con Jasón habían perecido en la región del Ponto. Por esta razón Pelias pensó que era el momento oportuno para eliminar, sin ninguna excepción, a todos los que aspiraban al trono. Obligó al padre de Jasón a beber sangre de toro, y asesinó a su hermano Prómaco, que aún era un niño. Pero su madre Anfínome, cuando iba a ser asesinada, realizó, dicen, una acción valerosa y digna de recordarse: se refugió en el hogar del rey, pronunció una maldición contra él para que sufriera el castigo que merecía por sus actos impíos y clavándose ella misma una espada en el pecho acabó con su vida heroicamente.” (D. S., 4, 50, 1-2, trad. J. J. Torres Esbarranch).

³¹⁹ Πελίας δὲ ἀπογνοῦς τὴν ὑποτροφὴν τῶν Ἀργοναυτῶν τὸν Αἴσονα κτείνειν ἤθελεν: ὁ δὲ αἰτησάμενος ἑαυτὸν ἀνελεῖν θυσίαν ἐπιτελῶν ἀδεῶς τοῦ ταυρείου σπασάμενος αἵματος ἀπέθανεν. ἡ δὲ Ἰάσονος μήτηρ ἐπαρασαμένη Πελία, νήπιον ἀπολιποῦσα παῖδα Πρόμαχον ἑαυτὴν ἀνήρτησε: Πελίας δὲ καὶ τὸν αὐτῆ καταλειφθέντα παῖδα ἀπέκτεινε. (Apollod., *Bibl.*, 1, 9.27). “Pélias, certo de que os Argonautas não regressariam, quis matar Éson. Contudo, Éson lhe pediu que o deixasse se matar e tendo cumprido um sacrifício, sorveu intrépido o sangue de um touro e morreu. Então a mãe de Jasão amaldiçoou Pélias e se enforcou, deixando um filhinho, Prómaco. Mas Pélias também matou essa criança que ela havia deixado.” (Apollod., *Bibl.*, 1, 9.27, trad. L. A. M. Cabral).

³²⁰ Cf. nota 164.

³²¹ Cf. Tácito (HERSHKOWITZ, 1998, p. 132): 33 [...] *Thraseae Soranoque et Seruiliae datur mortis arbitrium; Helvidius et Paconius Italia depelluntur; [...]*

34 *Tum ad Thraseam in hortis agentem quaestor consulis missus uesperascente iam die. inlustrium uirorum feminarumque coetus frequentis egerat, maxime intentus Demetrio Cynicae institutionis doctori, cum quo, ut*

Hesíone ou da menção à libertação de Prometeu por Hércules que também não aparecem em Apolônio. Por outro lado, o poeta também omite outros, como a passagem dos heróis pela ilha de Ares, seu conflito com as aves habitantes dali e o resgate dos filhos de Frixo.

Mesmo quando Flaco aborda os mesmos episódios que Apolônio, nem sempre são correspondentes, como ocorre com o catálogo dos heróis: em Apolônio, o catálogo acontece logo após a abertura do poema, em que se dão as informações genealógicas e geográficas a respeito de cada herói; em Flaco, os heróis só são nomeados de fato quando embarcam na nau, quando se elencam também seus talentos ou capacidades extraordinárias. Esse deslocamento permite que, antes do embarque, diversos preparativos, como a construção da Argo e o convencimento de Acasto, sejam narrados (HERSHKOWITZ, 1998, p. 39-41). Assim, para Vessey: *La principal fuente narrativa de Valerio era Apolonio de Rodas, aunque había poco de servil en la relación.* (VESSEY, 1989, p. 615, trad. E. Bombín).

O poeta latino cria pelo menos um evento que não aparece nos principais textos relacionados ao mito dos argonautas que se recolheram aqui: a guerra entre Eetes e seu irmão, Perses, em que os argonautas tomam parte e que seria a condição para a obtenção do velocino. Além disso, Valério Flaco parece inserir mudanças também no que se refere ao desenho de

coniectare erat intentione uultus et auditis, si qua clarius proloquebantur, de natura animae et dissociatione spiritus corporisque inquirebat, donec aduenit Domitius Caecilianus ex intimis amicis et ei quid senatus censuisset exposuit. igitur flentis queritantisque qui aderant facessere propere Thræsea neu pericula sua miscere cum sorte damnati hortatur, Arriamque temptantem mariti suprema et exemplum Arriae matris sequi monet retinere uitam filiaeque communi subsidium unicum non adimere.

35 *Tum progressus in porticum illic a quaestore reperitur, laetitiae propior, quia Heluidium generum suum Italia tantum arceri cognouerat. accepto dehinc senatus consulto Heluidium et Demetrium in cubiculum inducit; porrectisque utriusque brachii uenis, postquam cruorem effudit, humum super spargens, propius uocato quaestore 'libamus' inquit 'Ioui liberatori. specta, iuuenis; et omen quidem dii prohibeant, ceterum in ea tempora natus es quibus firmare animum expediat constantibus exemplis.'* post lentitudine exitus grauis cruciatus adferente, obuersis in Demetrium ... (Tac., *Ann.*, 16, 33-35); “ 33 [...] Foi facultada a Traséias, a Sorano e Servília a livre escolha do gênero de morte. Helvídio e Pacônio foram expulsos da Itália. [...]”

34 O questor do cônsul à tardinha foi enviado a Traséias. Este foi encontrado nos seus jardins, onde reunira grande número de homens, e mulheres notáveis, dentre os quais dava especial atenção a Demétrio, filósofo da escola cínica, com o qual não só pela expressão da fisionomia, como pelas palavras que pronunciavam mais alto, disqueteava da natureza da alma e de seu afastamento do corpo. Neste momento chegou Domício Ceciliano, um dos mais íntimos amigos e comunicou-lhe o que decretara o Senado. Então Traséias, com empenho, pediu a todos os presentes, cominados por prantos e lamentações, que se retirassem de pronto, a fim de que não arriscassem a compartilhar da sorte de um condenado. Sua mulher Árria resolvera, segundo o exemplo de sua mãe, acompanhar o marido na morte, porém este lhe aconselhava a continuar vivendo para que sua filha não ficasse no mundo privada do único apoio que lhe restaria.

35 Traséias, dirigindo-se ao pórtico de sua casa, encontrou lá o questor relativamente alegre, porque soubera que seu genro Helvídio fora apenas banido da Itália. Recebido o decreto do Senado, levou Demétrio e Helvídio para um quarto e abertas então as veias de ambos os braços, deixou correr livre o sangue, espargiu-se pelo chão e, chamando para mais perto o questor, disse: ‘Façamos uma libação a Júpiter Libertador. Vê moço, e possam os deuses desviar este presságio, mas nasceste numa época, em que convém fortalecer a alma em exemplos de coragem.’ Em seguida, causando-lhe atrozes dores aquela lenta agonia, voltando os olhos para Demétrio...” (Tac., *Ann.*, 16, 33-35, trad. L. Pereira).

seus personagens e acentuar a importância das intervenções divinas em relação ao que aparece em Apolônio de Rodes (VESSEY, 1989, p. 637). Vessey (1989, p. 637) ainda afirma:

La epopeya de Apolonio es objetiva y urbana, y rezuma cinismo helenístico. Es frágil, a menudo amoral e impersonal. Los valores homéricos se subvierten en ella conscientemente, incluso maliciosamente. Ninguno de estos rasgos fue copiado por Valerio. (trad. E. Bombín).

A proposta de Flaco seria a de reelaborar a viagem dos argonautas a partir do modelo virgiliano. Com os *Cantos Argonáuticos* não se configurando como uma tradução do texto de Apolônio, diferentemente, portanto, do que ocorre com *Os Argonautas* de Varrão Atacino, pode-se considerar a viabilidade de um novo modelo de Jasão dentro do gênero épico a partir da construção de Valério Flaco.

4 “CANTAR AS VENERANDAS FAÇANHAS DOS HERÓIS”³²²: A VERSÃO DE VALÉRIO FLACO

Assim como parte das avaliações de Costa e Silva (1852) a respeito da epopeia de Valério Flaco tende a diminuí-la, o mesmo ocorre, de certa forma, com outros comentadores da obra, mesmo que, quando se considera o tratamento dado ao mito e o estilo do poeta, as opiniões dos estudiosos possam se dividir ao longo do tempo. Há, segundo Paratore (1987, p. 698), a busca do autor latino pela epopeia de cunho mitológico, caracterizando uma aproximação do ideal virgiliano e um afastamento do modelo representado por poetas anteriores mais próximos temporalmente, como Lucano.

Conforme afirma Vieira (2013, p. 24), são duas as formas de se fazer epopeia segundo modelos latinos: a de matéria mitológica e a de matéria histórica, sendo esta última o principal modo de cultivo da epopeia até a renovação de paradigma representada por Virgílio (2013, p. 26). De certa forma, mesmo a epopeia com viés mitológico pode ter entremeado em seu texto algo de histórico – veja-se a própria *Eneida*, embora, muitas vezes, neste caso, presente histórico, em oposição ao passado histórico abordado no outro modelo. Ao optar pela epopeia de cunho mitológico, entretanto, Valério Flaco não teria se atentado, segundo Paratore (1987, p. 699), ao fato de que a *Eneida* trazia uma visão lendária das origens da nação, e que, a menos que sua epopeia apresentasse uma fantasia viva e comovida, seria apenas um exercício literário. Para o estudioso, é exatamente isto que acontece, sendo que a melhor parte do poema seria a narrativa do desabrochar do amor de Medeia e Jasão, o que poderia ser unicamente indicativo da qualidade dos que descreveram esse sentimento antes de Valério Flaco e que se tornaram modelos ao poeta. Por fim, Paratore (1987, p. 699) ainda julga que:

Aquilo que nos pode levar a apontar, com segurança, a responsabilidade de Valério Flaco é a diluição hipertrófica do assunto do poema, defeito que faz com que ele tenha pontos de contato com a *Tebaida*, de Estácio. Com esta mania tão grande de turgidez, Valério Flaco acaba por perder de vista o verdadeiro espírito virgiliano, e por se fixar nas finuras formais e no puro caráter visivo de Ovídio [...]

É possível afirmar, como propõe Vessey (1989, p. 613), que Valério Flaco aspiraria, assim como seus contemporâneos, a ser o sucessor de Virgílio. Para o autor, o juízo do tempo demonstraria que, na verdade, Estácio seria o que mais teria conseguido se aproximar desse

³²² V. Fl., 1, 11-12, trad. M. M. Gouvêa Júnior. [...] *ueneranda canenti / facta uirum*. [...] (V. Fl., 1, 11-12).

objetivo já que suas obras – *Tebaida* e *Aquileida* – inspiraram diversos imitadores, como Dante, Milton e Pope. Em contrapartida, a obra de Valério Flaco foi esquecida por certo tempo e, quando redescoberta, interessaria mais a filólogos do que a imitadores³²³. Entretanto, independentemente das intenções do poeta, Vessey (1989, p. 614) considera que a pureza virgiliana não poderia ocorrer no período flaviano, sendo melhor analisar questões de proximidade com Virgílio.

Valerio Flaco estaba más próximo en espíritu a Virgilio, pero la apreciación de la proximidad depende de la situación del observador. Ovidio ejerció necesariamente una considerable influencia sobre las técnicas formales de Valerio. Parece seguro que en las Argonautica aspiraba a una moderación en el lenguaje y el pensamiento que consideraba virgiliana. [...] (VESSEY, 1989, p. 615, trad. E. Bombín).

Pode-se, também, questionar até que ponto a proposta de Valério Flaco seria a de criação de uma nova *Eneida*. Algo que é possível apontar é que o poeta não desenha episódios com relações tão importantes e aparentes com o momento sócio-histórico e político em que está inserido. Há a possibilidade de que se faça uma leitura que ligue personagens do mito trabalhado por Flaco com figuras históricas, como apresenta Taylor (1994) em uma leitura Hércules/Augusto e Jasão/Vespasiano, mas não parece haver algo tão claro como fizera Virgílio, por exemplo, na descida de Eneias ao Hades, no canto VI de sua epopeia ou nos episódios representados no escudo esculpido por Vulcano no canto VIII. Além de breves referências³²⁴ ao momento histórico em que estava inserido e à glória de Roma³²⁵, mesmo uma menção às campanhas de Domiciano contra os sármatas³²⁶, em 89 e 92, é apenas suposta e, se teria ocorrido de fato, acontece de maneira indireta (VESSEY, 1989, p. 636).

Conforme afirmam Citroni *et al.* (2006, p. 851-852), seria esperado dos poetas do período flaviano que cantassem os feitos de seus soberanos, e Gouvêa Júnior (2010, p. 16-17)

³²³ Entre aqueles que, possivelmente, se filiam à tradição de Valério Flaco é interessante destacar o brasileiro Virgílio Várzea, autor de um romance intitulado *Os argonautas* (2012), cuja epígrafe é composta, em parte, pelos versos iniciais da epopeia de Flaco.

³²⁴ Cf. páginas 14 e 15.

³²⁵ Como ocorre em: [...] *Priami sed quis iam uertere regnis / fata queat? manet immotis nox †turica† lustris / et genus Aeneadum et Troiae melioris honores.* (V. Fl., 2, 571-573); “[...] Mas verter do priameo reino o fado, / Quem poderia? A noite dória, a gente Eneida, / E as glórias de uma Tróia inda melhor persistem.” (V. Fl., 2, 571-573, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³²⁶ [...] *ingentis frenator Sarmata conti.* (V. Fl., 6, 162); “Vinham co’os Sármatas, que atiram grandes varas.” (V. Fl., 6, 162). [...] *cum saeuior ecce iuuentus / Sarmaticaeque coire manus fremitusque uirorum / semiferi; riget his molli lorica catena; / id quoque tegmen equis;* [...] (V. Fl., 6, 231-234); “Quando eis que os jovens aguerridos da Sarmátia / Co’urros de feras, reuniram-se. A lorica / De moles elos robustece-os, e aos cavalos.” (V. Fl., 6, 231-233).

considera que, devido às iniciativas de Vespasiano, haveria um processo de colaboração entre os autores e o Regime Imperial, com forte controle do que era produzido. Porém, é interessante apontar que Valério Flaco, logo no início de sua narrativa, se escusa, de certa forma, da honra de cantar os feitos de Vespasiano – ou seja, de compor uma epopeia de matéria histórica – por essa pertencer a Domiciano, que seria mais adequado a ela:

[...] A queda da Idumeia / Teu filho mostra, pois que o pode, e o irmão feroz,
/ Negro de pó, tochas lançando às torres Sólidas. / Culto divino a ti, e um
templo à tua gente, / Prestará ele quando, ó pai, no céu brilhares / E à tória
nau não for a Ursa melhor norte, / Nem pelo mestre grego a Barca mais
marcada. / Se assinalares, a Fenícia, a Grécia e o Nilo / Darão suas naus ao
mar. [...] ³²⁷ (V. Fl., 1, 12-20).

As epopeias de Valério Flaco, Silíio Itálico e Estácio eram o que estava sendo produzido em um momento sócio-histórico e político um tanto diferente daquele vivenciado por Virgílio, e, embora este seja o modelo de excelência dentro da literatura latina, analisar a obra desses poetas somente pelos critérios de qualidade da *Eneida* pode ser ignorar, em parte, as idiossincrasias de um momento de produção diferente e com interferências literárias diversas, já que, por exemplo, Lucano e Sêneca também apareciam como modelos desses poetas (CITRONI *et al.*, 2006, p. 851-852).

Vessey (1989, p. 616) indica que o processo de *imitatio* une os poetas antigos, de maneira que talvez seja interessante analisar determinado poeta, pensando em seu antecessor. Porém, esses autores são capazes de mostrar sua originalidade, de modo que se torna relevante pensar não só as relações com outros autores, mas a obra em sua individualidade. Valério Flaco teria construído sua própria interpretação da viagem dos argonautas, assim como seu Jasão com uma faceta heroica e bélica mais acentuada, uma oposição à atenuação que ocorreria em Apolônio (VESSEY, 1989, p. 616).

De modo geral, a obra de Valério Flaco estrutura-se da seguinte forma em seus oito cantos: no primeiro, narram-se o temor de Pélias frente às profecias e aos presságios a respeito de sua morte, diante das virtudes de Jasão; a ordem de Pélias ao herói; as opções de Jasão; sua prece a Juno e Minerva que a atendem; a reunião dos heróis; a construção da nau; o convencimento de Acasto por Jasão para que o acompanhasse na viagem; as celebrações

³²⁷ [...] *uersam proles tua pandet Idumen / (namque potest): Solymo nigrantem puluere fratrem / spargentemque faces et in omni turre furentem. / ille tibi cultusque deum delubraque gentis / instituet, cum tu, genitor, lucebis ab omni / parte poli, neque iam Tyriis Cynosura carinis / certior aut Graeis Helice seruanda magistris, / sed tu signa dabis, sed te duce Graecia mittet / et Sidon Nilusque rates.* [...] (V. Fl., 1, 12-20).

ocorridas junto à nau; as predições de Mopso e Idmon; a chegada de Quíron acompanhado por Aquiles; a história da fuga de Frixo, até a morte de sua irmã, Hele, narrada por Orfeu; o sonho de Jasão com o carvalho dodono; as falas dos pais de Jasão durante os preparativos para a partida; o catálogo dos heróis; a saída da nau; o concílio dos deuses – em que atuam Sol, Marte, Minerva, Juno e Júpiter –; o raio lançado por Júpiter que sinaliza que aceitara a viagem dos heróis; a ida de Bóreas ao reino de Éolo; a libertação dos ventos por este; o desespero dos argonautas com a tempestade; Netuno dispersando-a; a prece de Jasão ao deus; a vingança de Pélias; o suicídio dos pais de Jasão e o assassinato de seu irmão.

No segundo canto, narram-se os caminhos seguidos pelos argonautas; o medo suscitado pela noite escura; Tífis tranquilizando seus companheiros; a aproximação a Lemnos, que dá ensejo para que se narre a história de Vulcano derrubado do Olimpo por Júpiter ao tentar libertar Juno, e sua acolhida na cidade até que pudesse retornar à morada dos deuses; o desagrado do povo de Lemnos em relação a Vênus que tem seus altares vazios; a vingança de Vênus, que faz com que as mulheres matem os homens da cidade, salvando-se apenas o pai de Hipsípila; a chegada dos heróis ao reino; o conselho das mulheres; o encontro entre os argonautas e as mulheres de Lemnos; a admoestação de Hércules; os preparativos para a partida; a troca de presentes entre anfitriãs e hóspedes; a partida dos heróis; sua chegada à Samotrácia; a indicação de que foram iniciados em mistérios; a nova partida e a chegada à terra dardânia; o encontro de Hércules e Télamon com Hesíone; a luta do Alcides com o monstro que aflige Troia; o diálogo deste herói e Laomedonte; uma vez tendo zarpado, o consecutivo encontro com Hele, já divinizada; o caminho da nau até o reino de Cízico, por quem são recebidos.

No terceiro canto, são narrados os preparativos para a partida; a troca de presentes; as motivações para o retorno dos argonautas ao reino de Cízico; a guerra entre o exército do rei e de Jasão; as honras fúnebres aos derrotados; a culpa e o esmaecimento dos heróis; os rituais para aplacar os mortos; a partida da nau; a parada na Mísia para a substituição do remo de Hércules que se partira; os planos de Juno contra este último; o sequestro de Hílas; a busca de Hércules; e o abandono do herói por seus companheiros.

No quarto canto, narram-se a reprimenda de Júpiter a Juno; o sonho de Hércules; o pedido de Febo para que Prometeu fosse libertado; o envio de Alcides para tal tarefa; a chegada dos argonautas ao reino dos bebrícios; o encontro de Equion com Dimante; os feitos de Âmico; o pugilato de Pólux e Âmico; a passagem dos heróis pelo Bósforo; a história de Io cantada por Orfeu; a aproximação ao lar de Fineu; suas desditas; a perseguição das Harpias

por Calais e Zetes; o pedido de Jasão a Fineu; as predições do vate; a passagem dos heróis pelas Ciâneas com a ajuda de Minerva e Juno; e a chegada dos heróis ao reino de Lico.

No quinto canto, narram-se as mortes de Ídmon e Tífis; suas honras fúnebres; a escolha do carvalho dodono por Érgino como condutor da nau; a visão da sombra de Estênelo; a recolhida de Deileonte, Flógio e Autólico; os feitos de Hércules; a passagem da nau por diferentes povos, como os mossinos; a libertação de Prometeu; a prece de Jasão junto ao túmulo de Frixo; o sonho de Eetes com Frixo; a vinda da serpente para vigiar o velocino; as motivações para o desentendimento entre Perses e Eetes; o acordo de Palas e Juno; a decisão de Jasão; o sonho de Medeia; o encontro de Jasão e Medeia; as imagens impressas na porta do templo de Febo; os pedidos de Jasão a Eetes e vice-versa; a mensagem do capitão enviada aos nautas por Cástor; a troca de informações sobre as tropas de Eetes e Jasão; e a queixa de Marte a Júpiter.

No sexto canto, narram-se as ações de Marte; a decisão de Perses de enviar uma mensagem aos argonautas; o início dos combates; o catálogo dos chefes; a guerra; os planos de Juno; o pedido da deusa a Vênus; a conversa de Juno, metamorfoseada em Calcíope, com Medeia; a reclamação de Hécate, enquanto Medeia é guiada aos muros da cidade; e o fim da batalha, com Perses protegido por Minerva, e Medeia procurando por Jasão.

No sétimo canto, são narrados os sofrimentos de Medeia; a solicitação de Jasão a Eetes; a imposição das provas dos touros e da sementeira; a resposta do herói; os desdobramentos das aflições de Medeia; a nova solicitação de Juno a Vênus; a ordem de Vênus para que o líder dos argonautas espere em local indicado; o diálogo entre Medeia e Vênus disfarçada de Circe; o encontro de Jasão e Medeia; e a superação das provas de Eetes com a ajuda da feiticeira.

Por fim, no oitavo canto e último, narram-se a fuga de Medeia do palácio; o encontro com o herói; os encantos da feiticeira para que a serpe dormisse; a partida dos amantes com o velocino; o discurso da mãe de Medeia; a proposta de Érgino de tomar outro caminho para evitar as Ciâneas; a parada na ilha de Peuce em que as bodas da feiticeira e do líder dos argonautas são celebradas; a chegada da frota de Absirto; a tempestade suscitada por Juno para proteger os argonautas; os pedidos dos heróis para que Medeia fosse devolvida aos colcos; a decisão de Jasão; o questionamento de Medeia; e, finalmente, o início da resposta de Jasão, momento em que a epopeia é interrompida abruptamente.

4.1 Jasão, herói épico flaviano

Valério Flaco já no início de sua epopeia se refere ao medo que Pélias, rei por direito e durante muito tempo, sente em relação a Jasão. Seu temor está ligado não só a um oráculo, mas também às virtudes de seu sobrinho que o destacam. É interessante notar que o oráculo presente na epopeia latina não se refere a um homem semicalçado, neste caso mais geral e podendo indicar qualquer homem nessa condição, mas remete diretamente a Jasão, sem fazer menção a sua sandália. Assim, o rei decide livrar-se do herói:

Pélias regia a Hemônia desde os primos anos – / Temor dos povos, grave e longo. [...] mas sem paz / Na alma assustada por divinas ameaças / E pelo filho do irmão: que este seria / O fim do rei os vates cantam. Maus presságios / No altar repetem-se; e do herói a fama aumenta – / Ao rei, porém, essas virtudes não agradam. / Ele decide, então, findar o herói e o medo / E imagina a ocasião e o modo de o fazer.³²⁸ (V. Fl., 1, 22-32, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Dessa forma, na versão de Flaco, Jasão não teria direito ao trono de forma direta, visto que este não fora tomado de seu pai, e por Pélias ter um herdeiro, Acasto. Ao mesmo tempo, não há apontamento de que o herói almejaria ao poder. Porém, existem virtudes, que não são descritas na passagem, mas que já destacam o herói antes que a viagem comece ou seja, sequer, pensada.

Note-se também que as primeiras menções a Jasão ocorrem por intermédio de sua ascendência: “filho do irmão” (*fratis progeniem*) e “filho de Éson” (*iuenem Aesonium*). De fato, seu patronímico, Esonide (*Aesonides*), tende a ser mais usado do que seu nome, que aparecerá pela primeira vez apenas no verso 298: “[...] Jasão lhes fala com palavras / Mansas, e o dito acalma os corações aflitos.”³²⁹ (V. Fl., 1, 298-299, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Pélias, quando decide se livrar de seu sobrinho, motivado pelo temor, não encontra meios próximos para realizar tal feito, visto que Hércules já cumprira parte de seus trabalhos na região, livrando-a de perigos, de modo que restam ao rei os riscos do mar, aos quais ordena que Jasão enfrente para que busque o velocino de ouro na Cólquida, utilizando, como parte de seus argumentos, que Frixo faria parte de sua família e havia sido morto por Eetes, de maneira

³²⁸ *Haemoniam primis Pelias frenabat ab annis, / iam grauis et longus populis metus: [...] / sed non ulla quies animo fratrisque pauenti / progeniem diuumque minas; hunc nam fore regi / exitio uatesque canunt pecudumque per aras / terrifici monitus iterant: super ipsius ingens / instat fama uiri uirtusque haut laeta tyranno. / ergo anteire metus iuenemque extinguere pergit / Aesonium letique uias ac tempora uersat.* (V. Fl., 1, 22-32).

³²⁹ [...] *illis placidi sermonis Iason suggerit adfatus turbataque pectora mulcet.* (V. Fl., 1, 298-299).

que algo precisava ser feito para vingá-lo. Ainda que o herói considere a ideia de derrubar o poder do rei³³⁰, logo pensa em modos para que atravesse os mares e chegue à terra dos colcos. Neste ponto, dois aspectos de Jasão são apresentados: sua busca por glória e sua piedade em relação aos deuses, principalmente Juno e Minerva.

Quanto à busca por glória, conforme afirma Gouvêa Júnior (2007, p. 108-109), esta é utilizada não só por Pélias para coagir o herói à busca pelo velocino³³¹, como para inspirar os demais à empreitada³³², e também por Jasão para convencer Acasto a segui-lo³³³. O herói deseja que o príncipe o acompanhe para que Pélias seja afligido pelas mesmas dores que os pais dos demais tripulantes serão, o que gera consequências negativas a ele – a morte de seus pais e irmão – por vingança do rei, porém Jasão não toma consciência delas ao longo da narrativa.

Já em relação aos deuses, a partir da fala do herói em que se dirige a Minerva e Juno, toma-se conhecimento de que, embora não se faça menção à possibilidade de que cumpra um oráculo por estar semicalçado, ele carregara Juno em suas costas durante a travessia de um rio cheio pela chuva, o que explicaria o favorecimento da deusa ao herói³³⁴:

Só tu inflamas, Glória, os ânimos e a mente; / Verdes te vêem e imune ao tempo, firme às margens / Do Fase, aos jovens a chamar. Enfim, o culto / O incerto n'alma e o coração confuso firma. / Erguendo aos céus as pias mãos: "Ó onipotente / Rainha", diz, " - que, quando, túrbido, no escuro / Céu, Jove sacudira a negra tempestade, / Eu carreguei pelo Enipeu, da chuva inchado, / Segura aos campos, e não pude crer-te deusa / Até que, co' o trovão e o raio, reclamou-te / O esposo, e vi-te presa por súbito medo -, / A Cítia e o Fase dá-me! E tu, inuba Palas, / Salva-me! O velo ao vosso templo ofertarei; / Dará meu pai ao fogo vítimas com áureos / Chifres, e cingirão o altar as níveas reses".³³⁵ (V. Fl., 1, 76-90, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³³⁰ [...] *populumne leuem ueterique tyranno / infensum atque olim miserantes Aesona patres / aduocet?* [...] (V. Fl., 1, 71-73). "[...] Ou chame o débil povo hostil ao velho / Tirano e os nobres que de Éson se apiedaram," (V. Fl., 1, 71-73).

³³¹ "*hanc mihi militiam, ueterum quae pulchrior actis, / adnue daque animum.* [...]" (V. Fl., 1, 40-41); "Anui por mim com esta empresa, que é mais bela / que as dos antigos. [...]" (V. Fl., 1, 40-41, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³³² [...] *iam stare ratem remisque superbam / poscere quos reuehat rebusque in saecula tollat.* (V. Fl., 1, 98-99); "Que a nau é pronta e que, soberba pelos remos, / Busca a quem leve e exalte os feitos pelos séculos." (V. Fl., 1, 98-99, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³³³ *quis pudor heu nostros tibi tune audire labores, / quam referam uisas tua per suspiria gentes.*" (V. Fl., 1, 172-173); "Mas que vergonha a tua ouvindo nossos feitos! / E a teus suspiros contarei de tantas gentes!" (V. Fl., 1, 172-173, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³³⁴ Perceba-se que não há menção à perda de um calçado, comum na passagem em outras versões, como em Apolônio, já que o oráculo a esse respeito é ausente em Valério Flaco. Conforme afirma Ruiz de Elvira (1982, p. 271), Valério Flaco é o único que situa o episódio no rio Enipeu; Apolônio o faz no Anaro; Higinio, no Eveno; e Dracônio, no Istro.

³³⁵ [...] *tu sola animos mentesque peruris, / Gloria; te uiridem uidet immunemque senectae / Phasidis in ripa stantem iuuenesque uocantem. / tandem animi incertum confusaque pectora firmat / religio, tendensque pias ad sidera palmas / "omnipotens regina", inquit "quam, turbidus atro / aethere caeruleum quateret cum Iuppiter*

As deusas, tendo ouvido sua prece, buscam ajudar Jasão; Minerva, com a construção da nau, Juno, com a reunião dos demais heróis que o acompanharão. Esta realizará tal ato espalhando a notícia de que Jasão irá desafiar os mares, como se a empresa partisse dele, sem mencionar uma imposição³³⁶. Entretanto, a deusa lamentará a chegada de Hércules: “Quisera agora que não fosse sócio e esteio / Do nosso barco e eu não tivesse de confiar / No hercúleo auxílio, ou dever tanto a tal soberbo!”³³⁷ (V. Fl., 1, 117-119, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Com isso, até este ponto da narrativa, há indicação de dois aspectos que têm relação com Hércules: um que parte, de certa forma, de Pélias, que não acredita que Jasão seria capaz de cumprir os mesmos feitos, e outro de Juno, que lamenta a necessidade de tamanho auxílio. Não há dúvida de que Hércules é um grande herói, principalmente porque, de fato, ele já realizara feitos notáveis antes do início da viagem e irá executar ainda outros – um totalmente sozinho³³⁸ – ao longo da narrativa até ser abandonado e mesmo após esse fato. Assim, pode-se considerar se a relação que o herói terá com Jasão será a mesma que ocorre em Apolônio.

É interessante apontar que essa relação já começaria se afastando do modelo grego, uma vez que não há uma eleição para o cargo de capitão em que Hércules poderia ser indicado, como ocorre em Apolônio, ou ser eleito, como em Diodoro. Jasão é o líder dos argonautas desde o início sem que seja necessário que outro lhe garanta a honra. Entretanto, embora Jasão já tenha virtudes a ponto de que seu tio se assuste com elas, a viagem dos argonautas pode se configurar como iniciática de maneira que essas virtudes sejam aperfeiçoadas ao longo da narrativa (GOUVÊA JÚNIOR, 2007, p. 104). Logo, o herói precisa realizar feitos, mas também necessita de auxílio e de modelos para que esse processo ocorra.

Assim, do mesmo modo que ocorre em Apolônio, Hércules também precisará fazer uma admoestação quando os heróis se demoram junto às mulheres de Lemnos. Porém, se, na epopeia grega, o herói não se dirige a Jasão, nesta, o chefe dos argonautas é o interlocutor direto de Hércules e terá uma reação clara e imediata à sua fala:

imbrem, / ipse ego praecipiti tumidum per Enipea nimbo / in campos et tuta tuli nec credere quivi / ante deam, quam te tonitru nutuque reposci / coniugis et subita raptam formidine uidi, / da Scythiam Phasimque mihi; tuque, innuba Pallas, / eripe me. uestris egomet tune uellera templis / illa dabo, dabit auratis et cornibus igni / colla pater, niueique greges altaria cingent.” (V. Fl., 1, 76-90).

³³⁶ *at Iuno Argolicas pariter Macetumque per urbes / spargit inexpertos temptare parentibus austros / Aesoniden; iam stare ratem remisque superbam / poscere quos reuehat rebusque in saecula tollat.* (V. Fl., 1, 95-99); “[...] Espalha Juno / Por macedônicas e argólicas cidades / Que Jasão desafia inexplorados ventos, / Que a nau é pronta e que, soberba pelos remos, / Busca a quem leve e exalte os feitos pelos séculos.” (V. Fl., 1, 95-99, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³³⁷ *nune quoque nec socium nostrae columenue carinae / esse uelim, Herculeis nec me umquam fidere fas sit / auxiliis comiti et tantum debere superbo.”* (V. Fl., 1, 117-119).

³³⁸ O episódio se refere ao resgate de Hesíone, posteriormente comentado. Cf. página 117.

“Miseros todos que acedemos a teus atos! / Dá-nos o Fase, os perigos do mar
cítio / E Eetes, Jasão! Contigo, ao mar, tão só o amor / Aos feitos trouxe-me:
a esperança de as Ciâneas / Deter e espoliar a serpe vigilante! / Mas se
escolheres habitar egeus escolhos, / Comigo Telamon meus feitos
cumprirá”! / Pelo acre aviso aceso, o Esônide atormenta-se / Qual fogo
corcel que a fresca terra assiste / E que, na paz, dá curtas voltas preguiçosas,
/ Mas que ainda anseia os freios quando a seus ouvidos / Alcançam o rumor
e as trombetas de Marte. / A Tífis e Argo chama e para o mar apresta-os.³³⁹
(V. Fl., 2, 378-390, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Após a reprimenda de Hércules, Jasão toma a frente liderando os outros heróis e é comparado a um cavalo de guerra. Pode-se questionar se Hércules teria, neste caso, assumido uma liderança em relação aos outros argonautas, já que não se dirige aos demais heróis comandando-os a algo, como aparece em Apolônio, mas censura somente a posição de Jasão, invocando um líder, mas não o substituindo. Aqui, a dissolução do conjunto não é colocada de maneira tão clara quanto fora em Apolônio, entretanto, percebe-se que Hércules se propõe a continuar seus feitos em companhia apenas de Telamon. De fato, nessa versão, a capacidade de Hércules talvez se mostre de maneira ainda mais demarcada, principalmente, se o episódio de Hesíone, ausente em Apolônio, mas presente em Diodoro, em que o herói tem função destacada, for considerado.

Neste, Telamon e Hércules caminham pela praia, afastados dos demais heróis que montam acampamento, quando escutam os gritos de uma jovem e vão investigar. Tendo a encontrado acorrentada a uma rocha, perguntam a ela a motivação para tal. A princesa explicará aos heróis sua sorte e a de sua cidade, e os heróis serão surpreendidos com surgimento do monstro que aterroriza Troia, mas que será derrotado por Hércules sozinho. Telamon chamará os demais heróis – que nem sabiam o que estava acontecendo e se surpreendem ao ver o mar tinto de sangue – somente após a morte do monstro, enquanto Hércules liberta Hesíone do rochedo, levando-a de volta ao rei e recebendo dele, junto a outros prêmios, o título de “maior entre os gregos”³⁴⁰ (V. Fl., 2, 557, trad. M. M. Gouvêa

³³⁹ “*o miseri quicumque tuis accessimus actis. / Phasin et Aeeten Scythicique pericula ponti / redde*” ait
“*Aesonide: me tecum solus in aequor / rerum traxit amor, dum spes mihi sistere montes / Cyaneos uigilemque
alium spoliare draconem. / si sedet Aegaei scopulos habitare profundū, / hoc mecum Telamon peraget meus.*”
*haec ubi dicta, / baud secus Aesonides monitis accensus amaris, / quam bellator equus, longa quem frigida pace
/ terra iuuat, †breuis† in laeuos piger angitur orbes, / frena tamen dominumque uelit, si Martius aures / clamor
et oblitū rursus fragor impleat aeris. / tunc Argum Tiphynque uocat pelagoque parari / praecipitat; [...]* (V. Fl.,
2, 378-391).

³⁴⁰ *maxime Graiugenum* (V. Fl., 2, 557).

Júnior). Logo, percebe-se que, como o Hércules de Apolônio, o herói é capaz de realizar grandes feitos sozinho.

Não se põe em dúvida, desse modo, que Hércules seria capaz de cumprir as provas propostas por Eetes na Cólquida com nenhuma, ou, pelo menos, pouca ajuda, demonstrando, no episódio citado, a possibilidade inclusive de deslumbrar, de certa forma, uma mulher com sua aparência³⁴¹. No entanto, para que não ofusque Jasão, como ocorre na versão de Diodoro³⁴², seu abandono se faz necessário dentro do plano da narrativa. Vale ressaltar que isso não se dá de maneira consciente por parte de Jasão, que espera durante vários dias que o companheiro retorne após ter se afastado dos demais em busca de Hilas, que fora levado por uma ninfa influenciada por Juno. Finalmente, para não atrasar o cumprimento de seu objetivo, considerando que o afastamento de Hércules já teria sido pressagiado, Jasão propõe a partida, mas deixa a decisão final aos demais companheiros:

“Quem dera, quando eu urdia às cítias terras mortas, / Parnásia voz mentidas sortes me trouxera: / De toda a tropa, o que maior em armas fosse, / Por ordem jóvea e sina, este se reteria / Ante o mar proceloso e os rochedos moventes – / Nem mais se ergueu de herói a fama ou certo vate. / Mas, eia, embora os corações variem dúbios, / Deliberai e, se co’o vento o rumo chama-vos, / Apressai e tornai comigo à obra em curso; / Mas tolerar o atraso, e de novo buscá-lo / Nos montes próximos é preço leve ao tempo”.³⁴³ (V. Fl., 3, 617-627, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Partindo, o capitão se afastará dos demais heróis para que não o vejam chorando pela perda de Hércules: “Os Fados levam e Jasão, do ardor dos homens / Subtraído, os olhos aflagava com seu manto. / Os corações, de vero luto, então se tomam, / Ao se sentarem, sem do leão o pêlo, e vago / Tamanho espaço do remeiro. [...]”³⁴⁴ (V. Fl., 3, 717-720, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁴¹ [...] *neque enim tam lata uidebam / pectora, Neptunus muros cum iungeret astris, / nec tales umeros pharetramque gerebat Apollo.*” (V. Fl., 2, 490-492); “[...] Não via assim tão largo peito / Dês que Netuno ergueu os muros às estrelas, / Nem tal aljava ou ombro igual trazia Apolo.” (V. Fl., 2, 490-492, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁴² Cf. páginas 41 a 45.

³⁴³ “*o utinam, Scythicis struerem cum funera terris, / uox mihi mentitas tulerit Parnasia sortes, / agmine de tanto socium qui maximus armis / adforet, hunc Iouis imperiis fatoque teneri / ante procellosum scopulis errantibus aequor. / necdum fama uiri nec certior exstitit auctor. / uerum agite et, dubiis uariant quae pectora curis, / consulite et, motis seu uos uia flatibus urget, / pergite et inceptos mecum reuocate labores, / seu pluris tolerare moras rursusque propinquis / quaesiuisset iugis, pretium haut leue temporis acti.*” (V. Fl., 3, 616-627).

³⁴⁴ *fata trahunt, raptusque uirum certamine ductor / ibat et optenta mulcebat lumina palla. / hie uero ingenti repetuntur pectora luctu, / ut socii sedere locis nullaeque leonis / exuuias tantique uocant uestigia transtri.* (V. Fl., 3, 717-720).

Nesse caso, com a interrupção da narrativa antes de seu término, não há lugar para o episódio das Hespérides e nem se pode saber se Flaco o abordaria, porém existem outras informações sobre os feitos de Hércules posteriores a seu abandono, como a libertação de Prometeu no canto V³⁴⁵. Contudo, Hércules não continuará a aparecer ao longo da epopeia só por intermédio da narração de seus feitos. A comparação de Jasão com o herói também se faz presente, uma vez que, conforme afirma Taylor (1994, p. 222), Flaco apresenta Jasão e Hércules como heróis de mérito comparável, capazes de realizar feitos análogos. Assim, as comparações ocorrem, por exemplo, quando Jasão pede o velocino a Eetes e iguala a imposição de Pélias àquela de Euristeu a Hércules³⁴⁶; quando enfrenta os soldados nascidos dos dentes de dragão³⁴⁷, dificuldade comparada à de Hidra (TAYLOR, 1994, p. 221-222); e em seu casamento³⁴⁸ (MELLO; FERREIRA LIMA, 2014, p. 74), embora, neste último caso, não quanto a um feito, mas quanto à sua beleza. Talvez, a mais interessante das comparações aconteça quando Jasão retira o velocino da árvore, já que o herói se igualaria a Hércules quando este derrotara o leão de Nemeia, ao mesmo tempo em que claramente se afasta do herói de Apolônio que fora comparado, na mesma situação, a uma virgem. Assim, tal como apresenta Flaco:

[...] O herói coberto / Co’o fulgente tosão, ora o deita nos braços, / Ora aos ombros o leva, ou co’a canhota o agarra: / Da gruta de Nemeia, igual saíra

³⁴⁵ *ille etiam Alciden Titania fata morantem / attulerat tum forte dies; iamque aspera nisu / undique conuellens ueteris cum strage pruinæ / uincola prensa manu saxis abduxerat imis / arduus et laeue grauior pede; [...]* (V. Fl., 5, 156-160); “P’ra onde o dia guiara o Alcides, que deteve-se / Por sina do Titã e já, com árduo esforço / A destroçar co’a antiga neve os elos presos / Arrancara co’a mão do leito a penedia / Calcando o esquerdo pé. [...]” (V. Fl., 5, 156-160, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁴⁶ *sceptra tui toto Pelias sub lumine Phoebi / maxima sorte tenens totque ille grauantia cliuos / oppida, tot uigili pulcherrima flumina cornu, / ille meum imperils urget caput, ille labores / dat uarios, suus ut magnum rex spargit ab Argis / Alciden, Sthenelo ipse satus. [...]* (V. Fl., 5, 482-489); “Pélias – que o reino, sob o nome de teu Febo, / Maior detém, e tantas vilas nas montanhas / E lindos rios com seus chifres vigilantes – / Me impele e ordena-me, com leis, vários trabalhos, / Como ao Alcides manda de Argos o seu rei, / Filho de Estênelo. [...]” (V. Fl., 5, 482-488, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁴⁷ *nec magis aut illis aut illis milibus ultra / sufficit, ad dirae quam cum Tirynthius hydrae / agmina Palladios defessus respicit ignes.* (V. Fl., 7, 622-624); “Mas, ante os mil e mil soldados, não se basta. / Como o Tirintio, quando exausto, junto às hostes / Da Hidra feroz, para o Paládio fogo olhou,” (V. Fl., 7, 622-624, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁴⁸ *praecipueque sui, siquando, in tempore pulcher / coniugii Minyas numquam magis eminet inter: / qualis sanguineo uictor Gradiuus ab Hebro / Idalium furto subit aut dilecta Cythera, / seu cum caelestes Alcidae inuisere mensas / iam uacat et fessum lunonia sustinet Hebe.* (V. Fl., 8, 226-231). “Se alguma vez belo foi, nunca entre os Míniás / Mais exceliu do que no dia de suas bodas. / Qual Marte, vindo vencedor do Hebro sangrento, / Furtivamente chega à Idália e à Citera, / Ou como o Alcides vai cansado às celestiais / Mesas e logo Hebe, de Juno a filha, o acolhe.” (V. Fl., 8, 226-231, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Hércules / Inda ajustando o leão à cabeça e às espáduas!³⁴⁹ (V. Fl., 8, 122-125, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Enquanto, em Apolônio, o fato se dá de modo díspar, ainda que a forma de carregar seja parecida:

Como a Menina, que em delgada veste / Recebe em cheio o resplendor da Lua, / Que do alto no seu thalamo penetra, / E o formoso clarão contempla, e folga; / Assim ledo Jason co'as mãos levanta / O longo vélllo, e sua fronte, e faces / Se tingem d'um rubor da lã províndo, / Que imita o scintillar da chamma ardente. / [...] / Elle no hombro sinistro ora o levava / Pendendo até aos pés, ora ao contrario / A [pele] enrolla, [...] ³⁵⁰ (A. R., 4, 163-181, trad. J. M. da Costa e Silva).

Hércules já realizara grandes feitos antes de embarcar na nau Argo, enquanto Jasão está em processo de iniciá-los. Se em Apolônio, esse fato faz com que Jasão seja preterido por seus pares ou silenciado em Lemnos, por exemplo, em Flaco, a relação entre os dois heróis parece ser mais de complementação, já que Jasão não conseguirá superar Hércules, mas se tornaria, ao longo da narrativa, equiparável a ele.

Assim como Hércules, é possível que outros personagens também precisem se afastar de alguma forma da narrativa conforme Jasão vai desenvolvendo suas habilidades, como ocorre com Tífis ou Ídmon. Obviamente, suas mortes condizem com a tradição literária do mito mais corrente, porém, é interessante que se pense em seus papéis dentro da construção de Valério Flaco. Tífis, guia da nau, será aquele que primeiro propõe que os heróis deveriam partir após o afastamento de Hércules que os atrasa no cumprimento do objetivo³⁵¹. Entretanto, já no canto V da epopeia, Jasão não precisa de Hércules ou de Tífis para admoestá-lo a que tome decisões. Por outro lado, a morte de Ídmon abre espaço para que Medeia se torne a auxiliar de Jasão, ao mesmo tempo em que Fineu já prouvera os heróis com

³⁴⁹ *micat omnis ager uillisque comantem / sidereis totos pellem nunc fundit in artus, / nunc in colla refert, nunc implicat ille sinistrae: / talis ab Inachiis Nemeae Tirynthius antris / ibat adhuc aptans umeris capitique leonem.* (V. Fl., 8, 122-126).

³⁵⁰ ἔνθα δ' ὁ μὲν χρύσειον ἀπὸ δρυὸς αἴνυτο κῶας, / κούρης κεκλομένης: ἡ δ' ἔμπεδον ἔστηνῖα / φαρμάκῳ ἔφηχεν θηρὸς κάρη, εἰσόκε δὴ μιν / αὐτὸς ἐπὶ νῆα παλιντροπάασθαι Ἰήσων / ἦνωγεν, λείπεν δὲ πολύσκιον ἄλσος Ἄρηος. / ὡς δὲ σεληναίην διχομήνιδα παρθένος αἴγλην / ὑψόθεν ἐξανέχουσαν ὑπῶροφιου θαλάμοιο / λεπταλέῳ ἐανῶ ὑποίσχηται: ἐν δὲ οἱ ἦτορ / χαίρει δερκομένης καλὸν σέλας: ὡς τότε Ἰήσων / γηθόσυνος μέγα κῶας εἰς ἐναεῖρατο χερσίν: / καὶ οἱ ἐπὶ ξανθῆσι παρησίῳ ἠδὲ μετώπῳ / μαρμαρυγῇ ληνέων φλογὶ εἴκελον ἴζεν ἔρευθος / [...] / ἦτε δ' ἄλλοτε μὲν λαιῶ ἐπιειμένος ὤμῳ / ἀχένος ἐξ ὑπάτοιο ποδηκεές, ἄλλοτε δ' αὖτε / εἴλει ἀφασσόμενος: [...] (A. R., 4, 163-181).

³⁵¹ *iamque morae impatiens cunctantes increpat ausus / Tiphys et oblato monet otia rumpere cursu. / ergo animus flexus dictis Iason / concedit sociosque simul sic fatur ad omnes:* (V. Fl., 3, 613-616); “[...] O ousado Tífis, / Co’o atraso impaciente, increpa os vacilantes / E exorta-os a romper no curso aberto o ócio. / Por fala instante alterado o ânimo, Jasão / Acede e logo diz assim aos companheiros:” (V. Fl., 3, 612-616, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

informações suficientes para que alcançassem a Cólquida³⁵² (MELLO; FERREIRA LIMA, 2014, p. 75).

De modo geral, Flaco garante a Jasão uma atuação destacada, de maneira que o herói não é apagado da narrativa mesmo quando o momento de ação se desloca dele para outros argonautas, como no caso do episódio do rei Âmico, em que, normalmente, em outras versões, o capitão não se mostra de modo relevante ou simplesmente não aparece³⁵³. Já na epopeia latina, quando o rei provoca os heróis, Jasão é o primeiro a ser citado entre os que reagem ao desafio, ainda que Pólux tome a frente conforme a tradição literária do mito presente em outras versões (GOUVÊA JÚNIOR, 2007, p. 147):

Farei que nau alguma o mar bebrício vença / E que, no inane ponto, choquem-se as Simplégades”. / Dizia coisas tais quando Jasão, ligeiro, / Os Eácidas logo, a prole caledônia / Mais Idas e o Nelida, os altos nomes gritam, / Porém, co’o peito nu, já Pólux se levanta.³⁵⁴ (V. Fl., 4, 220-225, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Além disso, ao contrário do que ocorre na versão de Apolônio, em Valério Flaco, após a morte de Âmico, os habitantes do reino não se lançam com armas aos heróis, mas fogem para um bosque, tendo sido livrados de um rei soberbo e tirano, por quem não nutriam afeição³⁵⁵, de maneira que a passagem parece assumir caráter mais positivo do que no modelo grego (GOUVÊA JÚNIOR, 2007, p. 146).

³⁵² Fineu não faz menção às provas que Jasão terá que cumprir na Cólquida para obter o velocino, apontando apenas que ajudará os colcos, e precisará contar com algo além da força para cumprir seu objetivo: *ipse truces illic Colchos hostemque iuuabis / auxiliis. nec plura equidem discrimina cerno. / fors etiam optatam dabitur contingere pellem. / sed te non animis nec solis uiribus aequom / credere; saepe acri potior prudentia dextra. / quam tulerit deus, arripe opem [...]* (V. Fl., 4, 617-623); “Fraterna Erinia e quartel cítio ali já surgem: / Ajudarás ferozes colcos e o inimigo. / Então, não vejo mais perigo e ainda a sorte / De conquistar o ansiado velo ser-te-á dada. / Porém, não creias só nas forças e nos ânimos: / Prudência, amiúde, pode mais que a forte destra. / Te aferra à ajuda que um deus traga. [...]” (V. Fl., 4, 617-623, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Em Apolônio também não há alusão às provas, porém Fineu fala sobre o dragão e deixa claro que a ajuda partirá de Afrodite: *ἄλλος τε σκίοειν Ἄρεος, τόθι κῶας ἐπ’ ἄκρης / πεπτάμενον φηγοῖο δράκων, τέρας αἰνὸν ἰδέσθαι, / ἀμφὶς ὀπιπεύει δεδοκμημένος: οὐδέ οἱ ἦμαρ, / οὐ κνέφας ἦδυμος ὕπνος ἀναιδέα δάμναται ὄσσε.* / [...] / ἀλλά, φίλοι, φράζεσθε θεᾶς δολόεσσαν ἄρωγῆν / Κύπριδος. ἐκ γὰρ τῆς κλυτὰ πείρατα κεῖται ἀέθλων. (A. R., 2, 404-424); “[...] e sacra a Marte a selva umbrosa, / Onde jaz pendurado em alta faia / O velocino, e furmidando a vista, / O Dragão, que de toda a parte, vigil, / Com os olhos o circumda, que o não doma, / Ou seja dia, ou noute, o brando somno.’ / [...] / Porém vêde, amigos, / Não vos esqueça do soccôrro arteiro / De Venus implorar, que della pende / Da vossa empreza o exito ditoso.” (A. R., 2, 404-424, trad. J. M. da Costa e Silva).

³⁵³ Cf. as versões de Teócrito, Apolodoro, Hígino e Apolônio, por exemplo.

³⁵⁴ *faxo Bebrycium nequeat transcendere puppis / ulla fretum et ponto uolitet Symplegas inani.*” / *Talia dicta dabat, cum protinus asper Iason / et simul Aeacidæ simul et Calydonis alumni / Nelidesque Idasque prior quæ maxima surgunt / nomina; sed nudo steterat iam pectore Pollux.* (V. Fl., 4, 220-225).

³⁵⁵ [...] *nullus adempti / regis amor [...]* (V. Fl., 4, 315-316); “Sem amor pelo rei, [...]” (V. Fl., 4, 315, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

O poeta também garantirá que Jasão, como seus antecessores da *Ilíada* e da *Eneida*, tenha destaque no que se refere às suas habilidades bélicas. O primeiro episódio em que isso acontece aparece no canto III, quando os heróis são enviados de volta ao reino de Cízico. Em Apolônio, os heróis retornam ao porto dos doliões, durante a noite, por engano e são confundidos com os macronios, inimigos de Cízico. Após a morte do rei e de seu funeral, a nau se mantém presa ao porto durante doze dias devido a ventos contrários, de maneira que os deuses precisam ser aplacados. Já, em Valério Flaco, o retorno dos argonautas ocorre por castigo divino a Cízico que matara o leão de Cibele³⁵⁶. Segundo Hershkowitz (1998, p. 120), o episódio em Valério Flaco demonstra uma diferença em relação ao equivalente em Apolônio, uma vez que no texto deste poeta, o retorno dos argonautas é acidental, fazendo com que a morte de Cízico seja produto de um desastre e da inexperiência de Jasão. Entretanto, em Flaco, o herói é instrumento de vingança divina devido à arrogância de Cízico: não só matara o leão, como exibira sua cabeça como troféu. Se Jasão não pode se livrar da culpa mesmo assim³⁵⁷, os deuses o consideravam digno do combate.

Para narrar o episódio bélico, Clio será invocada³⁵⁸, e Jasão informará que esta será sua primeira atuação bélica ao mesmo tempo em que admoesta seus companheiros. Neste momento, entrará em batalha:

³⁵⁶ *Dindyma sanguineis famulum bacchata lacertis / dum uolucris quatit asper equo silvasque fatigat / Cyzicus, ingenti praedae deceptus amore / adsuetum Phrygias dominam uectare per urbes / oppressit iaculo redeuntem ad frena leonem. / et nunc ille iubas captiuoque postibus ora / imposuit, spoliū infelix diuāque pudendum. / quae postquam Haemoniam tantae non immemor irae / aerisono de monte ratem praefixaque regum / scuta uidet, noua monstra uiro, noua funera uoluit, / ut socias in nocte manus utque impia bella / conserat et saeuīs erroribus implicet urbem.* (V. Fl., 3, 20-31); “Quando inquietou, na orgia, o servo ensanguentado, / Cruzando as selvas encrespado pela monta, / Logrado pelo imenso amor à caça, Cízico / Matou co’ a lança o leão que, sempre guiado a freios, / Às vilas frígias conduzia sua senhora. / Apôs, então, a juba e o crânio nos postigos – / Espólio desgraçado e vergonha da deusa / Que, se lembrando de tanta ira, vê do monte / A nau Hemônia co’ os broquéis de reis munidas. / Ao homem volve morte inédita e outros males, / P’ra que, de noite, lance em luta amigas tropas / E enrede a vila com nefastos desatinos.” (V. Fl., 3, 19-31, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁵⁷ Schüller (2004, p. 110-111) considera que, na *Ilíada*, Pândaro é culpado por violar a trégua que fora proposta por Agamêmnon, mesmo que tenha sido incitado pelos deuses para tal, uma vez que é convencido por Atena por já desejar realizar aquilo que a deusa propõe. No caso dos argonautas, pode-se questionar o início irrefletido do combate tanto da parte dos doliões, quanto dos heróis. Desse modo, é necessário que as almas dos caídos em batalha sejam aplacadas: *huc Stygias transire minas iramque seueri / sanguinis, his orat uigiles incumbere curas / atque ita lustrifico cantu uocat: ‘ite, perempti, / ac memores abolete minas; sint otia uobis, / sit Stygiae iam sedis amor; procul agmine nostro / et procul este mari cunctisque absistite bellis. / uos ego nec Graias umquam contendere ad urbes / nec triuuis ululare uelim, pecorique satisque / nullae ideo pestes nee luctifer ingruat annus, / nec populi nostruē luant ea facta minores.’* (V. Fl., 3, 446-455); “P’ra ali invoca as ameaças do Estige / E a ira do sangue: que os remorsos acometam-nos. / Co’expiatório canto roga: ‘Parti, mortos / Cessai a raiva inesquecida. Haja-vos paz / E amor à plaga estígia; longe de nós sede, / Longe do mar, e retirai-vos das batalhas. / Que eu não vos queira aproximar das gregas urbes / Nem a ulular nas encruzadas, p’ra que a peste / Ou o tempo mau não venha às messes e aos rebanhos, / Que o povo ou filhos estes atos não expiem’.” (V. Fl., 3, 446-455, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁵⁸ *Tu mihi nunc causas infandaque proelia, Clio, / pande uirum; tibi enim superum data, uirgo, facultas / nosse animos rerumque uias. [...]* (V. Fl., 3, 15-17); “Mostra-me, Clio, agora as causas e os combates! / Foi dada a ti a

[...] Jasão ajusta a gálea; e aos brados: / “Aceita, pai, a prima luta de teu filho; / E vós, varões, crede que aqui os colcos cheguem” / Qual márcio carro entre os bistões dos astros lança-se, / Quando o clamor, ingentes ânimos, e as tubas / Sanguinárias ao deus convocam; não mais lento, / Furioso ocupa o campo: o segue a força aqueia.³⁵⁹ (V. Fl., 3, 80-86, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Ainda que inexperiente em batalha, Jasão é o primeiro a se preparar³⁶⁰. Ao longo do combate, o herói receberá o epíteto de “senhor da guerra e do campo”³⁶¹ (V. Fl., 3, 150, trad. M. M. Gouvêa Júnior) e matará Zele, Bronto, Ábare, Glauco, Prote, Hale e Dórcea, executando, por fim, o próprio rei Cízico. Com o amanhecer, quando os heróis percebem seu erro, rendem honras fúnebres aos combatentes mortos. Contudo, ao contrário do que ocorre em Apolônio, o que impede que os heróis partam não são os ventos contrários, já que têm duas oportunidades para tal, mas o luto que sentem e que eclipsa sua vontade pela busca de glória, tão importante já desde o início da empreitada. Neste ponto, Jasão, de certo modo, se desesperará, buscando a ajuda de Mopso para que o problema seja resolvido³⁶² (GOUVÊA JÚNIOR, 2007, p. 126). Em oposição, em Apolônio, Jasão é representado dormindo tranquilamente sobre peles de carneiro, e Mopso, tendo visto um pássaro sobrevoando sua cabeça, que o acordará e lhe dará instruções³⁶³. Perceba-se, assim, a diferença na posição do

faculdade pelos deuses / De conhecer as intenções e o vir das coisas.” (V. Fl., 3, 13-15, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁵⁹ [...] *princeps galeam constringit Iason / uociferans: 'primam bane nati, pater, accipe pugnam / uosque, uiri, optatos huc adfore credite Colchos.' / Bistonas in medios ceu Martius exilit astris / currus, ubi ingentes animae clamorque tubaeque / sanguineae iuvere deum, non segnius ille / occupat arua furens; sequitur uis omnis Achium.* (V. Fl., 3, 80-86).

³⁶⁰ A iniciativa do herói é marcada pelo termo *princeps*, primeiro, ausente na tradução.

³⁶¹ *campi Martisque potens* (V. Fl., 3, 151).

³⁶² *bis zephyri iam uela uocant: fiducia maestis / nulla uiris, aegra adsiduo mens carpitur aestu, / necdum omnes lacrimas atque omnia reddita caesis / iusta putant; patria ex oculis acerque laborum / pulsus amor segnique iuuat frigescere luctu. / ipse etiam Aesonides, quamquam tristissima rerum / castiganda duci uultuque premenda sereno, / dulcibus indulget lacrimis aperitque dolorem. / tum secreta trahens Phoebeum ad litora Mopsum* (V. Fl., 3, 364-372); “Duas vezes chama o vento, mas não há confiança / Nos tristes homens; de incerteza a mente toma-se / E nem o choro todo ou tudo dado aos mortos / Julgam bastantes. Longe é a pátria, e o amor aos feitos / Se esvai e ajuda a enlanguescer em luto apático. / Também Jasão, posto a tristeza deva ser / Num capitão contida e presa em face calma, / Às ternas lágrimas se entrega e dor demonstra. / Levando, então, à oculta praia o fêbeo Mopso,” (V. Fl., 3, 364-372, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁶³ [...] *αὐτὰρ Ἄκαστος / Μόψος τ' Ἀμπυκίδης ἀδινὰ κνώσσοντας ἔρυντο. / ἢ δ' ἄρ' ὑπὲρ ξανθοῖο καρῆατος Αἰσονίδαο / πωτᾶτ' ἄλκυονίς λιγυρῆ ὅπι θεσπίζουσα / λῆξιν ὀρινομένων ἀνέμων: συνέηκε δὲ Μόψος / ἀκταίης ὄρνιθος ἐναΐσιμον ὅσσαν ἀκούσας. / καὶ τὴν μὲν θεὸς αὐτίς ἀπέτραπεν, ἴξε δ' ὑπερθεν / νηίου ἀφλάστοιο μετήρορ ἀΐσασα. / τὸν δ' ὄγε κεκλιμένον μαλακοῖς ἐνὶ κώεσιν οἴων. / κινήσας ἀνέγειρε παρασχεδόν, ὧδέ τ' ἔειπεν:* (A. R., 1, 1082-1091); “E só de quarto estam Acasto, e Mopso, / Filho de Ampico, e os que alto dormem guardam, / De Jason sobre a fronte auricomada / Ave Alcyonea a revoar começa / Com estridula voz vaticinando, / O amaino da procella. Entendeu Mopso / Da Litorea Avesinha a voz alegre, / E ella da Diva, que a reenvia, ao mando / Nu castello de poupa da Nao poua / No alto delle saltando. Logo Mopso /

capitão e em sua independência de ação frente à impossibilidade de se seguir com a viagem. Além disso, é interessante ressaltar que, conforme afirma Gouvêa Júnior (2007, p. 125-126), a representação da batalha em Valério Flaco se dá por intermédio de estratégias bélicas romanas, como a formação em tartaruga³⁶⁴, obviamente ausentes no texto grego.

Dadas as circunstâncias, a iniciação bélica de Jasão ocorre de maneira positiva quanto a seu desempenho, mas considerando que seu inimigo se entrega por castigo divino e engano das duas partes, esse bom desempenho acaba sendo, de certo modo, eclipsado. Porém, ao contrário do que ocorre nas outras versões literárias que tratam do mito, o herói terá outra oportunidade de demonstrar sua aptidão como soldado – a guerra entre Eetes e Perses –, e, para este episódio, a musa será invocada, o que, para Vessey (1989, p. 638), será a demarcação da representação heroica de Jasão em sua plena estatura³⁶⁵. Perceba-se também que Jasão é chamado de *ducis Thessalici*³⁶⁶: “Começa, deusa, ora outros cantos, narra a guerra / Vista por vós do herói tessálio – não me bastam / O engenho e a fala. [...]”³⁶⁷ (V. Fl., 5, 217-219, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Assim como o Eneias virgiliano, após sua peregrinação, digna de Odisseu, tem sua pequena *Ilíada* ao chegar ao Lácio (VASCONCELLOS, 2001, p. 191), Valério Flaco insere um episódio único à tradição relacionada ao mito dos argonautas. Normalmente, quando os argonautas atingem a Cólquida e solicitam o velocino a Eetes, têm impostas a si as provas dos touros, do arado, da sementeira e da luta contra o exército que nasce dos dentes de dragão. Posteriormente, ainda precisam resolver o impasse da serpente que guarda o velocino. Na epopeia latina, quando Jasão solicita o velocino ao rei colco, este é premido por seu irmão e promete ao herói, ainda que sem uma real intenção, que lhe garantiria a prenda desejada, junto a outras vantagens, se o auxiliasse na guerra:

Jason, que dorme no recosto brando / De ovinas pelles, despertou, e diz-lhe:” (A. R., 1, 1082-1091, trad. J. M. da Costa e Silva).

³⁶⁴ *adglomerant latera, et densis thoracibus horrens / stat manus, aegisono quam nec fera pectore uirgo / dispulerit nec dextra Iouis Terrorque Pauorque, / Martis equi. sic contextis umbonibus urgent, / [...] pergunt rupta testudine fusi, / qua tenebrae campique ferunt.* (V. Fl., 3, 87-148); “Cerram fileiras e se posta a tropa horrenda / Encouraçada, a quem nem mesmo a fera virgem, / A mão de Jove, o Medo ou os corcéis de Marte / Romperiam. Assim, escudo a escudo enfrenta / [...] / Rompida a tartaruga, os fugitivos seguem / Aonde levam campo e trevas. (V. Fl., 3, 87-147, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁶⁵ Vessey (1989, p. 638) indica um processo de “[...] *rehabilitación de Jasón em su plena estatura heroica es adecuadamente señalada por la invocación de Valerio a la musa en 5, 217-19:*”. Provavelmente, essa proposição de que o herói passa por uma reabilitação heroica ocorre uma vez que o autor concorda com Lawall quando este afirma que o Jasão de Apolônio seria um anti-herói (VESSEY, 1989, p. 638). Ainda que esta visão não seja afim a este trabalho, a ideia de que Jasão aparece com habilidades bélicas, na versão latina, que são mais apagadas, na grega, é.

³⁶⁶ Chefe tessálio.

³⁶⁷ *Incipe nunc cantus alios, dea, uisauque uobis / Thessalici da bella ducis. non mens mihi, non haec / ora satis.* [...] (V. Fl., 5, 217-219).

Mas como a guerra e, perto, as lutas mais o inquietem, / Finge, no fero peito, plácidas palavras / E diz: “Quisera não chegásseis neste tempo / Aos meus domínios, quando o imigo me sitia. / Pois meu irmão – todos almejam pelo cetro – / Mortes prepara e com ingente tropa acoossa-me. / Defende, pois, primeiro a casa dos parentes / E não desdenhes a honra ganha em guerra alheia, / Já que o aço faz o herói. Darei não só o velo / Ao meritório vencedor”! [...] ³⁶⁸ (V. Fl., 5, 532-541, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Ainda que Jasão se indisponha inicialmente, manda que Cástor avise aos demais argonautas, que aguardam junto à nau, para que se preparem para batalha ³⁶⁹. Embora os heróis primeiro perguntem se lhes seria permitido que finalmente retornassem a suas casas, a partir do momento em que se organizam, apenas a glória lhes vem à mente, aspecto tão importante ao longo da narrativa: “Ninguém já fita as pátrias vilas, nem o mar; / Só do caminho adiante a glória. [...]” ³⁷⁰ (V. Fl., 5, 562-563, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Perses, irmão de Eetes, não deseja lutar contra os argonautas, já que um dos motivos para o desentendimento dos irmãos teria sido justamente porque defendera a devolução do velocino aos gregos, assim como pretende alertá-los de que o pacto com Eetes é vão. Entretanto, antes que sua mensagem fosse entregue aos heróis, Marte inspira a guerra, uma vez que se sente espoliado – lembre-se que o velocino está pendurado em um bosque consagrado ao deus – injustamente pelas ações de Juno e Minerva. Então, mesmo em uma guerra que não lhe pertence, conforme afirma Perses ³⁷¹, Jasão terá a oportunidade de demonstrar sua habilidade guerreira que fora posta em prática no canto III.

³⁶⁸ *interea quoniam belli pugnaeque propinqua / cura prior, fingit placidis fera pectora dictis / reddit et haec: “cuperem haut tali uos tempore tectis / aduenisse meis, quo me grauis adsidet hostis. / frater enim (scepri sic omnibus una cupido) / excidium parat et castris me ingentibus urget. / quare age cognatas primum defendite sedes, / nec decus oblati dimiseris aduena belli; / namque uirum trahit ipse chalybs. tum uellera uictor, / tum meritis nee sola dabo.”* [...] (V. Fl., 5, 532-541).

³⁶⁹ [...] *contra inscius astus / ‘ergo nec hic nostris derat labor arduus actis’ / excipit Aesonides ‘et ceu nihil aequore passis / additus iste dies? ueniant super haec quoque fato / bella meo. non hunc parua mihi caede dolorem / quasque dedit luet ille moras.’ tum Castora mittit, / qui ferat Aeaei sociis responsa tyranni.* (V. Fl., 5, 541-547); “[...] Inscio da astúcia: / ‘Como se tal labor faltasse aos nossos feitos’, / Responde o Esônio, ‘ou mar algum nós já sofrêramos, / Chega este dia? Vêm ao meu fado estas guerras? / Não lavará com pouco sangue meu a dor / Que ele causou co’esta demora’. Envia, então, / Aos nautas Cástor, que a resposta régia porta.” (V. Fl., 5, 541-547, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁷⁰ *nec quisquam freta nec patrias iam respicit urbes, / sed magis ad praesens itur decus.* [...] (V. Fl., 5, 562-563).

³⁷¹ [...] *abstineant alienae sanguine pugnae. / non illos ideo tanti uenisse labores / per maris. ignotis quid opus concurrere nec quos / oderis?* [...] (V. Fl., 6, 23-26); “E que do sangue de uma alheia pugna afastem-se, / Porquanto não singraram o mar por tais labores. / Por que aos estranhos combater se os não odeiam?” (V. Fl., 6, 23-25, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Com o início do embate, Valério Flaco – que introduz pelo menos duas referências diretas aos romanos ao longo do canto bélico³⁷² – fará nova invocação à Musa, dessa vez, por motivos mais gerais e parecida com a invocação feita por Homero antes do catálogo das naus no canto II da *Ilíada*³⁷³:

Musa, que viste no Rifeu as iras, canta / Com que aparato à Cítia Perses sublevou, / Confiado em quais cavalos e homens para a guerra. / Não lembraria todos números e nomes / Nem com mil línguas, pois nenhuma terra teve / Mais gentes. Posto que, em perene guerra, os jovens / Meotas caíram, nunca faltam na abastada / Terra que abrange as gêmeas Arctos e a Serpente. / Mostrai-me, ó deusas, pois só os líderes e as gentes.³⁷⁴ (V. Fl., 6, 33-41, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Quando Jasão – chamado de Esônide – aparece no catálogo dos líderes, Minerva estará ao seu lado com sua égide³⁷⁵. De todos os heróis gregos, apenas Canto será morto por Gesandro, fazendo com que Telamon e Idas protejam seu corpo e espólio, até que consigam colocá-lo no carro de uma das Amazonas, Euríola. A proteção e a luta pelo cadáver são

³⁷² Uma ocorre em: *cuncta phalanx insigne Iouis caelataque gestat / tegmina disperses trifidis ardoribus ignes; / nec primus radios, miles Romane, corusci / fulminis et rutilas scutis diffuderis alas.* (V. Fl., 6, 53-56); “Toda a falange porta a jóvea insígnia e escudos / Ornados co’os fogos dos raios tripartidos; / Primo a lançar não foste, ó soldado romano, / Brilhos de raios e as asas rútilas do escudo.” (V. Fl., 6, 53-56, trad. M. M. Gouvêa Júnior). A outra em: “*Romanas ueluti saeuissima cum legiones / Tisiphone regesque mouet, quorum agmina pilis, / quorum aquilis utrimque micant, eademque parentes / rura colunt, idem lectos ex omnibus agris / miserat infelix non haec ad proelia Thybris: / sic modo concordēs externaque fata petentes / Palladii rapuere metus, [...]*” (V. Fl., 6, 402-408); “Como quando a Tisifone as legiões romanas / E os chefes move, em cujas tropas, dos dois lados, / Águas e dardos resplandecem (mesmo campo / Os pais cultivam e o infeliz Tibre proclama / Que não mandara p’ra essa luta o escol da pátria): / Assim tomou o medo por Palas os que há pouco / Juntos buscavam o inimigo; [...]” (V. Fl., 6, 402-408, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁷³ ἔσπετε νῦν μοι Μοῦσαι Ὀλύμπια δώματ’ ἔχουσαι: / ὑμεῖς γὰρ θεαί ἐστε πάρεστε τε ἴστέ τε πάντα, / ἡμεῖς δὲ κλέος οἶον ἀκούομεν οὐδέ τι ἴδμεν: / οἳ τινες ἠγεμόνες Δαναῶν καὶ κοίρανοι ἦσαν: / πληθύν δ’ οὐκ ἂν ἐγὼ μυθήσομαι οὐδ’ ὀνομήνω, / οὐδ’ εἰ μοι δέκα μὲν γλῶσσαι, δέκα δὲ στόματ’ εἴην, / φωνῆ δ’ ἄρρηκτος, χάλκεον δὲ μοι ἦτορ ἐνείη, / εἰ μὴ Ὀλυμπιάδες Μοῦσαι Διὸς αἰγιόχοιο / θυγατέρες μνησαίαθ’ ὅσοι ὑπὸ Ἴλιον ἦλθον: / ἀρχοὺς αὖ νηῶν ἐρέω νῆάς τε προπάσας. (Hom., *Il.*, 2, 484-492); “Dizei-me agora, ó Musas que no Olimpo tendes vossas moradas – / pois sois deusas, estais presentes e todas as coisas sabeis, / ao passo que a nós chega apenas a fama e nada sabemos –, / quem foram os comandantes dos Dânaos e seus reis. / A multidão eu não seria capaz de enumerar ou nomear, / nem que tivesse dez línguas, ou então dez bocas, / uma voz indefectível e um coração de bronze, / a não ser que vós, Musas Olímpias, filhas de Zeus detentor da égide, / me lembrásseis todos quantos vieram para debaixo de Ílion. / Enumerarei os comandantes das naus e a ordenação das naus.” (Hom., *Il.*, 2, 484-492, trad. F. Lourenço).

³⁷⁴ *Hinc age Riphæo quos uideris orbe furores, / Musa, mone, quanto Scythiam molimine Perses / concierit, quis fretus equis per bella uirisque. / uerum ego nec numero memorem nec nomine cunctos / mile uel ora mouens; neque enim plaga gentibus ulla / ditior: aeterno quamquam Maeotia pubes / Marte cadat, pingui numquam tamen ubere defit, / quod geminas arctos magnumque quod impleat anguem. / ergo duces solasque, deae, mihi promite gentes.* (V. Fl., 6, 33-41).

³⁷⁵ *at circa Aesoniden Danaum manus ipsaque Pallas / aegide terrificā, quam nec dea lassat habendo / nec pater horrentem colubris uultuque tremendam / Gorgoneo; nec semineces ostendere crines / tempus adhuc, primasque sinit concurrere pugnas.* (V. Fl., 6, 173-177); “Junto ao Esônio e a tropa Dânaa acha-se Palas / Co’a horrível égide, que a deusa e o pai não cansam / De carregar co’a face górgona e as cobras: / Os semi-mortos pêlos não tarda mostrar / Nem acorrer às primas lutas. [...]” (V. Fl., 6, 173-177, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

acirradas, e Flaco as comparará com um leão que protege suas crias, com os ventos e com os servos que amaciam couro. Entretanto, Jasão não tomará parte nelas. O herói aparecerá, de fato, no campo de batalha, quando Medeia, guiada por Juno, chegar aos muros da cidade. Então, matará Ceramno, Anco, Colaxes, e ferirá Sueto, Hebro, Prion, em parte inspirado por Juno que deseja que o herói impressione a princesa colca³⁷⁶.

Juno, tendo percebido a possibilidade de que sejam impostas provas por Eetes a Jasão, e, temendo a impossibilidade de o herói cumpri-las, busca em Medeia uma solução. Para isso, pouco antes, procurara o auxílio de Vênus, embora tenha lhe dito que pretendesse usar o artifício em Júpiter, sem revelar seu real intento. A deusa, entretanto, sabe do dolo, e tendo a intenção de destruir a Cólquida e os descendentes de Febo, garante a Juno uma prenda:

[...] deu-lhe vivo adorno e u'a cinta prenda / De monstros que pudor, piedade ou zelou à fama / Não desperta; ao contrário, a pressa do desejo, / A prática do mal, o dulçor da ruína, / O medo e a inquietação insana dos perigos.³⁷⁷ (V. Fl., 6, 470-474, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Perceba-se que o amor inspirado em Medeia seria eivado de sentimentos negativos. Se a empreitada dos argonautas é insuflada pela busca por glória, a parte de Medeia, em contraposição, é incutida pelo descuido da fama, ainda que, por fim, a feiticeira devolva a cinta a Juno. Todavia, continuará a acompanhar os perigos que o herói enfrenta, temendo por ele³⁷⁸, até que, ao fim da batalha, descerá dos muros, e, entre o exército grego, verá Jasão:

De pronto amaina o ardor da guerra e a triste virgem / Desce dos muros perpassada de temor. / [...] assim Medeia volta à turba / E, entre as forças da Grécia e as falanges da Pátria, / Co'insaciável paixão, de Jasão reconhece / Seu rosto e as armas sob o cavo capacete.³⁷⁹ (V. Fl., 6, 753-760, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁷⁶ [...] *magis campis intendere suadet, / dum datur, ardentisque uiri percurrere pugnas; / at simul hanc dictis, ilium dea Marte secundo / impulit atque nouas egit sub pectora uires.* (V. Fl., 6, 600-604); “[...] exorta-a a mais olhar os campos / Enquanto dá-lhe acompanhá-lo nos combates. / Ao mesmo tempo, à favorável guerra a deusa / O impeliu e insuflou-lhe ao peito novas forças.” (V. Fl., 6, 600-603, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁷⁷ *dedit acre decus fecundaque monstis / cingula, non pietas quibus aut custodia famae, / non pudor, at contra leuis et festina cupido / adfatusque mali dulcisque labantibus error / et metus et demens alieni cura pericli.* (V. Fl., 6, 470-474).

³⁷⁸ *at quotiens uis dura ducum densique repente / Aesoniden pressere uiri cumque omnis in unum / imber iit, totiens saxis pulsatur et hastis: / primaque ad infesti Lexanoris horruit arcus, / alta sed Aesonium supra caput exit harundo,* (V. Fl., 6, 683-687); “O quanto a força árdua dos chefes e os exércitos / Cercam o Esônio e a ele só todos acozzam, / O mesmo tanto os paus e as pedras ela sente. / Prima tremeu ante o arco infesto de Lexânor / Mas sobre o crânio de Jasão passa a alta flecha” (V. Fl., 6, 683-687, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁷⁹ *et cadit extemplo belli fragor, aegraque muris / digreditur longum uirgo perpressa timorem. / [...] haut alio remeat Medea tumultu / atque inter Graiumque acies patriasque phalangas / semper inexpletis adgnoscit Iasona curis / armaque quique caua superest de casside uultum.* (V. Fl., 6, 753-760).

Valério Flaco coloca o ambiente de batalha – épico por excelência – como parte do cenário que servirá ao desabrochar do amor de Medeia por Jasão, no qual o herói toma parte sem ter consciência, inclusive, de que precisaria de sua ajuda no futuro, atuando em outro plano da narrativa, de modo parecido com o que ocorre entre Minos e Cila nas *Metamorfoses* de Ovídio. Ainda que o episódio bélico possa ser novo no que concerne à tradição relacionada à história dos argonautas, não só por suas habilidades guerreiras Medeia se apaixonará.

Como em versões anteriores, o poeta constrói Jasão com características como sua beleza e suas habilidades de discurso, afinal, mesmo que o herói possa apresentar novas ou mais acentuadas características, ainda precisará do auxílio de Medeia para cumprir seu objetivo, visto que Juno acredita na necessidade de sua ajuda³⁸⁰, e, conforme afirma Vessey (1989, p. 67), a própria Medeia tem consciência de que as provas impostas são difíceis mesmo para a *uirtus* de Jasão³⁸¹.

Jasão, então, será um herói belo. As características físicas presentes em Hércules que deslumbram Hesíone, não estarão ausentes no herói: “Mais belo, então, a pobre amante o viu saindo, / Deixando atrás de si tais ombros e tal dorso.”³⁸² (V. Fl., 7, 107-108, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Também, sua beleza será utilizada para diferenciá-lo dos demais, como ocorre na fala de Vênus a Medeia³⁸³ e em seu casamento³⁸⁴, mesmo que tenha sido desgastada ao longo da viagem³⁸⁵. Ainda que as referências não sejam constantes, é o principal aspecto

³⁸⁰ *cum Iuno Aesonidae non hanc ad uellera cernens / esse uiam nec sic reditus regina parandos / extremam molitur opem, funesta prius quam / consilia ac saeuas aperit rex perfidus iras. / increpat et seris Vulcanum maesta querellis, / cuius flammiferos uidet inter regia tauros / pascua Tartaream proflantes pectore noctem. / haec etenim Minyas ne iungere Marte peracto / monstra satis iubeat Cadmei dentibus hydri, / ante diem timet et uarias circumspicit artes. / sola animo Medea subit, mens omnis in una / uirgine, nocturnis qua nulla potentior aris.* (V. Fl., 6, 429-440); “Vendo Juno não ser do esônio o rumo ao velo / E que voltar não mais assim conseguiria, / Máquina extrema ajuda, antes que o rei tirânico / As sevas iras e os funestos planos mostre. / Com tardas queixas, triste increpa então Vulcano, / Cujos flamíferos bois bravos vê no pasto / Do rei, lançando a noite tártara do peito. / Temendo, pois, que finda a guerra, o rei aos mínias / Mandei jungi-los para os dentes da Cadmeia / Serpe plantar, pensa u’a diversa solução. / Medeia apenas vem-lhe à mente – a atenção toda / À virgem que no altar da noite é a mais potente:” (V. Fl., 6, 429-440, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁸¹ *Filia prima trucis uocem mirata tyranni / haesit et ad iuuenem pallentia rettulit ora / contremuitque metu, ne nescius audeat hospes / seque miser ne posse putet.* [...] (V. Fl., 7, 78-81); “Pasma co’a fala do cruel rei, primeiro a filha / Quedou e olhou, pálida, o moço; estremeceu / Temendo que, íncio, o hóspede ousasse ou, pobre, cresse / Capaz da empresa. [...]” (V. Fl., 7, 78-81, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁸² *uisus et heu miserae tunc pulchrior hospes amanti / discedens: tales umeros, ea terga relinquit.* (V. Fl., 7, 107-108).

³⁸³ *unus ibi ante alios qui tum mihi pulchrior omnis / uisus erat (longeque ducem mirabar et ipsa)* (V. Fl., 7, 263-264); “Um que mais belo do que todos pareceu-me / Então eu vi – eu contemplava o capitão.” (V. Fl., 7, 263-264, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁸⁴ Cf. nota 348.

³⁸⁵ [...] *pulchrum longissima quando / robur cura ducis magnique edere labores,* (V. Fl., 5, 363-364); “[...] – como a inquietação e os grãos labores / Do capitão o belo porte consumiram –” (V. Fl., 5, 363-364, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

constituente do herói com que Medeia tem contato em seu primeiro encontro e com o qual se fascina, antes que se perceba a necessidade de sua ajuda e as deusas comecem a atuar para que ocorra:

Mas Juno – como a inquietação e os grãos labores / Do capitão o belo porte consumiram – / Deu-lhe vigor e a rósea luz da juventude; / Sobre o Ampícida, Talau e os dois Tindáridas / Por astro ornados, co’a egrégia face excele – / Como no outono Sírio mais aguça os raios / E o árduo fulgor acende a noite coroada / Pelas estrelas, e ao Arcádio Jove amansa – / Mas que tanto no céu não brilhasse desejam / O campo e as fontes de aquecidas correntezas. / Posto o pavor a face atônita assustasse-lhe, / Muda, a princesa, inda admirada, os passos tarda / E por Jasão só se extasia;³⁸⁶ [...] (V. Fl., 5, 363-375, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Medeia parece ter ciência de que a aparência do herói tem um importante papel em sua empreitada, já que, quando lhe oferece seus filtros, afirma: “[...] Se de novo quiser Pélias / Perder-te ou te enviar a vila ou riscos outros, / Em tua beleza não confies’.”³⁸⁷ (V. Fl., 7, 447-449, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Além da beleza, Jasão terá habilidades ligadas ao discurso. Porém, se na versão de Apolônio, essa faceta se destaca mais claramente quando os heróis atingem a Cólquida, em Flaco, Jasão a apresenta desde o início, como pode ser visto quando busca Acasto para convencê-lo a segui-lo em sua empreitada:

“Qual crês, não venho, Acasto”, diz o capitão, / “Co’indignas súplicas. Juntar-te à expedição / Intento, pois nem Telamon, Idas ou Canto, / Ou Cástor julgo ser mais digno do tosão! / Ah, quanta terra, quanto céu ver poderemos! / A quantos usos abriremos o oceano! / Talvez pesada a empresa creias, porém leve / Ao meu retorno, quando a nau me traga a Iolcos. / Mas que vergonha a tua ouvindo nossos feitos! / E a teus suspiros contarei de tantas gentes!”³⁸⁸ (V. Fl., 1, 164-173, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁸⁶ [...] *at Iuno, pulchrum longissima quando / robur cura ducis magnique edere labores, / mole noua et roseae perfudit luce iuuentae. / iam Talaum iamque Ampyciden astroque comantes / Tyndaridas ipse egregio supereminet ore: / non secus autumnum quam cum magis asperat ignes / Sirius et saeuo cum nox accenditur auro / luciferas crinita faces, hebet Areas et ingens / Iuppiter; ast ilium tanto non gliscere caelo / uellet ager, uellent calidis iam fontibus amnes. / regina, attonito quamquam pauor ore silentem / exanimet, mirata tamen paulumque reductis / passibus in solo stupuit duce* [...] (V. Fl., 5, 363-375).

³⁸⁷ [...] *teque iterum Pelias si perdere quaeret / inque alios casus, alias si mittet ad urbes, / heu formae ne crede tuae.* [...] (V. Fl., 7, 447-449).

³⁸⁸ [...] *“non degeneres, ut reris, Acaste, / uenimus ad questus: socium te iungere coeptis / est animus; neque enim Telamon aut Canthus et Idas / Tyndareusque puer mihi uellere dignior Helles. / o quantum terrae, quantum cognoscere caeli / permissum est, pelagus quantos aperimus in usus. / nunc forsan graue reris opus; sed laeta recurret / cum ratis et caram cum iam mihi reddet Iolcon, / quis pudor heu nostros tibi tune audire labores, / quam referam uisas tua per suspiria gentes.*” (V. Fl., 1, 164-173).

A primeira vez em que seu nome aparece na narrativa também está ligada ao uso de palavras, neste caso, mansas (*placidi sermonis*) para acalmar seus pais³⁸⁹. O herói utilizará essa habilidade ao longo de toda a narrativa, o que ocorre, por exemplo, para admoestar os demais argonautas, mesmo que o próprio capitão seja preso de dúvida:

Por estos vários, sobretudo, a mente incerta / Arrasta o Esônide, que muito cuida e trama. / [...] Assim o capitão, daqui e dali inseguro, / Com muitos ais agita a alma e quer o dia / Brilhante e a hora certa, enfim, da decisão. / Então, aos nautas, mudos juntos, cabisbaixos, / Voltando: “O que, com grande audácia, vós primeiro / Quisestes”, diz, “E o que temeram os antigos, / Temos adiante, após cruzarmos mar e terra. / Não nos desviaram nem as mil rotas do pélagos / Nem a notícia de que no Arcto Eetes reina. / Assim, que a luz no mar se esparja, que busquemos / A vila e as intenções do rei desconhecido. / Ele anuirá, decerto; eu creio que exorável / É o que pedimos. Mas se às súplicas, soberbo, / Ele esquivar-se, na repulsa firmari ânimos, / Por cuja via o vela à pátria tornaremos – / Que o Pudor sempre esteja ausente nas agruras”.³⁹⁰ (V. Fl., 5, 302-324, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Anteriormente, suas palavras já tiveram papel no amor nutrido ao herói por Hipsípila:

Hipsípila, primeira, admirada co'os feitos, / Indaga ao capitão que sorte, ou poder régio, / Os leva, e a razão de tão grande navio. / Só a um se apega e, aos poucos, sente as doces chamas, / Não mais é avessa ao leito, ou que Vênus retorne – / E o deus concede tempo e espaço para o amor.³⁹¹ (V. Fl., 2, 351-356, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Essa habilidade também será utilizada ao solicitar o velôco a Eetes, em que usa inclusive de ameaça, já que diz que os gregos não se obstaríam em acompanhá-lo em exércitos, mais numerosos do que Baco e Perseu seriam capazes de reunir, para reclamar o velôco:

³⁸⁹ Cf. página 114.

³⁹⁰ *praecipue Aesoniden uarios incerta per aestus / mens rapit undantem curis ac multa mouentem. / [...] / sic tum diuersis hinc atque hinc motibus anceps / pectora dux crebro gemitu quatit, optat et alium / iam iubar et certi tandem discriminis horas. / tunc defixa solo coetuque intenta silent / uersus ad ora uirum “quod primum ingentibus ausis / optauistis” ait “ueterumque quod horruit aetas, / adsumus en tantumque fretis enauimus orbem. / nec pelagi nos mille uiae nec fama fefellit / Soligenam Aeeten media regnare sub arcto. / ergo ubi lux altum sparget mare, tecta petenda / urbis et ignoti mens experienda tyranni. / adnuet ipse, reor, neque inexorable certe / quod petimus. sin uero preces et dicta superbus / respuerit, iam nunc animos firmate repulsae, / quaque uia patriis referamus uellera terris, / stet potius: rebus semper pudor absit in artis.”* (V. Fl., 5, 302-324).

³⁹¹ *praecipueque ducis casus mirata requirit / Hypsipyle, quae fata trahant, quae regis agat uis / aut unde Haemoniae molem ratis: unius haeret / adloquio et blandos paulatim colligit ignes / iam non dura toris Veneri nec iniqua reuersae, / et deus ipse moras spatiumque indulget amori.* (V. Fl., 2, 351-356).

Se eu decidira conquistá-lo em cruenta guerra, / O Ossa e o Pindo naus dariam e reis quantos / Nem ao audaz Baco, ou Perseu, antes seguiram. / Porém, a boa-fé e a força da justiça / Trazem-me aqui, e a mediação do sangue fríxio, / Já que de nossa estirpe são teus descendentes.”³⁹² (V. Fl., 5, 495-500, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Quando o herói tem a si impostas novas provas para obter o velocino, sua posição não é de temor, mas ira frente à injustiça de um trato quebrado – de fato, mesmo o narrador considera a ação de Eetes desprezível e digna de castigo³⁹³. Então, Jasão reafirma sua esperança e vigor incansáveis, ainda que seja perseguido por tiranos, e termina provocando o rei quanto à sua lealdade:

“Não foi tal prêmio ou a esperança, Eetes, que deste / Aos Míneas quando por teus muros nos armamos. / O que mudou tua boa fé? Que dolos guardam / Tuas ordens? Vejo aqui outro Pélias e outros mares? / Eia, Tiranos, ódio e força em mim lançai! / Nunca a esperança ou vigor faltam-me. Costumo / Cruéis ordens suportar e não ceder. Só peço: / Se a tal colheita me abater co’as suas lanças, / Ou se amanhã da boca imiga o fogo haurir-me, / Ao sevo ouvido, então, de Pélias faz saber / Que aqui morremos eu e os homens, que se houvesse / Lealdade, à pátria retornar nós poderíamos”.³⁹⁴ (V. Fl., 7, 89-100, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Ao se encontrar com Medeia após a imposição dessas novas provas, Jasão pergunta se ela traria alguma ajuda, mas antes que a feiticeira dê qualquer resposta, elucida que prefere a morte à desonra. Em comparação com o Jasão de Apolônio, que deseja apenas poder retornar e permanecer em seu lar, há um rasgo de heroísmo no Jasão de Flaco. Talvez isso responda à pergunta feita por Medeia a Vênus disfarçada de Circe: “Falta de amor, culpa ou desonra não se ocultam? / Torpe não é servir a um homem que suplica?”³⁹⁵ (V. Fl., 7, 386-387, trad. M.

³⁹² *si petere hoc saeui statuissent sanguine belli, / Ossa dabat Pindusque rates quotque ante secuti / inde nec audacem Bacchum nec Persea reges. / sed me nuda fides sanctique potentia iusti / huc tulit ac medii sociatrix gratia Phrxi / iamque tibi nostra genti de stirpe nepotes.* (V. Fl., 5, 495-500).

³⁹³ [...] *uentum ad furias infandaque natae / foedera et horrenda trepidam sub uirgine puppem: / impia monstiferis surgunt iam proelia campis. / ante dolos, ante infidi tamen exsequar astus / Soligenae falli meriti meritique relinqui, / inde canens: [...];* (V. Fl., 5, 219-224); “[...] O que levou à fúria e à infanda / Traição da filha; a nau fremente sob a virgem; / as ímpias lutas nas monstíferas searas; / e, antes, ainda, a astúcia e os dolos do solígeno / Que mereceu, pérfido, o logro e o abandono / Portanto eu cantarei. [...]” (V. Fl., 5, 219-224, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁹⁴ *“non” ait “hos reditus, non hanc, Aeeta, dedisti / spem Minyis, cum prima tuis pro moenibus arma / induimus. quo uersa fides? quos uestra uolunt / iussa dolos? alium hic Pelian, alia aequora cerno. / quin agite hoc omnes odiisque urgete tyranny / imperiisque caput; numquam mihi dextera nec spes / defuerit; mos iussa pati nec cedere duris. / unum oro, seu me illa suis seges obruet hastis, / hauriet aduerso seu crastinus ignis hiatu, / nuntius hinc saeuas Peliae mittatur ad aures, / hic periisse uiros, et me, si uestra fuisset / ulla fides, reducem patriae potuisse referri”.* (V. Fl., 7, 89-100).

³⁹⁵ *nullane culpa subest? labes non ulla pudoris, / nullus amor, nec turpe uiro seruire precanti?”* (V. Fl., 7, 386-387).

M. Gouvêa Júnior). Além disso, ao longo de sua fala, o herói deixa claro que já cumprira o exigido, tendo isso sido vão.

Co'a face em brasa e o Pudor mísero, falou / Estas palavras, consolando a enamorada: / “Trazes um raio de esperança? Vens por pena / De meus trabalhos ou te alegra a minha morte? / Peço: não portes, virgem, qual teu pai infame! / Num rosto assim não fica bem tanta inclemência. / Convêm tais prêmios e tais dons por meus labores? / Sob os teus olhos deverei ser rechaçado? / Empresta, moça, tua audição às justas queixas. / Por que teu pai quer que eu enfrente tantos monstros / (Por que o mereço?) ou que tais penas eu expie? / Será porque Canto ora jaz sob a estrangeira / Lança e morreram pelos vossos muros Ífis / E tantos cítiος? Antes ir-me houvesse o pérfido / Mandado e abandonar seu reino sem demora. / Vês com que trato ou por quais riscos me dará / A recompensa prometida? É decidido: / Morrer prefiro a não cumprir, quaisquer que sejam, / As ordens de teu pai. Nunca irei sem o velo – / Não serás tu a prima a ver-me desonrado!”³⁹⁶ (V. Fl., 7, 411-430, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

O amor de Jasão será inspirado pelas ações de Medeia, e ele só prometerá algo a ela após a feiticeira já o ter ajudado. É interessante ressaltar que, ao contrário do que ocorre em Apolônio, em que a feiticeira instrui Jasão para que realize certos rituais³⁹⁷, em Flaco, Medeia

³⁹⁶ *flagrantesque genas uidit miserumque pudorem, / has tandem uoces dedit et solatus amantem est: / “fersne aliquam spem lucis?” ait, “miserata laborem / nempe uenis? an et ipsa mea laetabere morte? / ne, precor, infando similem te, uirgo, parenti / gesseris, haut tales decet inclementia uultus. / hascine nunc grates, haec exspectata laborum / dona dari decuit? sic te sub teste remitti / fas mihi, uirgo, †tuum† iustas da uocibus aures: / die, pater ille tuus tantis me opponere monstris / quid meritum aut tales uoluit cur pendere poenas? / an iacet externa quod nunc mihi cuspide Canthus, / quodque meus uestris cecidit pro moenibus Iphis / aut Scythiae tanta inde manus? iussisset abire / perfidus atque suis extemplo cedere regnis. / spem mihi promissam per quae discrimina rursus / et reddat qua lege, uides. occumbere tandem / possumus, idque sedet, quam non quaecumque subire / patris iussa tui; numquam sine uellere abibo / hinc ego, degenerem nee me tu prima uidebis.”* (V. Fl., 7, 411-430).

³⁹⁷ *‘φράζω νῦν, ὡς κέν τοι ἐγὼ μητίσομ’ ἀρωγὴν. / εὔτ’ ἂν δὴ μετιόντι πατήρ ἐμὸς ἐγγυαλίξῃ / ἐξ ὄφιος γενύων ὀλοοὺς σπείρασθαι ὀδόντας, / δὴ τότε μέσσην νύκτα διαμμοιρηδὰ φυλάξας, / ἀκαμάτιο ρόησι λοεσσάμενος ποταμοῖο, / οἷος ἄνευθ’ ἄλλων ἐνὶ φάρεσι κυανέοισιν / βόθρον ὀρύξασθαι περιηγέα: τῶ δ’ ἔνι θῆλυν / ἀρνεῖον σφάζειν, καὶ ἀδαιέτον ὠμοθετῆσαι, / αὐτῶ πυρκαϊῆν εὖ νηήσας ἐπὶ βόθρῳ. / μουνογενῆ δ’ Ἐκάτην Περσηίδα μειλίσσοιο, / λειβῶν ἐκ δέπας σιμβλήγια ἔργα μελισσέων. / ἔνθα δ’ ἐπεὶ κε θεὰν μεμνημένος ἰλάσσομαι, / ἄψ ἀπὸ πυρκαϊῆς ἀναχάξω: μηδέ σε δοῦπος / ἠὲ ποδῶν ὄρρησι μεταστρεφθῆναι ὀπίσω, / ἠὲ κυνῶν ὑλακίη, μὴ πως τὰ ἕκαστα κολούσας / οὐδ’ αὐτὸς κατὰ κόσμον ἐοῖς ἐτάροισι πελάσσης. / ἦρι δὲ μυδῆνας τόδε φάρμακον, ἠὲ γὰρ ἀλοιφῆ / γυμνωθεὶς φαῖδρυνε τεὸν δέμας: ἐν δὲ οἱ ἀλκή / ἔσσειτ’ ἀπειρεσίη μέγα τε σθένος, οὐδέ κε φαίης / ἀνδράσιν, ἀλλὰ θεοῖσιν ἰσαζέμεν ἀθανάτοισιν. / πρὸς δὲ καὶ αὐτῶ δουρὶ σάκος πεπαλαγμένον ἔστω / καὶ ξίφος. ἔνθ’ οὐκ ἂν σε διατμήξειαν ἀκωκαὶ / γηγενέων ἀνδρῶν, οὐδ’ ἄσχετος αἰσσοῦσα / φλόξ ὀλοῶν ταύρων. [...]* (A. R., 3, 1026-1049); “Sabe agora o teor do meu auxilio. / Quando aos olhos do Pae te apresentares, / Quando elle te entregar, porque os semêes, / Os dentes do Dragão, contente espera / Que a meia-noute em ponto os Céos assombra; / Então lavado no perenne rio, / Solitario, atras roupas envergando, / Cava redonda cova, e nella immolla / Uma ovelha, que inteira, e crua em Pyra / Bem construida dessa cova a beira / Depositar te cumpre; deste modo / Hecate de Perseo unica Filha / Aplacaras, libando plena taça, / Do licôr doce que produz a Abelha, / Aplacada a Deidade, então te affasta / Da Pyra, sem que atraz os olhos volvas, / Ou de innumerous pés tropel escutes, / Ou latidos de cães, porque dessa arte / Tudo inutil tornarás, nem poderás / Aos companheiros teus volver sem risco. / Vindo a manhã, cophiltro humedecido / Faze que o corpo teu reluza inteiro, / Cobraras delle robustez sem termo, / Forças tão poderosas, que te sintas / Não equal dos mortaes, mas sim dos Numes. / Unge tambem com elle a lança e a espada / Unge o escudo tambem, que assim ferir-te, / Não poderão os ferros dos gigantes, / Nem acharas de supportar diffiicil / A

é a responsável por fazer os encantamentos sozinha³⁹⁸ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 51-52), de modo que uma possível faceta de feiticeiro, presente em Píndaro³⁹⁹ e possivelmente em Lícofron⁴⁰⁰, estaria ausente no Jasão flaviano.

O herói não barganha com Medeia, usando palavras falsas como Mopso aconselhara em Apolônio – conselho ausente na epopeia latina –, mas lhe oferece casamento, quando, apaixonado, a ouve dizendo que morreria quando o pai descobrisse seu feito. Jasão poderia ter tomado a vantagem dada pela feiticeira sem se comprometer a algo. Entretanto, antes de Medeia oferecer sua ajuda, a feiticeira diz que se o herói acredita que os deuses o ajudariam ou que seu valor seria bastante para superar as provas impostas, que a deixasse⁴⁰¹.

Na versão de Valério Flaco, não se tem o ponto de vista próximo aos heróis nesta parte da história como em Apolônio. Jasão sai de cena no verso cento e dois do canto VII, e passa-se à narração do sofrimento de Medeia perante o amor que sente ao estrangeiro e sua conversa com Vênus disfarçada de Circe, tia da feiticeira. Sabe-se que Juno envia Íris para que Jasão esteja no bosque e encontre Medeia, conforme instruções de Vênus⁴⁰², mas não se a mensageira teria informado algo ao herói, já que não se indica o modo pelo qual a intervenção da deusa ocorre. Ainda que Vênus/Circe diga a Medeia que Jasão solicitara sua ajuda, aparentemente o episódio só faz parte do discurso para convencê-la a auxiliá-lo, já que Vênus/Circe coloca Jasão como um quase suicida diante das provas, em oposição à fala do herói que diz preferir morrer a ser desonrado. Jasão só retornará, de fato, à narrativa no verso trezentos e noventa e seis desse canto. Posteriormente, sabe-se que Idas lamenta a necessidade de ajuda feminina⁴⁰³, mas não se insere na narrativa alguma discussão anterior dos heróis a

devorante chamma, que vomitam / Os encantados Touros; [...]" (A. R., 3, 1026-1049, trad. J. M. da Costa e Silva).

³⁹⁸ *carmina nunc totos uoluit figitque per artus / Aesonidae et totum septeno murmure fertur / per clipeum atque uiro grauiorem reddidit hastam, / iamque sui tauris languent absentibus ignes.* (V. Fl., 7, 464-466); "Lança um feitiço em todos membros de Jasão. / Por todo escudo, a murmurar, dá sete voltas, / já mais pesada faz a lança do varão / E dos ausentes touros torna o fogo fraco." (V. Fl., 7, 464-466, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

³⁹⁹ Cf. páginas 33 a 35.

⁴⁰⁰ Cf. páginas 40 e 41.

⁴⁰¹ [...] *Iuno ubi nunc, ubi nunc Tritonia uirgo, / sola tibi quoniam tantis in casibus adsum / externae regina domus? [...] / "si tamen aut superis aliquam spem ponis in istis / aut tua praesenti uirtus te educere leto, / si te forte potest, etiam nunc deprecor, hospes, / me sine et insontem misero dimitte parenti.* (V. Fl., 7, 442-455); "[...] Onde ora estão Juno e a Tritônia? / Sozinha estou contigo em meio a azares tantos, / De terra estranha uma princesa? [...] / 'Se inda esperança alguma pões nesses teus deuses / Ou o teu valor pode afastar-te da iminente / Morte, também te peço agora, hóspede: deixa-me / E me devolve ileso ao meu mísero pai'." (V. Fl., 7, 442-455, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁰² [...] *uolucrum tunc aspicit Irin / festinamque iubet monitis parere Diones / et iuuenem Aesonium praedicto sistere luco.* (V. Fl., 7, 186-188); "[...] A Íris Juno vê / E à lesta manda obedecer à ordem de Vênus / Pr'a que conduza o moço Esônio ao dito bosque." (V. Fl., 7, 186-188, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁰³ *horruit Argoae legio ratis, horruit audax / qui modo uirgineis seruari cantibus Idas / flebat et inuito prospexit Colchida uultu.* (V. Fl., 7, 573-575); "[...] Assustaram-se / Os Argonautas; o aguerrido Idas que, há pouco, /se

esse respeito. Dessa forma, é possível que o herói tenha sido informado da ajuda divina por Íris ou lembre-se da predição de Fineu⁴⁰⁴. Porém, há a possibilidade de que Jasão não tenha consciência da ajuda das deusas no que está ocorrendo, uma vez que não aparecem ou conversam com ele tão diretamente como acontece com Odisseu na *Odisseia*. De qualquer forma, mesmo após a fala da feiticeira, ele aceita sua assistência.

Jasão apaixonado deixa de lado, sob certo ponto, sua piedade em relação aos deuses, talvez por seu amor ser similar ao de Medeia⁴⁰⁵, que fora capaz de colocar o objeto amado acima da pátria, da fama e da honra⁴⁰⁶. Assim, o herói responde-lhe dizendo que preferia que ela retomasse seus encantos e o entregasse à sua sorte, uma vez que o que lhe importa é levá-la à Grécia consigo. Se antes a morte era preferível à desonra de não obter o velocino, agora, Medeia é posta acima de sua conquista e até mesmo dos deuses. Além disso, ao contrário do que ocorre em Apolônio, em que Jasão diz que se casaria com a feiticeira se ela chegasse à Grécia⁴⁰⁷, aqui, o herói deixa claro que a levaria em seu retorno. Jasão afirmará que nunca esquecerá seu favor, juramento ouvido também por Furor.

“Sem ti, crês tu, que o Esônio queira alguma coisa / Ou busque algum lugar? Devolva-me ao tirano, / Melhor será. Recolhe e leva o ingrato encanto. / Que amor à vida é o meu? Por que inda quero u’a pátria / Que não te abrace Éson primeiro e, alegre, a Grécia / Espere ver-te, co’o tosão, brilhando ao longe, / A se atirar às primas ondas? Considera / Meus ditos, rogo, e aceita ser a minha esposa. / Juro por ti, que és mais potente do que os deuses / Do céu e inferno; por teu nuto, que astros volta; / E pelas horas que estaremos separados: / Se eu me esquecer de tua ajuda ou desta noite, / Quando deixaste o cetro, a casa e até os parentes, / Ou perceberes que eu já não observo os votos, / Que eu não consiga aos feros touros e aos terrígenos / Então fugir; que em minha casa as tuas artes / E chamas turbem-me; que, ingrato, ninguém possa / Me socorrer; e se algo existe de mais sevo, / Que mo acrescentes e me lances ao terror”! / Ouviu-o também Furor, que aplica as justas penas / Pelo perjúrio, e vinga as queixas dos amantes.⁴⁰⁸ (V. Fl., 7, 490-510, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

lamentava de ser salvo pelas mágicas / De uma mulher, olhou p’ra colca constrangido.” (V. Fl., 7, 572-575, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁰⁴ Cf. nota 352.

⁴⁰⁵ [...] (*tacitis nam cantibus illum / flexerat et simili iam dudum adflarat amore*) (V. Fl., 7, 488-489); “[...] (pois com cantos mudos, / Ela o movera e deflagrara u’amor igual):” (V. Fl., 7, 488-489, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁰⁶ *cum gemitu et multo iuueni medicamina fletu / non secus ac patriam pariter famamque decusque / obicit.* [...] (V. Fl., 7, 458-460); “Com ais e muito choro entrega ao moço o encanto / Como se junto desse a Pátria, a fama e a honra.” (V. Fl., 7, 458-459, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁰⁷ Cf. nota 225.

⁴⁰⁸ “*tunc*” ait “*Aesoniden quicquam te uelle relicta / credis et ulla pati sine te loca? redde tyranno / me potius, recipe ingratos atque exue cantus. / quis mihi lucis amor? patriam cur amplius optem, / si non et genitor te primam amplectitur Aeson, / teque tuo longe fulgentem uellere gaudens / spectat et ad primos procumbit Graecia fluctus? / respice ad has uoces et iam, precor, adnue, coniunx. / per te, quae superis diuisque potentior imis, / perque haec, uirgo, tuo redeuntia sidera nutu / atque per has nostri iuro discriminis horas: / umquam ego*

Ainda que o herói não tenha noção disso, sua fala vem em boa hora, uma vez que, se fizesse apenas o que Medeia lhe pedira – ou seja, que se limitasse a lembrar dela e dizer que recebera sua ajuda –, talvez esta não se motivasse a mostrar a última prova que ainda precisaria resolver e da qual o rei não lhe informara: a serpente que guarda o velocino. Mesmo que Jasão se assuste ao vislumbrar tamanho perigo, sua reação é a de ter à mão sua espada⁴⁰⁹ para, provavelmente, se defender, ação bem diferente daquela de seu antecessor no texto de Apolônio, que segue Medeia aterrado⁴¹⁰.

Ao longo das provas realizadas por Jasão, Valério Flaco descreve os feitos do herói como se Medeia também estivesse presente auxiliando-o diretamente, mas deixa claro, ao mesmo tempo, o desejo do herói de vencê-las sem a ajuda da feiticeira, recorrendo a ela quando percebe a impossibilidade devido à dificuldade que as provas representam. Além disso, conforme afirma Hershkowitz (1998, p. 52), a ajuda de Medeia tem impacto direto nos touros, de modo que o poder emprestado pela feiticeira parece ter mais efeito negativo nos animais, do que positivo em Jasão:

[...] Lança dois sopros de fogo / E oculta o herói. Mas não permite-lhe Medeia / O incêndio respirar. Do fogo esfria o escudo / E as chamas arrefece, à vista do veneno. / Jasão arroja a mão e prende o ardente chifre / E, então, o segura a toda força, o sujeitando. / O touro, a se esquivar do herói e de ti, Medeia, / Sacode e empurra, co'ira toda, o que o segura. / [...] / A colca, túrbida, desarma então o outro / E lento e tímido o oferece; em noite escura / O envolve enquanto ele se achega. [...] / Mas quando vê já às leiras cristas retornarem / E a terra inquieta co'os infestos capacetes, / Se arroja e as terras sob as nucas, junto ao chão, / Inda sem ombros, não verão o dia – a espada / Aplaina os troncos; as couraças rutilantes / E as mãos saídas da mãe prende, antes que o enfrentem. / Mas, ante os mil e mil soldados, não se basta. / Como o Tiríntio, quando exausto, junto às hostes / Da Hidra feroz, para o Paládio fogo olhou, / Logo, de novo, a se valer das artes cólquidas, / Do capacete solta o atilho, mas vacila, / Pois quer sozinho todo exército enfrentar. / Esperanças não tem. Por toda parte os filhos / Da terra adensam, co'os chamados e as trombetas. / Todos o vêem e as armas contra ele arremessam. / Então, furioso por tão grande diferença, / Lançou no meio deles o Elmo que Medeia / Dera-lhe, co'o veneno tártaro. Todas as lanças /

si meriti sim noctis et immemor huius, / si te scepra, domum, si te liquisse parentes, / senseris et me tum non haec promissa tuentem, / tum me non tauros iuuet euasisse ferosque / terrigenas, tum me tectis tua turbet in ipsis / flamma tuaeque artes; nullus succurrere contra / ingrato queat, et si quid tum saeuus istis, / adicias meque in medio terrore relinquis.” / *audiit atque simul meritis periuria poenis / despondet questus semper Furor ultus amantum.* (V. Fl., 7, 491-510).

⁴⁰⁹ *exclamat stricto Aesonides stans frigidus ense.* (V. Fl., 7, 530); “Co’a espada em punho, o Esônio exclama, enregelado;” (V. Fl., 7, 530, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴¹⁰ *είπετο δ' Αἰσονίδης πεφοβημένος, [...]* (A. R., 4, 149); “Jason a segue tímido, [...]” (A. R., 4, 149, trad. J. M. da Costa e Silva).

Presto voltaram-se. Como a ira anual da Mãe / Lacera os frígios; e aos eunucos cabeludos, / Belona, assim Medeia as tropas inflamadas / Súbito embola e leva irmãos a se enfrentarem.⁴¹¹ (V. Fl., 7, 583-638, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Demonstra-se, assim, a vontade do herói de realizar o que lhe é imposto por suas próprias capacidades e sua revolta frente à impossibilidade disso, ao contrário do que ocorre com Jasão de Apolônio que tem consciência de sua incapacidade e não considera a ideia de realização por seus próprios meios.

Posteriormente, já superadas as provas cuja dificuldade surpreende mesmo a Idas⁴¹², Jasão receberá a princesa colca, que foge de sua sorte, dizendo-lhe que a põe acima do velocino de ouro, vendo-se obrigado a levá-lo apenas para honrar os demais argonautas:

[...] Ele, porém, / A recebeu e assim falou, com brandos ditos: / “Ó grande orgulho que hás de ser aos meus Penates, / Única causa não indigna de meus cursos, / Já não me importa o velocino; à minha nau / Só basta haver te conduzido. Eia, portanto, / Aos teus favores meritórios este aduz, / Visto que o podes. Já que somos obrigados / A levar o tosão, que a glória aos nautas caiba”!⁴¹³ (V. Fl., 8, 35-43, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Jasão, então, não se assustará com a serpente que guarda o velocino, mas com aquela que o guia até ela⁴¹⁴. Porém, após tomar o velocino, fugirá da Cólquida, levando-a consigo, e se casará com ela na ilha de Peuce. Em sua versão, Flaco não insere um casamento realizado por intermédio dos feácios, mas o próprio herói toma frente para que o pacto feito à feiticeira

⁴¹¹ [...] *bis fulmineis se flatibus infert / obnubitque uirum, sed non incendia Colchis / adspirare sinit, clipeoque inliditur ignis / frigidus, et uiso pallescit flamma ueneno. / incit Aesonides dextram adque ardentia mittit / cornua, dein totis propendens viribus haeret. / ille uirum atque ipsam tunc te, Medeia, recusans / concutit et tota nitentem carminis ira / portat iners; tandem grauius mugire recedens / incipit et fesso uictus descendere cornu. / [...] alium dehinc turbida Colchis / exarmat lentumque offert timideque minantem, / iamque propinquant noctem implicat; [...] / at uero ut summis iam rura recedere cristis / uidit et infesta vibrantes casside terras, / advolat atque, imo tellus qua proxima collo / necdum umeri uidere diem, prior ense sequaci / aequat humo truncos; rutilum thoraca sequenti / aut primas a matre manus premit obuius ante, / nec magis aut illis aut illis milibus ultra / sufficit, ad dirae quam cum Tiryntius hydrae / agmina Palladios defessus respicit ignes. / ergo iterum ad socias conuertere Colchidos artes / et galeae nexus ac uincula dissipat imae, / cunctaturque tamen totique occurrere bello / ipse cupit; spes nulla datur, sic undique densant / terrigenae iam signa duces, clamorque tubaeque. / iamque omnes uidere uirum, iamque omnia contra / tela micant. tum uero amens discrimine tanto, / quam modo Tartareo galeam Medeia ueneno / ... / in medios torsit; conuersae protinus hastae. / qualis ubi attonitos maestae Phrygas annua Matris / ira uel exsectos lacerat Bellona comatos, / haud secus accensas subito Medeia cohortes / implicat et miseros agit in sua proelia fratres:* (V. Fl., 7, 583-638).

⁴¹² Cf. nota 403.

⁴¹³ [...] *at ille / excepit blandoque prior sic ore locutus: / “o decus in nostros magnum uentura penates / solaque tantarum uirgo haut indigna uiarum / causa reperta duci, mihi iam non ulla requiro / uellera, teque meae satis est quaesisse carinae. / uerum age et hoc etiam, quando potes, adice tantis / muneribus meritisque tuis; namque aurea iussi / terga referre sumus; socios ea gloria tangit.”* (V. Fl., 8, 35-43).

⁴¹⁴ *ille silet: tantus subiit tum uirginis horror.* (V. Fl., 8, 67); “Ele se cala e horroriza-se co’a virgem.” (V. Fl., 8, 67, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

colca seja cumprido. Neste momento, Jasão necessita erguer um templo a Minerva que teria, segundo Gouvêa Júnior (2010, p. 231), se enfurecido com ele por ter preterido sua ajuda à de Medeia.

Nessa orla, o Capitão enfim manda aportar / E ousa contar, em vez primeira, o pacto aos homens: / A promessa empenhada e o trato conjugal. / Todos o animam e elogiam dela os méritos. / Depois, Jasão começa a erguer à irada Palas / Um altar, sem desprezar da deusa Idália a força.⁴¹⁵ (V. Fl., 8, 220-225, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Assim, o herói se preocupa, sem que seja necessária a intervenção de terceiros, com a promessa feita a Medeia, mesmo que, assim como seu antecessor representado por Apolônio, não tenha mais em mente Hipsípila, deixada em Lemnos, possivelmente grávida.

Nessa porção final da narrativa, Jasão terá uma caracterização negativa que parte dos colcos. A mãe de Medeia, chamando-o de ladrão/pirata (*praedo*), acusa-o de levar mais do que Pélias ordenara por intermédio de uma fuga silenciosa⁴¹⁶. Absirto, que também o denomina como ladrão/pirata, censura a tomada de Medeia pelo herói, tendo deixado a cidade intacta⁴¹⁷, de maneira que a princesa não fora um prêmio de guerra. Estiro, a quem Medeia fora prometida em casamento, o descreverá como Hemônio adúltero (*Haemonius adulter*) e afeminado (*semiuir*), apontando que poderia ter realizado a prova dos touros e derrotado a serpente sem a ajuda de filtros mágicos⁴¹⁸, e acusando o herói de ainda receber ajuda da colca

⁴¹⁵ *soluere in hoc tandem resides dux litore curas / ac primum socios ausus sua pacta docere / promissamque fidem thalami foedusque iugale. / ultro omnes laeti instigant meritamque fatentur. / ipse autem inuitae iam Pallados erigit aras / incipit Idaliae numen nec spernere diuae,* (V. Fl., 8, 220-225).

⁴¹⁶ [...] *uellem unguibus uncis / ut uolucris possem praedonis in ipsius ora / ire ratemque supra claroque reposcere cantu / quam genui. Albano fuit haec promissa tyranno, / non tibi; nil tecum miseri pepigere parentes, / Aesonide; non hoc Pelias euadere furto / te iubet aut ullas Colchis abducere natas.* (V. Fl., 8, 150-156); “[...] Oxalá pussede ir / Co’afiadas unhas, qual uma ave, até o ladrão / E sobre o mar, chamar com claro canto aquela / A quem gerei. Foi prometida ao rei albano / E não a ti: não pactuarão contigo os pais, / Ó Esônio, não te ordena Pélias evadires / Furtivamente, nem raptares colcas virgens.” (V. Fl., 8, 150-156, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴¹⁷ *puppe (nefas) una praedo Phrixea reportat / uellera; qua libuit remeat cum uirgine; nobis / (o pudor) et muros et stantia tecta reliquit.* (V. Fl., 8, 267-269); “Nefas, no barco o ladrão leva o velocino / Co’a virgem que assim quis e nos deixou – que horror – / Intactas casas e a cidade. [...]” (V. Fl., 8, 267-269, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴¹⁸ [...] *et Haemonius nobis succedet adulter? / [...] / an uirtus praelata uiri est et fortior ille, / quem sequitur? iuungam igniferos sine carmine tauros / saeuaque Echionii ferro sata persequar hydri. / hoc adeo interea spectata de litore pugnas / amborum: uictoris eris. iam digna uidebis / proelia, iamque illud carum caput ire cruenta / sub freta, semiuiri nec murra corpus Achiui / sed pice, sed flammis et olentis sulphure crines. / uos modo uel solum hoc fluctus expellite corpus, / non te, Aeeta pater, generi aut, Sol magne, pudebit. / fallor? an hos nobis magico nunc carmine uentos / ipsa mouet diraque leuat maria ardua lingua? / atque iterum Aesonides, iterum defenditur arte, / qua solet? [...]* (V. Fl., 8, 338-354); “E um Hemônio adúltero será meu sucessor? / [...] Mais vale sua virtude ou segue-se ao mais forte? / Eu jungirei touros de fogo sem magias / E caçarei co’a espada a serpente de Equión. / Contempla, pois, da praia as lutas de nós dois. / Serás do vencedor. Verás digno combate / E, ao mar sangrento, ir-se a cabeça cara, o corpo / Do afeminado aqueu; a olente cabeleira / Não mais com mirra, mas com piche, enxofre e chamas. / Ondas, levai logo este corpo, e só, à praia: / Eetes e Sol, co’o genro não se

enquanto é desafiado a um combate. Entretanto, diante do perigo representado pelos colcos que perseguem a nau grega, Jasão será o primeiro a tomar iniciativa de luta:

Quando no mar os Míniás viram fogo e barcos, / Não o medo apenas lhes surgiu. O capitão, / Deixando a virgem, primo atira-se na popa; / Tira, soberbo, da alta lança o capacete / E, com a espada e o escudo, brilha. [...] ⁴¹⁹ (V. Fl., 8, 306-310, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Absirto irá aportar no lado esquerdo da ilha de Peuce, porém, a guerra entre gregos e colcos não se concretiza, até que os demais argonautas pressionam Jasão para a devolução de Medeia, já que o acompanharam até tão longe por virtude e não por amor, e também porque o rapto seria posteriormente castigado em seus netos – alusão ao incêndio de Troia por punição ao rapto de Helena por Páris. É interessante considerar que Valério Flaco situa, com essa alusão, assim como fizera no episódio de Hesíone ⁴²⁰, o mito dos argonautas em um contexto maior que futuramente desencadeará a fuga de Eneias de Troia (HERSHKOWITZ, 1998, p. 236). Desse modo, como aparece de maneira clara em Lícofron ⁴²¹, Valério Flaco também coloca Jasão como um dos homens que concretizam os raptos que representam animosidade entre Europa e Ásia ⁴²²:

Porém, os Míniás, desejando o fim das lutas, / Com preces e rumor importunam o Esônide: / Por que os mantém presos em prol de uma estrangeira? / Por que os obriga a suportar tantos perigos? / Antes olhasse as muitas vidas e o destino / Melhor dos seus – que o não seguiram mar adentro / Nem pela Fúria ou vil amor, mas por virtude. / Quando a um só foi permitido o rapto e as bodas? / É tempo, pois: aos gregos basta o velocino / E, devolvendo a virgem, dar fim aos combates. / Que os deixe regressar e que em cruenta guerra / Não lance a Erínia a prima luta entre Ásia e Europa. / Assim fixara o Fado, e Mopso, a tremer súplice / Vaticinava que esta

vexarão. / Engano-me ou agora ela nos move os ventos / Co'um sortilégio, e eleva o mar co'a dira língua? / Salva-se o Esônide outra vez por sua ajuda?" (V. Fl., 8, 338-353, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴¹⁹ *Cum subitas uidere rates uibrataque flammis / aequora, non una Minyae formidine surgunt, / primus et in puppem deserta uirgine ductor / prosilit et summa galeam rapit altus ab hasta; / ense simul clipeoque micat; nec cetera pubes / segnius adreptis in litore constitit armis.* (V. Fl., 8, 306-311).

⁴²⁰ Laomedonte sabe de um oráculo que aponta para a destruição de Troia pelas armas de Hércules: [...] *tacitusque dolos dirumque uolutat / corde nefas, clausum ut thalamis somnoque grauatum / immolet et rapta ludat responsa pharetra; / namque bis Herculeis deberi Pergama telis / audierat. Priami sed quis iam vertere regnis / fata queat? manet immotis nox †turica† lustris / et genus Aeneadum et Troiae melioris honores.* (V. Fl., 3, 567-573); “[...] e maquina oculta fraude e infame crime / No coração: que ao leito preso, entregue ao sono, / Roubada a aljava, o mate e afaste a predição – / Por flecha hercúlea, ouvira, Pérgamo cairia / Duas vezes. Mas verter do priâmeo reino o fado, / Quem poderia? A noite dória, a gente Eneida, / E as glórias de uma Tróia inda melhor persistem.” (V. Fl., 3, 567-573, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴²¹ Cf. página 40.

⁴²² Há, anteriormente, alusão a um dos raptos – o de Europa – na fala de Absirto: [...] *neque enim fugit aequore raptor / Iuppiter aut falsi sequitur uestigia tauri.* (V. Fl., 8, 265-266); “Não é Jove o raptor que foge ora no mar, / Nem perseguimos de um fingido touro os rastros.” (V. Fl., 8, 265-266, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

afronta iria aos netos / E que um outro raptor no incêndio a expiaria.⁴²³ (V. Fl., 8, 385-399, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Jasão se verá dividido, então, entre o pacto firmado com Medeia, e o coletivo dos argonautas que o seguiram até ali por um objetivo claro. Note-se que o herói deseja pela guerra cuja vitória asseguraria o pacto feito, mas considera, ao mesmo tempo, os seus riscos: “Ele, a gemer, inquieto pelos tantos brados – / Posto que a Lei Divina, os laços conscientes / Do sacro pacto e as doces tochas a comovam – / Hesita e quer a guerra mas pesa os perigos. / Não mais prossegue contrariando os companheiros.”⁴²⁴ (V. Fl., 8, 400-404, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Opta, por fim, pela devolução da princesa que seria mais afim aos interesses dos heróis, mas trata, com eles, para que a colca não saiba da decisão.

Medeia, percebendo a mudança ocorrida no comportamento da tripulação, irá questionar Jasão. Seu discurso pressagia aquele que poderia fazer quando fosse de fato abandonada pelo herói na Grécia, conforme se pode conferir em outros autores, como Sêneca⁴²⁵: questionará se merece tal destino depois de tudo que fizera pelo herói, acrescentando que faria tudo por amor. Jasão será adjetivado como fiel esposo (*fidissime coniunx*), mas também como duro (*dure*) e Esônide outrora bom (*optime quondam Aesonide*).

Pensando em possíveis equivalências, em Apolônio, o casamento entre Medeia e Jasão ainda não acontecera, e os heróis propõem não a devolução de Medeia para o irmão, mas a decisão realizada por um rei imparcial. O discurso de Medeia, ao perceber que algo é tramado a seu respeito, é um tanto parecido com o presente em Valério Flaco, principalmente, em seu início, porém, contém promessas de vingança, já que é regado de ameaças ao herói, se valendo de referências a Hera, o que o assustará. Se a Medeia de Valério Flaco pede para que Jasão a leve até a Grécia e a repudie lá – o que aconteceria, de certo modo, segundo a tradição –, a de Apolônio prefere que o herói a mate ali mesmo. Assim, encontra-se em Apolônio:

⁴²³ *At Minyae tanti reputantes ultima belli / urgent et precibus cuncti fremituque fatigant / Aesoniden. quid se externa pro uirgine clausos / obiciat, quidue illa pati discrimina cogat? / respiceret pluresque animas maioraque fata / tot comitum, qui non furiis nec amore nefando / per freta, sed sola sese uirtute sequantur. / an uero ut thalamis raptisque indulgeat unus / coniugiis? id tempus enim. sat uellera Grais, / et posse oblata componere uirgine bellum. / quemque suas sinat ire domos, nec Mart.cruento / Europam atque Asiam prima haec committat Erinys. / namque datum hoc fatis trepidus supplexque canebat / Mopsus, ut in seros irent magis ista nepotes / atque alius lueret tam dira incendia raptor.* (V. Fl., 8, 385-399).

⁴²⁴ *Ille trahens gemitum tantis ac uocibus impar, / quamquam iura deum et sacri sibi conscia pacti / religio dulcisque mouent primordia taedae, / cunctatur mortemque cupit sociatmque pericli / cogitat ... / ... haut ultra sociis obsistere pergit.* (V. Fl., 8, 400-404).

⁴²⁵ Cf. páginas 54 e subsequentes.

“Respeito a mim, que convenções sam estas / Filho de Eson? a prospera fortuna / O esquecimento te imbebeu no peito? / Não te recordas do que me dizias / Na hora da angustia e do perigo? aonde / Estão os juramentos, que por Jove, / O protector dos supplices, fizeste? / Onde as meigas promessas?... eu por ellas / Patria, Solar, os proprios Paes, que tudo / Para mim eram, com infamia, e pêjo / Abandonei! vou divagando agora / Pelo mar co’as Alcyones queixosas / Por te valer para que ao fim levasses / O combate c’os Touros, c’os Gigantes: / O velocinio, da viagem vossa / Cansa, e motivo, em tuas mãos há posto / Minha temeridade; o femeo sexo / Por mim cobriu descommunal opprobrio. / Por isso dizem que te sigo á Grecia / Esposa, Filha, Irmã! cumpre que auxilio / De algum modo me dês, que me não deixes / Desamparada aqui, em quanto buscas / A sentença d’um Rei; que me protejas / Quanto couber em ti, que firmes sejam / Justiça em ti, e os pactos, que juramos. / Si não co’a espada esta cerviz decepa, / Condigno premio da loucura minha! / Ingrato! se esse Rei, a quem commettes / A decisão deste funesto pleito, / Determina que a Abyrtho eu seja entregue, / Como hei de apparecer do Pae aos olhos?... / Com grande gloria certo!... que castigo, / Que grave pena, misera! me espera / Pelo delicto meu! ah! nem tu proprio / Voltar a Patria jubiloso contes, / A Rainha dos Céos, de Jove Esposa, / Com cuja protecção te ensoberbeces / Não permittira tal! de mim lembrar-te / Tu has de então entre fataes trabalhos, / Ha de em sombra esvaír-se o vélllo d’ouro / Como a visão d’um sonho! as Furias mesmas / Te hão de affastar da Patria; os males todos / Que me grangeou temeridade tua, / Cahir não devem, irritos, por terra, / Cruel! o mais solemne juramento / Tu violaste, sim, porém a sombra / De impio tratado, da desgraça minha / Por muito tempo escarnecer não pensem.” / [...] / Mas Jason, que a tenção lhe bruxulêa, / Com estas brandas expressões a amansa:⁴²⁶ (A. R., 4, 355-394, trad. J. M. da Costa e Silva).

Enquanto em Valério Flaco:

“Que te falam de mim os jovens fortes Míniás / Noite e dia? Que, enfim, possa eu logo o saber, / Se cativa não sou da embarcação de Pélias, / Nem se, iludida, eu sigo donos – é-me lícito / O vosso plano ouvir. Não temo, fiel esposo! / Porém, tem compaixão e guarda tua promessa / De matrimônio até chegarmos à Tessália – / Repudia-me lá. Bem sabes me juraste – / E não

⁴²⁶ ‘Αἰσονίδη, τίνα τήνδε συναρτίνασθε μενοινῆν / ἀμφ’ ἐμοί; ἤε σε πάγχυ λαθιφροσύναις ἐνέηκαν / ἀγλαΐαι, τῶν δ’ οὔτι μετατρέπη, ὅσσ’ ἀγόρευες / χρειοὶ ἐνισχόμενος; ποῦ τοι Διὸς Ἰκεσίοιο / ὄρκια, ποῦ δὲ μελιχραὶ ὑποσχεσῖαι βεβάασιν; / ἧς ἐγὼ οὐ κατὰ κόσμον ἀναιδήτω ἰότητι / πάτρην τε κλέα τε μεγάρων αὐτούς τε τοκῆας / νοσφισάμην, τά μοι ἦεν ὑπέρτατα: τηλόθι δ’ οἷη / λυγρῆσιν κατὰ πόντον ἄμ’ ἀλκύνεσσι φορεῦμαι / σῶν ἔνεκεν καμάτων, ἵνα μοι σόος ἀμφί τε βουσῖν / ἀμφί τε γηγενέεσσιν ἀναπλήσειας ἀέθλους. / ὕστατον αὖ καὶ κῶας, ἐπεὶ τ’ ἐπαϊστὸν ἐτύχθη, / εἶλες ἐμῆ ματίη; κατὰ δ’ οὐλοὸν αἴσχος ἔχευα / θηλυτέραις. τῷ φημί τεῖη κούρη τε δάμαρ τε / αὐτοκασιγνήτη τε μεθ’ Ἑλλάδα γαῖαν ἐπεσθαι. / πάντη νυν πρόφρων ὑπερίστασο, μηδέ με μούνην / σείο λίπης ἀπάνευθεν, ἐποικόμενος βασιλῆας. / ἀλλ’ αὐτως εἴρυσσο: δίκη δέ τοι ἔμπεδος ἔστω / καὶ θέμις, ἦν ἀμφω συναρέσσαμεν: ἡ σύγ’ ἔπειτα / φασγάνω αὐτίκα τόνδε μέσον διὰ λαιμὸν ἀμῆσαι, / ὄφρ’ ἐπίηρα φέρωμαι εὐκότα μαργουσῆσιν. / σχετλίη, εἴ κεν δὴ με κασιγνήτοιο δικάσῃ / ἔμμεναι οὗτος ἀναξ, τῷ ἐπίσχετε τάσδ’ ἀλεγεινὰς / ἀμφω συνθεσίαις. πῶς ἴξομαι ὄμματα πατρός; / ἢ μάλ’ ἐυκλείης; τίνα δ’ οὐ τίσιν, ἡέ βαρεῖαν / ἄτην οὐ συμγερώς δεινῶν ὑπερ, οἶα ἔοργα, / ὀτλήσω; σὺ δέ κεν θυμηδέα νόστον ἔλοιο; / μὴ τόγε παμβασιλεία Διὸς τελέσειεν ἄκοιτις, / ἢ ἐπικυδιάεις. μνήσαιο δέ καὶ ποτ’ ἐμεῖο, / στρευγόμενος καμάτοισι: δέρος δέ τοι ἴσον ὀνείροις / οἴχοιτ’ εἰς ἔρεβος μεταμώνιον. ἐκ δέ σε πάτρης / αὐτίκ’ ἐμαί σ’ ἐλάσειαν Ἐρινύες: οἶα καὶ αὐτῇ / σῆ πάθον ἀτροπήη. τὰ μὲν οὐ θέμις ἀκράαντα / ἐν γαίῃ πεσέειν. μάλα γὰρ μέγαν ἠλίτες ὄρκον, / νηλεές: ἀλλ’ οὐ θῆν μοι ἐπιλλίζοντες ὀπίσσω / δὴν ἔσσεσθ’ εὐκῆλοι ἔκητί γε συνθεσιάνων.’ / [...] / τοῖα δ’ ἴησων / μελιχίοις ἐπέεσσιν ὑποδδείσας προσέειπεν: (A. R., 4, 355-394).

teus. Eles talvez possam voltar / Atrás, contudo não tens tu o mesmo direito. / Comigo levar-te-ei: sozinha eu não respondo / Qual mulher má, pois nesta nau fugimos todos. / Acaso assustam-te as birremes de meu pai / E meu irmão? Perante u'a hoste maior tremes? / Pensas que ajuntam-se outras naus e maior tropa: / Já não confias? Não sou digna dos perigos? / Não mereci teu sacrifício e o de teus homens? / Quisera que sem ti tivessem alcançado / A pátria minha, ou que outro fosse o capitão. / Ora regressam e eis que podem me entregar – / Não há esperança. Escuta, ao menos, meus projetos / E que não cedas ao temor dos companheiros. / Quem creu que tu podias jungir touros de fogo / E quem te levaria ao templo da serpente? / Quem dera meu amor não pudesse por ti / Tudo fazer, ou titubeasse. Indago agora / O que me ordenas. Ó cruel, calas? Teu pudor / Que ameaça traz? Devia, Esônio outrora bom, / Te implorar súplice – meu pai assim não pensa – / Ou suportar os meus castigos e a maldade / De meu senhor?” [...] ⁴²⁷ (V. Fl., 8, 415-444).

Em Valério Flaco, o herói se vê em posição quase tão difícil quanto aquela proposta por Sêneca, já que precisa escolher entre o pacto firmado com Medeia, confirmado pelo casamento, e o bem-estar de seus companheiros. Tentará aplacá-la com sua habilidade de discurso, até que a narrativa seja interrompida abruptamente:

Jasão hesita ante a ameaça e a ira dos Colcos. / Pudor, de um lado, e a decisão dos seus, do outro, / O oprimem, mas tenta afagá-la em seus soluços. / Ele mesmo, a gemer, falando abranda os ditos: / “Crês que eu o mereça, ou que deseje, tudo assim?” ⁴²⁸ (V. Fl., 8, 463a-467, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

A decisão de Jasão é árdua, contudo, ainda que ponha, apaixonado, Medeia acima do prêmio de sua viagem e, até mesmo, dos deuses, Jasão se preocupará, nesse momento, sobretudo, com o coletivo formado por seus companheiros. Isso, provavelmente, se relaciona com a posição de liderança assumida pelo herói. Se o Jasão de Apolônio teria sua posição de comando preterida em favor de Hércules e apresenta dúvida e passividade frente aos desafios

⁴²⁷ “*me quoque, uir, tecum Minyae, fortissima pubes, / nocte dieque mouent. liceat cognoscere tandem, / si modo Peliacae non sum captiua carinae / nec dominos decepta sequor consultaque uestra / fas audire mihi. uereor, fidissime coniunx, / nil equidem; miserere tamen promissaque serua q usque ad Thessalicos saltem conubia portus / inque tua me sperne domo. scis te mihi certe, / non socios iurasse tuos. hi reddere forsant / fas habeant, tibi non eadem permissa potestas, / teque simul mecum ipsa traham; non sola reposcor / uirgo nocens, atque hac pariter rate fugimus omnes. / an fratris te bella mei patriaeque birremes / terrificant magnoque impar urgeris ab hoste? / finge rates alias et adhuc maiora coire / agmina: nulla fides? nullis ego digna periclis? / non merui mortemque tuam comitumque tuorum? / uellem equidem nostri tetigissent litora patris / te sine duxque illis alius quicumque fuisset: / nunc remeant, meque ecce (nefas) et reddere possunt, / nec spes ulla super. quin tu mea respice saltem / coasilia et nimio comitum ne cede timori. / credidit ardentis quis te tunc iungere tauros / posse? quis ad saeui uenturum templi draconis? / o utinam ergo meus pro te non omnia posset / atque aliquid dubitaret amor. quin nunc quoque quaero / quid iubeas.— heu dure siles, magnumque minatur / nescio quid tuus iste pudor? mene, optime quondam / Aesonide, me ferre preces et supplicis ora / fas erat? haud hoc nunc genitor putat aut dare poenas / iam sceleris dominumque pati.*” [...] (V. Fl., 8, 415-444).

⁴²⁸ *haeret, et hinc praesens pudor, hinc decreta suorum / dura premunt. utcumque tamen mulcere gementem / temptat et ipse gemens †et tempera dictis†: / “mene aliquid meruisse putas? me talia uelle ...”* (V. Fl., 8, 464-467).

e dificuldades que precisa enfrentar ao longo da empreitada, o de Flaco assume sua posição com mais segurança, ainda que esteja em processo de formação. Assim, junto ao seu patronímico, Jasão terá como epíteto principal sua função na nau Argo: capitão (*dux/ductor*) (MELLO; FERREIRA LIMA, 2014, p. 75), que aparecerá pela primeira vez no verso 164 do canto I⁴²⁹ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 112), antecedendo mesmo seu nome.

Evidência disso já aparece desde antes do início da viagem, como aponta Hershkowitz (1998, p. 110), uma vez que ao contrário de seu antecessor em Apolônio que, antes da partida, não consegue relaxar como os outros heróis por estar em dúvida⁴³⁰, o Jasão flaviano é aquele que não pode dormir devido ao peso de suas responsabilidades⁴³¹, assim como, em epopeia anterior a dele, fizera Eneias⁴³².

Não que Jasão não apresente possíveis falhas em seu papel de líder, como pode ser apontado na ilha de Lemnos com a reprimenda de Hércules. Outro ponto em que isso ocorreria pode ser indicado quando os heróis percebem seu erro após a batalha contra o exército do rei Cízico, mas há, no episódio, um abatimento geral dos heróis⁴³³, possivelmente ligado às relações de hospitalidade, respeitadas mesmo durante a guerra de Troia na *Iliada* (MELLO; FERREIRA LIMA, 2014, p. 68). Porém, observe-se que, no abandono de Hércules, o herói é capaz de se afastar de seus companheiros para não demonstrar uma possível fraqueza.

Além disso, Jasão não é livre de dúvidas, como é demonstrado na passagem pelas rochas Ciâneas, porém o herói não teme apenas por si, mas por seus companheiros igualmente, e, mesmo temeroso, seu epíteto – *ductor* – é utilizado pelo poeta:

[...] O **capitão**, porém, / Não se livrou de medo e curas, mas falou / Fitando o mar: “Ah, que labuta pelos deuses / Nos é dada! Se acaso ao leito nós chegarmos / Do Fase e os Colcos, mansos, derem-nos o vela, / Por esta rocha haverá fuga?” Tal indaga, / Néscio dos freios por império jóveo fixos, / Pois

⁴²⁹ *ductor ait*: [...] (V. Fl., 1, 164); “[...] diz o capitão [...]” (V. Fl., 1, 164, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴³⁰ μετέπειτα δ’ ἀμοιβαδὶς ἀλλήλοισιν / μυθεῦνθ’, οἷά τε πολλὰ νέοι παρὰ δαιτὶ καὶ οἴνῳ / τερπινῶς ἐπιόωνται, ὅτ’ ἄατος ὕβρις ἀπέειη. / ἔνθ’ αὖτ’ Αἰσονίδης μὲν ἀμήχανος εἶν ἐοῖ αὐτῶ / πορφύρεσκεν ἕκαστα κατηφιόωντι ἐοικῶς. (A. R., 1, 457-461); “Eis surge entre elles pratica gostosa, / Chistes, que os Moços entre os Copos usam, / Quando esta longe a pernicioso injuria. / Jason pelo contrario esta tristonho / Comsigo ruminando as cousas todas.” (A. R., 1, 456-461, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁴³¹ *Iamque mero ludoque modus, positique quietis / conticuere toris; solus quibus ordine fuis / impatiens somni ductor manet.* (V. Fl., 1, 294-296); “Já findos vinho e brinco, em quietos leitos postos, / Silenciaram-se. Só, entre os adormecidos, / Insone fica o capitão. [...]” (V. Fl., 1, 294-296, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴³² *At pius Aeneas, per noctem plurima uoluens,* (Verg., A., 1, 305); “Mas o piedoso Enéias, qu’agitado / De pensamentos mil passara a noute,” (Verg., A., 1, trad. J. V. Barreto Feio).

⁴³³ Cf. nota 362.

o ordenava a lei do Fado inarredável / Se barco algum no ponto aberto se adentrasse.⁴³⁴ (V. Fl., 4, 702-710, trad. M. M. Gouvêa Júnior. Grifo nosso).

Entretanto, vale ressaltar que, antes de enfrentar o perigo, quando todos estão amedrontados, Jasão, fiado nas previsões de Fineu, é aquele capaz de encorajar a todos, sem apresentar dúvida ou medo diante do desafio:

Por frio medo todos remos são tomados. / Jasão, correndo sobre as armas, sobre os bancos, / Exorta os homens; suplicante, estende as mãos / Chamando cada um: ‘Onde estão as promessas / E ameaças dos que vêm comigo às águas? / Causara medo igual a caverna de Âmico: / Persistimos e um deus nos ajudou. Por isso / Creio que o mesmo deus de novo ajudará’. / Dito isso, toma o banco ao pávido Falero; / E rema. Por pudor instada a tropa o segue.⁴³⁵ (V. Fl., 4, 646-655, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Essa capacidade de se mostrar confiante aos companheiros mesmo em momentos de dúvida que, em Apolônio deixariam o herói em estado de ἀμηχανία (*amēkhanía*), demonstra, segundo Hershkowitz (1998, p. 126), uma emulação de Jasão ao Eneias de Virgílio⁴³⁶. Dessa forma, o Jasão de Valério Flaco afasta-se daquele de Apolônio, já que, no episódio correspondente, o herói se apaga, sendo apenas Tífis, que dirige a nau, e Eufemo, que liberta a pomba, a qual os guiará por entre as rochas, a receberem destaque (HERSHKOWITZ, 1998, p. 45).

Em momentos de incerteza, como quando aguarda a oportunidade para se dirigir a Eetes, o capitão anseia pela decisão, demonstrando aos companheiros que levará o velocino independentemente das circunstâncias:

Assim o capitão, daqui e dali inseguro, / Com muitos ais agita a alma e quer o dia / Brilhante e a hora certa, enfim, da decisão. / Então, aos nautas, mudos juntos, cabisbaixos, / Voltando: “O que, com grande audácia, vós primeiro / Quisestes”, diz, “E o que temeram os antigos, / Temos adiante, após cruzarmos mar e terra. / Não nos desviaram nem as mil rotas do pélagos /

⁴³⁴ *Nec uero ipse metus curasque resolvere ductor, / sed maria aspectans “heu qui datus iste deorum / sorte labor nobis. serum ut ueniamus ad amnem / Phasidis et mites” inquit “dent uellera Colchi, / unde per hos iterum montes fuga?” talia fundit, / imperio fixos Iouis aeternumque reuinctos / nescius. id fati certa nam lege manebat, / siqua per hos undis umquam ratis isset apertis.* (V. Fl., 4, 703-710. Grifo nosso).

⁴³⁵ *omnibus et gelida rapti formidine remi. / ipse per arma uolans et per iuga summa carinae / hortatur supplexque manus intendit Iason / nomine quemque premens. ‘ubi nunc promissa superba / ingentesque minae, mecum quibus ista secuti? / idem Amyci certe uiso timor omnibus antro, / ... perculerat; stetimus tamen et deus adfuit ausis. / quin iterum idem aderit, credo, deus.’ haec ubi fatus, / corripit abiecti remumque locumque Phaleri / et trahit; insequitur flammata pudore iuuentus.* (V. Fl., 5, 553-558).

⁴³⁶ Cf. ocorre em: *Talia uoce refert, curisque ingentibus aeger / spem uoltu simulat, premit altum corde dolorem.* (Verg., A., 1, 208-209); “Disse, e d’altos cuidados oprimido, / No rosto finge um ar esperançoso, / E no peito reprime a dor profunda.” (Verg., A., 1, 208-209, trad. J. V. Barreto Feio).

Nem a notícia de que no Arcto Eetes reina. / Assim, que a luz no mar se esparja, que busquemos / A vila e as intenções do rei desconhecido. / Ele anuirá, decerto; eu creio que exorável / É o que pedimos. Mas se às súplicas, soberbo, / Ele esquivar-se, na repulsa firmai ânimos, / Por cuja via o velo à pátria tornaremos – / Que o Pudor sempre esteja ausente nas agruras”.⁴³⁷ (V. Fl., 5, 309-324, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Aparentemente, o único canto em que o epíteto de Jasão ligado à liderança não é utilizado com expressividade é o VI. No canto anterior, quando ordena que os heróis se preparem para a batalha, *dux* é utilizado por Cástor que repassa a mensagem:

“Não fero é Eetes, como é a fama, nem nos nega / O velo, mas por guerra iníqua ele oprimido / Auxílio pede: o **capitão**, armados todos, / Nos manda acelerar, pois abrigada ao longe / É a nau, e o rio é defendido pela vila”. / Não tardam; [...]”⁴³⁸ (V. Fl., 5, 553-558, trad. M. M. Gouvêa Júnior. Grifo nosso).

Contudo, em batalha, o herói não é chamado por seu posto, uma vez que, possivelmente, conforme afirma Perses, a guerra não concerne aos argonautas, e por estes estarem sob o comando de Eetes. Aparentemente, Jasão só será referido como *dux*, quando Juno decide uni-lo a Medeia para que seja capaz de suplantar as provas impostas por Eetes: “Juno decide, assim, casar co’o **chefe** aqueu / A que amedronta co’a magia e a virgindade.”⁴³⁹ (V. Fl., 6, 449-450, trad. M. M. Gouvêa Júnior. Grifo nosso). Já em outros cantos, assim como seu patronímico, a utilização de *dux/ductor* é recorrente. Além disso, é interessante apontar que, quando as figuras tirânicas de Pélias⁴⁴⁰ e Eetes⁴⁴¹ ordenam algo a Jasão, sua primeira reação é de desagrado, demonstrando que não se apresenta como um subordinado

⁴³⁷ *sic tum diuersis hinc atque hinc motibus anceps / pectora dux crebro gemitu quatit, optat et alium / iam iubar et certi tandem discriminis horas. / tunc defixa solo coetuque intenta silenti / uersus ad ora uirum ‘quod primum ingentibus ausis / optauistis’ ait ‘ueterumque quod horruit aetas, / adsumus en tantumque fretis enauimus orbem. / nec pelagi nos mille uiae nec fama fefellit / Soligenam Aeeten media regnare sub arcto. / ergo ubi lux altum sparget mare, tecta petenda / urbis et ignoti mens experienda tyranni. / adnuet ipse, reor, neque inexorabile certe / quod petimus. sin uero preces et dicta superbus / respuerit, iam nunc animos firmate repulsae, / quaque uia patriis referamus uellera terris, / stet potius: rebus semper pudor absit in artis.’* (V. Fl., 5, 309-324).

⁴³⁸ “*nec ferus Aeetes, ut fama, nec aurea nobis / terga negat; bello interea sed pressus iniquo / auxilium petit; armatos dux protinus omnes / adcelerare iubet; longo nam tuta recessu / puppis et adposita fluuius defenditur urbe.*” / *Haud mora: [...]* (V. Fl., 5, 553-558. Grifo nosso).

⁴³⁹ *ergo opibus magicis et uirginitate tremendam / Iuno duci sociam coniungere quaerit Achiuo.* (V. Fl., 6, 449-450. Grifo nosso).

⁴⁴⁰ Cf. páginas 114 e 115.

⁴⁴¹ Cf. nota 369.

passivo, posição não combinaria tanto com sua função de líder dos cerca de cinquenta melhores heróis gregos⁴⁴².

O que parece ocorrer no texto de Valério Flaco é a retomada de características que existem em Apolônio de Rodes, como a beleza e a habilidade com o discurso, mas que são plasmadas àquelas utilizadas como epítetos já por autores anteriores a Apolônio, como Homero e Hesíodo, garantindo-lhe uma capacidade de liderança. Se o Jasão de Apolônio é *ἀμήχανος* (*amékhanos*), o de Valério Flaco é *dux/ductor*, de modo que, mesmo quando considera as opções a seguir após as ordens de Pélias, elenca possibilidades que não se relacionam à passividade. Além disso, o herói apresenta destreza bélica assim como seus antecessores representados em Homero e Virgílio. Com isso, o Jasão de Flaco é um herói mais afim a esses modelos, se afastando da dúvida e da passividade presentes no herói de Apolônio, e demonstrando um desejo relacionado à busca por glória, ausente naquele.

4.2 “E fina cera completou ocultas frestas”⁴⁴³: o jogo alusivo em Valério Flaco e a construção de Jasão

Com a configuração desse Jasão flaviano, modelo díspar em relação àquele representado em Apolônio, torna-se interessante considerar o modo como Valério Flaco trabalha com seus antecessores para criar efeitos de sentido na construção de seu herói mais especificamente, mas também em alguns outros aspectos de sua epopeia.

Conforme afirma Albrecht (1999, p. 13), os autores antigos utilizavam, ao longo de suas obras, os textos daqueles que vieram antes deles, em um processo que não se configurava pela mera cópia, já que realizavam uma transformação desses textos que ocorria em uma espécie de jogo entre poeta e leitor. Neste caso, é interessante destacar que havia uma relação mais direta entre o escritor e seu público, visto que, ao contrário de uma atividade solitária, a leitura de poemas era realizada em voz alta para uma plateia variada, que continha em si ouvintes doutos e, logo, conhecedores de outros textos e capazes de criticar aquilo que era produzido. Poetas, como Catulo em seu *carmen* 16⁴⁴⁴ ou Ovídio em seus *Remédios do*

⁴⁴² Cf. página 131, Jasão demonstra em seu discurso a consciência de que é ordenado por tiranos, mas que não vacila frente a essas determinações.

⁴⁴³ (V. Fl., 1, 128, trad. M. M. Gouvêa Júnior). [...] *et ut tenues subiere latentia cerae / lumina*, [...] (V. Fl., 1, 128-129).

⁴⁴⁴ *Pedicabo ego uos et irrumabo, / Aureli pathice et cinaede Furi, / qui me ex uersiculis meis putastis, / quod sunt molliculi, parum pudicum. / Nam castum esse decet pium poetam / ipsum, uersiculos nihil necesse est; / qui tum denique habent salem ac leporem, / si sunt molliculi ac parum pudici / et quod pruriat incitare possunt, / non dico pueris, sed his pilosis / qui duros nequeunt mouere lumbos. / Vos, quei milia multa basiorum / legistis,*

*amor*⁴⁴⁵, legaram, em suas obras, reações do público a seus textos anteriores e ainda suas respostas a elas (ALBRECHT, 1999, p. 10). Assim, esse contexto permitia ao autor tanto trabalhar com aspectos das histórias que não seriam narrados em suas obras, porque o leitor teria conhecimento de seus possíveis desdobramentos, quanto se valer das expectativas criadas por esse conhecimento para quebrá-las.

Infelizmente, como Valério Flaco deixou apenas uma obra, não é possível que se tenha uma noção do que o poeta considerava a respeito das opiniões que seus *Cantos Argonáuticos* poderiam ter suscitado. Mesmo assim, a análise de seu texto permite que se considere a que público leitor a epopeia de Flaco se dirigia. Conte (1999, p. 490) propõe algumas considerações a esse respeito:

[...] is a narrative text that is difficult, often obscure, and extremely learned even in relation to its audience (the public that is envisioned as the ideal reader). The reader sometimes does not find in Valerius' text all the necessary information, but must already be familiar with the events in order to understand them; most of the time one needs to have Apollonius at hand for ready consultation. This is, in short, a work that, in order to realize an arduous and sophisticated poetics, presupposes a broad literary competence in its audience.

Talvez essa ideia – a respeito de a obra de Apolônio ser indispensável durante grande parte da leitura para o seu entendimento – seja um tanto excessiva, visto que são percursos náuticos diferentes, contudo, percebe-se que seria necessário que o leitor tivesse ciência do contexto mítico em que os argonautas e Medeia estavam inseridos para que pudesse ter uma melhor compreensão do que era narrado, o que, provavelmente, a audiência imediata de Flaco teria. Neste caso, possivelmente, o conhecimento da versão de Apolônio poderia gerar um

male me marem putatis? / Pedicabo ego uos et irrumabo. (Catul., 16); “Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos, / Aurélio bicha e Fúrio chupador, / que por meus versos breves, delicados, / me julgastes não ter nenhum pudor. / A um poeta pio convém ser casto / ele mesmo, aos seus versos não há lei. / Estes só tem sabor e graça quando / são delicados, sem nenhum pudor, / e quando incitam o que excite não / digo os meninos, mas esses peludos / que jogo de cintura já não têm. / E vós, que muitos beijos (aos milhares!) / já lestes, me julgais não ser viril? / Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos.” (Catul., 16, trad. J. A. Oliva Neto).

⁴⁴⁵ *Nuper enim nostros quidam carpsere libellos, / Quorum censura Musa proterua mea est. / Dummodo sic placeam, dum toto canter in orbe, / Quod uolet impugnent unus et alter opus. / Ingenium magni liuor detractat Homeri; / Quisquis ex illo, Zoile, nomen habes,* (Ov., *Rem.*, 361-366); “É que recentemente alguns andaram criticando meus livrinhos; segundo dizem meus censores, é licenciosa minha Musa.

Contanto que eu agrade assim, contanto que se recitem meus versos por todo o mundo, um ou dois podem atacar a obra que quiserem. A inveja desmerece o talento do grande Homero; por isso, Zoilo, por mais que sejas, é por causa dele que és conhecido.” (Ov., *Rem.*, 361-366, trad. A. da S. Mendonça).

maior aproveitamento no que diz respeito ao jogo alusivo⁴⁴⁶ desenhado por Valério Flaco em relação àquela.

Esse jogo acontece não apenas em relação a Apolônio, mas também quanto a outras obras que abordam versões diversas da viagem dos argonautas, mas também outros modelos épicos, como a *Eneida*. Conforme afirma Hershkowitz (1998, p. 37), Valério Flaco está inserido em um contexto em que os poetas tinham consciência de – e chegavam a deixar isto explícito em seus trabalhos – que faziam parte de uma posteridade em relação às múltiplas obras que abordaram e reabordaram os mais diversos assuntos. Dessa consciência, cria-se tanto um sentimento que pode ser considerado como autodepreciativo⁴⁴⁷ – já que são precedidos por grandes nomes, como Virgílio – quanto uma rica rede de intertextualidade (HERSHKOWITZ, 1998, p. 38).

4.2.1 Valério Flaco e outras Argonáuticas

Quando aborda a construção da nau Argo, Apolônio de Rodes se escusa da tarefa de narrá-la no início de seu texto já que muitos antes dele teriam se dedicado a isso⁴⁴⁸. Valério Flaco, em contraponto, embora tenha elegido o mesmo tema séculos mais tarde e, por conseguinte, com um número maior de antecessores que trataram do episódio, opta pelo detalhamento dessa construção por cerca de vinte e oito versos⁴⁴⁹, abordando não apenas o aspecto manual, mas dando realce às figuras representadas na Argo. O destaque à construção faz sentido já que, ao lado dos caminhos abertos pelos argonautas, a nau é apresentada como um dos principais objetos do canto na abertura do poema⁴⁵⁰. Conforme apontam estudiosos como Barchiese (2001, p. 137-138), Stover (2010) e Tzounakas (2012), o episódio oferece

⁴⁴⁶ Segundo Oliva Neto (1996, p. 28), “A técnica de alusão consistia em reproduzir um trecho, um verso, ou apenas uma imagem de outro poeta, de maneira que o leitor se comprazia em identificar a proveniência, comparar e avaliar. Tudo isso está no termo grego *paígnion* e no verbo latino correspondente *ludere* (donde ‘aludir’, cognato de *lusus*, ‘jogo’), que enfeixa as noções de compor/cantar os poemas, de com eles jogar/disputar e de brincar/representar, [...]”.

⁴⁴⁷ Hershkowitz (1998, p. 38) cita o exemplo de Estácio na *Tebaida*: *uiue, precor; nec tu diuinam Aeneida tempta, / sed longe sequere et uestigia semper adora*, (Stat., *Theb.*, 12, 816-817); “Vive, eu rogo; não atinja a divina *Eneida*, mas segue[-a] à distância e sempre venera [seus] passos,” (Stat., *Theb.*, 12, 816-817. Tradução nossa). Entretanto, a autora propõe que, mais do que esse sentimento autodepreciativo, a passagem demonstra que Estácio, assim como fariam outros poetas do período, se coloca ao lado de uma tradição, não competindo com ela, mas dela fazendo parte (HERSHKOWITZ, 1998, p. 103).

⁴⁴⁸ Cf. páginas 65 e 66.

⁴⁴⁹ Cf. nota 316.

⁴⁵⁰ “*Prima deum magnis canimus freta peruia natis / fatidicamque ratem, Scythici quae Phasidis oras / ausa sequi [...]*” (V. Fl., 1, 1-3); “Primo mar canto aberto por divinos filhos / E a nau profética que ousou buscar na Cítia / O Fase [...]” (V. Fl., 1, 1-3, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

interpretações no plano da narrativa, mas também interessantes abordagens metatextuais, que abrangem aspectos relacionados à construção da narrativa em si, incluindo questões intertextuais. Ao realizar esse ato de descrição, em que a construção da nau e o fazer poético se comparam (ZISSOS, 2010, p. 66), Flaco teria assumido, segundo Barchiese (2001, p. 137), o papel de um narrador que tem consciência de que foi superado, mas, ao mesmo tempo, complementa seu modelo mais óbvio, o de Apolônio, saindo de sua sombra.

Stover (2010) dedica-se a esse tipo de análise da passagem, seguindo a proposta de que a nau representaria o próprio poema, de modo que a construção da Argo seria análoga à da epopeia. Sob este prisma, o douto machado⁴⁵¹ utilizado por Argos para derrubar a floresta para obter matéria-prima para a construção representaria o poeta, também douto, que necessita conhecer os autores anteriores para recolher material para a elaboração de seu texto (STOVER, 2010, p. 642-643)⁴⁵². Heerink (2014, p. 84) complementa esta ideia indicando o emprego do verbo *resonare*, o qual criaria um efeito de sentido em que o poeta retorna a outros como modelos, de modo que faz com que esses modelos ressoem em seu poema. Stover (2010, p. 643) destaca ainda a utilização de *gracili* para caracterizar a serra⁴⁵³ e *tenues* para as ceras⁴⁵⁴, considerando *gracilis* e *tenuis* como uma equivalência aos adjetivos gregos *λεπτός* (*leptós*)⁴⁵⁵ e *λεπταλέος* (*leptaléos*)⁴⁵⁶, que estariam ligados à poesia de Calímaco⁴⁵⁷ (STOVER, 2010, p. 643). Para o estudioso, a utilização desses termos em tal contexto

⁴⁵¹ [...] *et docta resonare bipenni / litora*; [...] (V. Fl., 1, 122. Grifo nosso); “E a praia a ressoar com o **machado docto**” (V. Fl., 1, 122, trad. nossa. Grifo nosso)

⁴⁵² Ressalta-se que Stover (2010, p. 642) utiliza Masters para validar sua análise. A proposição de Masters (1992, p. 27), entretanto, parte da utilização metafórica do termo *silua* em Lucano – *Siluaque Dodones, et fluctibus aptior alnus*, (Luc., 3, 440. Grifo nosso); “As **selvas** de Dodona, e, afeito a ondas, o álamo,” (Luc., 3, 440, trad. B. V. G. Vieira. Grifo nosso) – com sentido de “material”, o que resultaria em que a derrubada da floresta tivesse a ideia de busca por material poético. O termo é ausente na passagem de Valério Flaco, de modo que o processo ocorre por meio de outros vocábulos.

⁴⁵³ [...] *iam pinus gracili dissoluere lamna / Thespiaden* [...] (V. Fl., 1, 123-124. Grifo nosso); “já [vê] o Tespiade a dividir os pinhos com **lâmina grácil**” (V. Fl., 1, 123-124, trad. nossa. Grifo nosso).

⁴⁵⁴ [...] *et ut tenues subiere latentia cerae / lumina*, [...] (V. Fl., 1, 128-129. Grifo nosso); “E **fina cera** completou ocultas frestas,” (V. Fl., 1, 128, trad. M. M. Gouvêa Júnior. Grifo nosso).

⁴⁵⁵ Segundo Pereira (1984, p. 344): “*λεπτός*, ἡ, ὄν, ad. (*λέπω*) espojado da própria pele; delgado; fino; delicado; débil; subtil; leve; pequeno.”

⁴⁵⁶ Segundo Pereira (1984, p. 344): “*λεπταλέος*, α, ον, ad. (*λέπω*) débil; agudo (de voz).”

⁴⁵⁷ Cf. Gutzwiller (2007, p. 33): “*While ischnos, ‘slender,’ became the most common technical term for the plain prose style, also associated with Attic clarity, Callimachus and other early Hellenistic poets chose another adjective, leptos, to convey the essential qualities of their poetry. This term, used in the Frogs with reference to Euripides, meant, etymologically, ‘peeled,’ ‘stripped off,’ and then ‘delicate’ and ‘thin,’ and in the anecdotal tradition Philotas’ excessive thinness is called leptotēs (Aelian, Varia Historia 10.6). In Callimachus the meaning of the term is closer to ‘refined,’ in the sense of minutely sifted, so that what remains is accurate, delicate, and choice.*” e “*The adjectives leptos and leptologos that Hellenistic writers used to characterize Aratus’ refinement as a poet may refer to his exact expression of precise details as a way of creating vividness or accuracy, and it seems that this focus on the small and particular within the representation of something more universal was an essential part of the Callimachean concept of leptotēs.*” (GUTZWILLER, 2007, p. 99).

apontaria para uma filiação de Valério Flaco à determinada perspectiva poética, já que são vocábulos – principalmente *doctus*⁴⁵⁸ – que se tornaram uma espécie de rótulo para poemas cultos de gosto alexandrino.

Vale ressaltar que, no caso de *gracilis*, para fundamentar sua proposta, Stover (2010, p. 643) exemplifica com a utilização do termo por Propércio. O emprego de *gracilis* por este poeta refere-se à Musa, por ele, cultivada, e, por consequência, ao assunto tratado no gênero a que se dedica⁴⁵⁹. Embora Valério Flaco, por outro lado, eleja um gênero elevado, caracteristicamente bélico, trata de episódios amorosos relevantes no plano da narrativa, e, mesmo que não seja apenas nesses momentos em que se utiliza da referência a outros autores, é possível que o termo aluda ao fato de que há situações em que, dada essa grande importância que o amor de Medeia tem para o sucesso de Jasão, a epopeia se aproxima da elegia, associação que era comum na épica produzida neste período (TZOUNAKAS, 2012, p. 161 e 168). O destaque da ligação amorosa pode ser observado já que, ao contrário do que ocorre em Apolônio em que o amor é uma forma de oferecer meios a alguém que não os tem, em Valério Flaco, o amor facilitaria que o herói demonstrasse suas características mais épicas (TZOUNAKAS, 2012, p. 162-163). Conforme afirma Tzounakas (2012, p. 162), por exemplo, a ἀριστεία (*aristeía*) do herói, tão relevante em contexto épico, ocorre com a função de impressionar Medeia⁴⁶⁰, ainda que não aconteça de modo consciente por parte de Jasão.

Complementando essa leitura em que nau e poema são comparáveis, Krasne (2014, p. 34) salienta o papel de Argos, o construtor, dentro da embarcação, já que é o responsável por mantê-la inteira diante das dificuldades marítimas⁴⁶¹. Mesmo assim, a destruição da nau –

⁴⁵⁸ Cf. aponta Stover (2010, p. 642-643), o termo é utilizado, por exemplo, por Catulo em *iam tum cum ausus es unus Italorum / omne aeuum tribus explicare cartis, / doctis, Iuppiter, et laboriosis!* (1, 5-7. Grifo nosso), “já desde o tempo em que ousaste, primeiro / na Itália inteira, explicar toda a História / em três volumes mui sábios – por Júpiter! – / muito difíceis. [...]” (1,5-8, trad. J. A. Oliva Neto. Grifo nosso) e *Ignosco tibi, Sapphica puella / musa doctior;* [...] (35, 16-17. Grifo nosso), “Te perdoô, menina **mais versada** / do que a Musa de Safo: [...] (35, 16-17, trad. J. A. Oliva Neto. Grifo nosso); Tibulo em *sic cecinit pro te doctus, Minoi, Catullus / ingrati referens impia facta uiri.* (3, 6, 41-42. Grifo nosso), “Assim, o **douto** Catulo cantou por ti, filha de Minos, referindo-se aos atos ímpios de um homem ingrato” (Tradução nossa. Grifo nosso); Ovídio em *Obuius huic uenias hedera iuuenalia cinctus / Tempora cum Caluo, docte Catulle, tuo;* (*Am.*, 3, 9, 61-92. Grifo nosso), “Virás, **douto** Catulo, a teu encontro, com a jovem cabeça cercada por hera, junto a Calvo,” (Tradução nossa. Grifo nosso); e Marcial *Verona docti syllabas amat uatis,* (1, 61, 1. Grifo nosso), “Verona ama as sílabas do **douto** vate,” (Tradução nossa. Grifo nosso).

⁴⁵⁹ *non tot Achaemeniis armantur Itura sagittis / spicula quot nostro pectore fixit Amor. / Hic me tam gracilis uetuit contemnere Musas,* (*Prop.*, 2, 13, 1-3. Grifo nosso); “A Itura não tem tantas setas Aquemênias / quanto os dardos que em mim cravou Amor. / Ele vetou-me desprezar tão **magras** Musas” (*Prop.*, 2, 13, 1-3, trad. G. G. Flores. Grifo nosso).

⁴⁶⁰ Cf. páginas 127 e 128.

⁴⁶¹ *Arge, tuae tibi cura ratis, te moenia doctum / Thespia Palladio dant munere; sors tibi, nequa / parte trahat tacitum puppis mare fissaque fluctu / uel pice uel molli conducere uulnera cera.* (*V. Fl.*, 1, 477-480); “Argo, cuida da nau! As muralhas da Téspia / Mandam-te, experto – dom de Palas. Cabe a ti / Que, em parte alguma, o

pelo menos de algumas de suas partes – é inevitável ao longo da narrativa. Dentre os exemplos de desmantelamento apresentados pela estudiosa, destaca-se a passagem da nau pelas rochas Ciâneas. Nesse episódio⁴⁶², a nau Argo perde uma de suas porções, enquanto o restante é preservado, seguro pela promessa da imortalização nos céus: “Pedras, porém, na extrema popa, inda estalaram / E parte (nefas) se prendeu; deveu-se o resto / Ao céu. [...]”⁴⁶³ (V. Fl., 4, 691-693, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Segundo Krasne (2014, p. 36-37), a referência feita por Valério Flaco a respeito do fato de que a parte não atingida pelas rochas seria consagrada aos céus faz com que o poeta se afaste da tradição que ocorre a partir de Arato⁴⁶⁴, segundo a qual é a porção perdida na passagem que se torna uma constelação. Flaco

barco traga oculta água / E unir com cera ou pez a greta aberta às ondas.” (V. Fl., 1, 477-480, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁶² Além disso, vale ressaltar que Valério Flaco não utiliza a versão em que é necessário que uma pomba passe por entre as rochas, conforme conselho de Fineu, para sinalizar aos heróis que a travessia é possível, como aparece, por exemplo, em Apolodoro: *εἶπεν οὖν αὐτοῖς ἀφεῖναι πελειάδα διὰ τῶν πετρῶν, καὶ ταύτην ἐὰν μὲν ἴδωσι σωθεῖσαν, διαπλεῖν καταφρονοῦντας, ἐὰν δὲ ἀπολομένην, μὴ πλεῖν βιάζεσθαι. ταῦτα ἀκούσαντες ἀνήγοντο, καὶ ὡς πλησίον ἦσαν τῶν πετρῶν, ἀφιᾶσιν ἐκ τῆς πρῶρας πελειάδα: τῆς δὲ ἵπταμένης τὰ ἄκρα τῆς οὐρᾶς ἢ σύμπτωσις τῶν πετρῶν ἀπεθέρισεν.* (Apollod., *Bibl.*, 1, 23), “Após ter ouvido esses conselhos [de Fineu], ganharam o alto mar e quando estavam perto das rochas, soltaram uma pomba da proa. Enquanto ela voava, o embate das rochas cortou-lhe a extremidade da cauda.” (Apollod., *Bibl.*, 1, 23, trad. L. A. M. Cabral); em Apolônio: *δὴ τότε ἔπειθ’ ὁ μὲν ὦρτο πελειάδα χειρὶ μεμαρπῶς / Εὐφημος πρῶρης ἐπιβήμεναι: οἱ δ’ ὑπ’ ἀνωγῆ / Τίφυος Ἀγνιάδαο θελήμονα ποιήσαντο / εἰρεσίην, ἴν’ ἔπειτα διέκ πέτρας ἐλάσειαν, / κάρτεϊ ᾧ πίσυνοι. τὰς δ’ αὐτίκα λοίσθιον ἄλλων / οἰγομένας ἀγκῶνα περιγνάμψαντες ἴδοντο. / σὺν δὲ σφιν χύτο θυμός: ὁ δ’ αἶξαι πτερύγεσσι / Εὐφημος προέηκε πελειάδα: τοῖ δ’ ἅμα πάντες / ἦειραν κεφαλᾶς ἐσορώμενοι: ἡ δὲ δι’ αὐτῶν / ἔπττο: ταὶ δ’ ἄμυδις πάλιν ἀντίαι ἀλλήλησιν / ἄμφω ὁμοῦ ξυνοιῦσαι ἐπέκτυπον. ὦρτο δὲ πολλή / ἄλμη ἀναβρασθεῖσα, νέφος ὥς: αὔε δὲ πόντος / σμερδαλέον: πάντη δὲ περὶ μέγας ἔβρεμεν αἰθῆρ. / κοῖλαι δὲ σπήλυγγες ὑπὸ σπιλάδας τρηχέας / κλυζούσης ἄλος ἔνδον ἐβόμβεον: ὑπόθι δ’ ὄχθης / λευκὴ καχλάζοντος ἀνέπτυε κύματος ἄχνη. / νῆα δ’ ἔπειτα πέριξ εἶλε ῥόος. ἄκρα δ’ ἔκοψαν / οὐραῖα πτερὰ ταίγε πελειάδος* (A. R., 2, 556-572), “[...] Euphemo / A Pomba solta porque livre võe, / A cabeça erguem todos, porque observem / Do seu caminho a sorte; vña a Ave / Por entre as fataes rochas, que de novo / Uma com outra vindo dar de encontro, / Com medonho fragor, alevantaram / Immensa mole de ferventes vagas / Que uma Nuvem parece! horrendo zða / O Ponto, os longos ares remugirá, / Das saxeax grutas no occo o mar estuante / Susurra, salta as praias alva espuma / Das gargalhantes ondas; envolvida / N’um remoinho, gira a Nao, e a Pomba / Da cauda as pontas os rochedos cortam, / Mas ella a salvo escapa; [...]” (A. R., 2, 556-572, trad. J. M. da Costa e Silva); e em Higino: 4. *quibus monstravit quomodo Symplegadas transirent, ut columbam mitterent; quae petrae cum concurrissent, in recessu earum <...> illi retro refugerent. Argonautae beneficio Phinei Symplegadas transierunt.* (Hyg., *Fab.*, 19, 4), “4. A eles, ele mostrou de que modo atravessariam pelas Simplégades, a saber, soltando uma pomba: logo após as rochas se aproximarem, mediante o afastamento delas <...>, eles deveriam recuar. Graças a Fineu, os argonautas atravessaram pelas Simplégades.”; (Hyg., *Fab.*, 19, 4, trad. D. M. Alves). Em Valério Flaco, é Minerva que sinaliza a passagem: [...] *prima coruscanti signum dedit aegide uirgo / fulmineam iaculata facem. uixdum ardua cautes / cesserat, illa uolans tenui per concita saxa / luce fugit; rediere uiris animique manusque, / ut uidere uiam: qsequor, o quicumque deorum’ / Aesonides ‘uel fallis’ ait, praicepsque fragores / per medios ruit et fumo se condidit atro.* (V. Fl., 4, 670-676), “Sinalizou co’o coruscante escudo a virgem / Lançando um lume aceso. Apenas se afastara / A aguda penha, voando, a tocha entre os rochedos / Passou com tènue luz. Voltou o ardor aos homens / Vendo a saída. ‘Seguir-te-ei, qual deus que sejas, / Ainda que enganes’ – diz o Esônide, que aos tombos / Lançou-se e se ocultou na bruma negra. [...]” (V. Fl., 4, 670-676, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁶³ *saxa sed extremis tamen increpuere corymbis, / parsque (nefas) deprensa iugis; nam cetera caelo / debita.* [...] (V. Fl., 4, 691-693).

⁴⁶⁴ Em Arato, há ἡ δὲ Κυνὸς μεγάλοιο κατ’ οὐρῆν ἔλκεται Ἀργῶ / πρυμνόθεν· οὐ γὰρ τῆ γε κατὰ χρέος εἰσι κέλευθοι, / ἀλλ’ ὅπιθεν φέρεται τετραμμένη, οἶα καὶ αὐταὶ / νῆες, ὅτ’ ἤδη ναῦται ἐπιστρέψωσι κορώνην / ὄρμον ἐσερχόμενοι: τὴν δ’ αὐτίκα πᾶς ἀνακόπτει / νῆα, παλιρροθὴ δὲ καθάπτεται ἠεῖροιο· / ὡς ἡ γε πρύμνηθεν Ἰησονὶς ἔλκεται Ἀργῶ. / καὶ τὰ μὲν ἠερίη καὶ ἀνάστερος ἄχρι παρ’ αὐτὸν / ἰστόν ἀπὸ πρῶρης

faria uma alusão a Arato ao utilizar *extremis corymbis* equivalente à expressão ἄκρα κόρυμβα (*ákra kórymba*)⁴⁶⁵ que fora empregada pelo autor grego, demonstrando-se conhecedor de seu texto e de sua tradição, o que poderia ser encontrado por um leitor atento e conhecedor de Arato (KRASNE, 2014, p. 38), mas se afasta dessa versão. Desse modo, Valério Flaco indicaria que não só algo da nau é deixado para trás, mas, junto a ela, uma variante tradicional a seu respeito, já que não é seguida pelo poeta. Com isso, Valério Flaco afasta-se de um dos modelos elegidos por Varrão Atacino⁴⁶⁶.

Quanto às imagens do costado da nau, segundo Barchiese (2010, p. 137), as representações – o casamento de Peleu e Tétis, o amor de Polifemo por Galateia e a luta entre os Lápidas e os centauros – não só oferecem um modelo a ser seguido por aqueles que embarcam na nau, mas apontam, à audiência, a tradição representada por Catulo, em seu *carmen* 64, e a de Ovídio, em suas *Metamorfoses*, que narram esses episódios.

Com isso, Flaco se colocaria como herdeiro de Catulo – que também teria influenciado Varrão⁴⁶⁷ – e Ovídio (BARCHIESE, 2010, p. 138). Contudo, ainda que Flaco se filie à tradição de Catulo, não segue passo a passo sua versão no que concerne à viagem dos argonautas: embora também apresente seu caráter inaugural, em Catulo, Peleu e Tétis se conhecem na ocasião da partida da nau⁴⁶⁸, enquanto, em Flaco, Aquiles, fruto do relacionamento entre deusa e mortal, já está sendo tutelado por Quíron, aparecendo antes da partida de seu pai, momento em que se dá a oportunidade de revelar algo sobre a educação dos heróis⁴⁶⁹. Mesmo assim, se, em Catulo, o casamento de Peleu e Tétis dá ensejo para que

φέρεται, τὰ δὲ πᾶσα φαεινὴ / καὶ οἱ πηδάλιον κεχαλασμένον ἐστήρικται / ποσσὶν ὑπ' οὐραίοισι Κυνὸς προπάροιθεν ἰόντος. (Arat., *Phaen.*, 342-352 *apud* KRASNE, 2014, p. 37); “Cerca de la cola del Can Mayor se desliza, del lado de la popa; pues no Argo realiza su marcha según lo acostumbrado, sino que se desliza en sentido inverso, como las naves auténticas cuando los marinos vuelven en dirección contraria la popa al entrar en puerto; cada uno hace virar en seguida la nave, y agitada por el flujo y reflujo toca tierra firme; de este modo, en el sentido de la popa, se desliza la Argo de Jasón. Es oscura y sin estrellas desde la proa hasta el mismo mástil, pero en el resto es totalmente brillante. Y su timón, suelto, está apoyado bajo las patas posteriores del Can, que va delante.” (Arat., *Phaen.*, 342-352, trad. E. Calderán Dorda). Germânico acrescenta que o motivo para sua colocação nos céus é o episódio da passagem pelas rochas (KRASNE, 2014, p. 37): *sed quae pars uiolata fuit, coeuntia saxa / numine Iunonis tutus cum fugit Iason, / haec micat in caelo.* (Germ., *Arat.*, 350-352, *apud* KRASNE, 2014, p. 37); “mas a parte que foi danificada quando, salvo pela divindade de Juno, Jasão fugiu das rochas moventes, esta cintila no céu” (Germ., *Arat.*, 350-352. Tradução nossa).

⁴⁶⁵ [...] οὐδέ τι Περσεύς / οὐδέ τι ἄκρα κόρυμβα μένει πολυτείρεος Ἀργοῦς; (Arat., *Phaen.*, 685-686. Grifo nosso); “[...] Já nem Perseu, / nem os altos da Argo multiestrelada se demoram;” (Arat., *Phaen.*, 685-686, trad. E. F. Laschuk).

⁴⁶⁶ Cf. páginas 86 e 98.

⁴⁶⁷ Cf. página 96.

⁴⁶⁸ Cf. página 22.

⁴⁶⁹ *Iamque aderat summo decurrens uertice Chiron / clamantemque patri procul ostendebat Achillen. / ut puer ad notas erectum Pelea uoces / uidit et ingenti tendentem bracchia passu, / adsiluit caraque diu ceruice pendit. / ilium nec ualido spumantia pocula Baccho / sollicitant ueteri nec conspicienda metallo / signa tenent; stupet in ducibus magnumque sonantes / haurit et Herculeo fert comminus ora leoni. / laetus at impliciti Peleus*

seja narrada outra história – o abandono de Ariadne – dentro desse contexto maior, em Flaco, a viagem dos argonautas faculta que o mesmo casamento seja narrado de modo breve e de maneira semelhante ao que o episódio relacionado ao mito de Teseu fora abordado por Catulo. Nos dois casos, a história intercalada envolve uma mulher infeliz com um relacionamento.

Efetivamente, é interessante considerar que todos os modelos oferecidos aos heróis nessas imagens representam histórias em que o amor desempenha alguma função que deixa, pelo menos, uma das partes envolvida descontente, um possível sinal do que ocorrerá, além dos limites da narrativa, com Medeia e Jasão.

Ademais, Éson aparece exercendo função heroica com a espada em riste, batalhando contra os centauros. Segundo Hershkowitz (1998, p. 128-130), esta é a primeira referência que o poeta faz ao fato de que o pai de Jasão tem uma representação diferente daquela que ocorre em Apolônio, em que Éson aparece apenas como um idoso debilitado: “O Pai oprimido de exicial velhice, / Na roupa envolto sobre o leito geme.”⁴⁷⁰ (A. R., 1, 263-264, trad. J. M. da Costa e Silva), o que também ocorre em Ovídio, em que Éson é incapaz de comparecer aos rituais de oferendas aos deuses pelo retorno dos heróis. Perceba-se que os pais em geral são adjetivados como idosos, mas Éson já se encontra decrepito:

Na Hemónia, as mães e os pais idosos levam aos deuses / oferendas pelo regresso dos filhos: incenso, aos montões, / derrete-se sobre as chamas, tombam as vítimas prometidas, / de cornos recobertos de ouro. / Mas na multidão que o felicita / falta Éson, esgotado pela propecta idade, já à beira da morte.⁴⁷¹ (Ov., *Met.*, 7, 159-163, trad. P. Farnhouse Alberto).

rapit oscula nati / suspiciensque polum 'placido si currere fluctu / Pelea uultis' ait 'uentosque optare ferentes, / hoc, superi, seruate caput. tu cetera, Chiron, / da mihi. te paruus lituos et bella loquentem / miretur; sub te puerilia tela magistro / senator ferat et nostram festinet ad hastam.' (V. Fl., 1, 255-270); “Chegava Quíron, a correr desde o alto cume; / Mostrava Aquiles, que chamava o pai ao longe. / Quando o menino viu Peleu com um grande passo / À conhecida voz os braços estendendo, / Saltou e, longamente, abraçou-lhe a cerviz. / Não lhe atraí nem a taça espumante de forte / Baco, nem marcas admiráveis no metal / Antigo: encanta-se entre os homens, ouve-os muito / Jactantes; do leão hercúleo a pele arrasta. / Então, feliz, o filho ao colo Peleu beija / E diz, olhando o céu: ‘Se em brando mar quiserdes / Que Peleu singre e escolha os ventos favoráveis, / Deuses, cuidai deste menino! E Quíron, tu, / Dá-me mais. Pasma-o, guerra e trompas lhe contando; / Que ao teu ensino, leve armas pueris / Qual caçador e, às nossas lanças, se apressure!’” (V. Fl., 1, 255-270, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Perceba-se que faz parte da educação ouvir os feitos bélicos.

⁴⁷⁰ [...] σύν δέ σφι πατήρ ὀλοῶν ὑπὸ γήραι / ἐντυπᾶς ἐν λεχέεσσι καλυψάμενος γοάσκειν. (A. R., 1, 263-264).

⁴⁷¹ *Haemoniae matres pro gnatis dona receptis / grandaevique ferunt patres congestaque flamma / tura liquefaciunt, inductaque cornibus aurum / uictima uota cadit. Sed abest gratantibus Aeson, / iam propior leto fessusque senilibus annis* (Ov., *Met.*, 7, 159-163).

Com a nova configuração do pai de Jasão oferecida por Valério Flaco, Éson torna-se um *exemplum* ao herói que precisa partir (HERSHKOWITZ, 1998, p. 130), modelo a que o Jasão de Apolônio e o de Ovídio não têm acesso no momento equivalente. Além disso, o modelo é acentuado quando se considera o episódio do estoico suicídio dos pais de Jasão, uma vez que, frente à ameaça oferecida por Pélias, uma das opções que Éson considera é o de se armar⁴⁷². Todavia, considerando sua idade avançada, o pai de Jasão opta pelo suicídio, não reproduzindo a imagem patética que Príamo representa na *Eneida*⁴⁷³ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 128-129). Desse modo, Jasão não só tem um *exemplum* antes de partir, como, ao ter pais que preferem a morte a se entregar ao inimigo, é enaltecido por sua origem. Ao escolher essa versão, Flaco nega a tradição do episódio abordada por Apolônio e Ovídio, acentuando as qualidades de Jasão, o que geraria um impacto posteriormente quando os heróis retornassem a Iolco, ponto do mito sobre o qual Flaco não versa.

Já se indicaram, em seção anterior⁴⁷⁴, diversos episódios durante a narrativa em que Flaco descortina o futuro dos heróis, principalmente Jasão, e da feiticeira; pontos que não têm impacto direto na trajetória dos personagens ao longo do texto, mas que seriam de conhecimento do leitor. Embora Valério Flaco construa Jasão de modo mais positivo para modelos épicos em relação a Apolônio, o autor não perde de vista a tradição que o herói tem de ser inconstante e não deixa de apontar para seu futuro, demonstrando a quebra do juramento feito a Medeia. Albrecht (1999, p. 11-12) considera que esse tipo de construção em que se indica um futuro não abrangido pela narrativa seria uma espécie de anúncio, nesse caso, indireto⁴⁷⁵, que permitiria ao leitor um melhor entendimento, a partir do que é narrado, do destino dos personagens em um contexto maior, que vai além dos limites de uma obra⁴⁷⁶.

⁴⁷² [...] *quam multa leo cunctatus in arta / mole uirum rictuque genas et lumina pressit, / sic curae subiere ducem, ferrumne capessat / imbelle atque aeui senior gestamina primi / an patres regnique acuat mutabile uulgus.* (V. Fl., 1, 757-761); “[...] Qual leão que hesita em meio / À multidão e, em ricto, franze olhos e fauces, / Éson assim se inquieta: ou toma a imbele arma, / Velho demais, e os apetrechos juvenis, / Ou o inconstante vulgo move e os pais do reino?” (V. Fl., 1, 757-761, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁷³ *Ipsam autem sumptis Priamum iuuenalibus armis / ut uidit, “Quae mens tam dira, miserrime coniunx, / impulit his cingi telis? Aut quo ruis?” inquit; / “Non tali auxilio nec defensoribus istis / tempus eget, non, si ipse meus nunc adforet Hector. / Huc tandem concede; haec ara tuebitur omnis, / aut moriere simul.”* [...] (Verg., A., 2, 518-524); “Quando ela [Hécuba] via a Príamo vestido / Co’as armas de seu tempo: Que loucura / Tão fatal te impeliu, mísero esposo, / Estas armas tomar? e onde corres? / Não é um tal socorro, não são estes / Os defensores qu’ora pede o tempo; / Nem inda o meu Heitor, se vivo fosse. / Vem ao pé de mim: esta ara a todos / Nos salvará, ou morrerás conosco.” (Verg., A., 2, 518-524, trad. J. V. Barreto Feio).

⁴⁷⁴ Em 2.3, páginas 58-64.

⁴⁷⁵ Traduz-se por “anúncio indireto” o que o autor chama de “*indirect foreshadowing*”.

⁴⁷⁶ Pode-se questionar em que medida seriam intencionalmente anúncios indiretos, dada a incompletude da obra. Entretanto, de modo inverso, também se pode considerar como essa estrutura, tendo em mente a totalidade do que se tem da obra atualmente, o que é a opção deste trabalho. Pela indicação do próêmio, Valério Flaco extenderia sua obra até o catasterismo da nau, contudo, é temeroso afirmar como a obra se desenvolveria até este

Existem diferentes versões para a trajetória de Jasão, ao mesmo tempo em que há aspectos dos quais o autor não conseguiria se desvencilhar. Por mais que, ao final do texto, Jasão resista a faltar com a palavra em relação a Medeia, como condiz com sua construção ao longo da narrativa, precisa fazê-lo pelo bem de seus companheiros, o que também se relaciona com essa construção, e sabe-se que, no futuro, o herói fará o mesmo em Corinto, como o personagem de Sêneca o faz pelo bem de seus descendentes.

É interessante considerar que, em sua tradição, Jasão não foge de sua reputação de inconstante. Outros heróis que abandonam suas consortes após algum tipo de auxílio por elas prestado podem ter justificativas, em algumas versões de suas histórias, por exemplo, devido à intervenção direta dos deuses. É o que ocorre com Teseu que é ordenado ou manipulado a abandonar Ariadne por Dionísio que deseja se unir à princesa, e por isso o herói parte da ilha de Dia sem a consorte, às vezes, lamentando a necessidade de partida⁴⁷⁷ (FERREIRA LIMA, 2007, p. 81). Na *Eneida*, algo parecido acontece com Eneias que também é premido pelos deuses para que continue sua viagem e abandone Dido, ainda que não o deseje, conforme aparece em seus discursos no momento em que a deixa⁴⁷⁸ e no Hades, em que Virgílio retoma aquele da trança de Berenice de Catulo⁴⁷⁹ (ALBRECHT, 1999, p. 18), o que reforçaria essa partida involuntária. Esse processo não ocorre com Jasão cuja condição – seja a de êxule e suas consequências, seja a de grego casado com uma estrangeira – o incomoda, e, por isso, se

ponto em termos de quais episódios abordaria, sendo possível considerar ainda que o poeta poderia alongar sua obra para além da chegada dos argonautas a Iolco (HERSHKOWITZ, 1998, p. 32-33).

⁴⁷⁷ Ferreira Lima (2007, p. 83) aponta, por exemplo, a versão de Diodoro em que há a ordem do deus: *ἐπι δὲ τούτου Θησεὺς ἐκ Κρήτης ἀναπλέων μετὰ τῆς Ἀριάδνης ἐπεξενώθη τοῖς ἐν τῇ νήσῳ: καὶ κατὰ τὸν ὕπνον ἰδὼν τὸν Διόνυσον ἀπειλοῦντα αὐτῶ, εἰ μὴ ἀπολείπει τὴν Ἀριάδνην αὐτῶ, φοβηθεὶς κατέλιπε καὶ ἐξέπλευσε. Διόνυσος δὲ νυκτὸς ἀπήγαγε τὴν Ἀριάδνην εἰς τὸ ὄρος τὸ καλούμενον Δρίος: καὶ ἐν ἀρχῇ μὲν ἠφανίσθη ὁ θεός, μετὰ δὲ ταῦτα καὶ ἡ Ἀριάδνη ἄφαντος ἐγενήθη.* (D. S., 5, 51, 4); “*Durante su reinado, Teseo, que habia zarpado de Creta con Ariadna, fue acogido como huesped por los habitantes de la isla; y tras ver en sueños a Dioniso que lo amenazaba si no le dejaba a Ariadna, atemorizado, abandono allí a Ariadna y se hizo a la mar. Dioniso de noche transporto a Ariadna al monte llamado Drio, donde primero se hizo invisible el dios y despues tambien desaparecio Ariadna*” (D. S., 5, 51, 4, trad. J. J. Torres Esbarranch); e o lamento de Teseu: *τοὺς δὲ περὶ τὸν Θησεά φασὶ διὰ τὴν ἀρπαγὴν τῆς κόρης δυσφοροῦντας ἰσχυρῶς, καὶ διὰ τὴν λύπην ἐπιλαθομένους τῆς Αἰγέως παραγγελίας, τοῖς μέλασιν ἰστίοις καταπλεῖν εἰς τὴν Ἀττικὴν.* (D. S., 4, 61, 6); “*Teseo, dicen, y los que le acompañaban, profundamente afectados por el rapto de la muchacha, olvidaron debido a su dolor la promesa hecha a Egeo e hicieron rumbo a la costa del Ática con las velas negras.*” (D. S., 4, 61, 6, trad. J. J. Torres Esbarranch).

⁴⁷⁸ *At pius Aeneas, quamquam lenire dolentem / solando cupit et dictis auertere curas / multa gemens magnoque animum labefactus amore, / iussa tamen diuom exsequitur, classemque reuisit.* (Verg., A., 4, 393-396); “Posto que sua dor bem desejara / Mitigar, consolando-a, o pio Enéias / E acalmar com razões os seus tormentos, / Mil profundos gemidos arrancando, / Co’o ânimo de amor quase vencido, / As soberanas ordens todavia / Dos deuses cumpre e se recolhe à armada.” (Verg., A., 4, 393-396, trad. J. V. Barreto Feio)

⁴⁷⁹ De acordo com Albrecht (1999, p. 18), os trechos são, na *Eneida*, *inuitus, regina, tuo de litore cessi* (Verg., A., 6, 460); [...] que forçado / Eu deixei, ó rainha, as tuas praias” (Verg., A., 6, 460, trad. J. V. Barreto Feio); e, no *carmen* 66, *inuita, o regina, tuo de uertice cessi* (Catul., 66, 39); “Não por querer deixei, rainha, tua frente”. (Catul., 66, 39, trad. J. A. Oliva Neto).

vê feliz em renegar Medeia para alterar seu status, casando-se com a princesa de Corinto. Não sem motivo o herói torna-se um referente de companheiro infiel⁴⁸⁰.

Conforme propõe Horácio, ao se escolher abordar matéria conhecida, é necessário que se siga a tradição a respeito das características centrais dos personagens⁴⁸¹. Por mais que altere a construção do herói em relação ao modelo épico de Apolônio, Flaco não pode ignorar sua inconstância e constrói pistas a esse respeito que fazem sentido no contexto do mito, já inserindo a primeira antes da metade do primeiro canto⁴⁸², com a previsão de Mopso. Para os heróis, a profecia é aterradora, mas enigmática. O leitor, contudo, sabe a que Mopso se refere quando fala sobre o tálamo em chamas e alguém cortando os ares, mesmo que, nesse momento, não se aponte qualquer culpa de Jasão. Assim, o leitor não perde de vista que independentemente das ações de Jasão ao longo da narrativa, seu futuro, conforme a tradição, é inexorável.

No início do canto IV, após Hércules ser deixado para trás, Valério Flaco indica, por meio da fala de Zeus, alguns aspectos do futuro de Jasão:

[...] Ansiosa, Juno, favoreces / O capitão e lhe concedes armas e homens. / Pela guerra atordoada e pela força cítia / Apavorada, já te vejo, em medo, trêmula! / Com preces, choro ou suplicante gesto vedo-te / A mim rogar. Os meus desígnios são perenes. / Fúrias e Vênus vá e chama. A ímpia virgem / Trará castigos e os ais de Eetes vingarei.”⁴⁸³ (V. Fl., 4, 7-14, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁸⁰ Como ocorre em alguns poemas de Propércio: *Colchida sic hospes quondam decepit Iason: / eiecta est (tenuit namque Creusa) domo.* (Prop., 2, 21, 11-12), “Assim o hóspede Jasão burlou a Cólquide / e ela perdeu seu lar para Creúsa.” (Prop., 2, 21, 11-12, trad. G. G. Flores); *iam tibi Iasonia nota est Medea carina / et modo seruato sola relicta uiro.* (Prop., 2, 24, 45-46, trad. G. G. Flores), “De Medeia já sabes que seguiu Jasão / e abandonada foi após salvá-lo.” (Prop., 2, 24, 45-46, trad. G. G. Flores); e Ovídio: *Colchida respersam puerorum sanguine culpant / [...] / Utraque saeua parens, sed tristibus utraque causis / Iactura socii sanguinis ulta uirum. / Dicite, [...] quis uos inritet Iason* (Ov., *Am.*, 2, 14, 29-33), “Medeia, essa feroz, que os filhos extermina, / [...] / Mas ambas essas mães, horror da natureza, / Podiam motivar sua brutal fereza: / Banhavam, para exemplo a esposo infieis, / No sangue da sua prole as suas mãos cruéis... / Mas em vós, que Jasão? [...]” (Ov., *Am.*, 2, 14, 29-33, trad. A. Feliciano de Castilho); [...] *et quod male gratus Iason* (Ov., *Am.*, 2, 18, 23), “[...] súplicas / Ao pérfido Jasão;” (Ov., *Am.*, 2, 18, trad. A. Feliciano de Castilho); *Phasida iam matrem fallax dimisit Iason: / Venit in Aesonios altera nupta sinus.* (Ov., *Ars am.*, 3, 3, 33-34), “De Medeia já mãe Jasão se arranca aos braços, / e de novo himeneu pérfido estreita laços.” (Ov., *Ars am.*, 3, 3, 33-34, trad. A. Feliciano de Castilho).

⁴⁸¹ *aut famam sequere aut sibi conuenientia finge / scriptor. honoratum si forte reponis Achillem, / inpiger, iracundus, inexorabilis, acer / iura neget sibi nata, nihil non adroget armis. / sit Medea ferox inuictaque, flebilis Ino, / perfidus Ixion, Io uaga, tristis Orestes.* (Hor., *Ars*, 119-124); “Como escritor, ou segue a tradição ou inventa o que é coerente consigo. 120 Se, por acaso, tornas a levar à cena o reverenciado Aquiles, seja ele infatigável, iracundo, inexorável, impetuoso que diga que as leis não foram feitas para ele, que tudo atribua às armas; que Medeia seja feroz e indomável; Ino, chorosa; Íxion, pérfido; Io, errante; Orestes, sombrio.” (Hor., *Ars*, 119-124, trad. D. Tringali).

⁴⁸² Cf. páginas 62 e 63.

⁴⁸³ [...] *sic Iuno ducem fouet anxia curis / Aesonium, sic arma uiro sociosque ministrat. / iam quibus incertam bellis Scythicaeque pauentem / gentis opes, quanta trepidam formidine cernam. / tum precibus, turn me lacrimis*

Assim, o poeta apresenta ao leitor pela segunda vez⁴⁸⁴ a guerra que será deflagrada e que fará com que a intervenção de Vênus seja necessária, ao mesmo tempo em que aponta que os feitos posteriores de Medeia representam, de certa forma, uma represália ao fato de Juno ter praticado ações que culminaram no abandono de Hércules, ou, pelo menos, de que não haverá nada que a deusa possa fazer para alterar o destino trágico de seu protegido. Com isso, se se aceita a possibilidade de que as ações de Juno são responsáveis, em certa medida, pelos sofrimentos posteriores do herói, Valério Flaco cria um encadeamento de fatos que culminariam no futuro desespero de Jasão, se não justificando suas ações, dando mais aspectos que poderiam ser levados em consideração pelo leitor. Desse modo, elementos inseridos em um ponto em que nem a feiticeira nem o herói estão presentes afetam a interpretação dada a respeito do desenrolar de um momento – ou uma faceta – do mito que não seria narrado na epopeia.

Os anúncios indiretos relativos ao futuro de Jasão tornam-se mais frequentes com sua chegada à Cólquida. Quando Flaco coloca, nos portões do templo de Apolo, a representação da história dos colcos⁴⁸⁵, insere algo que é inteligível para os personagens, tanto colcos quanto gregos, mas que seu leitor compreenderia como o futuro de Jasão e Medeia. Perceba-se que haveria a possibilidade de Vulcano imprimir episódios posteriores, de modo que Flaco poderia apontar para algum momento histórico mais próximo de modo direto, como faz Virgílio com o escudo de Eneias⁴⁸⁶, mas o poeta escolhe parar no instante em que a feiticeira corta os ares com o carro puxado pelas serpentes, ponto em que, na maior parte das versões aqui apresentadas, as histórias de Jasão e de Medeia se dividem. Essa é única alusão feita ao futuro em que Jasão aparece com algum aspecto positivo, já que é chamado de “genro alegre” em suas novas bodas.

Por outro lado, deixa-se claro que Jasão abandona (*deserit*) a primeira esposa, ao que as Fúrias testemunham. É justificável que as Fúrias estejam presentes já que há a quebra de

et supplice dextra / adtemptare ueto; rerum mihi firma potestas. / i, Furias Veneremque moue; dabit impia poenas / uirgo, nec Aeetae gemitus patiemur inultos. (V. Fl., 4, 7-14).

⁴⁸⁴ Cf. nota 505, Juno já fizera menção à guerra anteriormente. Posteriormente, Fineu também fará nova referência a ela: *castra ibi iam Scythiae fraternaue surgit Erinys. / ipse truces illic Colchos hostemque iuuabis / auxiliis.* [...] (V. Fl., 4, 617-619); “Fraterna Erinia e quartel cítico ali já surgem: / Ajudarás ferozes colcos e o inimigo.” (V. Fl., 4, 617-618, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁸⁵ Cf. página 60.

⁴⁸⁶ É provável que Flaco não o tenha feito, pois, como aponta Hershkowitz (1998, p. 127), não há uma ligação direta entre o mito de Jasão e Roma, como ocorre com o de Eneias.

juramento por parte de Jasão. Isso será reforçado pela fala de Hécate⁴⁸⁷ quando vê Medeia sendo guiada por Juno. A deusa isenta a feiticeira de culpa, visto que aponta sua falta de vontade⁴⁸⁸, mas qualifica Jasão de mentiroso (*mendaci uiro*). O juramento feito por Jasão é narrado por Flaco⁴⁸⁹, o que não ocorre nos textos – comumente tragédias – que abordam o episódio final retratado nos portões, sendo apenas lembrado por Medeia. Na epopeia, presentifica-se em discurso direto o próprio herói fazendo o juramento, o que permite ao leitor uma interpretação do destino de Jasão narrado nesses outros textos, principalmente porque, em sua própria promessa construída por Flaco, o herói se autoimpõe os castigos que sofrerá no futuro, o que acaba por justificá-los. Jasão não tem consciência da fatalidade de sua promessa, mas o leitor a tem, assim como é capaz de ligar esta circunstância com as ações de Juno em relação a Hércules.

Além disso, Valério Flaco também trabalha com a alusão a outros poetas em relação àquilo que diz respeito diretamente à viagem dos argonautas. Parte desse processo ocorre por meio do que Zissos (1999, p. 291) chama de alusão negativa⁴⁹⁰, em que o poeta faz alusões a versões da história que não seguirá⁴⁹¹ ou que não narrará de modo explícito. Desse modo, acena essas variantes a seu leitor, demonstrando, doutamente, que as conhece, mas também que não são as de sua escolha para a construção de seu texto. Exemplo disso pode ser apontado acerca da relação entre Medeia, Jasão e a serpente que guarda o velocino (ZISSOS, 1999, p. 290-291). Diante do impasse representado por esta, Medeia oferece a Jasão opções ligadas a diferentes versões do episódio: “Sus! Diz se queres espoliar a vigilante / Que o imigo vê, ou que eu afunde em sono os olhos, / Ou que eu, melhor, te entregue a serpe dominada’.”⁴⁹² (V. Fl., 8, 64-66, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Após fazer a serpente adormecer, a feiticeira ainda se dirigirá à guardiã: “[...] Ao menos, pobre, não te mato.”⁴⁹³ (V. Fl., 8, 99, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Segundo Zissos (1999, p. 290-291), Valério Flaco faz alusão nesses trechos à versão de Píndaro⁴⁹⁴, em que Jasão seria responsável pela morte da serpente; à de Apolônio, em que a guardiã é adormecida⁴⁹⁵; e, por fim, à de Eurípides, em que

⁴⁸⁷ Cf. página 62.

⁴⁸⁸ *haut sponte* (V. Fl., 6, 498).

⁴⁸⁹ Cf. página 134.

⁴⁹⁰ Em inglês, “*negative allusion*”.

⁴⁹¹ Pode-se considerar a alusão a Arato no episódio das rochas Ciâneas (cf. páginas 150-152) como uma alusão negativa.

⁴⁹² *dic age nunc, utrum uigilanti hostemque uidenti / exuias auferre uelis, an lumina somno / mergimus et domitum potius tibi tradimus anguem?* (V. Fl., 8, 64-66).

⁴⁹³ [...] *nec te saltem, miserande, peremi.* (V. Fl., 8, 99).

⁴⁹⁴ Cf. página 35.

⁴⁹⁵ Cf. nota 228.

teria sido morta por Medeia⁴⁹⁶. Dessas, a primeira e a última são alusões negativas, já que o poeta não as segue, optando pela tradição representada em Apolônio, ainda que esta caracterize certa passividade da parte de Jasão que, após ver a serpe adormecida, precisa ser instruído por Medeia sobre como alcançar o velocino⁴⁹⁷, ao contrário, por exemplo, da versão de Píndaro em que participa mais ativamente do processo.

Para Zissos (1999, p. 292), também é possível que esse tipo de alusão cause contradições dentro da narrativa de Flaco, embora aponte que possa ser um processo calculado pelo poeta. Assim, o estudioso apresenta alguns exemplos dos quais se recortam, principalmente, dois: um relativo à posição de Éson e outro quanto à fala de Idas quando Jasão enfrenta as provas propostas por Eetes.

No início da narrativa, Flaco propõe que Pélias é rei por direito da Tessália, entretanto, quando este ordena que Jasão vá à Cólquida, o herói considera a ideia de derrubar o tirano⁴⁹⁸, chamando “[...] os nobres que de Éson se apiedaram,”⁴⁹⁹ (V. Fl., 1, 72, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Segundo Zissos (1999, p. 292), o motivo pelo qual os nobres teriam uma atitude complacente em relação ao pai de Jasão seria o fato de que Éson teria sido deposto do trono, como ocorre na versão apresentada por Píndaro. Gera-se com isso uma contradição interna, já que, na versão que o poeta opta por atualizar, essa ação de Pélias não teria ocorrido, mas se trabalharia com a ideia de que a audiência conheceria a outra variante, de modo que, dentro do contexto maior da tradição mítica, haveria sentido. O leitor seria capaz de entender esse jogo do autor e dele participar por já conhecer outras versões e pela maneira com que o poeta realiza sua seleção: a ideia de que Pélias é rei por direito é mais desenvolvida do que a de que seria um usurpador, que se dá de maneira indireta (ZISSOS, 1999, p. 293).

Quanto a Idas, em Valério Flaco, não há uma discussão dos heróis a respeito de qual decisão tomar frente aos obstáculos encontrados na Cólquida⁵⁰⁰. Entretanto, antes que Jasão

⁴⁹⁶ ΜΗΔΕΙΑ [...] / δράκοντά θ', ὅς πάγχρυσον ἀμπέχων δέρος / σπείραις ἔσφριζε πολυπλόκοις ἄυπνος ὦν, / κτείνας' ἀνέσχον σοὶ φάος σωτήριον. (E., *Med.*, 480-482); “MEDEIA [...] / E a serpente-vigia que abraçava / com a rosca de anéis o velo de ouro / assassinei, e fiz jorrar a luz.” (E., *Med.*, 480-482, trad. T. Vieira).

⁴⁹⁷ *quaerenti tunc deinde uiam, qua se arduus heros / ferret ad aurigerae caput arboris, 'eia, per ipsum / scande age et aduerso gressus' ait 'imprime dorso.' / nec mora fit. dictis fidens Cretheia proles / calcat et aeriam quamuis perfertur ad ornum, / cuius adhuc rutilam seruabant bracchia pellem, / nubibus accensis similem aut cum veste recincta / labitur ardenti Thaumantias obuia Phoebo.* (V. Fl., 8, 109-116); “Buscando, então, caminho em que o árduo herói subisse / Ao topo da árvore dourada: ‘Sobre a serpe’, / Diz, ‘Trepas e o pé calca no dorso!’ Sem demora, / O neto de Creteu, confiado nas palavras, / Firma na casca e encarapita no alto freixo / Cujas ramas se abrigava o velo rútilo / Qual nuvens rubras, ou qual Iris quando vai, / Co’as vestes soltas, encontrar o ardente Febo.” (V. Fl., 8, 109-116, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁴⁹⁸ Cf. página 115.

⁴⁹⁹ [...] *atque olim miserantes Aesona patres / aduocet* [...] (V. Fl., 1, 72-73).

⁵⁰⁰ Cf. páginas 133 e 134.

junja os touros de fogo, diante da dificuldade que a prova apresenta, Flaco insere uma reação de Idas que teria sido contra a ajuda de Medeia⁵⁰¹. Segundo Zissos (1999, p. 295), há a possibilidade de que Flaco tenha construído sua narrativa arbitrariamente com a falta do episódio em que Idas critica o auxílio feminino, porque esse estaria presente em Apolônio⁵⁰², sendo, logo, uma alusão negativa, pois faz referência a um episódio fora dos limites da narrativa, mas, com que o leitor que conheceria o texto de Apolônio faria ligação.

Em Apolônio, embora os outros argonautas não deem atenção para a revolta de Idas, este não se arrepende do que disse quando vê as dificuldades das provas. Em contrapartida, na narrativa de Flaco, o herói se envergonha de sua atitude em relação a Medeia, pois, em vista dos perigos a serem enfrentados por Jasão, percebe a impossibilidade de que algo seja cumprido sem a ajuda feminina (HERSHKOWITZ, 1998, p. 53). Dessa forma, cria-se um atenuante à necessidade de auxílio que Jasão tem, pois mesmo o herói que representa um ideal combativo na narrativa de Apolônio e que busca testar a benfeitoria de Medeia⁵⁰³ (RODRIGUES JÚNIOR, 2010, p. 16) reconhece, sem se colocar em uma posição caricata como em Apolônio, a utilidade e o valor da feiticeira.

Outro exemplo de construção que é possível que o autor tenha utilizado é o anúncio explícito⁵⁰⁴, que consistiria, segundo Albrecht (1999, p. 11), no ato de o poeta dar pistas a respeito do que narrará, de modo a informar ao leitor de eventos futuros, possibilitando uma leitura crítica do desenrolar da narrativa. No canto III, por exemplo, para afastar Minerva de Hércules para que pudesse fazer mal ao herói, Juno a manda à Cólquida para que interferisse no combate entre Eetes e Perses, prometendo a ajuda dos heróis⁵⁰⁵. Desse modo, o poeta

⁵⁰¹ Cf. nota 403.

⁵⁰² Cf. nota 212.

⁵⁰³ τόφρα δὲ Μηδείης ὑποθημοσύνησιν Ἰήσων / φάρμακα μυδήνας ἡμὲν σάκος ἀμπεπάλυνεν / ἠδὲ δόρυ βριαρόν, περὶ δὲ ξίφος: ἀμφὶ δ' ἑταῖροι / πείρησαν τευχέων βεβημένοι, οὐδ' ἐδύναντο / κείνο δόρυ γνάμψαι τυτθὸν γέ περ, ἀλλὰ μάλ' αὐτῶς / ἀαγὲς κρατερῆσιν ἐνεσκλήκει παλάμησιν. / αὐτὰρ ὁ τοῖς ἄμοτον κοτέων Ἀφαρήϊος Ἴδας / κόψε παρ' οὐρίαχον μεγάλῳ ξίφει: ἄλτο δ' ἀκωκῆ / ραιστήρ ἄκμονος ὥστε, παλιντυπές: οἱ δ' ὀμάδησαν / γηθόσσυνοι ἥρωες ἐπ' ἐλπρωρῆσιν ἀέθλου. (A. R., 3, 1245-1255); “De Medea instruccões Jason seguindo, / Humedecido o philtro, unge com elle / O escudo, a lança, a espada; em torno os Socios / Com toda a força experiencia fazem, / Nas armas, nem vergar a lança podem / Pouco, ou muito, parece que mais dura / Se torna quando as mãos lhe põe mais força. / De furor delirando, Idas co’ a espada / Junto a ferrada ponta a golpeava, / E o gume cortador resaltou della / Qual rebatido d’incude o martello. / Alegres os Heroes em vivas rompem, / E contam co’ a victoria! [...]” (A. R., 3, 1245-1255, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁵⁰⁴ Em inglês, “explicit announcement”.

⁵⁰⁵ *Ilium ubi Iuno poli summo de uertice puppem / deseruisse uidet, tempus rata diua nocendi / Pallada consortem curis cursusque regentem, / nequa inde inceptis fieret mora, fallere prima / molitur caroque dolis auertere fratri. / tum sic adloquitur: ‘procerum ui pulsus iniqua / germanique manu (repetis, quo crimine) Perses / barbaricas iam mouit opes Hyrcanaque signa. / Aetes contra thalamis et uirgine pacta / conciliate reges Scythicos, primusque coacta / aduehit Albana Styru gener agmina porta. / bellum ingens, atque ipse citis Gradius habenis / fundit equos. uiden Arctoo de cardine quanta / tollat se nubes atque aequore pendeat atro? / corripe prima uias; finem cum Phasidis alti / transierit Perses aciemque admouerit urbi, / coepta refer*

indica um acontecimento futuro que será narrado e que, inclusive, não é comum na tradição ligada à viagem dos argonautas, de modo que seu leitor, atento a essas pistas, já entrevê que haverá a atualização de uma versão não popular dos acontecimentos na Cólquida.

Outra forma como um anúncio explícito pode ser feito é por meio de predições. Em um caso específico de Flaco, entretanto, há uma subversão dessa estratégia, já que apresenta uma profecia sem que ela se concretize no futuro – algo que é incomum em uma epopeia (ZISSOS, 1999, p. 293). No início do poema, durante o mesmo transe em que revela o futuro de Medeia⁵⁰⁶, Mopso também, entre outras previsões, faz menção a Hilas: “[...] Por que com um véu súbito cobrem-se os cabelos / Do belo Hilas? De onde vem a urna aos ombros / E a escura veste aos níveos membros? [...]”⁵⁰⁷ (V. Fl., 1, 218-220, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Segundo Zissos (1999, p. 293), a urna levada aos ombros (*urna umerisi*) seria uma alusão ao fato de que Hilas é arrebatado pela ninfa ao buscar água, versão que aparece em Apolônio de Rodes⁵⁰⁸ e Teócrito⁵⁰⁹. Entretanto, em Valério Flaco, o jovem é sequestrado quando caçava um cervo colocado naquele local por Juno⁵¹⁰. Assim, o poeta teria criado uma expectativa em

paulumque (nefas) et foedera necte / consiliis atque arte tua. sponde adfore reges / dis genitos, quis arma uolens, quis agmina iungat. (V. Fl., 3, 487-505); “Quando, no sumo império, Juno o [Hércules] vê da nau / Baixado, ao crer que é tempo de fazer-lhe mal, / Trama enganar a Palas – guia de seu curso / E amiga de aflições – e do irmão afastá-la / Para que não ocorra atraso em seus projetos. / Então, assim lhe diz: ‘Por força iníqua expulso / Pelo bando do irmão, bem sabes com quais crimes, / Já Perses armas move, e as insígnias hircânicas. / Por seu turno, se alia Eetes aos reis da Cítia / Por pacto nupcial. Ligeiro, o genro Estiro / Conduz à porta albana as tropas reunidas. / Grande guerra! O Gradivo atíça as montarias. / Tamanha nuvem vês se erguer por sobre Arcto? / E quanta água escura encontra-se suspensa? / Toma caminho. Quando houver Perses cruzado / Os limites do Faze e marchado à cidade, / Os projetos ultima; urde, um pouco, demoras / Por arte e planos teus. Garante virem reis, / Filhos de deuses, a quem unam povo e armas.’” (V. Fl., 3, 487-505, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁰⁶ Cf. páginas 62 e 63.

⁵⁰⁷ [...] *subita cur pulcher harundine crines / uelat Hylas? unde urna umeris niueosque per artus / caeruleae uestes?* [...] (V. Fl., 1, 218-220).

⁵⁰⁸ τόφρα δ’ Ὑλας χαλκῆν σὺν κάλπιδι νόσφιν ὀμίλου / δίζητο κρήνης ἱερὸν ῥόον, ὥς κέ οἱ ὕδωρ / φθαίη ἀφυσάμενος ποτιδῶρπιον, ἄλλα τε πάντα / ὄτραλέως κατὰ κόσμον ἐπαρτίσσειεν ἰόντι. (A. R., 1, 1207-1210); “Longe dos Mynias divagando em tanto, / Hylas com eneo vaso procurava / Sacra corrente de uma fonte, aonde / Agoa, que a cêa a Hercules presente, / Recolha, porque tinha prompto tudo / Para quando elle volte: [...]” (A. R., 1, 1207-1210, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁵⁰⁹ κῶχεθ’ Ὑλας ὁ ξανθὸς ὕδωρ ἐπιδῶρπιον οἰσῶν / αὐτῷ θ’ Ἡρακλῆι καὶ ἀστεμφεῖ Τελαμῶνι, / οἱ μίαν ἄμφω ἐταῖροι αἰεὶ δαίνυντο τράπεζαν, / χάλκεον ἄγγος ἔχων. [...] (Theoc., *Id.*, 13, 36-39); “E o louro Hilas lá foi, por que água ao repasto buscasse / do próprio Hércules mais Telamão, seu impávido amigo, / – pois banquetearam sempre em mesa única os dois / levando um jarro de bronze. [...]” (Theoc., *Id.*, 13, 36-39, trad. É. Nogueira).

⁵¹⁰ [...] *et celerem frondosa per auia ceruum / suscitac ac iuueni sublimem cornibus offert. / ille animos tardusque fugae longumque resistens / sollicitat suadetque pari contendere cursu. / credit Hylas praedaeque ferox ardore propinqua / insequitur; simul Alcides hortatibus urget / prospiciens; iamque ex oculis aufertur uterque, / cum puerum instantem quadripes fessaque minantem / tela manu procul ad nitidi spiracula fontis / ducit et intactas leuis ipse super fugit undas. / hoc pueri spes lusa modo est, nec tendere certat / amplius; utque artus et concita pectora sudor / diluerat, gratos auibus procumbit ad amnes.* (V. Fl., 3, 545-557); [...] e um cervo veloz, galheiro, ela [Juno] suscita / E ao jovem o oferece, em desvio frondoso. / O animal, vagaroso, à fuga resistindo, / Os ânimos lhe instiga e a correr persuade-lhe. / Hilas aceita o desafio e, com ardor, / De perto segue a presa, enquanto, ao vê-lo, o Alcides / O incita. Estão os dois já fora de sua vista / Quando o cervo conduz o

sua audiência, que a consideraria certa dada a tradição da épica e talvez da própria narrativa mitológica, mas, na verdade, almejava uma alusão negativa, ou seja, a uma versão que não seguiria, gerando uma quebra dessa expectativa. Com isso, Flaco retira Hílas de uma posição de certa inércia, em que parte rumo à fonte apenas para buscar água, como ocorre em Apolônio, e o coloca em um contexto viril de caça⁵¹¹ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 152).

Nestes casos, é necessário que se tenha em mente, como o próprio Zissos aponta (1999, p. 294-295), que é temeroso considerar como certo que a intenção do poeta era de fato se referir a outras versões, não só porque o estilo do autor tende a ser elíptico⁵¹² (ZISSOS, 1999, p. 294), de modo que a ausência poderia ser proposital, porém, sem uma finalidade intertextual, mas também porque é provável que o poeta não tenha terminado seu poema, seja por sua morte, seja por sua própria decisão, o que também explicaria as incongruências. Assim, essas inconsistências internas podem tanto integrar um jogo alusivo quanto apontar para uma falta de burilamento da narrativa. Além disso, não se pode perder de vista que, conforme Horácio, até mesmo Homero dorme⁵¹³.

Por exemplo, no canto II, ao admoestar Jasão para a partida de Lemnos, Hércules aspira pela possibilidade de deter as rochas Ciâneas⁵¹⁴, entretanto, ao passar pelo obstáculo, os heróis se preocupam com o retorno por esse caminho, não tendo consciência de que elas foram imobilizadas por seu feito⁵¹⁵, fato que fora aludido também por Fineu⁵¹⁶. Nesse caso, pode-se considerar que Valério Flaco estaria, na fala de Hércules, apenas acenando ao leitor com a versão que seguiria – embora ela seja a mais corrente, de modo que se pode questionar

jovem, que o persegue / Co' a exausta mão brandindo o dardo, até u'a fonte / E, sobre as águas intocadas, ele escapa. / Frustrado o moço, já não tenta prosseguir / E, como o suor lhe porejava ao peito e aos braços, / Com sede debruçou sobre um grato riacho.” (V. Fl., 3, 545-557, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵¹¹ Hershkowitz (1998, p. 152-153) propõe que a passagem em que Hílas caça o cervo é inspirada naquela de Virgílio em que Ascânio no canto VII da *Eneida*: “*Ascanius is similarly misled by the machinations of Allecto and by his own over-enthusiasm for hunting into shooting the sacred deer in Aeneid 7, and both Ascanius' sucessful pursuit and Hylas' unsuccessful one set in motion a series of events with far-reaching consequences.*” (HERSHKOWITZ, 1998, p. 153)

⁵¹² Hershkowitz (1998, p. 207) também considera que Valério Flaco comprime, em relação à versão de Apolônio, os eventos da narrativa de modo a torná-los mais curtos quando apresentados ou omitindo-os completamente. Esse processo ocorre mesmo quando Flaco retoma aspectos como símiles do modelo de Apolônio, conforme pode ser observado no exemplo da página 104.

⁵¹³ [...] *quandoque bonus dormitat Homerus*; (Hor., *Ars*, 359); “[...] todas as vezes que cochila o bom Homero;” (Hor., *Ars*, 359, trad. D. Tringali).

⁵¹⁴ Cf. página 117.

⁵¹⁵ Cf. páginas 142 e 143.

⁵¹⁶ Posterior ao abandono de Hércules, Fineu também faz menção a esse fato: [...] *pontum penetrauerit ulla / cum ratis et rabidi steterint in gurgite montes, / tune sperare modum poenae ueniamque licebit.*” / *sic deus. aut uobis ergo fera saxa patescunt / aut mea iam saeuae redeunt ad pabula Dirae.* (V. Fl., 4, 582-586); “[...] Ao penetrar no mar / U'a nave, e os montes no oceano se aquietarem, / Espere, então termo das penas e o perdão!” / Disse o deus. Logo, ou para vós, abrem-se as rochas. / Ou já retornam-me à comida as diras Fúrias.” (V. Fl., 4, 582-586, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

a necessidade para tal – ou, se esta não era a intenção, ao chegar no canto IV, cria uma inconsistência com a opção que o Alcides conhecia, ainda que o herói não estivesse mais presente na Argo, já que fizera menção a ela diretamente ao capitão, assim como o faz Fineu.

Além disso, Pélias é caracterizado como um tirano que não hesita, dentro da narrativa, em assassinar seu irmão, sua cunhada e seu sobrinho, ainda um infante, de modo que não seria inverossímil que se imaginasse que tratasse Éson de modo injusto tendo-o deposto ou não, devido ao medo de que seu trono fosse tomado por ele ou seu sobrinho. Se fosse o caso, considerando o passado glorioso de Éson que Valério Flaco apresenta ao público⁵¹⁷, faria sentido que o povo tivesse uma atitude benevolente em relação a ele.

Zissos (1999, p. 295-296) também aponta a possibilidade de que a fala de Telamôn, proferida no momento em que Hércules é abandonado, indique para uma possível eleição para o cargo de capitão⁵¹⁸, ausente em Flaco, mas presente em Apolônio, o que seria o mesmo processo de alusão negativa antes discutida. Entretanto, a fala do herói pode apontar à possibilidade de um contraste entre o início da viagem em que apenas Juno se incomodava com a presença de Hércules, ponto em que poderia ter exercido a função de liderança, com o momento presente, em que Tífis⁵¹⁹, Meleagro⁵²⁰, Calais⁵²¹ e os demais heróis são favoráveis à partida⁵²² em detrimento do Alcides, de modo que este perdesse o favor coletivo (*cunctus fauor*).

Para Hershkowitz (1998, p. 26-28), tanto o episódio relativo à predição de Mopso sobre o destino de Hílas, quanto o da fala de Telamôn demonstram que os personagens estão familiarizados com os acontecimentos por eles vivenciados em outras versões⁵²³ – mesmo

⁵¹⁷ Cf. página 152.

⁵¹⁸ *non hi tum flatus, non ista superbia dictis, / litore cum patrio, iam uela petentibus austris, / cunctus ad Alciden uersus fauor: ipse iuuaret, / ipse ducis curas meritosque subiret honores.* (V. Fl., 3, 699-703); “Esta arrogância e esta soberba co’as palavras / Não tinha quando, na orla pátria, o Austro chamando, / Todo o favor era p’r’o Alcides: ele mesmo / Comandaria e manteria o honor e o posto / De capitão. [...]” (V. Fl., 3, 699-703, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵¹⁹ Cf. nota 351.

⁵²⁰ [...] *rursum instimulat ducitque fauentes / magnanimus Calydone satus, potioribus ille / deteriora fouens semperque inuersa tueri / durus et haud ullis umquam superabilis aequis / rectorumue memor.* [...] (V. Fl., 3, 645-649); “[...] Por seu turno, anima e incita / O Caledônio aos favoráveis, defendendo / Com o melhor o pior, sempre mantendo o inverso, / Duro e esquecido da sentença insuperável / Dos retores. [...]” (V. Fl., 3, 645-649, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵²¹ [...] *ante omnes Argoa iubebat / uincla rapi Calais.* [...] (V. Fl., 3, 691-692); “Antes de todos, ordenava Calais a âncora / Içar-se. [...]” (V. Fl., 3, 691-692, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵²² [...] *at studiis iamdudum freta iuuentus / orat inire uias: unum tanto afore coetu, / nec minus in sese generis dextrisque potentes / esse ferunt.* [...] (V. Fl., 3, 628-631); “Há muito presos à ilusão, os jovens pedem / Seguir caminho: dizem um só estar ausente / À larga empresa; e neles raça e mãos potentes / Não faltarem. [...]” (V. Fl., 3, 628-631, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵²³ Hershkowitz (1998, p. 27) nomeia o processo de “*meta-narrative awareness*”.

processo que ocorre com Medeia na tragédia de Sêneca⁵²⁴ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 29) –, assim como os leitores da obra, ainda que esses fatos não estejam de acordo com aquilo que acontece dentro da narrativa de Flaco.

Ademais, nem sempre que Flaco omite algo que aparece na narrativa de Apolônio esse processo de certa incongruência ocorre. Exemplo disso acontece quando Valério Flaco não faz menção à ilha em que os argonautas, na versão de Apolônio de Rodes, resgatam os filhos de Frixo – Argos, Citissoro, Melas e Fróntes. Esse encontro possibilita que, ao chegar à Cólquida, Argos apresente a comitiva de heróis a Eetes, enquanto Jasão toma uma posição passiva (HERSHKOWITZ, 1998, p. 222) ao ponto de que a fúria inicial do rei é primeiramente voltada aos netos⁵²⁵ e não aos estrangeiros. Em contraposição, em Valério Flaco, como Jasão tem contato um pouco antes apenas com Medeia, não há quem o introduza ao rei, de modo que cabe a ele se dirigir diretamente a Eetes e solicitar o velocino⁵²⁶ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 222). Por conseguinte, embora a forma como os heróis chegam à corte colca seja parecida – em ambos os casos os heróis são envolvidos em névoa por Hera⁵²⁷/Juno⁵²⁸ – a omissão de Valério Flaco em relação aos filhos de Frixo não será retomada como algo que faz parte da tradição sem ter sido narrado, como o episódio de Idas, mas tem o papel de permitir que se acentue a posição de líder independente de Jasão.

⁵²⁴ A estudiosa aponta que Medeia tem consciência das peças anteriores a que vivencia, conforme ocorre no início e no final da tragédia (HERSHKOWITZ, 1998, p. 29): *Nutr. Medea— Med. Fiam.* (Sen., *Med.*, 171); “**Ama:** Medeia... **Medeia:** Sê-la-ei.” (Sen., *Med.*, 171, trad. A. A. A. de Sousa) e *Medea nunc sum*; [...] (Sen., *Med.*, 910); “Agora sou Medeia. [...]” (Sen., *Med.*, 910, trad. A. A. A. de Sousa).

⁵²⁵ τοῖά μιν ἐξερέοντα κασιγνήτων προπάροιθεν / Ἄργος ὑποδδεῖσας ἀμφὶ στόλῳ Αἰσονίδαο / μειλιχίως προσέειπεν, ἐπεὶ προγενέστερος ἦεν: / [...] / τοῖα παρέννεπεν Ἄργος: ἄναξ δ’ ἐπεχώσατο μύθοις / εἰσαίῳν: ὑψοῦ δὲ χόλῳ φρένες ἠερέθοντο. / φῆ δ’ ἐπαλαστήσας: μενάινε δὲ παισὶ μάλιστα / Χαλκιόπης: τῶν γὰρ σφε μετελθέμεν οὔνεκ’ ἐώλπει: (A. R., 3, 318-370); “Antes que os irmãos fallem, receando / Ao Baixel de Jason algum perigo, / Argos que era o mais velho, assim responde: / [...] / Assim Argos fallou, e o Rei de ouvi-lo / Todo indignado tinha a mente em furias. / Sendo o alvo maior das iras suas / Os Filhos de Calciope, e pensava / Que tinham vindo alli por causa delles,” (A. R., 3, 318-370, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁵²⁶ *admonet hic socios nebulamque erumpit Iason / sideris ora ferens; noua lux offusa Cytæis. / conueniunt stipantque uiros rogitantque, quid ausi, / quidue ferant. postquam primis inhiantia dictis / agmina suppressumque uidet iam murmur Iason, / talia miranti propius tulit orsa tyranno:* (V. Fl., 5, 465-470); “Ali Jasão os nautas chama e irrompe a névoa / Fulgindo a face; a nova luz ofusca os Cítios / Que aos homens voltam-se e perguntam a que atrevem / Ou o que buscam. Jasão, ao ver nos primos ditos, / Todos pasmados e os murmúrios suprimidos, / Próximo ao rei embasbacado começou:” (V. Fl., 5, 465-470, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵²⁷ τοῖσι δὲ νισσομένοις Ἥρη φίλα μητιόωσα / ἡέρα πουλὺν ἐφῆκε δι’ ἄστεος, ὄφρα λάθοιεν / Κόλχων μυρίον ἔθνος ἐς Αἰήτῳ κίοντες. / ὦκα δ’ ὅτ’ ἐκ πεδίοιο πόλιν καὶ δώμαθ’ ἴκοντο / Αἰήτεω, τότε δ’ αὐτὶς ἀπεσκέδασεν νέφος Ἥρη. (A. R., 3, 210-214); “Marcham, e Juno, que os Heroes protege, / Toda a Cidade em densa nevoa envolve, / Porque a de Colchos numerosa gente. / Os não visse buscar de Eeta a Casa. / Mas tanto, que elles á Cidade chegam. / Vindo do Campo, o regio Alcaçar tocam, / Juno a nuvem desfez; [...]” (A. R., 3, 210-214, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁵²⁸ *Ille autem inceptum famula duce protinus urget / aere saeptus iter, patitur nec regia cerni / Iuno uirum, prior Aeetae ne nuntius adsit.* (V. Fl., 5, 399-401); “Ele, co’a fâmula por guia, apressa o andar / Oculto em névoa – a régia Juno não permite / Que o vejam antes que a notícia até a Eetes chegue.” (V. Fl., 5, 399-401, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

De qualquer forma, o modo com que Valério Flaco trabalha com seus antecessores é variado, de maneira que em determinadas ocasiões segue seus modelos de perto. No início da epopeia, quando Pélias deseja justificar a Jasão os motivos pelos quais o envia a uma viagem tão árdua, constrói um discurso que não se relaciona com seus reais motivos que o leitor já conhece: o medo do oráculo e das virtudes de Jasão. Entretanto, ao criar a passagem em que Pélias esconde suas reais intenções – obviamente o rei não poderia dizer que enviaria o sobrinho a uma viagem em que esperava que ele morresse –, Valério Flaco faz alusão à versão de Píndaro, desse modo utilizando um discurso falso que parece o que já fora usado, mesmo que sua versão dos demais fatos que antecedem à viagem seja diferente⁵²⁹. Assim, tal passo é desenvolvido em Valério Flaco:

[...] Sabes como o creteu Frixo – / Sangue nosso – fugiu dos altares do pai. / O fero Eetes, que cultivava a Cítia e o Fase / Enregelado – ó horror p’r’o Sol! – , matou o hóspede / Entre os ritos da ceia, ante a atônita mesa, / Não lembrado de nós ou do deus. Não só a nuncia / Fama o diz: lamentando a seva sorte, ao jovem / Eu mesmo vejo quando o tardo sono prende-me / O corpo exausto. A sombra dele, com ais constantes, / Ao deus do Mar e a Hele chama. Se me houvesse / A antiga força, então verias tu já a Cólquida / Penar e, aqui, do rei as armas e a cabeça.⁵³⁰ (V. Fl., 1, 41-52, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Enquanto, em Píndaro, já apareciam os mesmos elementos relacionados à demanda de Frixo feita por meio de um sonho e a impossibilidade de que o próprio rei cumpra esses desígnios devido a sua idade avançada:

[...] Pélias respondeu calmamente: “Eu serei / Como pedes, mas já me torneia a idade anciã. / Cresce-te a flor da juventude enquanto isso. Podes tirar o rancor / Dos ctônios, pois Frixos nos manda levar a sua alma / Pros

⁵²⁹ Cf. páginas 33 e subsequentes, em Píndaro, Jasão tem direito ao trono, sendo Pélias um usurpador. Além disso, este fora advertido tanto a respeito do homem semicalçado quanto do perigo representado pelos Eólidas: [...] θέσφατον ἦν Πελίαν / ἐξ ἀγαυῶν Αἰολιδᾶν θανέμεν χεῖρεσσιν ἢ βουλαῖς ἀκάμπτοις. / ἦλθε δέ οἱ κρυόεν πυκινῶ μάντευμα θυμῶ, / πὰρ μέσον ὀμφαλὸν εὐδένδροιο ῥηθὲν ματέρος: / τὸν μονοκρήπιδα πάντως ἐν φυλακᾷ σχεθέμεν μεγάλη, / εὖτ’ ἂν αἰπεινῶν ἀπὸ σταθμῶν ἐς εὐδείελον / χθόνα μόλη κλειτᾶς Ἰωλκοῦ, / ξεῖνος αἴτ’ ὦν ἀστός. [...]; “[...] Foi decreto dos deuses / Pélias perecer pelas mãos ou por planos inflexíveis dos Eólidas. / Teve um oráculo, que congelou seu imo firme, / Dito no umbigo central da mãe por árvores coberta: / Para se guardar de um homem de uma sandália somente, com zelo, / Quando vindo das moradas íngremes pra ilustre Ioloco / Que se pode ver de longe, / Seja ele estrangeiro ou então cidadão. (Pi., P., 4, 71-78, trad. C. L. B. Antunes).

⁵³⁰ [...] *nostrī de sanguīne Phrixus / Cretheos ut patrias audis effugerit aras. / hunc ferus Aeetes, Scythiam Phasimque rigentem / qui colit (heu magni Solis pudor), hospita uina / ... / nil nostrī diuumque memor. non nuntia tantum / fama refert: ipsum iuuenem tam saeva gementem, / ipsum ego, cum serus fessos sopor alligat artus, / aspicio; lacera adsiduis namque illius umbra / questibus et magni numen maris excitat Helle. / si mihi quae quondam uires, uel pendere poenas / Colchida iam et regis caput hic atque arma uideres.* (V. Fl., 1, 41-52).

salões de Eetes novamente e depois / Resgatar o velo felpudo de ovino que o salvou do mar um dia / E das armas ímpias de sua madrasta. / Essas coisas disse-me um sonho espantoso. [...] ⁵³¹ (Pi., P., 4, 156-163, trad. C. L. B. Antunes).

A alusão a Píndaro também ocorre quando Juno intervém para o agrupamento dos heróis no início da narrativa:

[...] Fora nesses / Semi-deuses que Hera acendeu um anelo doce e todo persuasivo / Pela nave Argos, a fim de que não / Cozinhassem junto da mãe uma vida sem perigo, mas que pudessem achar / O elixir mais belo pra própria excelência, mesmo em morte, com seus pares. ⁵³² (Pi., P., 4, 183-187, trad. C. L. B. Antunes).

Enquanto se verifica em Flaco:

Espalha Juno / Por macedônicas e argólicas cidades / Que Jasão desafia inexplorados ventos, / Que a nau é pronta e que, soberba pelos remos, / Busca a quem leve e exalte os feitos pelos séculos. / Anseiam todos: capitães, co'a fama em guerras / Já comprovada, e os que na flor da juventude / Não têm ainda obras muitas que os recordem. / Os que nos campos e no inócua arado esforçam-se / Os estimulam. [...] ⁵³³ (V. Fl., 1, 95-104, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Perceba-se que nas duas versões Hera/Juno aparece como bem-feitora de Jasão e espalha a notícia da empreitada do herói rumo à Cólquida. O principal motivo utilizado por Píndaro e recuperado por Flaco é a busca por glória, tão importante no texto latino, enquanto, em Apolônio, por exemplo, não há menção de como os heróis ouviram a notícia da viagem (HERSHKOWITZ, 1998, p. 62-63). Flaco filia-se à tradição de Píndaro, pois alude ao poeta sem alterá-lo demasiadamente ou negá-lo, ainda que não o siga a respeito de toda a viagem – perceba-se que o Jasão de Flaco não tem direito e nem anseia pelo trono, ao contrário do de Píndaro. Mesmo assim, essa eleição de modelo é importante para a construção de Jasão, que

⁵³¹ [...] ἀκᾶ δ' ἀνταγόρευσεν καὶ Πελίας: ἔσομαι / τοῖος: ἀλλ' ἤδη με γηραιὸν μέρος ἀλικίας / ἀμφιπολεῖ: σὸν δ' ἄνθος ἦβας ἄρτι κυμαίνει: δύνασαι δ' ἀφελεῖν / μᾶνιν χθονίων. κέλεται γὰρ ἔαν ψυχὰν κομίξαι / Φρίξος ἐλθόντας πρὸς Αἰήτα θαλάμους, / δέρμα τε κριοῦ βαθύμαλλον ἄγειν, τῶ ποτ' ἐκ πόντου σαώθη / ἔκ τε ματριάς ἀθέων βελέων. / ταῦτά μοι θαυμαστός ὄνειρος ἰὼν φωνεῖ. [...] (Pi., P., 4, 156-163).

⁵³² τὸν δὲ παμπειθῆ γλυκύν ἡμιθέοισιν πόθον ἔνδαιεν Ἥρα / ναὸς Ἀργοῦς, μὴ τινα λειπόμενον / τὰν ἀκίνδυνον παρὰ ματρὶ μένειν αἰῶνα πέσσουντ', ἀλλ' ἐπὶ καὶ θανάτῳ / φάρμακον κάλλιστον ἔᾶς ἀρετᾶς ἄλιξιν εὐρέσθαι σὺν ἄλλοις. (Pi., P., 4, 184-187).

⁵³³ at Iuno Argolicas pariter Macetumque per urbes / spargit inexpertos temptare parentibus austros / Aesoniden; iam stare ratem remisque superbam / poscere quos reuehat rebusque in saecula tollat. / Omnis auet quae iam bellis spectataque fama / turba ducum, primae seu quos in flore iuuentae / temptamenta tenent necdum data copia rerum: / at quibus aruorum studiumque insontis atrari, / hos stimulant [...] (V. Fl., 1, 96-104).

retoma as características de Píndaro, apresentando a beleza, a destreza com armas e a habilidade com o discurso que o herói tem nessa versão. Valério Flaco chega a ir além de Píndaro, pois acentua na passagem o valor de Jasão, já que Juno propõe que é o Esônide que desafia o inexplorado em busca de glória, omitindo que o herói fora ordenado a tal.

Desse modo, Valério Flaco pode ter retomado o texto de Píndaro, sem alterá-lo de maneira acentuada, tendo-o elegido como um modelo ao qual realiza um processo de aproximação. Em contraposição, opta pelo afastamento de outro modelo quando oferece, no início da epopeia a narrativa da canção entoada por Orfeu na noite anterior à partida dos heróis. O episódio tem seu paralelo em Apolônio em que Orfeu aborda assuntos acerca de cosmogonia e teogonia para evitar o embate entre Idmon e Idas a respeito da liderança de Jasão⁵³⁴ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 199). Em Valério Flaco, entretanto, o herói canta sobre a história de Frixo e Hele, ligada diretamente à empreitada a que os argonautas se lançarão em breve, tendo o único fim de deleitar aqueles que ouvem⁵³⁵ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 199). Segundo Hershkowitz (1998, p. 199):

[...] The main trust of Apollonius' scene is the quarrel, and Orpheus' song not only provides a sort of resolution to it, but also has been interpreted as providing a warning to Idas not to insult Jason or Zeus, lessons unnecessary for Valerius' Argonauts, who have not quarrelled and who have unshakeable trust in their leader and in the divine favour of Jupiter. In contrast, the main trust of Valerius' scene is the analepsis, which contextualizes the Argonauts' journey within a series of events stretching back several generations.

Dessa forma, a alteração do episódio em Valério Flaco acentua, para o leitor que conhece a passagem em Apolônio, o caráter da liderança de Jasão que é incontestável e, por isso, não gera conflitos, como ocorre com o comando que é garantido ao herói por Hércules, no modelo grego, e é constantemente questionado, nesse caso, ao ponto de que seja necessária

⁵³⁴ Χώετ' ἐνιπτάζων: προτέρω δέ κε νεῖκος ἐτύχθη, / εἰ μὴ δηριόωντας ὁμοκλήσαντες ἑταῖροι / αὐτός τ' Αἰσονίδης κατερήτυεν: ἄν δέ καὶ Ὀρφεὺς / λαίῃ ἀνασχόμενος κίθαριν πείραζεν ἀοιδῆς. / ἦειδεν δ' ὡς γαῖα καὶ οὐρανὸς ἠδὲ θάλασσα, / τὸ πρὶν ἐπ' ἀλλήλοισι μιῇ συναρηρότα μορφῇ, / νεῖκος ἐξ ὀλοοῖο διέκριθεν ἀμφὶς ἕκαστα: (A. R., 1, 492-495); “Com as alterações se aumenta a fúria / E inda iria mais longe esta contenda, / Si entre os dois os demais não se entrepunham, / E Jason não lhe obstasse, e mais que tudo / Si Orpheo na esquerda a Cythara tomando, / Não levantasse o Canto! nelle sôa / Como o mar, céu, e terra no principio / N’uma face, e um só todo confundidos, / Distinctos, combatendo, se apartaram;” (A. R., 1, 492-495, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁵³⁵ *Thracius hie noctem dulci testudine uates / extrahit, ut steterit redimitus tempora uittis / Phrixus et iniustas conctectus nubibus aras / fugerit Inoo linquens Athamanta Learcho; / aureus ut iuuenem miserantibus intulit undis / uector et adstrictis ut sedit cornibus Helle.* (V. Fl., 1, 277-282); “O Trácio, então, co’a doce lira, alonga a noite / Cantando como ergueu-se Frixo, ornada a frente / Por fitas, e fugiu do altar injusto, oculto / Em nuvens, a deixar, com Learco, Atamante; / Como o áureo condutor levou-o às tristes vagas / E como se assentou nos presos chifres Hele.” (V. Fl., 1, 277-282, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

a intervenção de Orfeu, que age de maneira mais eficaz que o líder dos argonautas. Ademais, com isso, permite-se que Flaco localize a viagem em um contexto mítico mais amplo que se liga não apenas com o velocino de modo geral, mas também, ao longo da narrativa, com a justificativa dada por Pélias a Jasão para a viagem, com o encontro dos heróis com Hele na passagem pelo Helesponto⁵³⁶ – episódio ausente em Apolônio – e o sonho de Eetes em que Frixo o adverte a respeito do velocino e de Medeia⁵³⁷.

Algo parecido ocorre quando Jasão enfrenta as provas impostas por Pélias, e Flaco modifica o episódio a que faz referência presente em Apolônio. No texto deste, a figura de Jasão apresenta passividade já que é Eetes que o espera⁵³⁸, assim como o herói aguarda o ataque dos touros (HERSHKOWITZ, 1998, p. 50):

Mas elle firme nos joelhos hirtos / Lhe espera o encontro, qual rochedo altivo / Que no meio do mar se ergue, e rebate / Encachoadas ondas, que as procelas / Arremessam sobre elle! tem diante / De si o escudo! com robustos cornos, / Ambos dam nelle, e horridamente mugem, / Mas sem causar-lhe, inda o mais leve, abalo.⁵³⁹ (A. R., 3, 1294-1298, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁵³⁶ [...] *dum sternit aquas, proceresque ducemque / aspicit et placidis compellat lasona dictis: / 'te quoque ab Haemoniis ignota per aequora terris / regna infesta domus fatisque simillima nostris / fata ferunt; iterum Aeolios Fortuna nepotes / spargit, et infelix Scythicum gens quaeritis amnem. / uasta super tellus, longum (ne defice coeptis) / aequor, et ipse procul, uerum dabit ostia Phasis. / hic nemus arcanum geminaeque uirentibus arae / stant tumulis; hic prima pia sollemnia Phrixo / ferte manu cinerique, precor, mea reddite dicta:* (V. Fl., 2, 590-600); “Enquanto amaina as águas, ela [Hele] / Vê o capitão e, com palavras doces, diz-lhe: / ‘Também te levam, desde a Hemônia, em / mar estranho, / A reino hostil, a casa e o Fado iguais aos meus. / A Fortuna, de novo, espalha os filhos de Éolo; / E tu, raça infeliz, o cítio rio buscas. / Há a vasta terra, um longo mar (não largue a empresa!) / E, longe, o Fado – mas que a ti dará entrada. / Há ali um bosque oculto e altares gêmeos sobre / Os verdes montes: cumpre lá os primos ritos / A Frixo e às cinzas, peço, os meus ditos transmite:” (V. Fl., 2, 590-600, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵³⁷ *quondam etiam tacitae uisus per tempora noctis / effigie uasta, socerumque exterruit ingens / prodita uox: 'o qui patria tellure fugatum / quaerentemque domos his me considerare passus / sedibus, oblata generum mox prole petisti, / tunc tibi regnorum labes luctusque supersunt, / rapta soporato fuerint cum uellera luco. / praeterea infernae quae nunc sacrata Dianae / fert castos Medea choros quemcumque procorum / pacta petat maneat regnis neu uirgo paternis.'* / *dixit et admota pariter fatalia uisus / tradere terga manu:* [...] (V. Fl., 5, 231-242); “Depois foi visto, em noite escura, como um grande / Vulto, por tempos, e a lançada voz ao sogro / Intimidou: ‘Tu que deixaste-me ficar / Em teus domínios, ao fugir da pátria em busca / De assento e, dando a filha, genro me fizeste, / Luto e desastres de teu reino a ti virão / Quando roubado o velo e o bosque adormecido. / E mais, Medeia que, a Diana ora sagrada, / Castos coros conduz, buscará quaisquer núpcias / E, no reino do pai, virgem não ficará. / Disse e, movendo a mão, pareceu entregar-lhe / O funesto pelame; [...]” (V. Fl., 5, 231-242, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵³⁸ *τέτμον δ' Αιήτην τε καὶ ἄλλων ἔθνεα Κόλχων, / τοὺς μὲν Καυκασίοισιν ἐφεσταότας σκοπέλοισιν, / τὸν δ' αὐτοῦ παρὰ χεῖλος ἐλίσσόμενον ποταμοῖο.* (A. R., 3, 1275-1277); “Com Eeta, e c’os Colchios depararam, / Estes sentados em Caucasia rochas, / E aquelle junto da encurvada praia.” (A. R., 3, 1275-1277, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁵³⁹ *εὔ διαβάς, ἐπιόντας, ἃ τε σπιλάς εἰν ἀλί πέτρῃ / μίμνει ἀπειρεσίῃσι δονεύμενα κύματ' ἀέλλαις. / πρόσθε δέ οἱ σάκος ἔσχεν ἐναντίον: οἱ δέ μιν ἄμφω / μικήμιζῳ κρατεροῖσιν ἐνέπληξαν κεράεσσιν: / οὐδ' ἄρα μιν τυτθὸν περ ἀνώχλισαν ἀντιόωντες.* (A. R., 3, 1294-1298).

Em Valério Flaco, entretanto, Jasão espera o tirano afastado de seus companheiros⁵⁴⁰ e vai ao encontro das bestas (HERSHKOWITZ, 1998, p. 50-51):

Sem mais tardar, Jasão lançou-se, após os ver / Ir separados. Brande o escudo ameaçador / E, de frente, co'a mão, afasta o fogo errante. / Quando um parou e o olhar terrível circulou – / O que primeiro viu as armas de Jasão –, / Pouco hesitou e, presto, irou-se. O mar em fúria / Assim não joga-se aos rochedos, nem retorna / Após quebrar-se.⁵⁴¹ [...] (V. Fl., 7, 576-583, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Embora a atitude do herói seja diferente nas duas narrativas, Flaco utiliza a imagem marítima que retoma aquela de Apolônio. Porém, se, neste, Jasão, em situação de defesa, é comparado a uma rocha que aguenta as ondas do mar, na versão do poeta romano, são os touros que estão em processo de comparação. Desse modo, não uma posição passiva, em que suporta os ataques, é salientada como em Apolônio, mas o desafio, que é maior do que a fúria marítima, que o herói enfrenta. Para Hershkowitz (1998, p. 51), um herói que já desafiara a dificuldade do mar de maneira ativa no episódio das Ciêneas não precisa aqui ser comparado a um rochedo que suporta essa mesma dificuldade. Com isso, o valor de Jasão é elevado em relação a seu antecessor épico, e Flaco constrói essa ascendência utilizando algo que, dentro da epopeia de Apolônio, já teria valor positivo, afinal o herói enfrentava as provas de Pélias, mas alterando-o, ao ponto de que, em contraste com o herói flaviano, o feito do Jasão de Apolônio pareça diminuído.

Esse tipo de construção em que o herói de Apolônio empalidece frente ao de Valério Flaco também ocorre quando Jasão retira o velocino de ouro da árvore em que estivera pendurado. Neste ponto, Flaco se afasta mais acentuadamente de Apolônio, pois realiza a troca completa do comparante no símile. Assim, embora os heróis carreguem o velocino de modo semelhante, enquanto em Apolônio, Jasão é comparado a uma virgem, em Flaco, é com Hércules quando derrotara o leão de Nemeia⁵⁴². A diferenciação pode ser ainda mais

⁵⁴⁰ *Et iam puniceo regem spes uana sub ortu / extulerat, quantis nox una diremerit undis / Aesoniden, liberne fretis iam uultus apertis / utque prius totum sileat mare. dumque ea longe / explorare † quaeat†, contra uenit Arcas Echion / dicta ferens, iam Circaeis Mauortis in agris / stare uirum: daret aeripedes in proelia tauros. / [...] / fixerat ille gradus totoque ex agmine solus / stabat, [...] (V. Fl., 7, 539-560); “De que afastara u’a noite só, co’ondas, o Esônide; / De que do ponto aberto livre estava a face; / De que o silêncio ao mar voltara. Quando, ao longe, / Quis comprová-lo, ao seu encontro vem o Arcádio / Équion, dizendo estar Jasão no márcio campo / De Circe, pronto a dar combate aos bois bronzípedes. / [...] / Jasão parara; estava só, longe de todos” (V. Fl., 7, 539-559, trad. M. M. Gouvêa Júnior).*

⁵⁴¹ *diuersos postquam ire uidet, galeamque minantem / quassat et errantem dextra ciet obuius ignem. / ... / ... / cunctatus paulum subito furit. aequora non sic / in scopulos irata ruunt eademque recedunt / fracta retro. [...] (V. Fl., 7, 576-583).*

⁵⁴² Cf. páginas 119 e 120.

ênfatizada, pois Apolônio coloca o símile no momento em que Jasão retira o velocino da árvore, enquanto Flaco, quando o herói já se cobre com o pelame. Ainda que se possa considerar o momento como o ápice da trajetória de Jasão, uma vez que é quando o herói obtém aquilo a que precisou se propor a buscar ao longo de toda a narrativa, ao se contrastar o símile proposto por Flaco com o de Apolônio, o Jasão flaviano se sobressai ao se ombrear com um herói que fora dito ser o melhor dos gregos⁵⁴³ em um episódio em que Hércules demonstrara sua capacidade individual⁵⁴⁴.

Nesses casos, a utilização da referência se dá em um ponto que é correspondente àquele do modelo, de modo que seria algo mais fácil para o leitor encontrar. Essa característica não ocorre no enamoramento entre Jasão e Medeia. Conforme demonstra Hershkowitz (1998, p. 124), tanto em Apolônio quanto em Flaco, o herói é comparado a uma estrela, porém há um deslocamento uma vez que, em Apolônio, o símile ocorre quando o herói e a feiticeira – já tendo se conhecido anteriormente – se reencontram, e Jasão lhe pede ajuda para superar as provas impostas por Eetes, enquanto, em Flaco, quando o herói encontra Medeia pela primeira vez. Assim, aparece em Apolônio, após Jasão ter sua beleza aumentada por Hera⁵⁴⁵ para impressionar a feiticeira de modo a facilitar seu convencimento: “[...] qual do Oceano surge / Bello, e lucido a vista o Syrio ardente, / Que aos Gados traz calamitoso

⁵⁴³ Cf. página 118.

⁵⁴⁴ Conforme afirma Hershkowitz (1998, p. 194), a presença do episódio de Hesíone, embora ausente em Apolônio, já fizera parte da viagem dos argonautas na versão de Diodoro, em que Hércules se sobressai durante toda a narrativa, e na de Higino, em que apenas Hércules e Telámon são nomeados entre os argonautas. Assim, há em Diodoro: *ένταῦθα δὲ τὸν μὲν Ἡρακλέα μετὰ τῶν Ἀργοναυτῶν τὴν ἀπόβασιν ποιησάμενον, καὶ μαθόντα παρὰ τῆς κόρης τὴν περιπέτειαν, ἀναρρήξαι μὲν τοὺς περὶ τὸ σῶμα δεσμούς, ἀναβάντα δ’ εἰς τὴν πόλιν ἐπαγγεῖλασθαι τῷ βασιλεῖ διαφθερεῖν τὸ κῆτος. τοῦ δὲ Λαομέδοντος ἀποδεξαμένου τὸν λόγον καὶ δωρεὰν δώσειν ἐπαγγεῖλαμένου τὰς ἀνικίτους ἵππους, φασὶ τὸ μὲν κῆτος ὑφ’ Ἡρακλέους ἀναιρεθῆναι, τῇ δ’ Ἡσιόνη δοθῆναι τὴν ἐξουσίαν εἴτε βούλοιτο μετὰ τοῦ σώσαντος ἀπελθεῖν εἴτε μετὰ τῶν γονέων καταμένειν ἐν τῇ πατρίδι.* (D. S., 4, 42, 5-6); “Y cuando Heracles desembarcó allí con los Argonautas y se enteró por ella misma del infortunio de la muchacha, rompió las cadenas que rodeaban su cuerpo, subió a la ciudad y prometió al rey que destruiría al monstruo. Laomedonte aceptó la palabra dada y a su vez prometió que le entregaría como recompensa sus yeguas invencibles. Entonces Heracles, dicen, mató al monstruo, y se dio a Hesíone la posibilidad de elegir si quería partir con su salvador o si prefería permanecer en su patria con sus padres.” (D. S., 4, 42, 5-6, trad. J. J. Torres Esbarranch), e em Higino: *cum complures consumptae essent et Hesíonae sors exisset et petris religata esset, Hercules et Telamon cum, Colchos Argonautae irent, eodem uenerunt et cetum interfecerunt, Hesíonenque patri pactis legibus reddunt, ut cum inde rediissent secum in patriam eam abducerent, et equos qui super aquas et aristas ambulabant.* (Hyg., *Fab.*, 89, 3); “Tendo muitas sido devoradas, a sorte escolheu Hesíone, que foi amarrada a uma pedra. Hércules e Télamon, enquanto iam a Cólquida como Argonautas, chegaram ali e mataram o monstro marinho. Devolveram Hesíone ao pai, após fazerem um pacto: quando voltassem, levá-la-iam consigo à pátria, e também os cavalos que caminhavam sobre as águas e espigas.” (Hyg., *Fab.*, 89, 3, trad. D. M. Alves). Desse modo, ainda que não fosse recorrente, o episódio tem registros anteriores a Valério Flaco, e os dois casos apresentam atuações destacadas de Hércules/Hércules. Desse modo, ao escolhê-lo, Flaco mantém essa atuação, o que acentuaria o valor de Jasão ao ser comparado ao herói.

⁵⁴⁵ Cf. páginas 81 e 82.

influxo, / Tal formoso no aspecto a Virgem chega / O Esonide, [...]”⁵⁴⁶ (A. R., 3, 957-959, trad. J. M. da Costa e Silva). Já em Flaco:

Mas Juno – como a inquietação e os grãos labores / Do capitão o belo porte consumiram – / Deu-lhe vigor e a rósea luz da juventude; / Sobre o Ampícida, Talau e os dois Tindáridas / Por astro ornados, co’a egrégia face excele – / Como no outono Sírio mais aguça os raios / E o árduo fulgor acende a noite coroada / Pelas estrelas, e ao Arcádio Jove amansa – / Mas que tanto no céu não brilhasse desejam / O campo e as fontes de aquecidas correntezas.⁵⁴⁷ (V. Fl., 5, 363-372, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Hershkowitz (1998, p. 124) destaca que há certa equivalência de posicionamento das passagens no sentido de que há a intervenção de Hera/Juno para que Jasão possa impressionar Medeia, porém, se, em Apolônio, Jasão é apenas bonito, em Flaco, o herói demonstra beleza e vigor. A comparação ainda é retomada por Flaco de modo breve no canto VI, em que Jasão demonstra essas características em um campo de batalha, estando próximo de realizar sua *ἀριστεία* (*aristeía*) e, novamente, deslumbrar a feiticeira (HERSHKOWITZ, 1998, p. 124):

A dura face, sob a excelsa ponta do elmo / Já há muito brilha, e resplandece na carreira / A coma argiva, infausta a vós, Perses e Virgem, / Como no outono o feroz Cão, ou qual cometa / Fatal que o irado Jove envia a um reino injusto.⁵⁴⁸ (V. Fl., 6, 604-608, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Com isso, o que impressiona Medeia, a par de sua beleza, é a capacidade guerreira demonstrada pelo herói, e, nos dois momentos, em que Jasão se destaca aos olhos da feiticeira, Flaco retoma o símile de Apolônio. Desse modo, o poeta latino mostra que seus heróis são em certa medida equiparáveis, o que torna o mesmo símile possível, mas ao mesmo tempo rompe com essa semelhança ao fazer com que Jasão seja comparado com a Sirius ao demonstrar uma capacidade ausente no herói de Apolônio. Ademais, enquanto, no texto de Apolônio, a estrela tem um caráter negativo mais acentuado, uma vez que aparece de modo

⁵⁴⁶ ὑπόσ’ ἀναθρώσκων ἅ τε Σείριος Ὠκεανοῖο, / ὅς δὴ τοι καλὸς μὲν ἀρίζηλός τ’ ἐσιδέσθαι / ἀντέλλει, μήλοισι δ’ ἐν ἄσπετον ἦκεν ὀϊζύν: (A. R., 3, 957-959).

⁵⁴⁷ at Iuno, pulchrum longissima quando / robur cura ducis magnique edere labores, / mole noua et roseae perfudit luce iuuentae. / iam Talaum iamque Ampyciden astroque comantes / Tyndaridas ipse egregio supereminet ore: / non secus autumnno quam cum magis asperat ignes / Sirius et saeuo cum nox accenditur auro / luciferas crinita faces, hebet Areas et ingens / Iuppiter; ast ilium tanto non gliscere caelo / uellet ager, uellent calidis iam fontibus amnes. (V. Fl., 5, 363-372).

⁵⁴⁸ ora sub excelso iamdudum uertice conii / saeua micant, cursuque ardescit, nec tibi, Perse, / nec tibi, uirgo, iubae laetabile sidus Achiuae, / acer ut autumnni canis iratoque uocati / ab Ioue fatales ad regna iniusta cometae. (V. Fl., 6, 604-608).

belo, mas traz desventura⁵⁴⁹ – prenúncio do que ocorrerá com Medeia –, no de Flaco, embora esse anúncio esteja presente, esse ponto é amenizado pelo fato de que há um segundo símile em que é a ferocidade de Jasão em batalha que é comparada à intensidade do calor ligado à estrela.

Um deslocamento maior ocorre quando Hércules instiga que o herói cumpra sua obrigação e parta de Lemnos. O resultado da fala do Alcides⁵⁵⁰ é imediato no líder dos argonautas, de modo que é comparado a um cavalo de guerra:

Pelo acre aviso aceso, o Esônide atormenta-se / Qual feroso corcel que a fresca terra assiste / E que, na paz, dá curtas voltas preguiçosas, / Mas que ainda anseia os freios quando a seus ouvidos / Alcançam o rumor e as trombetas de Marte.⁵⁵¹ (V. Fl., 2, 385-389, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Conforme aponta Hershkowitz (1998, p. 116), o símile usado por Valério Flaco é parecido com um utilizado por Apolônio, porém, neste, ele ocorre quando Jasão é revigorado pelos filtros mágicos oferecidos por Medeia:

[...] O Moço Esonio / Unge o corpo depois, e um vigor sente / Descommunal, intrepido, ineffavel, / Endurecem-se as mãos, e enrobustecem. / Como marcio Corsel pugni-sedento / O chão co'a pata relinchando pulsa, / E co'as hirtas orelhas floreado, / A jubosa cerviz soberbo emprôa; / Por modo igual o Esonide exultava / De seus membros co'a força, e sem descanso / Para aqui, para alli os passos move, / Nas mãos vibrando o aheneo escudo e lança.⁵⁵² (A. R., 3, 1256-1265, trad. J. M. da Costa e Silva).

⁵⁴⁹ Segundo Pérez López (1991, p. 158), Sírio é a estrela principal da constelação de Cão. Homero faz menção à estrela em um dos símiles da *Iliada*, demonstrando seu aspecto negativo (PÉREZ LÓPEZ, 1991, p. 250): τὸν δ' ὁ γέρων Πρίαμος πρῶτος ἴδεν ὀφθαλμοῖσι / παμφαίνονθ' ὡς τ' ἀστέρ' ἐπεσσύμενον πεδίῳ, / ὅς ῥά τ' ὀπώρης εἶσιν, ἀρίζηλοι δέ οἱ αὐγαί / φαίνονται πολλοῖσι μετ' ἀστράσι νυκτὸς ἀμολγῶ, / ὅν τε κύν' Ὑρίωνος ἐπὶ κλησὶν καλέουσι. / λαμπρότατος μὲν ὁ γ' ἐστί, κακὸν δέ τε σῆμα τέτυκται, / καί τε φέρει πολλὸν πυρετὸν δειλοῖσι βροτοῖσιν: / ὡς τοῦ χαλκὸς ἔλαμπε περὶ στήθεσσι θεόντος. (Hom., II., 22, 25-32); “O primeiro a vê-lo com os olhos foi Príamo, o ancião: / viu-o refulgente como um astro a atravessar a planície, / como a estrela que aparece na época das ceifas, cujos raios / rebrilham entre os outros astros todos no negrume da noite, / estrela a que dão o nome de Cão de Oríon. / É a estrela mais brilhante do céu, mas é portento maligno, / pois traz muita febre aos desgraçados mortais. / Assim brilhava o bronze no peito dele enquanto corria.” (Hom., II., 22, 25-32, trad. F. Lourenço).

⁵⁵⁰ Essa fala pode ser conferida na página 117.

⁵⁵¹ *baud secus Aesonides monitis accensus amaris, / quam bellator equus, longa quem frigida pace / terra iuuat, †breuis† in laeuos piger angitur orbes, / frena tamen dominumque uelit, si Martius aures / clamor et obliti rursus fragor impleat aeris.* (V. Fl., 2, 385-389).

⁵⁵² καὶ δ' αὐτὸς μετέπειτα παλύνετο: δῦ δέ μιν ἀλκῆ / σμερδαλέῃ ἄφατός τε καὶ ἄτρομος: αἰ δ' ἐκάτερθεν / χεῖρες ἐπερρώσαντο περὶ σθένει σφριγώσσαι. / ὡς δ' ὄτ' ἀρήϊος ἵππος ἐελδόμενος πολέμοιο / σκαρθημῶ ἐπιχρεμέθων κρούει πέδον, αὐτὰρ ὑπερθεν / κυδιῶν ὀρθοῖσιν ἐπ' οὔασιν αὐχέν' αἰερεί: / τοῖος ἄρ' Αἰσονίδης ἐπαγιάετο κάρτεϊ γυίων. / πολλὰ δ' ἄρ' ἔνθα καὶ ἔνθα μετάρσιον ἵχνος ἔπαλλεν, / ἀσπίδα χαλκείην μελίην τ' ἐν χερσὶ τινάσσω. (A. R., 3, 1256-1265).

Assim, em Flaco, ocorre uma mudança de contexto, já que o herói não se prepara para uma batalha iminente como acontece com seu antecessor representado por Apolônio, mas apresenta o mesmo vigor quando é açulado pela busca por glória. Desse modo, acentua-se a distinção entre a construção do líder dos argonautas nas duas versões; enquanto em Apolônio, Jasão só se vê preparado para a batalha que lhe é iminente devido aos filtros oferecidos por Medeia, em Valério Flaco, o herói se mostra pronto, mesmo em um estágio inicial da narrativa e sem a urgência de combate (HERSHKOWITZ, 1998, p. 116). Se em Apolônio, ele precisa da certeza de vitória oferecida por Medeia, em Flaco, a necessidade é apenas de ser lembrado da glória a ser alcançada com a empresa a que se dedicam. Com esse deslocamento, Flaco demonstra que seu herói, ainda que esteja em formação, já apresenta características bem desenvolvidas, as quais aquele só conseguirá na porção final de sua viagem de ida à Cólquida, já com os filtros mágicos de Medeia.

Dada a diferenciação de tratamento dado à construção de Jasão entre Apolônio de Rodes e Valério Flaco, faz sentido que o segundo busque se afastar do modelo proposto por seu antecessor, já que seu público ainda dispunha não só do original grego como da tradução proposta por Varrão Atacino. A sobrevivência de uma obra muito parecida com esse modelo já estabelecido não parece promissora neste contexto. Assim, para se distanciar do paradigma, muitas vezes, Valério Flaco o considera através de outro modelo constituído: o da *Eneida* de Virgílio.

4.2.2 Os *Cantos Argonáuticos* e outras histórias

Valério Flaco se apropria de diferentes aspectos da epopeia virgiliana, como pode ser observado na equivalência das aberturas do canto IV da *Eneida* e do VII dos *Cantos Argonáuticos*, em que são narradas as aflições de Dido⁵⁵³ e de Medeia⁵⁵⁴ apaixonadas por

⁵⁵³ *At regina graui iamdudum saucia cura / uolnus alit uenis, et caeco carpitur igni. / Multa uiri uirtus animo, multusque recursat / gentis honos: haerent infixi pectore uoltus / uerbaque, nec placidam membris dat cura quietem.* (Verg., A., 4, 1-5); “Mas a rainha, d’antes já ferida / De violenta paixão, nas veias nutre / A chaga e em fogo oculto se consome. / Do herói o grã valor, a alta linhagem / Lhe volvem de continuo ao pensamento: / Seu rosto, os ditos seus lhe estão no peito / Profundamente impressos: nem a deixa / Dormir plácido sono este cuidado.” (Verg., A., 4, 1-5, trad. J. V. Barreto Feio).

⁵⁵⁴ *Te quoque Thessalico iam serus ab hospite uesper / dividit et iam te tua gaudia, uirgo, relinquunt, / noxque ruit soli ueniens non mitis amanti. / ergo ubi cunctatis extremo in limine plantis / contigit aegra toros et mens incensa tenebris, / uertere tunc uarios per longa insomnia questus / nec pereat quo scire malo, [...]* (V. Fl., 7, 1-7); “Já a tarda Vêesper, virgem, do hóspede Tessálio / Também te aparta e tua alegria te abandona. / A noite cai sem lenitivo à amante só. / Pois quando no último portal, com passos trôpegos, / Triste chegou ao leito, tendo a mente em trevas, / Na longa insônia revolveu vários queixumes / Não sabendo que mal a consumia. [...]” (V. Fl., 7, 1-7, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

estrangeiros (HERSHKOWITZ, 1998, p. 9), ou no episódio da tempestade que ocorre no livro I. Conforme afirma Hershkowitz (1998, p. 194-195), embora não seja incomum que a viagem dos argonautas seja permeada por tempestades, apenas na versão de Valério Flaco, o mau tempo tem uma importância acentuada dentro da narrativa. A estudiosa aponta que o poeta se baseia na tempestade presente no primeiro canto da *Eneida* tanto no que concerne à posição quanto à estrutura, já que apresenta a liberação dos ventos por Éolo⁵⁵⁵ e a calmaria garantida por Netuno⁵⁵⁶; contudo, mais do que uma repetição servil, Valério Flaco harmoniza algo apropriado de Virgílio ao contexto daquilo que está narrando (HERSHKOWITZ, 1998, p. 195). Desse modo, ao contrário dos troianos que estão no mar devido a uma adversidade, os argonautas cumprem um papel importante como primeiros navegadores, o que vem a ser acentuado pelo fato de que, enquanto os primeiros são reduzidos ao cansaço pela tempestade⁵⁵⁷, Jasão e seus companheiros superam a dificuldade com o apoio divino a suas aventuras, ao que o líder agradece⁵⁵⁸ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 195).

⁵⁵⁵ Em Virgílio: [...] *cauum conuersa cuspide montem / impulit in latus: ac uenti, uelut agmine facto, / qua data porta, ruunt et terras turbine perflant. / Incubere mari, totumque a sedibus imis / una Eurusque Notusque ruunt creberque procellis / Africus, et uastos uoluunt ad litora fluctus.* (Verg., A., 1, 81-86); “[...] o cavo monte a um lado / Com o conto da lança impele, e os ventos, / N’um grupo feitos, por onde acham porta / Rompem, e remoinhando a terra assolam. / Deitam-se ao mar; e lá do fundo leito / Todo ante si o trazem Euro e Noto / e o Áfrico em procelas crebro, e às praias / Arremessam rolando vastas ondas.” (Verg., A., 1, 81-86, trad. J. V. Barreto Feio). Em Flaco: [...] *at cuncti fremere intus et aequora uenti / poscere. tum ualidam contorto turbine portam / impulit Hippotades. fundunt se carcere laeti / Thraces equi Zephyrusque et nocti concolor alas / nimborum cum prole Notus crinemque procellis / hispidus et multa flauus caput Eurus harena; / induxere hiemem rauoque ad litora tractu / unanimes freta curua ferunt [...]* (V. Fl., 1, 608-615); “Rugiram todos ventos dentro; o mar pediam. / Com retorcido furacão, a forte porta / O Hipodate empurrou. Saem do cárcere Zéfiro / E os corcéis trácios; Noto de asas cor da noite / Co’as filhas nuvens; por tormentas desgrenhado, / O Euro de testa amarelada pela areia. / Trouxeram tempestade! À praia, com ribombos, / Juntos as vagas levam; [...]” (V. Fl., 1, 608-615, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁵⁶ Em Virgílio: [...] *et dicto citius tumida aequora placat, / collectasque fugat nubes, solemque reducit.* (Verg., A., 1, 142-143); “[...] e o tímido mar súbito amansa, / Amontoadas nuvens afugenta, / E restitui o sol. [...]” (Verg., A., 1, 142-143, trad. J. V. Barreto Feio). Em Flaco: *haec ait et pontum pater ac turbata reponit / litora depellitque Notos, quos caeruleus horror / et madido grauis unda sinu longeque secutus / imber ad Aeoliam tendunt simul aequore portam. / emicuit reserata dies caelumque resoluit / arcus et in summos redierunt nubila montes.* (V. Fl., 1, 651-656); “O deus sossega o ponto e a praia perturbada; / Expulsa o Noto que, a seguir, co’o horror escuro, / Co’a onda de úmidas entranhas e a borrasca, / Juntos ao mar da porta Eólia se encaminham. / Brilhou o aberto dia; o arco limpou os céus; / Nuvens voltaram para os picos das montanhas...” (V. Fl., 1, 651-656, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁵⁷ *Defessi Aeneadae, quae proxima litora, cursu / contendunt petere, et Libyae uertuntur ad oras.* (Verg., A., 1, 157-158); “Cansados os Enéadas forcejam / Por arribar à terra mais vizinha, / E de Líbia às regiões a proa inclinam.” (Verg., A., 1, 157-158, trad. J. V. Barreto Feio)

⁵⁵⁸ *iam placidis ratis exstat aquis, quam gurgite ab imo / et Thetis et magnis Nereus socer erigit ulnis. / ergo umeros ductor sacro uelatur amictu / Aesoniamque capit pateram, quam munere gaudens / liquerat hospitio pharetrasque rependerat auro / Salmoneus, [...] / hac pelago libat latices et talibus infit: / [...] / ecce autem molli Zephyros descendere lapsu / aspiciunt; uolat immissis caua pinus habenis / infinditque salum et spumas uomit aere tridenti.* (V. Fl., 1, 657-688); “Já em águas calmas se alça a nave que, do abismo, / Nereu – o sogro – e Tétis erguem com seus braços. / Logo Jasão co’o sacro manto os ombros cobre; / Segura a pátera esônia que, por dom / De abrigo, alegre, Salmoneu dera, e ganhara / O áureo carcás [...] / Liba com vinho o mar e assim começa: / [...] Então, vêem Zéfiro descer / Em suave queda; voa a nau a rédeas soltas, / As ondas fende e espalha espuma na ênea proa.” (V. Fl., 1, 657-688, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

A relação com o modelo é tão variada que Hershkowitz (1998, p. 216) considera que Valério Flaco corrige, em certa medida, o episódio da Gigantomaquia presente na *Eneida* colocando Tifeu⁵⁵⁹ embaixo do Etna em detrimento de Encélado⁵⁶⁰ virgiliano, afastando-se, assim, da versão de Virgílio e adotando a versão mais corrente do mito. Assim, embora tenha deferência em relação ao modelo, não assume totalmente uma posição servil frente a ele.

Se majoritariamente se afasta do modelo de herói presente em Apolônio, por outro lado, o Jasão de Flaco realizará um processo de aproximação e distanciamento do herói virgiliano, de modo que algumas características presentes em Eneias estarão em Jasão, fazendo com que um herói grego por excelência apresente características romanas modelares. Exemplo disso é sua *pietas*⁵⁶¹, que aparece logo no início, quando tem a empresa imposta por Pélias. Nesse momento de dúvida, suas principais opções configuram-se pela tomada do poder ou na confiança do auxílio divino⁵⁶². Fará então uma prece a Juno e a Palas para tal⁵⁶³, pelo que será prontamente atendido. Esse tipo de atitude se alastrará pela narrativa, o que pode ser observado quando Hércules é abandonado e o herói lamenta⁵⁶⁴, assim como quando

⁵⁵⁹ [...] *scopulis sed maximus illis / horror abest, Sicula pressus tellure Typhoeus. / hunc profugum et sacras reuomentem pectore flammis, / ut memorant, presum ipse comis Neptunus in altum / abstulit implicuitque vadis totiensque cruenta / mole resurgentem torquentemque anguibus undas / Sicanium dedit usque fretum cumque urbibus Aetnam / intulit ora premens. trux ille eiectat adesi / fundamental iugi; pariter tune omnis anhelat / Trinacria, iniectam fesso dum pectore molem / commouet experiens gemituque reponit inani.* (V. Fl., 2, 23-33); “[...] mas, nas penhas, / O horror maior não ‘stá: na Sicula é Tifeu! / Este, a fugir deitando do imo as lavas sacras – / Qual se conta – Netuno o ergueu pelos cabelos / E o mergulhou nas profundezas: ao surgir / A cruenta massa, revolvendo ondas co’as serpes, / Levou-o ao mar sicânio e, sob urbes pesadas, / Pô-lo no Etna. Atroz aquele, os fundamentos / Da roída rocha expele; então, toda a Trinácia / Arqueja quando tirar tenta a caída massa / Do exausto peito; mas, com inanes ais, desiste.” (V. Fl., 2, 23-33, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁶⁰ *Fama est Enceladi semustum fulmine corpus / urgueri mole hac, ingentemque insuper Aetnam / impositam ruptis flammam exspirare caminis; / et fessum quotiens mutet latus, intremere omnem / murmure Trinacriam, et caelum subtexere fumo.* (Verg., A., 3, 578-583); “É fama que debaixo desta mole, / Meio queimado o corpo com o raio, / Jaz Encéfalo oprimido e qu’o grande Etna, / Sobre ele imposto, rotas as crateras, / Estas chamas exata; e quantas vezes / Ele, por descansar, de lado muda, / Toda a Trinácia murmurando treme / E o céu cobre de fumo. [...]” (Verg., A., 3, 578-583, trad. J. V. Barreto Feio).

⁵⁶¹ Conforme Pereira (2009, p. 338-340): “A *pietas* define-se habitualmente como um sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos, parentes). [...] Estabelecendo assim um vínculo afectivo entre os membros de uma família, a *pietas* alargava-se à divindade, e acaba por compreender também as suas relações com o Estado. [...]”.

⁵⁶² “[...] *populumne leuem ueterique tyranno / infensum atque olim miserantes Aesona patres / aduocet? an socia Iunone et Pallade fretus / armisona superet magis et freta iussa capessat, / siqua operis tanti domito consurgere ponto / fama queat? [...]*” (V. Fl., 1, 71-76); “[...] Ou chame o débil povo hostil ao velho / Tirano e os nobres que de Éson se apiedaram, / Ou, fiado em Juno e na armissonante Palas, / Não mais espere e enfrente o mar, se alguma fama / Pode surgir, domado o ponto, de tais feitos.” (V. Fl., 1, 71-75, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁶³ Cf. página 115.

⁵⁶⁴ *ipse uel excelsi cum densa silentia montis / strata uel oblati ductor uidet aequora uentis, / stat lacrimans magnoque uiri cunctatur amore. / illius incessus habilemque ad terga pharetram, / illum inter proceres maestaque silentia mensae / quaerit inops quondam ingenti comprehensa trahentem / uina manu et durae referentem monstra nouercae.* (V. Fl., 3, 604-610); “O capitão vê o mar por ventos alisado / E, no alto da montanha, o completo silêncio; / Transido de afeição imensa, chora o herói. / Saudoso, busca seu andar, a aljava às costas, / No silêncio da mesa o melhor dentre os nobres, / O que, outrora, portando o vinho em mão ingente, /

encontra os companheiros do herói e eles lhe contam seus feitos⁵⁶⁵ (HERSHKOWITZ, 1998, p. 205-206). Ocorre também quando Valério Flaco insere o episódio de Hele, o que permite, segundo Hershkowitz (1998, p. 190-192), que a história dos argonautas se configure como um paralelo a de Hele⁵⁶⁶, mas também demonstra a deferência de Jasão quanto à figura deificada⁵⁶⁷ e, posteriormente, ao próprio Frixo⁵⁶⁸, conforme o pedido de sua irmã,

Da impiedosa madrasta as maldades contava.” (V. Fl., 3, 604-610, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Assim como cf. página 118.

⁵⁶⁵ *ipse autem comitum conuersus ad ora nouorum / ‘uos mihi nunc pugnas’ ait ‘et uictricia’ ductor / ‘Herculis arma mei uestrasque in litore Martis / interea memorate manus.’ sic fatus et aegro / corde silens audit cursus bellique labores / uirginei, exciderit frenis quae prima remissis, / semianimem patrius quam sanguine uexerit amnis / quae pelta latus atque umeros nudata pharetris / fugerit Herculeae mox uulnere prensa sagittae, / utque securigeras stimulauerit Ira cateruas / fleturusque pater, quantus duce terror in ipsa, / qui furor, insignis quo balteus arserit auro.* (V. Fl., 5, 128-139); “O capitão, porém, aos novos companheiros / Mirando diz: ‘Contai-me agora as vitoriosas / Lutas de Hércules e os vossos próprios feitos / Na márcia costa’. Assim falou e ouviu, silente, / Magoado o coração, da guerra contra a Virgem / Que pela prima vez tombara, sem as rédeas; / Que o pátrio rio, semi-morta, a arrastara; / Que sem escudo e sem aljava se abalara / Depois que por hercúlea flecha foi ferida; / Como a Ira e o Pai, que a choraria, estimularam / A malta armada! Ó que terror, na própria líder / Que fúria! Que ouro fulgurou no cinturão.” (V. Fl., 5, 128-139, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁶⁶ [...] *dum sternit aquas, proceresque ducemque / aspicit et placidis compellat lasona dictis: / ‘te quoque ab Haemoniis ignota per aequora terris / regna infesta domus fatisque simillima nostris / fata ferunt; iterum Aeolios Fortuna nepotes / spargit, et infelix Scythicum gens quaeritis amnem. / uasta super tellus, longum (ne defice coeptis) / aequor, et ipse procul, uerum dabit ostia Phasis. / hic nemus arcanum geminaeque uirentibus arae / stant tumulis; hic prima pia sollemnia Phrixo / ferte manu cinerique, precor, mea reddite dicta: / non ego per Stygiae quod rere silentia ripae, / frater, agor; frustra uacui scrutaris Auerni, / care, uias; neque enim scopulis me et fluctibus actam / frangit hiems: celeri extemplo subiere ruentem / Cymothoe Glaucusque manu; pater ipse profundi / has etiam sedes, haec numine tradidit aequo / regna nec Inois noster sinus inuidet undis.’* (V. Fl., 2, 590-607); “[...] Enquanto amaina as águas, ela / Vê o capitão e, com palavras doces, diz-lhe: / ‘Também te levam, desde a Hemônia, em mar estranho, / A reino hostil, a casa e o Fado iguais aos meus. / A Fortuna, de novo, espalha os filhos de Éolo; / E tu, raça infeliz, o cítio rio buscas. / Há a vasta terra, um longo mar (não largue a empresa!) / E, longe, o Fase – mas que a ti dará entrada. / Há ali um bosque oculto e altares gêmeos sobre / Os verdes montes: cumpre lá os primos ritos / A Frixo e às cinzas, peço, os meus ditos transmite: / ‘Pelo silêncio, irmão, do Estige, qual tu crês, / Não erro. Em vão, querido, buscas os caminhos / Do inane Averno. Nem, lançada a rocha ou vagas, / Me acossa o temporal. Ao cair, presto, Glauco / E Cimotoé me ergueram. Deu-me o próprio Pai / Das profundezas, por bondade, casa e reino; / E nosso golfo em nada inveja o mar ináquio’.” (V. Fl., 2, 590-607, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁶⁷ *tum pelago uina inuergens dux talibus infit: / ‘undarum decus et gentis, Cretheia uirgo, / pande uiam cursuque tuos age, diua, secundo’,* (V. Fl., 2, 610-612); “O capitão, libando o mar com vinho, disse: / ‘Virgem creteia, honra das ondas e da raça, / Abre o caminho e leva os teus em bom percurso!’” (V. Fl., 2, 610-612, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁶⁸ *Ac dum prima graui ductor subit ostia pulsu, / populeos flexus tumulumque uirentia supra / flumina cognati medio uidet aggere Phruxi, / quem comes infelix Pario de marmore iuxta / stat soror, hinc saevae formidine maesta nouercae, / inde maris, pecudique timens imponere palmas. / sistere tum socios iubet atque hinc prima ligari / uincola, ceu Pagasas patriumque intrauerit amnem. / ipse graui patera sacri libamina Bacchi / rite ferens umbram uocat et sic fatur ad aras: / ‘per genus atque pares tecum mihi, Phruxe, labores / tu, precor, orsa regas meque his tuteris in oris / tot freta, tot durae properantia sidera brumae / passum. Phruxe, faue et patrias reminiscere terras. / tu quoque nunc, tumulo nequiquam condita inani, / adnue diua maris numeroque accede tuorum. / quando egomet rursus per te uehar? aurea quando / Seston et infaustos adgnoscent uellera fluctus / uos etiam siluae, uos Colchidos hospitibus orae, / pandite, diues ubi pellis micet arbore sacra. / tunc tibi, fecundi proles Iouis, orte niuali / Arcados axe deae, fluuio modo, Phasi, quieto / Palladium patiare rate, nec dona nec arae / defuerint tellure mea; reuerenda fluentis / effigies te, Phasi, manet, quam magnus Enipeus / et pater aurato quantus iacet Inachus antro.’ / dixerat, [...];* (V. Fl., 5, 184-210); “Enquanto o capitão, co’ esforço sobe a foz, / Vê curvos choupos e, a se erguer na verde margem, / Em meio a um monte, do parente Frixo a tumba / E, ao lado, a irmã, a triste amiga, em pário mármore: / Mesta, daqui, pelo pavor da cruel madrasta / Dali, no mar, tocando trémula o tosão / Parar, então, mandou os sócios e prenderem-se / As cordas como quando entrou nas

apaziguando, desse modo, a alma de um parente, conforme Pélias havia ordenado, mas de modo contrário à real intenção do tirano.

Segundo Hershkowitz (1998, p. 110), é possível apontar esse processo de paralelismo entre os heróis quando se trata da busca por glória dentro das duas narrativas. Em Virgílio, Eneias motiva seus companheiros com a possibilidade de que um deus colocaria fim a seus sofrimentos e sugerindo que poderiam se lembrar no futuro desse momento com gratidão:

Ó vós que haveis sofrido outros mais graves, / A estes também deus porá seu termo. / Vós a Ciléia raiva experimentastes / E os penedos que longe retumbavam: / Vós passastes as rochas dos Ciclopes. / Cobrai ânimo e longe o triste medo / Lançai de vós. Talvez inda o lembrar-vos / De quanto ora sofreis vos será grato.⁵⁶⁹ (Verg., A., 1, 198-203, trad. J. V. Barreto Feio).

Em Valério Flaco, Jasão apresenta a empresa que enfrentarão como um desígnio de Júpiter e que suas aventuras certamente serão lembradas pelas gerações seguintes (HERSHKOWITZ, 1998, p. 110):

“Já que dos deuses os desígnios vedes, homens, / E que esperança grande é dada a esta empresa, / Trazei convosco a força e os ânimos paternos. / Não culparei as impiedades do tirano / Ou seus ardis: ordena-o o deus com bons presságios. / O próprio Jove quis o comércio no mundo / E misturar tantos trabalhos dos humanos. / Parti comigo, heróis! Vencei nas incertezas / O que lembrar nos faça, e anime nossos netos.⁵⁷⁰ (V. Fl., 1, 241-249, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Desse modo, esses pontos de comparação entre os heróis podem apontar para o fato de que a viagem de Jasão tem caráter mais positivo em contraste com a de Eneias, neste ponto da narrativa. Como o episódio em Virgílio está inserido entre a fuga de Troia e a chegada a

águas Págasas. / Erguendo a grande taça co’o sagrado Baco. / Ele, num rito, chama a sombra e diz às aras: / ‘Por raça e feitos meus iguais aos teus, ó Frixo, / Peço que guies e me guardes nestas plagas / Tendo eu sofrido tanto mar e aziagos astros. / Da pátria terra, Frixo, lembra e sê propício; / E tu também, oculta em tumba inane e vaga, / Deusa marinha, ajuda e conta-me entre os teus. / Quando de novo, sobre ti, serei trazido / E o velo de ouro reverá a infausta Sesto? / Hospitaleiras praias colcas, e vós bosques / Revelai onde a rica pele brilha na árvore. / Então tu, Fase, jóvea prole, em níveo cume / Nato da arcádia deusa, acolhe em manso curso / Agora a nau paládia; não te faltarão / Em minha terra dons e altares; veneranda / Efégie aguarda-te, tão grande quanto aquelas / Do Inaco e do Enipeu, que em áureo nicho jazem’. / Disse. [...]” (V. Fl., 5, 184-210, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁶⁹ “*O socii — neque enim ignari sumus ante malorum — / O passi grauiora, dabit deus his quoque finem. / Vos et Scyllaeam rabiem penitusque sonantis / accestis scopulos, uos et Cyclopea saxa / experti: reuocate animos, maestumque timorem / mittite: forsan et haec olim meminisse iuuabit.* (Verg., A., 1, 198-203).

⁵⁷⁰ [...] “*superum quando consulta uidetis, / o socii (quantisque datur spes maxima coeptis!) / uos quoque nunc uires animosque adferre paternos. / non mihi Thessalici pietas culpanda tyranni / suspectiue doli: deus haec, deus omine dextro / imperat; ipse suo uoluit commercia mundo / Iuppiter et tantos hominum miscere labores. / ite, uiri, mecum dubiisque euincite rebus, / quae meminisse iuuet nostrisque nepotibus instent.* (V. Fl., 1, 241-249).

Cartago, Eneias lembra dificuldades já vivenciadas por seus companheiros. A Jasão, entretanto, cabe a lembrança dos feitos paternos para inspirar os argonautas. Se a viagem de Eneias é premeada pela incerteza – mesmo com personagens que já vivenciaram grandes feitos – e o peso de uma fuga, a de Jasão apresenta a promessa certa de glória, já que ao mesmo tempo em que a novidade dos caminhos a serem explorados representa imprecisão, oferece aos heróis um feito único.

Para esse paralelismo da *pietas* entre Eneias e Jasão, o episódio da parada em Lemnos torna-se significativo. Sob certos aspectos, a estadia dos argonautas no reino de Hipsípila pode ser considerada coincidente àquela dos troianos em Cartago. De fato, a interrupção de uma viagem e consequente atraso no cumprimento de um objetivo não seria um tema novo em uma epopeia, tendo sido vivenciado por Odisseu, em seu encontro, com Circe e, principalmente, Calipso. Entretanto, Jasão, assim como Eneias e ao contrário, em parte, de Odisseu, é responsável não só por si, mas pelo conjunto de seus companheiros. Do mesmo modo que seu antecessor virgiliano que é admoestado por Mercúrio, Jasão precisará de uma figura que o encaminhe a seu real objetivo, em detrimento do possível reinado que poderia estabelecer no local em que se demora.

Ao contrário do que ocorre com Dido, todavia, Valério Flaco acentua a boa vontade de Hipsípila com a partida do amado, tendo-a construído com características romanas, como aparece em sua *pietas* em relação a seu pai que a rainha salva do massacre⁵⁷¹ (GOUVÊA JÚNIOR, 2007, p. 116-117), de modo que entende que o herói precisa partir devido aos desígnios divinos. Neste momento da narrativa, o líder dos argonautas recolherá suas armas e seus homens⁵⁷² para a partida sem precisar se esconder, nem receber nova ordem, como fizera

⁵⁷¹ Conforme afirma Gouvêa Júnior (2007, p. 114-115), embora o episódio do salvamento paterno faça parte da tradição do mito, Valério Flaco acentua a virtude da rainha, detalhando, mais que Apolônio, a motivação do resgate – *regina ut roseis Auroram surgere bigis / uidit et insomni lassatas turbine tandem / conticuisse domos, stabilem quando optima facta / dant animum maiorque piis audacia coeptis, / sertae patri iuuenisque comam uestesque Lyaei / induit et medium curru locat aeraque circum / tympanaque et plenas tacita formidine cistas.* (V. Fl., 2, 261-267); “Quando a rainha viu, em rósea biga, a Aurora / Surgir, e as casas pelo esforço fatigadas / Silenciarem-se, enfim, porquanto os grandes feitos / Dão vigor e é maior a audácia na piedade, / Co’as roupas de Lieu e a cabeleira jovem / Veste o pai, e no carro o põe, entre pandeiros, / Trompas e cestos com mistérios reverentes.” (V. Fl., 2, 261-267, trad. M. M. Gouvêa Júnior) – e demonstrando que Hipsípila era digna de ser imortalizada nos cantos: *Sed tibi nunc quae digna tuis ingentibus ausis / ora feram, decus et patriae laus una ruentis, / Hypsipyle? non ulla meo te carmine dictam / abstulerint, durent Latiis modo saecula fastis / Iliacique lares tantique palatia regni.* (V. Fl., 2, 242-246); “Mas que cantos trar-te-ei, de tua audácia dignos, / De uma pátria que rui, ó Hipsípila, honra e glória? / Nada te furtará a fama de meus versos / Enquanto os Fastos, pelos séculos, durarem, / E os palácios do reino e de Ílio os deuses Lares.” (V. Fl., 2, 242-246, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁷² Hershkowitz (1998, p. 117) indica que, nesse ponto, o uso de *arma* e *uiros* aponta para a retomada de aspectos épicos que foram deixados de lado no episódio e precisam ser retomados: *tunc Argum Tiphynque uocat pelagoque parari / praecipitat; petit ingenti clamore magister / arma uiros pariter sparsosque in litore remos*

Eneias, e, se Dido reclama de não ter sido agraciada com um filho⁵⁷³, Hipsípila é deixada grávida, o que a motiva a pedir que Jasão retorne após cumprir seu objetivo. Além disso, a rainha ainda oferece a espada de seu pai ao herói de modo que possa continuar seus feitos heroicos (GOUVÊA JÚNIOR, 2007, p. 115):

“Aceita, p’ra que eu seja amiga em meio às guerras: / Do deus do Etna o dom que o pai cingiu, ardente, / Agora digno de juntar-se às tuas armas. / Parte, e da terra que primeiro te abraçou / Recorda, e volta, conquistada a praia colca, / Pelo nosso Jasão, que deixas neste ventre”.⁵⁷⁴ (V. Fl., 419-424, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Assim, Valério Flaco constrói Jasão, neste seu primeiro concurso amoroso, de modo mais positivo do que Eneias aos olhos daquela que é deixada para trás, inclusive porque a rainha apresenta características compatíveis com as do herói. Todavia, quando Jasão se vê reunido com Medeia, assim como ocorre com Eneias e Dido, há um conflito de ideias, entre o herói, que coloca seus ideais épicos em primeiro plano, e a figura feminina, que põe seus valores passionais e amorosos acima de sua família e sua pátria (MELLO; FERREIRA LIMA, 2014, p. 72), mesma incompatibilidade que ocorre, por exemplo, entre Teseu e Ariadne, segundo Ferreira Lima (2007, p. 125-126). Com isso, próximo de um possível rompimento, em que os argonautas pressionam o herói para que Medeia seja devolvida ao irmão, Jasão tentará enganar a feiticeira, como Eneias fizera com Dido, e, assim como ele, falhará, devido à impossibilidade de que se possa ludibriar alguém apaixonado⁵⁷⁵.

(V. Fl., 2, 390-392); “A Tífis e Argo [Jasão] chama e para o mar apresta-os. / Co’ ingente brado, o timoneiro ao mesmo tempo / **Varões e armas** chama, e os remos espraiaidos.” (V. Fl., 2, 390-392, trad. M. M. Gouvêa Júnior. Grifo nosso). Além disso, retoma, em certa medida, o episódio da partida de Eneias (HERSHKOWITZ, 1998, p. 117): *Mnesthea Sergestumque uocat fortemque Serestum, / classem aptent taciti sociosque ad litora cogant, / arma parent, [...]* (Verg., A., 4, 288-290); “Chama Mnesteu, Sergesto e o bom Cloanto, / Que, tácitos as naus aparelhando, / Façam reunir na praia os companheiros, / Tenham prontas as armas, lhes ordena” (Verg., A., 4, 288-290, trad. J. V. Barreto Feio).

⁵⁷³ *Saltem si qua mihi de te suscepta fuisset / ante fugam suboles, si quis mihi paruulus aula / luderet Aeneas, qui te tamen ore referret, / non equidem omnino capta ac deserta uiderer.*” (Verg., A., 4, 327-330); “Se antes da fuga ao menos eu tivesse / Concebido de ti; se em meu palácio / Um pequenino Eneias me brincasse, / No semblante contigo parecido, / Eu deveras então me não teria / Por traída de todo e abandonada!” (Verg., A., 4, 327-330, trad. J. V. Barreto Feio).

⁵⁷⁴ *‘accipe’ ait, ‘bellis mediaeque ut puluere pugnae / sim comes, Aetnaei genitor quae flammea gessit / dona dei, nunc digna tuis adiungier armis. / i, memor i terrae, quae uos amplexa quieto / prima sinu, refer et domitis a Colchidos oris / uela per hunc utero quem linquis Iasona nostro.’* (V. Fl., 4, 419-424).

⁵⁷⁵ Há em Virgílio: *At regina dolos — quis fallere possit amantem? / praesensit, [...]* (Verg., A., 4, 296-297); “Mas a rainha pressentiu o dolo, / (Quem há hi que um amante enganar possa?)” (Verg., A., 4, 296-297, trad. J. V. Barreto Feio). E em Flaco: *Sed miser ut uanos, ueros ita saepe timores / uersat amor fallique sinit nec uirginis annos.* (V. Fl., 8, 408-409); “Contudo, o pobre Amor, que move os veros medos – / E os vãos também –, lograr não deixa à jovem virgem.” (V. Fl., 8, 408-409, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Se em Lemnos, o pedido de Hércules serve para que Jasão se lembre de seu objetivo, conforme havia se proposto, ao que o herói se lança sem grandes conflitos, em Peuce, os argumentos de seus companheiros são contrários à sua vontade, assim como acontece com Eneias ao partir de Cartago. Desse modo, Jasão se afasta de Eneias, chegando a superá-lo, quando se considera sua relação com Hipsípila – ao ponto de conquistá-la sem intervenção divina (GOUVÊA JÚNIOR, 2007, p. 118), utilizando apenas suas palavras⁵⁷⁶ –, mas se aproxima de seu antecessor virgiliano se posto em situação mais similar à dele. Porém, se Eneias, mesmo não desejando abandonar Dido, argumenta não ter assumido relações matrimoniais com a rainha e que estas estariam longe de seu objetivo e de sua vontade⁵⁷⁷, Jasão se vê em um conflito, pois prometera união a Medeia, o que fora sacramentado pelo casamento⁵⁷⁸. Se Valério Flaco não pode fazer com que Jasão não traia a palavra dada à feiticeira no futuro, neste momento, coloca-o em situação semelhante à de Eneias, permitindo que o herói demonstre um claro conflito entre a *fides*⁵⁷⁹ em relação a Medeia e a *pietas* aos seus companheiros, de maneira a aproximá-lo de conflitos que outros heróis tiveram⁵⁸⁰, o que não fica tão claro quando se narra os efeitos posteriores em tragédias cujo ponto central é a figura de Medeia, conforme ocorre em Eurípedes e Sêneca, embora, neste, um embate semelhante esteja presente.

Com a chegada de Jasão à Cólquida, Valério Flaco introduz um personagem ausente na epopeia de Apolônio de Rodes e nas demais versões: Estiro, noivo de Medeia. Hershkowitz (1998, p. 219) aponta que a figura do noivo que perde sua prometida em detrimento de um estrangeiro relembra a de Turno, na *Eneida*, já que este tinha sido prometido a Lavínia. Entretanto, enquanto Turno apresenta-se como belicista, que termina morto por Eneias, Estiro, lutando no mesmo exército que Jasão, em um duelo de amantes contra Anause⁵⁸¹, em que poderia se aproximar de seu antecessor, tem uma atitude ignóbil ao

⁵⁷⁶ Cf. página 130.

⁵⁷⁷ *Neque ego hanc abscondere furto / speravi — ne finge — fugam, nec coniugis umquam / praetendi taedas, aut haec in foedera ueni. / Me si fata meis paterentur ducere uitam / auspiciis et sponte mea componere curas, / urbem Troianam primum dulcisque meorum / reliquias colerem, [...]* (Verg., A., 4, 337-343); “Nem eu te ocultar esta partida / Jamais (tal não presumas) tive ideia, / Nem fochos de Himeneu pretendi nunca, / Ou vim em confirmar tais alianças. / Se a meu gosto viver me desse o fado / E fazer livremente o que eu pensasse, / Na cidade de Tróia antes ficara / Dos meus entre as relíquias saudosas;” (Verg., A., 4, 337-343, trad. J. V. Barreto Feio).

⁵⁷⁸ Cf. páginas 136 e 137.

⁵⁷⁹ Segundo Pereira (2009, p. 334): “[...] *fides* é um juramento que compromete ambas as partes na observância de um pacto ‘bem firme’.”

⁵⁸⁰ Cf. páginas 154 e 155.

⁵⁸¹ Anause também se interessava por Medeia: [...] *laetusque uirum cognoscit Anausis, / et prior ‘en cuius thalamis Aetia uirgo / dicta manet nostrosque feret qui uictor amores. / non’, ait, ‘inuitoque gener mutabere patri.’* (V. Fl., 6, 266-269); “[...] Anause, alegre, o [Estiro] reconhece / E diz primeiro: ‘Eis para quem a virgem

fugir do combate, sem ao menos perceber que matara seu oponente⁵⁸² (HERSHKOWITZ, 1998, p. 219).

Posteriormente, ao perseguir os argonautas, Estiro tem um discurso parecido com aquele de Turno (HERSHKOWITZ, 1998, p. 238). Assim, se verifica em Flaco: “[...] Verás digno combate / E, ao mar sangrento, ir-se a cabeça cara, o corpo / Do afeminado [*semiuiiri*] aqueu; a olente cabeleira / Não mais com mirra, mas com piche, enxofre e chamas.”⁵⁸³ (V. Fl., 8, 345-348, trad. M. M. Gouvêa Júnior). Enquanto em Virgílio: “[...] Dá que o corpo / Derribe e rota com a mão forte arranque / Do Dardânio semiviro a couraça, / Que do sórdido pó lhe manche a trunfa / Riçada a quente ferro, a escorrer mirra!”⁵⁸⁴ (Verg., A., 97-100, trad. J. M. da Costa e Silva). A retomada do modelo pode ser apontada pela escolha vocabular realizada para caracterizar o oponente: um semi-homem (*semiuiiri*) com cabelo perfumado com mirra (*murra*). Todavia, Flaco, que já mostrara que o oponente de Jasão não era digno de Turno, acentuará essa distância com a morte de Estiro (HERSHKOWITZ, 1998, p. 219). Se Turno morre pela espada de Eneias, Estiro é morto pela violência do mar atçada pela tempestade de Juno.

A construção de Estiro por Valério Flaco garante a retomada do modelo de Virgílio, gerando uma quebra de expectativa no leitor que poderia esperar um novo Turno – que fora um segundo Aquiles –, ao mesmo tempo em que acentua, em certa medida, as qualidades de Jasão. Se Estiro foge em combate, Jasão, no mesmo contexto, tem sua ἀριστεία (*aristeía*), em parte responsável pela conquista de Medeia. Se Jasão é querido pelos deuses ao ponto de que Juno crie uma tempestade para protegê-lo, Estiro não é ajudado nem mesmo por seus companheiros de exército⁵⁸⁵. Contudo, de modo geral, a relação entre Jasão e Medeia coloca o

de Eetes / Foi prometida e, vitorioso, o amor me leva. / Posto o não queira, o pai de genro mudará’!” (V. Fl., 6, 266-269, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁸² *tum simul aduersas conlatis cursibus hastas / coniciunt; fugit adductis Albanus habenis / saucius atque datum leto non sperat Anausin, / nec uidet [...]* (V. Fl., 6, 270-273); “Correndo juntos, os contrários dardos mandam. / Ferido, o Albano foge, as rédeas a puxar; / E não espera ou vê Anause entregue à morte.” (V. Fl., 6, 270-272, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁸³ [...] *iam digna uidebis / proelia, iamque illud carum caput ire cruenta / sub freta, semiuiiri nec murra corpus Achiui / sed pice, sed flammis et olentis sulphure crines.* (V. Fl., 8, 345-348).

⁵⁸⁴ [...] *Da sternere corpus / loricamque manu ualida lacerare reuulsam / semiuiiri Phrygis et foedare in puluere crinis / uibratos calido ferro murraque madentis.*” (Verg., A., 97-100).

⁵⁸⁵ *ibat et arma ferens et strictum naufragus ensem, / incipit et remos et quaerere transtra solutae / sparsa ratis maestasque altis intendere uoces / puppibus; ast inter tantos succurrere fluctus / nulla potest aut ille †uelit†, quotiensque propinquat, / tunc aliud rursus dirimit mare. iam tamen errat / iamque abiit, fundoque iterum violentus ab imo / erigitur; sed fluctus adest magnoque sub altis / turbine figit aquis, et tandem uirgine cessit.* (V. Fl., 8, 360-368); “Levando a espada em punho e as armas, ia o náufrago; / Põe-se a buscar remos e bancos da nau soltos, / E às altas popas lança gritos de aflição. / Mas nenhum barco o ajudar pode ou quer, em meio / A tantas ondas. Cada vez que se aproxima, / P’ra trás, de novo, o mar o afasta. O violento / Já sobe e desce, e do

herói em posição que é em certa medida negativa, tanto diante de seus companheiros quanto daqueles próximos de Medeia.

Ao fugir com a feiticeira, Jasão recebe o rótulo de ladrão/pirata (*praedo*) da mãe e do irmão de Medeia⁵⁸⁶. Eneias também o obtém da mãe de Lavínia:

Nem desta triste mãe desconsolada / Te compadeces, qu'ao primeiro vento / Só deixará o pérfido pirata [*praedo*], / Co'a roubada donzela o mar sulcando? / Não foi assim qu'em Sparta o pastor Frígio / Se introduziu, e qu'a Ledeia Helena / Consigo transportou de Troia aos muros?⁵⁸⁷ (Verg., A., 7, 361-364, trad. J. V. Barreto Feio).

A utilização do termo na *Eneida* retoma a figura de Páris, que fora a Esparta e sequestrara Helena, sem que esta fosse o prêmio de um conflito armado, mesma situação em que se encontra Jasão. Assim, embora retome o termo utilizado por Virgílio, do mesmo modo que este, Flaco alude a algo relacionado à *Ilíada*, já que ligara a Argonáutica a Páris⁵⁸⁸ e à guerra entre Europa e Ásia. O poeta aproxima ainda mais os acontecimentos de sua epopeia com os da de Homero quando Absirto afirma que lançaria guerra à Grécia por vingança do sequestro de sua irmã⁵⁸⁹, o que assusta os argonautas, os quais pressionam Jasão para que devolva a feiticeira (HERSHKOWITZ, 1998, p. 236-237). Ao leitor, uma guerra ocasionada pelo rapto de uma mulher lembraria a *Ilíada*, porém ao contrário do que ocorre no texto homérico, uma guerra tão longa não aconteceria já que, de acordo com a tradição do mito e as pistas dadas pelo autor⁵⁹⁰, Absirto seria morto. Dessa forma, Jasão se afastaria de Páris por, pelo menos, desejar lutar contra Absirto⁵⁹¹, ao que o filho de Príamo não se propõe ao longo da *Ilíada*, embora, com a interrupção da narrativa não se possa saber como a morte do irmão de Medeia ocorreria.

Não apenas à *Ilíada* e à *Eneida* recorre o poeta. Quanto à *Odisseia*, Valério Flaco cria, por exemplo, um encontro entre Jasão e Medeia que lembra aquele de Odisseu e Nausícaa,

imo emerge. Mas u'a onda / Chega e num grande torvelinho sob as águas / O prende – enfim foi pela virgem derrotado.” (V. Fl., 8, 360-368, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁸⁶ Cf. página 137.

⁵⁸⁷ *Nec matris miseret, quam primo aquilone relinquet / perfidus alta petens abducta uirgine praedo? / An non sic Phrygius penetrat Lacedaemona pastor / Ledaeamque Helenam Troianas uexit ad urbes?* (Verg., A., 7, 361-364).

⁵⁸⁸ Cf. página 138.

⁵⁸⁹ [...] *te, Graecia fallax, / persequor atque tuis hunc quasso moenibus ignem* (V. Fl., 8, 275-276); “[...] Grécia falaz, te acoisarei / E às tuas muralhas co'este fogo eu buscarei!” (V. Fl., 8, 275-276, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

⁵⁹⁰ Cf. página 61.

⁵⁹¹ Cf. página 138.

inclusive pela comparação, que os heróis fazem, das princesas com Ártemis/Diana (HERSHKOWITZ, 1998, p. 96-97). Assim, encontra-se em Homero:

“Os joelhos ora te abraço, senhora; és mortal ou divina? / Se uma deusa tu foras, daquelas que o céu vasto habitam, / é a Ártemis, principalmente, de Zeus poderoso nascida, / que te comparo, na forma elegante e elevada estatura. / Mas, se pertences à raça dos homens que vivem na terra, / julgo três vezes feliz ser teu pai e sua nobre consorte, / três vezes, sim, teus irmãos. Quanto deve no peito estuar-lhes / o coração, por tua causa, movido de pura alegria, / ao contemplarem nos bailes criatura de tanta esbelteza! / Mas, sobre todos, feliz no mais íntimo aquele que a casa / vier a levar-te depois que exceler-se nos dotes da noiva, / pois os meus olhos jamais contemplaram tão nobre vergôntea / entre quaisquer dos mortais; reverente me deixa tua vista.⁵⁹² (Hom., *Od.*, 6, 149-161, trad. C. Alberto Nunes).

E em Flaco:

“Se és deusa”, diz, “Se aqui está a glória do Olimpo, / Creio estas sejam face e as tochas de Diana; / E tu, despida do carcás, da paz fruindo, / Às suas águas as caucáseas ninfas trazem-te. / Porém, se habitas esta terra e és mortal, / Feliz teu pai, e mais feliz, um dia, aquele / Que te levar e mantiver por longos anos.⁵⁹³ (V. Fl., 5, 378-384, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

Hershkowitz (1998, p. 97) considera que há, no trecho dos *Cantos Argonáuticos*, uma ironia, já que Jasão, assim como fizera Odisseu com Nausícaa, fala da fortuna de quem tomaria Medeia futuramente como esposa. No caso de Jasão, sabe-se que isto se afasta da realidade dada a tradição do mito. Na *Odisseia*, contudo, o herói não se une a Nausícaa, não concretizando de qualquer forma sua predição. De qualquer modo, se Odisseu se depara com a princesa dos feácios em posição um tanto desesperadora, estando nu e suplicante, Jasão chega a Medeia acreditando que tem direito sobre aquilo que pede⁵⁹⁴. Esse aspecto é ainda acentuado se considerar-se que a feiticeira, ao ver à distância o grupo dos heróis, é tomada

⁵⁹² “γουνουῦμαί σε, ἄνασσα: θεός νύ τις, ἢ βροτός ἐσσι; / εἰ μὲν τις θεός ἐσσι, τοῖ οὐρανὸν εὐρὺν ἔχουσιν, / Ἀρτέμιδί σε ἐγὼ γε, Διὸς κούρη μεγάλοιο, / εἶδος τε μέγεθος τε φυήν τ’ ἄγχιστα εἴσκω: / εἰ δέ τις ἐσσι βροτῶν, τοῖ ἐπὶ χθονὶ ναιετάουσιν, / τρίς μάκαρες μὲν σοὶ γε πατήρ καὶ πότνια μήτηρ, / τρίς μάκαρες δὲ κασίγνητοι: μάλα πού σφισι θυμὸς / αἰὲν ἔυφροσύνησιν ἰαίνεται εἵνεκα σεῖο, / λευσσότων τοιόνδε θάλας χορὸν εἰσοιχνεῦσαν. / κείνος δ’ αὖ περὶ κῆρι μακάρτατος ἔξοχον ἄλλων, / ὅς κέ σ’ ἐέδνοισι βρίσας οἴκονδ’ ἀγάγηται. / οὐ γάρ πω τοιοῦτον ἴδον βροτὸν ὀφθαλμοῖσιν, / οὔτ’ ἄνδρ’ οὔτε γυναῖκα: σέβας μ’ ἔχει εἰσορόωντα. (Hom., *Od.*, 6, 149-161).

⁵⁹³ “si dea, si magni decus huc ades” inquit “Olympi, / has ego credo faces, haec uirginis ora Dianae, / teque renodatam pharetris ac pace fruentem / ad sua Caucaseae producunt flumina Nymphae. / si domus in terris atque hinc tibi gentis origo, / felix prole parens, olimque beatior ille, / qui tulerit longis et te sibi iunxerit annis.” (V. Fl., 5, 378-384).

⁵⁹⁴ *urbis et ignoti mens experienda tyranni. / adnuet ipse, reor, neque inexorabile certe / quod petimus. [...]* (V. Fl., 5, 319-321); “A vila e as intenções do rei desconhecido. / Ele anuirá, decerto; eu creio que exorável / É o que pedimos. [...]” (V. Fl., 5, 319-321, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

pelo medo⁵⁹⁵, enquanto Odisseu chega ao reino de Nausíaca sozinho, tendo perdido todos os seus companheiros.

Dessa forma, há, nos *Cantos Argonáuticos*, uma tendência de que Valério Flaco recorra aos modelos heroicos anteriores de modo a construir seu Jasão como um herói aperfeiçoado, incluindo, ao longo da narrativa, pistas que trazem ao leitor esses modelos e permitem compará-los. Se o poeta poderia estar em alguma desvantagem por escrever após grandes nomes, como Virgílio, e estar sob a sombra deles, seu herói, em contrapartida, tem o privilégio de poder observar as atuações anteriores a ele e aprender com os erros cometidos, desviando-se deles.

⁵⁹⁵ *ut procul extremi gelidis a fluminis undis / prima uiros tacito uidit procedere passu, / substitit ac maesto nutricem adfata timore est: / 'quae manus haec, certo ceu me petat agmine, mater, / aduenit haud armis, haud umquam cognita cultu? / quaere fugam, precor, et tutos circumspice saltss'* (V. Fl., 5, 350-355); “Ao ver ao longe, às ondas gélidas da foz / Do rio, os homens, que em silente passo andavam, / Parou e à ama, com temor funesto, disse: / ‘Que tropa é esta, mãe, que vem como se a mim / Buscasse, incógnita por armas e por modos? / Foge e procura, imploro, os bosques protegidos!’” (V. Fl., 5, 350-355, trad. M. M. Gouvêa Júnior).

5 CONCLUSÃO

Com o passar dos séculos, as histórias relacionadas à viagem dos argonautas ainda têm se mostrado produtivas, sendo apropriadas das mais diversas formas. Assim, têm-se, por exemplo, um dos poemas mais longos a tratar sobre o líder dos argonautas, *The life and death of Jason* de William Morris, publicado em 1867; a pintura de John Waterhouse, de 1907:

Figura 1 – *Jason and Medea*, óleo sobre tela



Fonte: WATERHOUSE, 1907.

A peça de teatro *Gota d'água* de Chico Buarque e Paulo Pontes, publicada em 1975, que transporta as dores de Medeia abandonada para o Rio de Janeiro; ou ainda como tirinhas, em que se mesclam personagens do passado e do presente:

Figura 2 – Tirinha *Jason and the argonauts*



This image is copyright protected. The copyright owner reserves all rights.

Fonte: MOTHER..., 2002.

Ao longo desse tempo, a ideia de que Jasão precisa de auxílio para cumprir seus objetivos, principalmente um que parte de uma mulher, faz com que o herói, às vezes, tenha seu estatuto heroico questionado, como ocorre, em certa medida, mesmo na própria narrativa de Valério Flaco por Idas, ainda que o herói se aproxime dos modelos homéricos representados na *Iliada*. Todavia, Jasão não é o único herói do rol legado por gregos e romanos a ter necessidade desse tipo de ajuda.

Teseu precisa desse subterfúgio, e Minos o recebe mesmo que não o requeira. Contudo, Teseu, conforme aparece nas *Metamorfoses* de Ovídio e em outros autores, como aponta Ferreira Lima (2007, p. 79), precisa do auxílio de Ariadne para sair do labirinto e não para derrotar o monstro⁵⁹⁶. Já no caso de Minos, ainda de acordo com Ovídio, provavelmente, a única forma de vencer o cerco feito ao domínio de Niso⁵⁹⁷ seria com a ajuda de Cila, filha do rei, porém, ao recebê-la sem solicitá-la, escorraça a princesa, uma vez que traíra sua pátria e seu pai, algo inconcebível para o herói⁵⁹⁸.

⁵⁹⁶ [...] *tertia sors annis domuit repetita nouenis, / utque ope uirginea nullis iterata priorum / ianua difficilis filo est inuenta relecto, / protinus Aegides rapta Minoide Diam / uela dedit* [...] (Ov., *Met.*, 8, 170-174); “[...] A terceira / das levas (eram sorteadas cada nove anos) venceu o monstro. / E, quando, graças ao auxílio de uma jovem, a difícil porta, / jamais por alguém trilhada, foi achada recolhendo um fio, / logo o filho de Egeu, raptando a filha de Minos, se fez à vela / rumo a Dia. [...]” (Ov., *Met.*, 8, 170-175, trad. P. Farmhouse Alberto).

⁵⁹⁷ Niso tinha, no topo de sua cabeça, uma madeixa púrpura, que lhe garantia sua posição. Cila corta essa mecha por amor a Minos.

⁵⁹⁸ “*Di te summoeant, o nostri infamia saeculi, / orbe suo, tellusque tibi pontusque negetur. / Certe ego non patiar Iouis incunabula, Creten, / qui meus est orbis, tantum contingere monstrum.*” (Ov., *Met.*, 8, 97-100); “‘Ó

Jasão, por outro lado, mesmo em suas versões épicas, comumente precisa da ajuda de Medeia tanto para vencer as provas que antecedem o monstro, quanto para superar o desafio representado por este. Nos relatos mais antigos, como ocorre no poema de Píndaro, por exemplo, o herói teria um papel mais ativo para derrotar a serpente que guarda o velocino – o que também pode ser observado, em certa medida, nas representações recolhidas no anexo B, já que Jasão aparece, mais comumente, sozinho em conflito com a serpente ou acompanhado de Atena – mas, aparentemente, com o passar do tempo, o papel de Medeia teria recebido mais destaque e importância.

Quando se analisam as representações de Jasão na epopeia grega e na latina, é possível perceber que o herói tem construções distintas. Na versão grega, Apolônio de Rodes elabora, aparentemente, um herói que se afastaria dos modelos representados pelos heróis da *Ilíada*, principalmente. Jasão tem um trabalho a ele imposto e só busca completá-lo por esse ser a condição para que possa viver em seu lar. Com isso, tem sua jornada permeada de dúvida e de certa passividade. Ao mesmo tempo, apresenta as características necessárias para conquistar Medeia e, com ela, o prêmio exigido por Pélias e o retorno de quase todos os heróis à Grécia sãos e salvos. A obra de Apolônio representaria um marco na tradição ligada à representação de Jasão, sendo considerada importante o suficiente para ser traduzida para a língua latina por Varrão Atacino, que busca, de certo modo, manter as características do texto grego e talvez até aperfeiçoá-lo.

Se o oráculo dado a Pélias em Apolônio poderia se referir a qualquer pessoa sem uma sandália, em Flaco, por outro lado, a predição se relaciona diretamente ao herói e se soma ao medo que o rei já tinha em relação às virtudes de seu sobrinho. Valério Flaco constrói um herói que se motiva pela glória. Para isso, Jasão terá características que eram exibidas por seu antecessor representado na epopeia de Apolônio, mas o autor latino trará outras que farão com que o herói apresente menos incerteza a respeito de sua empreitada e seja mais protagonista ao longo de quase toda a viagem. Se Apolônio de Rodes ofereceria um possível novo modelo de herói para o gênero épico, Valério Flaco apresenta um novo Jasão, que plasma as características de seus antecessores a uma habilidade bélica, destacada e posta à prova, nesse mesmo gênero.

Os momentos de escrita da epopeia de Apolônio de Rodes e da de Valério Flaco são distintos. Flaco distancia-se séculos de um modelo cuja tradição não poderia ser ignorada. Se

infâmia do nosso tempo! Que os deuses te escorracem / do nosso mundo! Que a terra e o mar te sejam negados! / Decerto, não tolerarei que tamanho monstro ponha os pés / Em Creta, o berço de Júpiter que é o meu mundo.” (Ov., *Met.*, 8, 97-100, trad. P. Farmhouse Alberto).

por um lado essa posição histórica faz com que o poeta esteja em desvantagem por eleger um tema amplamente trabalhado com que sua obra poderia ser comparada, por outro, fornece ao poeta um amplo tesouro de citações, o que lhe permite um refinado jogo alusivo com seu leitor ao realizar tanto a filiação à tradição representada por determinado autor quanto a negação de certo modelo, gerando, nos dois casos, efeitos de sentido. Assim, Valério Flaco demonstra ser um poeta douto que domina não só a educação retórica⁵⁹⁹, mas também a tradição literária que se relaciona diretamente ao mito dos Argonautas e aquela que se refere a outros mitos. Esse conhecimento permite que seu Jasão aprenda com os erros de seus antecessores, assim como apresente valores romanos que o elevam entre seus pares. Jasão não será um herói sem defeitos – sua tradição o impede disso –, mas será aprimorado a partir das falhas de seus antecessores, sejam eles líderes dos argonautas, sejam integrantes de outros cantos.

⁵⁹⁹ Cf. nota 520, em que considera que Meleagro se esquecera da lição valiosa dos retores ao defender o abandono de Hércules.

REFERÊNCIAS

- AKADEMISCHES Kunstmuseum der Universität Bonn. *Iason 30*, JPEG. Altura: 1850 pixels. Largura: 996 pixels. 96 dpi. Formato JPEG. Disponível em: <http://weblimc.org/page/monument/2094901>. Acesso em: 03 mar. 2019.
- ALBRECHT, Michael von. *Roman epic: an interpretative introduction*. Leiden: Brill, 1999.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: Inferno*. Tradução de Jorge Wanderley. São Paulo: Abril, 2010.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: Inferno*. Tradução de Italo Eugenio Mauro. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2014.
- ALMEIDA PRADO, Ana Lia do Amaral. Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. *Classica* (Brasil), n. 19, v. 2, p. 298-299, 2006. Disponível em: <https://classica.emnuvens.com.br/classica/article/download/123/113>. Acesso em: 23 maio 2019.
- APOLLODORUS. *The Library*. v. 1. Tradução para o inglês de Sir James George Frazer. Cambridge: Harvard University Press; Londres: William Heinemann Ltd., 1921.
- APOLLONIO Rhodio. *Os argonautas*: poema de Apollonio Rhodio. Tradução de José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional, 1852. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=bC45AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- APOLLONIUS Rhodius. *Argonautica*. Edição de George W. Mooney. Londres: Longmans, Green, 1912.
- APOLODORO. Biblioteca. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. In: CABRAL, Luiz Alberto Machado. *A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia*. 2013. 159f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270758>. Acesso em: 28 fev. 2018.
- APOLONIO de Rodas. *Las argonáuticas*. Tradução para o espanhol de Manuel Pérez López. Madrid: Ediciones Akal, 1991.
- ARATO. Fenómenos. In: ARATO; GÉMINO. *Fenómenos; Introducción a los Fenómenos*. Tradução para o espanhol de Esteban Calderón Dorda. Madrid: Editorial Gredos, 1993.
- ARATO. Fenômenos. Tradução de Eduardo F. Laschuk *et al.*. *Cadernos de tradução*, n. 38, p. 1-84, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/download/66800/38155>. Acesso em: 13 maio 2018.
- ARATUS Solensis. *Phaenomena*. Edição de G. R. Mair. Londres: William Heinemann; Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1921.

ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Eudoro de Souza. In: ARISTÓTELES. *Metafísica (Livro I e II); Ética a Nicômaco e Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 239-310.

ARISTÓTELES. Política. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch e Baby Abrão. In: ARISTÓTELES. *Poética; Organon; Política e Constituição de Atenas*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 141-251.

ARISTOTLE. *Aristotle's Ars Poetica*. Edição de R. Kassel. Oxford: Clarendon Press, 1966.

ARISTOTLE. *Aristotle's Politica*. Edição de W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1957.

ATTIC Kylix attributed to Douris: Jason, JPEG. Altura: 980 pixels. Largura: 1280 pixels. 96 pdi. Formato JPEG. Disponível em: http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/museo-gregoriano-etrusco/sala-xix--emiciclo-inferiore--collezione-dei-vasi--ceramica-atti/kylix-attica-attribuita-a-douris--giasone.html#lnav_info. Acesso em: 30 set. 2018.

BAEHRENS, Aemilius. *Fragmenta Poetorum Romanorum*. Lipsiae: Teubner, 1886. p. 332-336. Disponível em: <https://archive.org/details/fragmentapoetaru00baehuft>. Acesso em: 17 fev. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARCIESE, Alessandro. *Speaking volumes: narrative and intertext in Ovid and other latin poets*. Tradução para o inglês de Matt Fox e Simone Marchesi. Londres: Duckworth, 2001.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou O albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. Disponível em: <http://150.164.100.248/profs/romulo/data1/arquivos/bermanantoineatraducaoealetaouoalberguedolonginquo.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BERNABÉ PANJARES, Alberto. *Fragmentos de épica griega arcaica*. Tradução para o espanhol de Alberto Bernabé Panjares. Madrid: Editorial Gredos, 1999.

BEYE, Charles Rowan. Jason as Love-hero in Apollonius' *Argonautika*. In: BEYE, Charles Rowan. *Epic and Romance in the Argonautica of Apollonius*. p. 31-55. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1982. Disponível em: <http://grbs.library.duke.edu/article/view/10611/4309>. Acesso em: 23 out. 2014.

BLÄNSDORF, Jürgen. *Fragmenta poetarum latinorum epicorum et lyricorum: praeter enni annales et ciceronis germanicive aratea*. Druck: Hubert & Co. GmbH & Co. KG, Göttingen, 2011.

BORGES, Joana Junqueira. Um epigrama de Marcial na tradução de J. F. De Castilho: ensaio de análise bermaniana. *Scientia Traductionis*, n. 10, p. 258-265, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p258>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Antiga Musa: arqueologia da ficção*. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Primórdios do épico: *Iliada*. In: APPEL, Myrna Bier; GOETTEMS, Míriam Barcellos (org.). *As formas do épico: da epopeia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Editora Movimento; SBEC, 1992. p. 40-54.

BRAUND, David. Writing a Roman *Argonautica*: the historical dynamics. *Hermathena*, n. 154, p. 11-17, 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23041353>. Acesso em 15 mar. 2018.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. *Gota d'água: uma tragédia brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BUFFIÈRE, Félix. *Anthologie Grecque: première partie, Anthologie Palatine*, Tomo XII (livres XIII-XV). Paris: Les Belles Lettres, 1970.

CALDAS, Thais Evangelista de Assis. *O canto I de Os Argonautas, de Apolônio de Rodes: tradução e comentários*. 2010. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas: Culturas da Antiguidade Clássica) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.pec.ufrj.br/proaera/Thais.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

CALÍMACO. Hino a Apolo. Tradução de Erika Werner. In: WERNER, Erika. *Os Hinos de Calímaco: Poesia e Poética*. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 230-236.

CATULO. *O Livro de Catulo*. Tradução comentada de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CITRONI, M. *et al. Literatura de Roma Antiga*. Tradução de Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Tradução para o inglês de Joseph B. Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

COSTA E SILVA, José Maria da. Notas. In: APOLLONIO Rhodio. *Os argonautas: poema de Apollonio Rhodio*. Tradução de José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional, 1852. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=bC45AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 nov. 2017.

COURTNEY, Edward. P. Terrentius Varro Atacinus. In: COURTNEY, Edward. *The fragmentary latin poets*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 235-253.

CROWTHER, Nigel B. Varro Atacinus: traditional or neoteric poet?. *L'Antiquité Classique*, v. 56, p. 262-268, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41656886>. Acesso em: 02 abr. 2014.

DANIELS, Maria. *Boston 21.1203 (Gem)*. 3 fotografias, color, 2010. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/artifact?name=Boston+21.1203&object=gem>. Acesso em: 06 mar. 2019.

DEFOREST, Mary Margolies. The Birdcage. In: DEFOREST, Mary Margolies. *Apollonius' Argonautica: a callimachean epic*. Leiden: Brill Academic Pub, 1994. p. 1-17.

DINIZ, Fábio Gerônimo Mota. *A passagem do cetro: aspectos dos personagens Hércules e Jasão na Argonáutica de Apolônio de Rodes*. 2010. 102f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91537>. Acesso em: 08 set. 2018.

DIODORO de Silícia. *Biblioteca Histórica: libros IV-VIII*. Tradução para o espanhol e notas de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

DIODORUS Siculus. *Diodori Bibliotheca Historica*. v. 1-2. Edição de Immanuel Bekker, Ludwig Dindorf e Friedrich Vogel. Leipzig: Teubner, 1888-1890.

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of Eminent Philosophers*. Tradução para o inglês de R.D. Hicks. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

EDUARDES, H.; WHELLER, G. B.. *The school and college Virgil, Æneids VII to XII: with english notes*. Dublin: S. J. Machen, 1845.

ÊNIO. Medeia. In: GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles (org.). *Medeias latinas: Medeae Romae*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 40-43.

ESTACIO, Publio Paninio. *Silvas*. Tradução para o espanhol de Francisco Torrent Rodríguez. Madrid: Editorial Gredos, 2002.

ESTRABÓN. *Geografía: libros XI-XIV*. Tradução para o espanhol de Maria A Paz De Hoz García-Bellido. Madrid: Editorial Gredos, 2003.

EURÍPIDES. *Medeia*. Tradução de Trajano Vieira. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FERREIRA, José Ribeiro. Uma tradução portuguesa dos *Argonautas* de Apolônio de Rodes. *Humanitas*, v. 25/26, p. 185-215, 1974. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas25-26/08_JRF.pdf. Acesso em: 22 nov. 2017.

FERREIRA LIMA, Wellington. *Labirinto: a representação do mito de Teseu no carmen doctum de Catulo*. 2007. 163f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-6XPECM>. Acesso em: 07 maio 2012.

FLACCUS, Valerius C.. *C. Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon Libri Octo*. Leipzig: Teubner, 1913.

FLACO, Gaio Valério. *Cantos Argonáuticos*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Lisboa: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire Illustré Latin Français*. Paris: Librairie Hachette, 2016. Disponível em: <https://archive.org/details/Gaffiot2016>. Acesso em: 14 fev. 2017.

GAYRAUD, Michel. Un Narbonnais du Ier siècle avant J.-C.: le poète Varron de l'Aude. *Bulletin de l'Association Guillaume*, Budé: Lettres d'humanité, n. 30, p. 647-665, dez. 1971. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bude_1247-6862_1971_num_30_4_4270. Acesso em: 14 maio 2018.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: GINZBURG, Jaime; SEDLMAYER, Sabrina (org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 107-132.

GLARE, P. G. W.. *Oxford Latin Dictionary*. Nova York: Oxford University Press, 1968.

GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles. *A viagem dos Argonautas: a construção da Virtus flaviana*. 2007. 295f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-79YGHN/a_viagem_dos_argonautas.pdf?sequence=1. Acesso em: 29 ago. 2012.

GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles. Introdução. In: FLACO, Gaio Valério. *Cantos Argonáuticos*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Lisboa: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010.

GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles. *Variae Medeae: a recepção da fabula de Medeia pela literatura latina*. 2013. 262f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-956LZX/varias_medeias___corrigido.pdf?sequence=1. Acesso em: 17 abr. 2016.

GRAVES, Robert. *The Golden Fleece*. Londres: Penguin Books, 2011.

GUTZWILLER, Kathryn. *A guide to Hellenistic Literature*. Malden: Blackwell Publishing, 2007.

HEERINK, Mark. Valerius Flaccus, Virgil and the poetics of ekphrasis. In: HEERINK, Mark; MANUWALD, Gesine (org.). *Brill's Companion to Valerius Flaccus*. Leiden: Brill, 2014.

HERÓDOTO. *História*. v. 1 e 2. Tradução de Pierre Henri Larcher. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1950.

HERODOTUS. *The Histories: with an English translation by A. D. Godley*. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

HERSHKOWITZ, Debra. *Valerius Flaccus' Argonautica: abbreviated voyages in Silver Latin Epic*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. 3. ed. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HIGINO. Fábulas. Tradução de Diogo Martins Alves. In: ALVES, Diogo Martins. *Ciclos Mitológicos nas Fabulae de Higino: tradução e análise*. 2013. 307f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 105-248. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270796/1/Alves_DiogoMartins_M.pdf. Acesso em: 01 mar. 2018.

HOLLIS, Adrian S.. *Fragments of roman poetry: c. 60 BC-AD 20*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOMER. *Homeri Opera in five volumes*. Oxford: Oxford University Press, 1920.

HOMER. *The Odyssey with an english translation*. 2. v. Tradução de A.T. Murray. Cambridge: Harvard University Press; Londres: William Heinemann Ltd., 1919.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. [S. l.]: eBooksBrasil, 2009. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/odisseiap.html>. Acesso em: 17 out. 2018.

HORACE. *Horace, Satires, Epistles and Ars Poetica*. Edição de H. Rushton Fairclough. Londres: Cambridge; Massachusetts: William Heinemann Ltd./Harvard University Press: 1929.

HORACE. *Satyrarum libri*. In: HORACE. *The Works of Horace*. Edição de C. Smart. Philadelphia: Joseph Whetham, 1836.

HORÁCIO. *Arte Poética*. In: TRINGALI, Dante. *A Arte Poética de Horácio*: bilíngue. São Paulo: Musa Editora, 1993.

HORÁCIO. *Sátiras*. Tradução de Antônio Luís Seabra. Rio de Janeiro: Ediouro, [199?].

HUNTER, R.. *Apollo and the Argonauts: two notes on Ap. Rhod. 2, 669-719*. *Museum Helveticum*: schweizerische Zeitschrift für klassische Altertumswissenschaft, v. 43, p. 50-60, 1986. Disponível em: <http://doi.org/10.5169/seals-33387>. Acesso em: 24 ago. 2018.

HYDRIA, JPEG. Altura: 994 pixels. Largura: 750 pixels. 72 pdi. Formato JPEG. Disponível em: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection

_image_gallery.aspx?assetId=481000001&objectId=399141&partId=1. Acesso em: 03 out. 2018.

JUSTINUS, Marcus Julianus. *Justini Historiarum Philippicarum ex Trogo Pompeu Libri XLIV*. Texto estabelecido por Johann Christian Friedrich Wetzel. Paris: Lemaire, 1823. Disponível em: http://reader.digitale-sammlungen.de/en/fs3/object/display/bsb10247384_00670.html. Acesso em: 21 set. 2015.

KINKEL, Gottfried. *Epicorum graecorum fragmenta*. Lipsiae: Teubner, 1877.

KRASNE, Darcy. When the Argo met the Argo: poetic destruction in Valerius' *Argonautica*. In: AUGOUSTAKIS, Antony (org.). *Flavian poetry and its greek past*. Leiden: Brill, 2014. p. 33-48.

LEE, M. Owen. *Virgil as Orpheus: a study of the Georgics*. Nova Iorque: State University of New York Press, 1996.

LIBERMAN, Gauthier. Introduction. In: FLACCUS, VALERIUS. *Argonautiques: chants I-IV*. v. 1. Paris: Les Belles Lettres, 2003. p. VII-CIX.

LÍCOFRON. *Alexandra*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2017.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Nova York: Oxford University Press, 1996.

LONGINO. *Do sublime*. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LONGINUS. *Longinus on the sublime: the Greek text edited after the Paris manuscript with introduction, translation, facsimiles and appendices by W. Rhys Roberts*. Cambridge: University Press, 1907. Disponível em: <https://archive.org/details/LonginusOnTheSublimeTheGreekTextEditedAfterTheParisManuscriptWith>. Acesso em: 20 abr. 2018.

LUCANO. *Farsália: cantos de I a V*. Tradução de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

LÚCIO ÁCIO. Medeia ou Argonautas. In: GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles (org.). *Medeias latinas: Medeae Romae*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 48-51.

MACKIE, C. J.. The Earliest Jason: what's in a name?. *Greece & Rome*, v. 48, n. 1, p. 1-17, 2001. Disponível em: www.jstor.org/stable/826866. Acesso em: 30 set. 2018.

MALINOWSKY, Bronislaw. *Magic, science and religion and other essays*. Glencoe: The Free Press, 1948.

MARCIAL. Epigramas. Tradução de Leni Ribeiro Leite. In: LEITE, Leni Ribeiro. *O universo do livro em Marcial*. 2008. 98f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:

http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas/tese_Leni%20Ribeiro%20Leite.pdf. Acesso em: 28 fev. 2018.

MARTINS, Paulo. O jogo elegíaco: fronteiras entre a cultura intelectual e a ficção poética. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 137-172, 2015. Disponível em: http://www.periodicos.lettras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/download/8539/8666. Acesso em: 26 fev. 2017.

MASTERS, Jamie. *Poetry and civil war in Lucan's Bellum Civile*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

MELLO, Jéssica Frutuoso; FERREIRA LIMA, Wellington. Entre Tradição e Passado: a construção de Jasão da epopeia ao romance. *Norteamentos*. Estudos Literários, Sinop, v. 9, n. 17, p. 191-211, jan./jun. 2016. Disponível em: sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/2049. Acesso em: 13 jan. 2016.

MELLO, Jéssica Frutuoso; FERREIRA LIMA, Wellington. Jasão na *Argonáutica* de Flaco. *Nome*. v. 3, n. 3, p. 65-79, jan.-jun. 2014. Disponível em: <http://www.nomerevistadeletras.com.br/>. Acesso em 11 nov. 2014.

MELLO, Jéssica Frutuoso; VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. Argonáutica(s): o tratamento dado à obra de Apolônio por Varrão Atacino. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS, 19., 2018, Araraquara. *Trabalhos completos...* Araraquara: FCL-UNESP, 2018. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/#!/pos-graduacao/stricto-sensu/estudos-literarios/publicacoes/>. Acesso em: 16 jan. 2019.

MIMNERMO. In: ASSUNÇÃO, Teodoro R.; BRANDÃO, Jacynto L. Semônides de Amorgos e Mimnermo: Fragmentos. *Ensaio de Literatura e Filologia*, Belo Horizonte, Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 228-235, 1983. Disponível em: https://seer.ufmg.br/index.php/literatura_filologia/article/view/6506/4925. Acesso em: 23 mar. 2018.

MORRIS, William. *The life and death of Jason*. Worcestershire: Read Books Ltd., 2011.

MOTHER Gosse and Grimm. *Jason and the argonauts*. 21 jan. 2002. Disponível em: http://www.grimmy.com/comics.php?sel_dt=2002-01-21. Acesso em: 17 mar. 2018.

MOZLEY, J. H.. Introduction. In: FLACCUS, Valerius. *Valerius Flaccus*. Tradução para o inglês de J. H. Mozley. Londres: William Heinemann LTD; Massachusetts: Harvard University Press, 1963. p. VII-XX.

MÜLLER, K. O.; DONALDSON, John William. *History of the literature of Ancient Greece*. Londres: John W. Parker and son, 1858. Disponível em: <https://archive.org/details/historyliteratu02donagoog>. Acesso em 15 maio 2018.

MUSEO Civico Archeologico Bologna. *Iason 34*, JPEG. Altura: 2187 pixels. Largura: 1605 pixels. 96 dpi. Formato JPEG. Disponível em: <http://weblimc.org/page/monument/2094912>. Acesso em 05 mar. 2019

NATIVIDADE, Everton da Silva. *Os Anais de Quinto Ênio*: estudo, tradução e notas. 264f. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-02022010-162128/pt-br.php>. Acesso em: 14 maio 2018.

NEULANDS, Carole E. Commentary. In: STATIUS. *Silvae*: book II. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 57-254.

OBOUKHOFF, Serge. *BNF_BR1329B*, JPEG. Altura: 1000 pixels. Largura: 702 pixels. 72 dpi. Formato JPEG. Disponível em: <http://www.limc-france.fr/photo/61e5af6606e2710d31addfd15b52d0d3>. Acesso 05 mar. 2019.

OLIVA NETO, João Angelo. Introdução. In: CATULO. *O Livro de Catulo*. Tradução comentada de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

OVID. *Metamorphoses*. Edição de Hugo Magnus. Gotha: Friedr. Andr. Perthes, 1892.

OVÍDIO. *Os Amores*. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Typ. de B.X. Pinto de Sousa, 1858.

OVÍDIO. Heroides. Tradução de Wilker Pinheiro Cordeiro. In: CORDEIRO, Wilker Pinheiro. *Tópoi elegíacos nas Heroides de Ovídio*. 2013. 137f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. p. 51-121. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-95DJ62/disserta_o_wilker_vers_o_final.pdf?sequence=1. Acesso em: 02 mar. 2018.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. 2. ed. Lisboa: Cotovia, 2010.

OVÍDIO. *Obras: Os Fastos, Os amores e A arte de amar*. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. São Paulo: Cultura, 1943.

OVÍDIO. *Os remédios do amor; Os cosméticos para o rosto da mulher*. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

OVÍDIO. *Tristes*. In: PRATA, Patrícia. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. 2007. 408f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. p. 118-413. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271118>. Acesso em: 03 mar. 2017.

OVIDIUS. Amores. In: OVIDIUS. *Amores, Epistulae, Medicamina faciei femineae, Ars amatoria, Remedia amoris*. R. Ehwald. edidit ex Rudolphi Merkelii recognitione. Leipzig: B. G. Teubner, 1907.

OVIDIUS. *Ovid's Fasti*. Edição de Sir James George Frazer. Londres; Cambridge: William Heinemann Ltd.; Harvard University Press, 1933.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Tradução de Manuel Losa. 13. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*. Tradução para o espanhol de María Cruz Herrero Ingelmo. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

PAUSANIAS. *Pausaniae Graeciae Descriptio*. Leipzig: Teubner, 1903.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*. Porto: Livraria do Apostolado da Imprensa, 1969.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica: cultura grega*. v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica: cultura romana*. v. 2. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

PÉREZ LÓPEZ, Manuel. Introducción. In: APOLONIO de Rodas. *Las argonáuticas*. Tradução de Manuel Pérez López. Madrid: Ediciones Akal, 1991. p. 7-51.

PESSANHA, Nely Maria. Características básicas da epopeia clássica. In: APPEL, Myrna Bier; GOETTEMS, Míriam Barcellos (org.). *As formas do épico: da epopeia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Editora Movimento; SBEC, 1992. p. 30-39.

PINDAR. *The Odes of Pindar including the principal fragments: with an Introduction and an English Translation by Sir John Sandys*. Cambridge: Harvard University Press; Londres: William Heinemann Ltd., 1937.

PÍNDARO. *Odas y fragmentos*. Tradução para o espanhol de Alfonso Ortega. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

PÍNDARO. Olímpica XIII. Tradução de Tiago Bentivoglio da Silva. In: BENTIVOGLIO DA SILVA, Tiago. *Tradução e comentário à 13ª Olímpica de Píndaro*. 2015. 104f. Dissertação (Mestrado: Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 9-14. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-15032016-154636/publico/2015_TiagoBentivoglioDaSilva_VOrig.pdf. Acesso em: 06 jul. 2018.

PÍNDARO. Pítica IV. Tradução de Carlos Leonardo Bonturim Antunes. In: ANTUNES, Carlos Leonardo Bonturim. *Métrica e rítmica nas Odes Píticas de Píndaro*. 2012. 343f. Tese (Doutorado: Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 238-254. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-26062013-095555/en.php>. Acesso em: 23 fev. 2018.

PLINIUS SECUNDUS. *Naturalis Historia*. Edição de Karl Mayhoff. Leipzig: Teubner, 1905.

POLT, Christopher B.. Allusive Translation and Chronological Paradox in Varro of Atax's *Argonautae*. *American Journal of Philology*, v. 134, n. 4, p. 603-636, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/7104746/Allusive_Translation_and_Chronological_Paradox_in_Varro_of_Atax_s_Argonautae. Acesso em: 02 abr. 2014.

POLT, Christopher B.. Furrowing prows: Varro of Atax's *Argonautae* and transgressive sailing in Virgil's *Aeneid*. *The Classical Quarterly*, v. 67, n. 2, p. 542-557, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0009838817000611>. Acesso em: 22 ago. 2018.

POLT, Christopher B.. *Latin Literary Translation in the Late Roman Republic*. 2007. 189f. Dissertação (Mestrado: Artes) – Departamento de Clássicas, Universidade da Carolina do Norte, Chapel Hill, 2007. Disponível em: <https://cdr.lib.unc.edu/indexablecontent/uuid:33b9be2f-a3e3-4a06-916a-2fea0a6b0219>. Acesso em: 22 ago. 2018.

PONDIAN, Juliana Di Fiori. *A forma da palavra: poesia visual sânscrita, grega e latina*. 2011. 286f. Dissertação (Mestrado: Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-31102011-132738/. Acesso em: 30 set. 2018.

POSSANZA, D. Mark. *Translating heavens: Aratus, Germanicus, and the poetics of latin translation*. New York: Peter Lang, 2004.

PROPÉRCIO. *Elegias de Sexto Propércio*. Tradução de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PROSPERI. *Prosperi Tironis Epitoma Chronicon*. In: MOMMSEN, Theodor. *Chronica minora saec. IV. V. VI. VII. v. 1*. Berlim: Apud Weidmann, 1892. p. 342-485. Disponível em: <https://download.digitale-sammlungen.de/pdf/1526349827bsb00000798.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.

QUINTILIAN. *Institutio oratoria*. Edição de Harold Edgeworth Butler. Cambridge: Cambridge Mass., Harvard University Press; Londres: William Heinemann Ltd., 1922.

QUINTILIANO. Livro X da *Institutio oratoria*. Tradução de Antônio Martinez Rezende. In: REZENDE, Antônio Martinez de. *Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano*. 2009. 280f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 184-274. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-7U8PNU/1432d.pdf?sequence=1>. Acesso em: 09 ago. 2016.

REZENDE SILVA, Alfredo Manoel de. *Quarta pítica de Píndaro: tradução e comentário analítico*. 2013. 123 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268980>. Acesso em: 11 dez. 2018.

RODRIGUES JÚNIOR, Fernando. *Aristos Argonauton: o heroísmo nas Argonáuticas de Apolônio de Rodes*. 2010. 272f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas: Estudos Literários) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-28012011-093845/pt-br.php>. Acesso em: 11 jan. 2014.

RUIZ DE ELVIRA, Antonio. *Mitología clásica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

SCHÜLER, Donaldo. *A construção da Ilíada: uma análise de sua elaboração*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SCHÜLER, Donaldo. Definições do épico. In: APPEL, Myrna Bier; GOETTEMS, Míriam Barcellos (org.). *As formas do épico: da epopeia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Editora Movimento; SBEC, 1992. p. 9-14.

SÉNECA. *Medeia*. Tradução de Ana Alexandra Alves de Sousa. 3. ed. Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

SENECA, el Viejo. *Controversias: libros VI-X; Suasorias*. Tradução para o espanhol de Ignacio Javier Adiego Lajara, Esther Artigas Álvarez e Alejandra De Riquer Permanyer. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

SENECA, the Elder. *The Elder Seneca: Declamations* in two volumes. Edição de M. Winterbottom. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

SENECA, L. Annaeus. *Medea*. In: SENECA, L. Annaeus. *Tragoediae*. Edição de Rudolf Peiper e Gustav Richter. Leipzig: Teubner, 1921.

SHII. *Douris cup Jason Vatican 16545*. 1 fotografia, color. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Douris_cup_Jason_Vatican_16545.jpg. Acesso em: 30 set. 2018.

SPENCE, Simon. *The image of Jason in early greek myth: an examination of iconographical and literary evidence of the myth of Jason up until the end of the fifth century B.C.* Scotts Valley: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2011. eBook Kindle.

STATIUS, P. Papinius. *Stattius*. v. 1 e 2. Edição de John Henry Mozley. Londres: William Heinemann; Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1928.

STOVER, Tim. Rebuilding Argo: Valerius Flaccus' Poetic Creed. *Mnemosyne*, v. 63, n. 4, p. 640–650, out. 2010.

STRABO. *Strabonis Geographica*. Edição de A. Meineke, Geographica. Leipzig: Teubner, 1877.

STRATARIDAKI, Anna. Epimenides of Crete: some notes on his life, works and the verse “Κρητες ἀει ψεύσται”. *Fortunatae: Revista canaria de Filología, Cultura y Humanidades Clásicas*, n. 2, p. 207-224, 1991. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=163834>. Acesso em 02 mar. 2019.

SUETONI. C. Deperditorum librorum reliquia. In: SUETONI. *Suetoni Tranquilli quae supersunt omnia*. Edição de Karl Ludwig Roth. Leipzig: Tebner, 1875. p. 273-320. Disponível em: <https://archive.org/details/csuetonitranquil00suet>. Acesso em: 14 maio 2018.

TACITUS, Cornelius. *Annales ab excessu divi Augusti*. Edição de Charles Dennis Fisher. Oxford: Clarendon Press, 1906.

TÁCITO. *Anais*. Tradução de Leopoldo Pereira. São Paulo: Tecnoprint, [19-?].

TAYLOR, P. Ruth. Valerius' Flavian 'Argonautica'. *The Classical Quarterly*, v. 44, n. 1, p. 212-235, jan.-jun. 1994. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/classical-quarterly/article/div-classtitlevaleriusandapos-flavian-span-classitalicargonauticaspandiv/68D1A308B83F52A07E2F51A609362F53>. Acesso em 30 ago. 2012.

TEÓCRITO. Idílios. Tradução de Érico Nogueira. In: NOGUEIRA, Érico. *Verdade, contenda e poesia nos Idílios de Teócrito*. 2012. 298f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-06112012-125428/pt-br.php>. Acesso em: 07 set. 2018.

TZOUNAKAS, Spyridon. Further programmatic implications of Valerius Flaccus' description of the construction of the Argo (1.121-9). *Symbolae Osloenses: Norwegian Journal of Greek and Latin Studies*, v. 86, n. 1, p. 160-177, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00397679.2012.700096>. Acesso em: 08 jan. 2019.

VALVERDE SÁNCHEZ, Mariano; VÁZQUEZ PRENERÓN, Isabel. Varrón Atacino, traductor de las *Argonáuticas*. *Estudios Románicos*, Murcia, v. 5, p. 1395-1401, 1989. Disponível em: <http://revistas.um.es/estudiosromanicos/article/view/80501/77741>. Acesso em: 03 abr. 2014.

VAN DAN, Harm-Jan. P. *Papinius Statius, Silvae Book II: a commentary*. Leiden: E. J. Brill, 1984.

VARRÃO. Das coisas do campo. Tradução de Matheus Trevizam. In: TREVIZAM, Matheus. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. 2006. 518f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/271123/1/Trevizam_Matheus_D.pdf. Acesso em: 28 fev. 2018.

VARRÃO DE ÁTAX. Argonautas. In: GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles (org.). *Medeias latinas: Medeae Romae*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 52-53.

VARRÓN DEL ÁTAX, Publio Terencio. Los argonautas. In: CARANDE HERRERO, Rocío. *Fragmentos de poesía latina épica y lírica*. Madrid: Editorial Gredos, 2003. p. 244-249.

VÁRZEA, Virgílio dos Reis. *Os Argonautas*. 2. ed. [S. l.]: Zero Papel, 2012. eBook Kindle.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2001.

VERGIL. *Bucolics, Aeneid, and Georgics of Vergil*. Edição de J. B. Greenough. Boston: Ginn & Co., 1900.

VESSEY, D. W. T. C. Épica flávia. In: KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W. V.. *Historia de la Literatura Clásica – Cambridge University: Literatura Latina*. v. 2. Tradução para o espanhol de Elena Bombín. Madrid: Editorial Gredos, 1989. p. 613-652.

VEYNE, Paul. *Acreditavam os deuses em seus mitos? ensaios sobre a imaginação constituinte*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. A epopeia histórica em Roma de Névio a Lucano. In: VENTURA DA SILVA, Gilvan; LEITE, Leni Ribeiro (org.). *As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens*. Vitória: EDUFES, 2013. p. 24-42.

VIRGÍLIO. *As Geórgicas de Virgílio*. Tradução de José Félix Pereira. Lisboa: Typographia Universal, 1875. Disponível em: <https://archive.org/details/asgeorgicasdevir00virg>. Acesso em: 18 mar. 2018.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de José Victorino Barreto Feio e Jose Maria da Costa e Silva (livros IX-XII). 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WATERHOUSE, John Willian. *Jason and Medea*. 1907. 1 original de arte, óleo sobre tela, 134 cm × 107 cm. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jason_and_Medea_-_John_William_Waterhouse.jpg. Acesso em: 04 fev. 2019.

WEST, Martin. L.. *Greek epic fragments*. Cambridge/Londres: Harvard University Press, 2003.

WEST, Martin. L.. *Odyssey and Argonautica*. *Classical Quarterly*, v. 55, n. 1, 2005, p. 39-64. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/CDFB9C8B1042097B384A4867B4441DE6/S0009838805000030a.pdf/odyssey_and_argonautica.pdf. Acesso em: 25 set. 2018.

ZETZEL, J. E. G.. A Misplaced Fragment of Varro Atacinus. *Hermes*, v. 108, n. 3, p. 501-502, 1980. Disponível em: www.jstor.org/stable/4476184. Acesso em: 22 ago. 2018.

ZISSOS, Andrew. Allusion and narrative possibility in the *Argonautica* of Valerius Flaccus. *Classical Philology*, v. 94, n. 3, p. 289-301, jul. 1999. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/270408>. Acesso em: 08 jan. 2019.

ZISSOS, Andrew. Introduction. In: FLACCUS, Valerius. *Valerius Flaccus' Argonautica: book 1 – A commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. XVII-XXV.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRADUÇÃO DOS FRAGMENTOS DE OS ARGONAUTAS DE VARRÃO ATACINO

Os números que antecedem os fragmentos dizem respeito à numeração de Baehrens (1886); a falta deles indica a ausência do fragmento na edição, e sua inserção no recorte ou possível deslocamento é justificado em nota de rodapé. Ao fim, o total de treze fragmentos recolhidos está dividido entre os livros I, II, III, IV e “De localização incerta”. Opta-se por uma tradução em prosa, o que, supostamente, permite uma maior liberdade tradutória, principalmente no que diz respeito ao deslocamento de palavras necessário para a passagem da sintaxe latina para a portuguesa. Busca-se, de modo geral, não criar um estranhamento maior no leitor, o que já poderia ser causado pelo próprio texto, considerando que esse se encontra muito fragmentário, com trechos curtos, um de apenas três palavras, por exemplo. Foram colocadas lado a lado, em colunas, sempre que possível, as passagens do poema de Apolônio de Rodes apontadas como equivalentes às de Varrão, utilizando a edição de Mooney (1912) para o texto em grego e a tradução de José Maria da Costa e Silva (1852) para o texto em português. Finalmente, as notas de rodapé também marcam a localização dos trechos em Apolônio e comentários acerca, principalmente, de diferenças encontradas nas edições consultadas. A falta de comentários nos fragmentos 7 e 9 indica que aparecem da mesma forma em todas as edições consultadas.

Argonautae: Os Argonautas

LIB. I: Livro I

<p>1 <i>ecce uenit Danai multis celebrata</i> <i>propago</i>⁶⁰⁰; <i>namque satus Clytio, Lerne quem Naubolus</i> [<i>ex se,</i> <i>Lernum Naupliades Proteus, sed Nauplion</i> [<i>edit</i></p>	<p>τῶ δ' ἐπὶ δὴ θείοιο κίεν Δαναοῖο γενέθλη, Ναύπλιος. ἧ γὰρ ἔην Κλυτονίου [Ναυβολίδαο: Ναύβολος αὖ Λέρνου: Λέρνον γε μὲν ἴδμεν [έόντα Προίτου Ναυπλιάδαο: Ποσειδάωνι δέ [κούρη.</p>
---	--

⁶⁰⁰ Em Baehrens (1886), os trechos dúbios são marcados com itálico. Devido às normas para formatação de trabalhos, faz-se o inverso com o texto em latim, de modo que esses trechos são indicados pela ausência de itálico. Na tradução, segue-se o modelo do editor.

*filia Amymone Europae Danaique superbi.*⁶⁰¹ πρίν ποτ' Ἀμμύωνη Δαναΐς τέκεν
[εὐνηθεῖσα Ναύπλιον, ...]

eis que veio a *raça celebrada* por muitos de Dânao; e, de fato, gerada de Clítio, ele de Náubolo, filho de Lerno, Lerno de Proteu Naplíada, mas *Amimone*, filha de *Europa e Dânao soberbo*, dá à luz a Náuplio.

“Com estes vinha Nauplio, em cujas veias Corre o sangue de Dânao, pois contava A Clitoneo por Pae: Clitoneo filho De Naubulo, de Lerno filho, e Lerno De Preto, que outro Naubulo gerára. E depois que Neptuno em braços teve Filha de Dânao, Amimome paríra Nauplio, [...]”⁶⁰²

2 Tiphyn at aurigam celeris fecere
[*carinae.*⁶⁰³ [...] ἐπὶ δ' ἔτρεπον αἰνήσαντες
Τῖφυν εὐστείρης οἰήια νηὸς ἔρυσθαι.

mas fizeram Tífis auriga do navio célere.

“Depois por votos incumbiram Typhis Do governo do leme. [...]”⁶⁰⁴

3 quos magno Anchiale partus adducta
[*dolore* Δάκτυλοι Ἰδαῖοι Κρηταιέες, οὓς ποτε [νύμφη
et geminis capiens tellurem Oaxida palmis Ἀγχιάλη Δικταῖον ἀνὰ σπέος
[*edidit in Dicta.*⁶⁰⁵ [ἀμφοτέρησιν

⁶⁰¹ Em Blänsdorf (2011, p. 232), em Courtney (2003, p. 239) e em Hollis (2007, p. 172), o termo é *Proetus*, que pode ser traduzido como “Preto”, mais próximo do texto grego. Além disso, Hollis (2007, p. 200) aponta que é possível que Varrão tenha lido *Κλυτονήου* como *Κλυτίου τοῦ*, o que explicaria a diferença de nomes, sendo ainda outra possibilidade a necessidade métrica.

⁶⁰² A. R., 1, 133-140.

⁶⁰³ Em Blänsdorf (2011, p. 232): *2 Tiphyn <et> aurigam celeris fecere carinae*. Hollis (2007, p. 172) apresenta o fragmento dessa mesma forma, com *et* em lugar de *at*, justificando com uma preferência de localização por parte de Varrão (p. 200). Courtney (2003, p. 239) não coloca o termo, pelo que é criticado por Hollis (2007, p. 200).

⁶⁰⁴ A. R., 1, 400-401.

⁶⁰⁵ Em Blänsdorf (2011, p. 233), encontra-se: *3 quos magno Achiale partus adducta dolore / et geminis cupiens tellurem Oeaxida palmis / scindere Dicta <eo ...>..* Em Courtney (2003, p. 240): *5 quos magno Achiale partus adducta dolore / et geminis cupiens tellurem O<e>axida palmis / scindere Dicta <eo quondam est enixa sub antro.>*; pode-se traduzir os últimos versos por “e desejando fender com ambas as mãos a terra eácida, para parir, outrora, na gruta dicteia”. Em Hollis (2007, p. 173): *125 quos magno Achiale partus adducta dolore / et geminis cupiens tellurem Oeaxida palmis / scindere Dicta <eo νύμφη sub antro.>*., embora ofereça a possibilidade de *scindere*, *Dictaeo profudit nympha sub antro.>* (p. 202); considerando o trecho diferente de Courtney, pode-se traduzi-lo por “a ninfa gerou na gruta dicteia”. Além disso, Hollis (2007, p. 202) considera que a utilização de *capiens* se dá pelo fato de que *cupiens*, desejando, torna o texto truncado e ininteligível.

δραξαμένη γαίης Οιαξίδος ἐβλάστησεν.

aos quais, Anquíale, levada pela grande dor do parto, agarrando com ambas as mãos a terra eácida, deu à luz no Dicta.

“[...] e que em Dictea gruta
Outr’ora a Nympha Anchiale, as mãos ambas
Ferrando á terra Oaxide, paríra.”⁶⁰⁶

LIB. II: Livro II

4 *Probus ad Verg. G. I 14: ibi (in insula Cea) existimatur pestilentia fuisse pecorum et armentorum grauis propter interitum Actaeomis. Aristaeus monstrante Apolline patre profectus est in insulam Ceam et ibi sacrificio facto aram Ioui Icmaeo constituit, qui placatis flatibus et aestu, qui necabant pecora et armenta, liberavit ea. ipse autem post excessum uitae imperante oraculo Apollinis ab inmorantibus in ea insula relatus in numerum deorum appellatus est Nomius et Aegoros, quod et agresti studio et cura pecorum armentorumque non mediocriter profuerat hominibus. traditur haec historia de Aristaeo in corpore Argonautarum a Varrone Atacino. [cf. Apoll. Rhod. II 500 sqq.].*⁶⁰⁷

[...] αὐτὰρ Ἀπόλλων / τήνγ’
ἀνερεψάμενος ποταμῷ ἔπι / ποιμαίνουσιν
τηλόθεν Αἰμονίης, χθονίης παρακάτθετο
νύμφαις, / αἶ Λιβύην ἐνέμοντο παραί
Μυρτώσιον αἶπος. / ἔνθα δ’ Ἀρισταῖον
Φοίβω τέκεν, ὄν καλέουσιν / Ἀγρέα καὶ
Νόμιον πολυλήιοι Αἰμονιῆς. / τὴν μὲν
γὰρ φιλότητι θεὸς ποιήσατο νύμφην /
αὐτοῦ μακραίωνα καὶ ἀγρότιν: υἷα δ’
ἔνεικεν / νηπίαχον Χείρωνος ὑπ’ ἄντροισιν
κομέεσθαι. / τῷ καὶ ἀεξηθέντι θεαὶ γάμον
ἐμνήστευσαν / Μοῦσαι, ἄκεστορίην τε
θεοπροπίας τ’ ἐδίδαξαν: / καὶ μιν ἑὼν
μήλων θέσαν ἤρανον, ὅσσ’ ἐνέμοντο / ἄμ
πεδίον Φθίης Ἀθαμάντιον ἀμφὶ τ’ ἐρυμνὴν
/ Ὀθρυν καὶ ποταμοῦ ἱερὸν ῥόον
Ἀπιδανοῖο. / ἦμος δ’ οὐρανόθεν Μινωίδας
ἔφλεγε νήσους / Σείριος, οὐδ’ ἐπὶ δηρὸν
ἔην ἄκος ἐνναέτησιν, / τῆμος τόνγ’
ἐκάλεσαν ἐφημοσύναις Ἑκάτοιο / λοιμοῦ
ἀλεξητῆρα. λίπεν δ’ ὄγε πατρὸς ἐφετμῆ /
Φθίην, ἐν δὲ Κέω κατενάσσατο, λαὸν
ἀγείρας / Παρράσιον, τοίπερ τε Λυκάονος

⁶⁰⁶ A. R., 1, 1129-1131.

⁶⁰⁷ Em Blänsdorf (2011, p. 233) e em Hollis (2007, p. 174), além de pequenas diferenças de grafia, como em *Aeguros*, há [...] *ipse autem post excessum uitae imperante oraculo Apollinis ab inhabitantibus eam insulam relatus in numerum deorum* [...] (Grifo nosso), ou seja, algo como “pelos habitantes daquela ilha”. Além disso, Hollis opta por traduzir os termos *Nomius et Aegoros* por *Pastor and Countryman*. Courtney (2003, p. 241) não apresenta o fragmento inteiro, apontando apenas a última parte.

εἰσι γενέθλης, / καὶ βωμὸν ποίησε μέγαν
 Διὸς Ἴκμαίοιο, / ἱερά τ' εὖ ἔρρεξεν ἐν
 οὖρεσιν ἀστέρι κείνῳ / Σειρίῳ αὐτῷ τε
 Κρονίδη Δί. τοῖο δ' ἔκητι / γαῖαν
 ἐπιψύχουσιν ἐτήσῃαι ἐκ Διὸς αὖραι /
 ἦματα τεσσαράκοντα: Κέῳ δ' ἔτι νῦν
 ἱερῆς / ἀντολέων προπάροιθε Κυνὸς
 ῥέζουσι θυηλάς.

Probo em Virgílio, *Geórgicas*, I, 14: Ali (na ilha Cea) considera-se ter havido uma grave peste aos gados e rebanhos devido à morte de Acteão. Aristeu, com seu pai, Apolo, indicando, dirigiu-se à ilha Cea, e ali, feito um sacrifício, construiu um altar para Jove Icmaeu, que a libertou, tendo aplacado as aragens e o calor que matavam gados e rebanhos. Ele, no entanto, após a morte, por ordem do oráculo de Apolo, tendo sido levado pelos imortais àquela ilha, estando entre eles, foi chamado Nômio e Egoro, porque não mediocrementemente tinha sido benéfico aos homens seja pelo zelo com o campo, seja pelo cuidado dos gados e rebanhos. Essa história de Aristeu é transmitida no corpo dos *Argonautas* por Varrão Atacino.

“[...] alli de Apollo / Pariu ella Aristeo, a quem nomeia / Agreste, e Pastoral a Hermonia Gente / Opulenta em Searas. [...] / Quando as Ilhas Minoidas retisnava / Syrio ardendo nos Céos, e os Moradores / Sem remedio encontrar ha muito estavam, / Por conselho de Apollo o convocaram / Para os livrar do mal; obedecendo / Aos preceitos do Pae, deixada Phthia, / Veio habitar em Céo; comsigo trouxe / Prole de Lycaon, Arcadias gentes, / Que juntára, e fundou mui grande Templo / Ao chuvi-fero Jove; e sacrificios / A estrella Syrio celebrou nos Montes, / E ao proprio Jove de Saturno filho. / Por tal causa esse Deos manda que a Terra / As Virações Etesias refrigerem / Dias quarenta, e em Céo os Sacerdotes, / Ao nascer da Canicula, offerecem. / Em holocausto annual victimas sacras.”⁶⁰⁸

5 te nunc Coryciae tendentem spicula

[*nymphae*

hortantes “o Phoebe” et “ieie”

πολλὰ δὲ Κωρύκῃαι νύμφαι, Πλείστοιο

[*θύγατρεις,*

θαρσύνεσκον ἔπεσσιν, Ἰήϊε κεληγυῖαι:

⁶⁰⁸ A. R., 2, 505-527.

[conclamarunt.⁶⁰⁹ ἔνθεν δὴ τόδε καλὸν ἐφύμνιον ἔπλετο

[Φοίβω.

agora, as ninfas corícias, que instigam a ti, o que estende flechas, gritaram “ó, Febo” e “ie-iê”.

“Corycias Nymphas, Plistica progenie, / Hyés! Hyés! clamorando te animavam! / Foi d’aqui que este cantico formoso / De Apollo em honra origem teve!’[...]”⁶¹⁰

6 frigidus et siluis aquilo decussit

[...] ἐν οὔρεσι φύλλ’ ἐτίνασσεν

[honorem.⁶¹¹ τυτθὸν ἐπ’ ἀκροτάτοισιν ἀήσυρος

[ἀκρεμόνεσσιν:

e o frio Aquilão deitou abaixo os adornos nas florestas.

“[...] Nas montanhas / Elle apenas moveu brandispirante / Um pouco as folhas nos mais altos ramos,”⁶¹²

LIB. III: Livro III

huic similis curis expedita lamentatur⁶¹³

τῆ ἰκέλη Μήδεια κινύρετο. [...]

semelhante a ela, completamente perdida em cuidados

“Tal lamenta Medea, [...]”⁶¹⁴

⁶⁰⁹ Hollis (2007, p. 174) é o único a grafar o termo *tunc*, “então/naquele momento”, no lugar de *nunc*, justificando que o canto ocorrera naquela ocasião, e que a utilização de “t” no lugar de “n” gera uma aliteração com “c” (p. 205). Apresenta também a possibilidade de *tum* para evitar a colisão entre os sons de [k] em *tunc Coryciae* (HOLLIS, 2007, p. 205).

⁶¹⁰ A. R., 2, 711-714.

⁶¹¹ Courtney (2003, p. 241) coloca que Sérvio apontara nas *Geórgicas: Varronis hic uersus est.*; “Este verso é de Varrão” (Tradução nossa). Hollis (2007, p. 176) localiza o fragmento no canto IV, apontando a equivalência com Apolônio: “Quaes folhas, quem seu numero calcula? / que em selva umbrosa pelo chão se espalham” (A. R., 4, 216-217, trad. J. M. da Costa e Silva); ἢ ὅσα φύλλα χαμᾶζε περικλαδέος πέσεν ὕλης / φυλλοχόω ἐνὶ μηρί [...] (A. R., 4, 216-217).

⁶¹² A. R., 2, 1099-1100.

⁶¹³ A edição de Baehrens (1886, p. 336) é a única que coloca este fragmento, com alguma diferença na grafia, como parte de *Elegia: 24 huic similis curis ex petra lamentatur.*, o que poderia ser traduzido como “semelhante a ela, lamenta em cuidados da pedra.”. Contudo, a edição de Blänsdorf (2011, p. 234), a de Courtney (2003, p. 242), a de Hollis (2007, p. 175), assim como Polt (2013, p. 623) e também Valverde Sánchez e Vázquez Prenerón (1989, p. 1397) em seus artigos o colocam nesta localização, com esta grafia. Por isso, opta-se por sua inserção.

⁶¹⁴ A. R., 3, 664.

7 *desierant latrare canes urbesque silebant:* οὐδὲ κυνῶν ὑλακὴ ἔτ' ἀνὰ πτόλιν, οὐ
omnia noctis erant placida composita quiete. [θρόος ἦεν

ἠχήεις: σιγὴ δὲ μελαινομένην ἔχεν ὄρφνην.

os cães cessaram de latir e as cidades “Já em toda a Cidade não se escuta
 silenciavam: tudo estava sossegado no Ladrar de Cães, sonoro borburrinho,
 repouso tranquilo da noite. Tudo em pleno silencio abrangem trevas.”⁶¹⁵

8 *cuius ut aspexit torta caput angue* πέριξ δέ μιν ἔστεφάνωντο
 [reuinctum.⁶¹⁶ *σμερδαλέοι δρυῖνοισι μετὰ πτόρθοισι*
 [δράκοντες.

quando viu sua cabeça atada por cobra “Horrorosas serpentes enlaçadas
 sinuosa. Em ramos de carvalho a frente lhe ornar,”⁶¹⁷

LIB. IV: Livro IV

9 *tum te flagranti deiectum fulmine,* ἡμιδαῆς Φαέθων πέσεν ἄρματος Ἡελίοιο
 [Phaethon. *λίμνης ἐς προχοᾶς πολυβενθέος:*

então, tu, Faetonte, derrubado por raio “Onde, o peito passado por igneo raio,
 ardente. Da carroça do sol precipitado
 Semi-husto Phaeton cahiu ao fundo”⁶¹⁸

10 *semianimesque micant oculi lucemque* [...] ἢ τέ οἱ ἤδη ὑπὸ χροῖ δύετο κῶμα
 [requirunt.⁶¹⁹ *λυσιμελές, πολλή δὲ κατ' ὀφθαλμῶν χέετ'*

⁶¹⁵ A. R., 3, 749-750.

⁶¹⁶ Este fragmento é localizado por Courtney (2003, p. 253) em *Chorographia*. Para Zetzel (1980, p. 501-502), que comenta o trecho em um artigo e é citado por Hollis (2007, p. 209), não faz sentido que Jasão veja Hécate, uma vez que Medeia o advertira para que não o fizesse. Valério Flaco tem um trecho de sentido semelhante presente no episódio em que Orfeu narra a história de Io aos outros Argonautas: “[...] No templo fário Io, / a tudo vê, já entre os deuses, **tendo a tranças / Por serpe atadas**, [...]” (V. Fl., 4, 416-418, trad. M. M. Gouvêa Júnior. Grifo nosso); [...] *haec procul Io / spect[ab]at ab arce <Phari>, iam diuis addita iamque / aspide cincta comas* [...] (V. Fl., 4, 416-418. Grifo nosso).

⁶¹⁷ A. R., 3, 1214-1215.

⁶¹⁸ A. R., 4, 598-599.

⁶¹⁹ Courtney (2003, p. 238) aponta, concordando com Skutsch, que o fragmento parece mais adequado a uma morte em batalha do que a de Mopso, mordido por uma cobra, sendo provavelmente pertencente à obra *Bellum*

[ἀχλύς.

e os olhos moribundos [se] agitam e “E os membros lhe desata: já nos olhos procuram a luz. Densa nevoa se espalha, [...]”⁶²⁰

19 *feta feris Libye*.⁶²¹

[...] Λιβύη θηροτρόφω [...]

Líbia, de feras fecunda.

“[...] Libia / Terra abundante em feras, [...]”⁶²²

INCERTAE SEDIS: De localização incerta

11 *Probus ad Georg. II 126: pars Parthorum Media est appellata a Medo, filio Medeae et Aegei, ut existimat Varro, qui quattuor libros de Argonautis edidit*.⁶²³

Sequanicum, e não à *Argonautae*. De certa forma, entretanto, o mesmo poderia ser dito dos versos de Apolônio, embora, em paralelo, não estejam tão próximos um texto de outro. A edição de Blänsdorf (2011, p. 234), assim como Courtney, localiza o fragmento na obra *Bellum Sequanicum*, no livro II, embora aponte o possível paralelo com Apolônio. Hollis (2007, p. 166) endossa a localização em *Bellum Sequanicum*, todavia, indica que seja incerto o livro a que pertença dentro da obra. Como afirma Gayraud (1971, p. 651), o verso aparece nos *Anais* de Ênio: **320** *oscitat in campis caput a ceruice reuolsum / semianimesque micant oculi lucemque requirunt* (*apud* NATIVIDADE, 2009, p. 205). Everton Natividade (2009, p. 205) traduz: “separada do pescoço, a cabeça, no campo, abre a boca / e, **semimortos, brilham os olhos e buscam a luz**” (Grifo nosso). Conforme apontam Edwardes e Wheeler (1845, p. 426), parte dele também aparece em Virgílio, na *Eneida* (10, 396): *semianimesque micant digiti ferrumque retractant*. (Grifo nosso). José Maria da Costa e Silva (2004, p. 322) traduz: “[...] e **semi-ânimes** os dedos / Inda **se movem**, inda o ferro apertam.” (Grifo nosso).

⁶²⁰ A. R., 4, 1524-1525.

⁶²¹ Baehrens (1886, p. 335) coloca este fragmento como parte da obra *Chorographia*, mas indica, em nota de rodapé, a opção de Wernsdorf por inseri-lo neste ponto de *Argonautae*. Blänsdorf (2011, p. 238) e Hollis (2007, p. 169) também localizam o fragmento em *Chorographia*, apontando, igualmente, o possível paralelo com Apolônio de Rodes. Valverde Sánchez e Vázquez Prenerón (1989, p. 1397) consideram ser uma tradução para o trecho indicado, afirmando: “El primero en adscribir este breve fragmento a los *Argonautae* fue RUHNKEN, a quien sigue MOREL. Pero WERNSDORF considero que pertenecía a la *Chorographia* (como continuación del fr. 19M); y ni TRAGLIA (op. cit., p. 97) ni GRANAROLO (A.N.R.W. I.3, 1973, p. 359) se deciden entre ambas opciones, inscribiéndolo como fragmento *incertae sedis*.” A partir disso e da proximidade com o verso grego, opta-se por sua inserção no canto IV.

⁶²² A. R., 4, 1561.

⁶²³ Conforme afirma Courtney (2003, p. 253), embora seja transmitido que o fragmento pertença aos *Argonautae*, esse trecho não pode ser encontrado em Apolônio de Rodes. Para o estudioso, parece claro que esse fragmento pertença à *Chorographia*, em um trecho que diz respeito à Ásia. Como o fragmento de número 19, Blänsdorf (2011, p. 239) também localiza o fragmento em *Chorographia*, assim como Hollis (2007, p. 170). É possível que Probo estivesse apenas demarcando a qual Varrão se referia por uma de suas obras mais famosas, mas não apontando que o trecho pertencia à obra em questão.

Probo nas *Geórgicas*, II, 126: parte do território dos partos foi nomeada “Média” a partir de Medo, filho de Medeia e Egeu, como considera Varrão, que publicou quatro livros sobre os Argonautas.

ANEXOS

ANEXO A – ΔΩΣΙΑΔΑ ΒΩΜΟΣ (DŌSIADA BŌMOS)

Figura 3 – Δωσιάδα βωμός (Dōsiáda Bōmós) de Dosíadas

ΔΩΣΙΑΔΑ ΒΩΜΟΣ

Εἰμάρσενός με στήτας
 πόσις, μέροψ δισαβος,
 τεθξ', οὐ σποδεύνας ἴνις Ἐμπούσας, μόρος
 Τεύκροιο βούτα καὶ κυνός τεκνώματος,
 Χρύσας δ' αἶτας, ἄμος ἐψάνδρα 5
 τὸν γυιόχαλκον οὖρον ἔρραισεν,
 ὄν ἀπάτωρ δισευνος
 μόγησε ματρόριπτος·
 ἐμόν δὲ τεθγμ' ἀθρήσας
 Θεοκρίτοιο κτάντας 10
 τριεσπέροιο καύστας
 θώυξεν αἴν' ἰύξας·
 χάλειψε γάρ νιν ἰῶ
 σύργαστρος ἐκδυγήρας·
 τὸν δ' αἰλινεθυτ' ἐν ἀμφικλύστῳ 15
 Πανός τε ματρὸς εὐνέτας φῶρ
 δίζφος, ἴνις τ' ἀνδροβρῶτος Ἴλιορραιστῶν
 ἦρ' ἀρδίῳν ἐς Τευκρίδ' ἄγαγον τριπόρθητον.

Fonte: BUFFIÈRE, 1970.

Figura 4 – *Altar de Dosíadas* (trad. J. D. F. Pondian).

o esposo da mulher vestida de homem
o mortal duas vezes jovem me fez.
Não o filho de Empousa, que está deitado sobre as cinzas
e que foi morto pelo boiadeiro troiano, o filho do cão,
mas o tal bem-amado de Crysa,
quando aquela que cozinha-homens
destruiu o guardião brônzeo,
o que sofreu, sem pai, bígamo,
arremessado pela mãe,
tendo visto a minha obra
o assassino do juiz-dos-deuses
o queimador do 3noites
berrou um grito agudo.
atormentado pelo veneno
do verme despelado;
o chorão que está na ilha
foi conduzido para
Tróia - três - vezes - devastada.
por aquele esposo-ladrão da mãe de Pan, o
dupla-vida, e pelo filho do devora-homens,
por causa dos dardos - destrói - Ílion.

Fonte: PONDIAN, 2011.

**ANEXO B – JASÃO REPRESENTADO NA BOCA DA SERPENTE QUE GUARDA O
VELOCINO**

Figura 5 – *Κύλιξ* (*Kýlix*): Jasão na boca da serpente, enquanto é observado por Atena. O velocino de ouro aparece ao fundo ainda pendurado na árvore



Fonte: ATTIC..., 20--.

Figura 6 – Recorte: Jasão na boca da serpente, enquanto é observado por Atena. O velocino de ouro aparece ao fundo ainda pendurado na árvore



Fonte: SHII, 2006.

Figura 7 – *Αλάβαστρον (Alábastron)*: apenas a parte superior do homem está visível, enquanto a serpente tem o resto em sua boca



Figura 8 – Espelho de mão: Jasão luta com a serpente que tem a perna do herói em sua boca



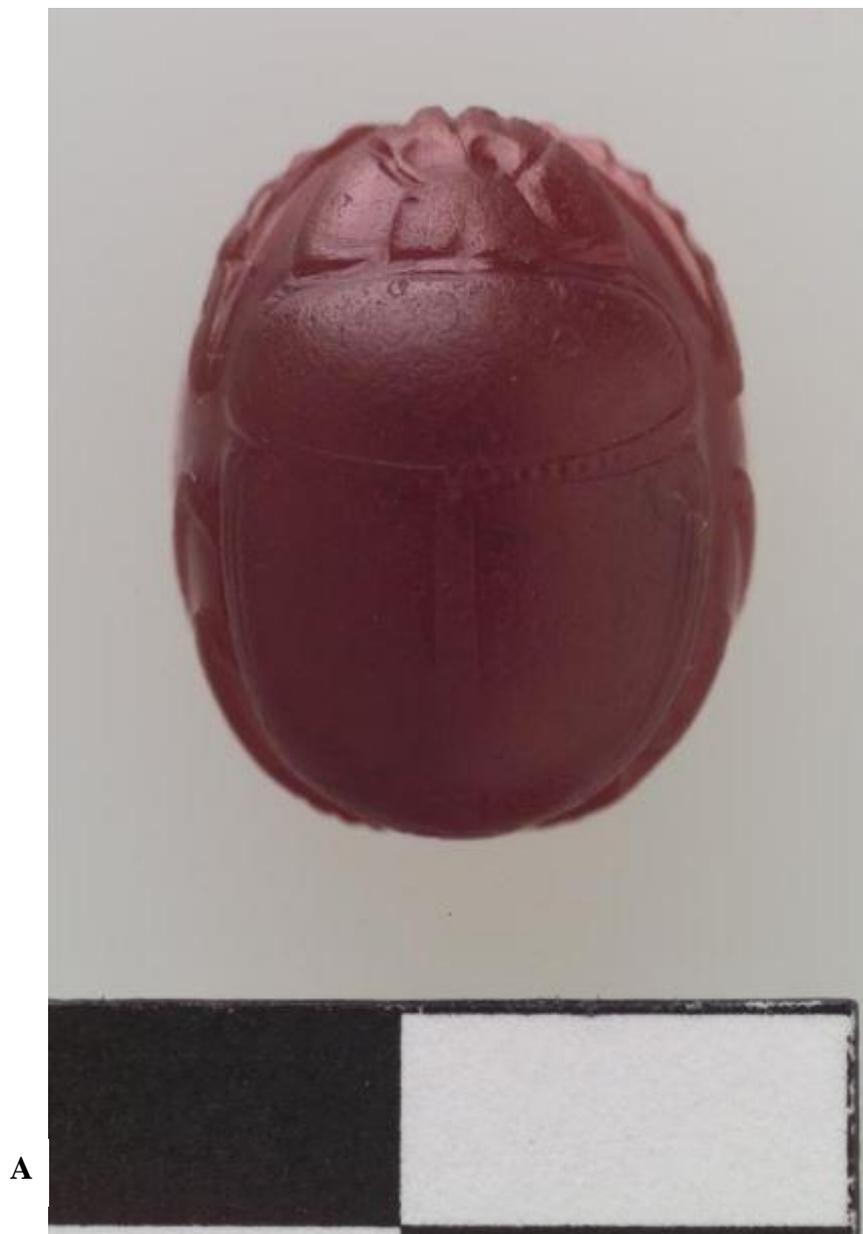
Fonte: SPENCE, 2011.

Figura 9 – Alça de bronze: Jasão segura o velocino, enquanto a serpente deglute sua perna



Fonte: MUSEO, 2019.

Figura 10 – Amuleto sardônico (escaravelho: A) convexo, B) plano e C) molde): Jasão luta com a serpente que tem metade do corpo do herói em sua boca



**B****C**

Fonte: DANIELS, 2010.

ANEXO C – POSSÍVEIS EXEMPLOS PICTÓRICOS DO COZIMENTO DE JASÃO**Figura 11** – Espelho de mão etrusco feito em bronze (século IV a.C.)

Fonte: OBOUKHOFF, 2011.

Figura 12 – Detalhe: espelho de mão etrusco feito em bronze (século IV a.C.)



Fonte: SPENCE, 2011.

Figura 13 – Espelho de mão etrusco feito em bronze (século IV a.C.)



Fonte: SPENCE, 2011.

**ANEXO D – EXEMPLO DE REPRESENTAÇÃO EM QUE JASÃO APARECE
PRÓXIMO AO CALDEIRÃO**

Figura 14 – Ὑδρία (*Hydría*): Medeia aparece à esquerda, e Jasão à direita do caldeirão, no qual há um carneiro (Ática, século V a.C.)



Fonte: HYDRIA, 2017.